

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**REGIONAL CATALÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**WALKIRIA VIEIRA DO PRADO E SOUZA**

**A DOCÊNCIA EM UMA ESCOLA DA ORDEM FRANCISCANA - GOIANDIRA-  
GOIÁS (1960-1970): NARRATIVAS DE PROFESSORAS**

**CATALÃO-GO**

**2017**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:     Dissertação     Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:


Nome completo do autor: Walkíria Vieira do Prado e Souza

Título do trabalho: **A DOCÊNCIA EM UMA ESCOLA DA ORDEM FRANCISCANA - GOIANDIRA-GOIÁS (1960-1970): NARRATIVAS DE PROFESSORAS**

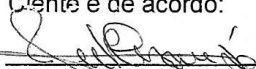
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 19 / 04 / 2017

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

**WALKÍRIA VIEIRA DO PRADO E SOUZA**

**A DOCÊNCIA EM UMA ESCOLA DA ORDEM FRANCISCANA, GOIANDIRA -  
GOIÁS (1960-1970): NARRATIVAS DE PROFESSORAS**

**CATALÃO-GO  
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Walkíria Vieira do Prado e  
A DOCÊNCIA EM UMA ESCOLA DA ORDEM FRANCISCANA -  
GOIANDIRA-GOÍAS (1960-1970): NARRATIVAS DE PROFESSORAS  
[manuscrito] / Walkíria Vieira do Prado e Souza. - 2017.  
CXCIX, 199 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação  
em Educação, Catalão, 2017.

Bibliografia.  
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de  
figuras.

1. História da Educação. 2. Autobiografia. 3. Narrativas de  
Professoras. 4. Ordem Franciscana. 5. Goiandira-Goiás. I. Araújo,  
Juliana Pereira de, orient. II. Título.

CDU 37(09)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO

UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO) CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.  
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: [ppgeduc.ufg@gmail.com](mailto:ppgeduc.ufg@gmail.com)  
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: [secretariappgeduc@gmail.com](mailto:secretariappgeduc@gmail.com)

**ATA DA 57ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE  
WALKIRIA VIEIRA DO PRADO E SOUZA**

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO PELA MESTRANDA WALKIRIA VIEIRA DO PRADO E SOUZA

Aos vinte dias do mês de março de dois mil e dezessete (20/03/17), às 14h (quatorze horas), no Bloco L, Sala de Reuniões 104, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 57ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, da estudante **Walkiria Vieira do Prado e Souza**, intitulada: **A docência em uma escola da Ordem Franciscana Goiandira-Goiás (1960-1970): narrativas de professoras**. A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo (PPGEDUC/UFG – Orientadora e Presidente da Banca), Prof. Dr. Andre Luiz Sena Mariano (UNIFAL – Membro Externo) e Prof. Dr. Wolney Honório Filho (PPGEDUC/UFG – Membro Interno). Os examinadores, na ordem citada, arguíram a mestranda sobre a dissertação apresentada, tendo a mesma explicado e/ou rebatido as críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foram anunciados os resultados: Juliana Pereira de Araújo, Aprovada; Andre Luiz Sena Mariano, Aprovada; Wolney Honório Filho, Aprovada. Média Final: **APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, aos vinte de março de dois mil e dezessete (20/03/17).

Profa. Dra. Juliana Pereira de Araújo – 

Prof. Dr. Andre Luiz Sena Mariano – 

Prof. Dr. Wolney Honório Filho – 

Secretário 

Valécia Vitorino dos Reis Costa  
Técnico Administrativo em Educação  
Universidade Federal de Goiás  
SIAPG 1742408 - Matr. 2010 1

Obs: Em anexo as recomendações da Comissão Examinadora. O (a) aluno (a) deverá encaminhar, no prazo de 30 dias, a contar da data da Defesa, os exemplares definitivos da Dissertação, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo PPGEDUC/RC/UFG

Figura 1: Frente da Escola Paroquial em Goiandira – Goiás



Fonte: Arquivo Permanente Ginásio Dom Emanuel (sem data)

*As memórias são (...) algo novo!*

*Chassot, 2012*

Aos Frades e Irmãs, que se doam para além de uma  
missão de evangelização, por meio da Educação,  
doam-se para uma missão de vida.

Ao Frei Paul Seibert (in memorian),  
pelo otimismo que vislumbrava  
prosperidade para Goiandira,  
sem o qual a Escola Paroquial  
não seria uma realidade.

À Madre Maria Celestina Fruscione,  
pelo amor com o qual enfrentou  
tantas hostilidades na  
Terra Branca.

À Madre Rosalima (in memorian),  
por não ter debelado capacidade na  
Educação de tantos goiandirenses.  
A quem esta pesquisa teria  
outras tantas perguntas.

Aos meus avós (in memorian), aos meus pais e  
aos meus tios, minhas primeiras referências  
de amor e de reponsabilidade com a vida!

Aos meus filhos, Mariana Milena e Marcelo Antônio,  
vocês são sensacionais e foram extraordinários  
durante a minha dedicação ao Mestrado.  
É o amor seguindo o seu curso natural!

Dedico, também, estes dois anos de estudos a todos que  
sempre me desejam o bem. A realização do  
Mestrado é parte da concretização desses  
desejos. Foi um bem sem medidas!

Dedico, finalmente, para quem causa em mim  
inspiração para escrever e  
viver sorrindo!

## AGRADECIMENTOS

Aos que torceram para dar tudo certo quando eu disse: Vou tentar ser aprovada na seleção para o Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão! Acredito que assim incluo todos os meus amigos e familiares sem correr o risco de esquecer ninguém! Dobro meus agradecimentos aos que reclamaram a minha ausência nos momentos que, por necessidade de amadurecer-me por meio da dedicação intensa às leituras, ausentei-me em presença física, mas, vocês nunca ausentaram e nem ausentarão do meu coração!

À Irmã Sheila, pessoa que me colocou em contato com a saga da Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus - Nova Iorque, rumo ao Brasil, quando a procurei para saber um pouco mais sobre a presença dos frades e das Irmãs de Allegany em Goiandira, e ela me sugeriu e me emprestou o livro do Frei Alexandre Wyse, que conta a história que me encantou. Obrigada pela sua contribuição, anterior ao início da pesquisa, com a sugestão do livro, e, no final da pesquisa, pelo recente convite para visitarmos as Irmãs de Allegany em Anápolis. Obrigada pela sua DOCE e SUAVE presença em minha vida!

Ao meu amigo Klayton Marcelino de Paula, pelos anos que seguimos juntos em uma história de duas graduações e uma disciplina do Mestrado. Amizade ornada pela solidariedade. Cito aqui a mão que você estendeu para me ajudar a preencher o Lattes. Obrigada, amigo por tudo, especialmente, por este humor nato, que faz qualquer um rir em qualquer lugar. Minhas risadas “ecoando pelos corredores da UFG antes das 7 da manhã”, como você pontuou, tem muito do seu humor e da sua presença alegre em minha história! Obrigada, amigo! Temos histórias para contar de Graduações e Mestrado. Quem sabe acrescentaremos alguns parágrafos com um possível Doutorado...

OBRIGADA aos que comemoraram minha aprovação na seleção do Mestrado. Aqui incluo meus amigos virtuais, não menos reais, que me acompanharam nesses 24 meses, por vezes nos encontrando para eu recompor energias, por vezes, apenas ressaltando a minha ausência. Aos amigos dos grupos whatsapp: da escola que eu trabalho **Colégio Dom Emanuel** alunos e funcionários, do **Voleibol**, dos tempos do **Colégio Anglo**, do Movimento **Focolare**, do **Mestrado em Educação** turmas V e VI, da **Fraternidade Feminina de Ouvidor**, da **Educação Física**, da **Família Prado**, do grupo **Itália** lá vamos nós, e aos amigos que não estão nestes grupos, aos avulsos, aos que estão no meu coração, aos de longa data e aos recém-chegados. Saindo pouco de casa nos períodos de leituras e escritas mais intensas, rir com vocês nesses meses de pesquisa, virtualmente ou nos cafés combinados para darmos um chega para

lá na saudade, foi essencial para sentir-me conectada à amizade e aos laços que construí vida afora. A amizade inspira poesia! Vocês me ajudaram muito, talvez sem nem perceberem! Obrigada! Uma caminhada acompanhada é sempre mais branda aos pés, à alma e ao coração! E como diria Dra. Aparecida Almeida Barros: Há vida, antes, durante e depois do Mestrado! E como há...

Ao Roberto, ao Vinícius e à linda Renatinha: pela a educação, elegância, gentileza, competência e pelo bom humor com os quais vocês sempre me atenderam na Secretaria do Mestrado em Educação, UFG/Catalão. Serão sempre lembrados por mim com muita gratidão. Roberto, sua voz ao telefone do Programada Pós-Graduação em Educação – PPGEDUC, te avaliza em um teste para ser locutor. Renatinha, sucesso no seu Mestrado. Estou muito feliz por ter te inspirado nessa direção. Orgulho da Tia Wal!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Cheguei ao Mestrado carregando um peso imenso de cansaço e dissabores com a profissão docente, uma dificuldade de me situar em meio a tantas leituras obrigatórias, tantas novidades e algumas lágrimas! Em um barquinho frágil vi um oceano em minha frente, e aos poucos vi em cada um de vocês o porto da amizade. Eternamente agradecida a cada um!

À Professora Dra. Aparecida Maria Almeida Barros, com a qual tive a primeira aula no Mestrado em 09 de março de 2015. Era preciso acompanhar o ritmo, estava no Mestrado, ainda sem acreditar em tamanho privilégio! Olhando para aquela frase escrita por você no quadro: “É tempo de ser UFG! ”, quanta responsabilidade eu enxerguei. Quanta alegria por estar ali nas suas aulas tão ricas, acrescento a isso a sua companhia nos Congressos, na minha primeira viagem de avião, por tudo o que aprendi com você nessas oportunidades, aprendizado de vida, aprendizado acadêmico, com toda a solidariedade, rigor, cuidados, critérios despendidos de você para a sua profissão e para quem de você precisa.

À Professora Dra. Ana Maria Gonçalves, tantos agradecimentos tenho para você, por sua generosidade e sensibilidade inesquecíveis na disciplina Educação e Conhecimento. Fui apresentada ao seu admirável bom humor quando você me justificou tanto rigor e exigências nas interpretações das leituras, dizendo: “É pedagógico!” (Risos). Obrigada por tudo e sempre. Estar em suas aulas foi um divisor de águas na minha trajetória como mestranda, como cidadã e como professora.

Ao Professor Dr. Wolney Honório Filho, sem as aulas da sua disciplina, Cultura e Memória nos processos formativos, o Mestrado não teria sido o mesmo para mim porque essa disciplina é a que mais contribuiu com textos diretamente vinculados à minha pesquisa, junte-

se a isso a sua dedicação aos estudos da autobiografia, da memória e das narrativas, transmitidos em sala de aula com empolgação contagiante. Eu já era encantada pelo tema escolhido para pesquisar e com suas aulas apaixonei-me pela metodologia utilizada. Pronto! Era o que eu precisava para repetir inúmeras vezes para quem me pergunta: “E o Mestrado, como é o Mestrado?” Respondo: Mestrado é o céu, todos deveriam ter essa oportunidade. Quero continuar no NEPEDUCA - Núcleo de Pesquisa em Educação, e contribuir com outras pesquisas nos estudos da História da Educação do Sudeste Goiano. Obrigada, Dr. Wolney, pelo incentivo, pelos alertas, pela pontualidade nos avisos de tudo que compõem a trajetória de um mestrando, pela maturidade e solidariedade nos momentos que a inexperiência acadêmica me toliu, pela sua preocupação com o andamento desta pesquisa que chegou até mim em forma de profissionalismo e de amizade. Obrigada, sempre!

À Professora Dra. Selma Peres. Sua voz doce e sua serenidade também me acompanharam nesses 24 meses de pesquisa. Especialmente no momento da escrita eu lembrei das suas orientações na disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação. As perguntas básicas: “Tá bom, mas o que isso tem a ver com seu objeto de pesquisa?”, “Qual é o problema a ser respondido?”, orientações precípuas no sentido de me manter na direção do objetivo traçado. Tanto conhecimento você me trouxe com suas aulas, com uma meiguice inesquecível. Orientações preciosas que deram rumo para o projeto naquele momento de consolidação. Obrigada por tudo! Receba a minha admiração pela sua elegância na condução do seu trabalho!

À Professora Dra. Altina, Tina, em um mundo tão complexo, enxerga-lo sem conceitos pré-concebidos é um esforço diário. Você aponta esse caminho com maestria, faz disso um propósito de vida, contribuindo com alertas, conhecimentos, discernimento para que, enquanto professores, sejamos o mais coerente possível na condução de uma profissão tão necessária. Obrigada pelo convite para compor uma banca de avaliação de trabalhos em um projeto do qual você é coordenadora. Foi minha primeira experiência nesse tablado. Dá um medo o peso dessa responsabilidade, mas enfrenta-la abre portas. Obrigada por tudo, obrigada pela amizade!

À minha orientadora, Dra. Juliana Pereira Araújo. Nossa, e agora? Que emoção! Ju, nossa convivência mais próxima nesses dois anos me permitiu agradecê-la inúmeras vezes e dizer-lhe tudo o que suas aulas na disciplina Modernidade, Pós-Modernidade significaram para mim. Vi o fôlego que você tem, essa força física e espiritual para os desafios da vida e essa alma poética que coadunam com meu jeito de ser na vida e na profissão. Foi, é e será, uma relação harmoniosa. Tendo em vista o cansaço que eu trouxe de 22 anos trabalhando em escola, enfrentando todos os dissabores impostos aos professores pelo Governo do Estado, enquanto orientadora da minha pesquisa, sua condução rigorosa e compreensiva, nas devidas proporções,

me ajudou a desocupar-me das decepções da profissão docente e dar espaço para a pesquisadora. Mergulhei com prazer! Obrigada pela sua alegria, pelos seus conhecimentos, pela sua amizade, pela confiança, e, especialmente, por ter se comprometido e empolgado com minha pesquisa como se fosse sua! Vamos prosseguir na pesquisa científica com essa parceria. Durante nossa viagem ao passado, pelas Histórias da Educação em Goiandira, vimos na paisagem muitas coisas para serem exploradas! Buscando informações no passado, com direção do futuro, pesquisando juntas no presente. Vejo em você uma mulher guerreira, uma profissional com muita disposição! Uma orientadora que toma para si os desafios do orientando, mas, sabendo do percurso necessário à formação, o deixa ir à luta, com a frase em mente: Vá, estarei aqui quando precisar! Retornar ao porto é necessário, mas enfrentar o mar é obrigatório! Obrigada por tudo, Jú...

À FAPEG – Fundo de Amparo à Pesquisa em Goiás, nem sei o que dizer sobre o que seriam estes dois anos sem este apoio, num momento tão delicado da minha vida, com dias sem dinheiro até para xérox. Obrigada à FAPEG pela parceria. A responsabilidade enquanto pesquisadora patrocinada por este órgão governamental, de importância fulcral na pesquisa científica goiana, foi lembrada e reforçada por mim do começo ao fim por meio da minha dedicação, do meu empenho, afinal dinheiro público é dinheiro público, precisa ser bem investido. Fiz tudo pela contrapartida e apresento agora os resultados, grata pelo fundamental apoio!

Aos palestrantes e conferencistas que agregaram conhecimentos ao meu percurso de mestranda, a partir de tão belos ensinamentos, a ponto de me fazerem sonhar em ser igual!

Às ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, minhas entrevistadas. Sempre grata pela disposição em contribuírem com meus primeiros passos como pesquisadora. Esse prazer em contribuir, narrado por vocês ao final das entrevistas, ficou evidente na receptividade que tive em suas casas, na alegria e várias outras emoções expressas durante as entrevistas. Arrepio sempre que lembro do “rememorar” de vocês, com tanta honestidade, com tanta riqueza de detalhes. Foi uma imersão no passado por meio de memórias preciosas para o propósito da Linha de pesquisa História da Educação, ao qual o Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão se desdobra em incansável trabalho. Vocês narraram, com visível satisfação, a trajetória de vida e a trajetória profissional como diamantes lapidados com esforço e responsabilidade. O sim de vocês para a exigente profissão docente, demonstrou que profissão se constrói ao longo da história de cada um, ninguém nasce pronto para nada. Enfrentar o medo e possíveis inseguranças é como subir por uma escada sem corrimão. Ao fim poderá ter valido a pena! Obrigada, obrigada, obrigada. Aprendi muito, arrepiei e ri muito com vocês e vou

revelar que ri e chorei na ausência de vocês no momento da transcrição das entrevistas. Têm nas suas narrativas umas histórias que fazem doer o coração, mas, têm sobretudo muitos ensinamentos, muita alegria vivida, muita alegria por viver e reviver!

À Paulinha e à Zezé, meus agradecimentos pelos cuidados com a casa e com meus filhos nas minhas ausências, a presença de vocês tem o aroma da alegria.

Às funcionárias da escola de Inglês ESC, em Catalão, onde meu filho Marcelo ficava após aula, esperando eu desocupar-me das disciplinas do Mestrado e poder buscá-lo. Ajudas valiosa no primeiro semestre do Mestrado. Nunca esquecerei!

Aos colegas de mestrado da 4ª turma, da 6ª turma e da 5ª turma que é a minha: nossos caminhos paralelos tiveram intersecção num lugar, num tempo e numa pós-graduação, onde declarávamos que estávamos realizando um sonho. Foi bom demais sonhar com vocês! E como todo sonho bom, a vontade é de eternizar e fazê-lo real. Realizamos o mestrado e que se faça eterna a nossa amizade!

Aos queridos alunos, do curso de Pedagogia – UFG/Catalão, durante meu Estágio da Docência, Paulo Freire me ajuda a dizer para vocês muitas coisas em uma palavra: “EMPATIA”, é tudo, em todo lugar! Obrigada, vocês foram maravilhosos desde o primeiro olhar.

À Irmã Terezinha da Secretaria Regional do Convento Mãe Admirável, em Anápolis, pela elegância com que me tratou, por meio de vários e-mails, antes mesmo de nos conhecermos. Pelas informações valiosas que me enviou, pela ternura com a qual, recentemente, me recebeu no Convento, muito obrigada!

Aos funcionários da Biblioteca UFG/Regional Catalão que, mesmo com quase tudo informatizado, ainda têm conseguido dar pessoalidade ao atendimento. Um lugar que se faz de livros anseia por humanidade!

Aos amigos que vasculharam bibliotecas, e até uma cidade (Risos), à procura de um importante livro para essa pesquisa o meu muito obrigada. Isso é tempo dedicado à amizade, é tempo que eu não esqueço. Ao Vinícius Prado (Estudante do curso de Engenharia da Aeronáutica - Universidade Federal de Uberlândia – UFU); ao Matheus Moreira (Estudante de Ciências Contábeis – UFU); à Professora Flávia (Professora no curso de Biologia UFG/Regional Catalão e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - UFU); à Roberta Almeida Elias, que além de procurar o livro para mim na Biblioteca de Vancouver no Canadá, na oportunidade em que realizava um curso de aprimoramento da Língua Inglesa, foi também quem contribuiu na tradução do resumo dessa pesquisa para esse idioma; ao amigo Adilson, mestrando da VI turma do PPGEDUC UFG/Regional Catalão, que vasculhou a cidade de Pires

do Rio, e por meio das Irmãs de Allegany, que lá residem, localizou o livro procurado por quase 1 ano e meio. Obrigada amigos!

Obrigada aos amigos que me forneceram informações diversas sobre a cidade de Goiandira e sobre a presença da Ordem Franciscana naquele município: Sr. João Vigário (ex-diretor do Colégio Estadual Dom Emanuel por duas décadas seguidas); Sr. Joaquim Batista Tristão (ex-prefeito); Sr. José Teixeira de Araújo ( ex-prefeito com administração na ocasião do recorte dessa pesquisa); Sr. Hermes Mendonça (ex-funcionário da Embratel); ao Professor Edimar Isaias, meu amigo querido, meu intercâmbio em levar e trazer documentos com assinaturas, aquele amigo que socorre nas burocracias e em tudo que eu precisar, amigo é amigo; à ex-secretária da Educação de Goiandira, Roberta Araújo, pelas informações sobre as atuais escolas daquele município, sendo a maioria dessas escolas continuidade das escolas criadas pela Ordem Franciscana. Minha gratidão a todos!

Ao SINTEGO, Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás, especialmente à funcionária da Regional Catalão, Marilene Silva Dias, que espontaneamente se dedicou a fazer valer para mim a Lei que garante a Licença para Aprimoramento Profissional, o processo já tinha ido e voltado duas vezes via Subsecretaria Regional de Educação do Estado de Goiás. Quando precisei ir ao SINTEGO para assinar documentos referentes ao plano de saúde, Marilene me colocou em contato, por telefone, com o Departamento Jurídico do SINTEGO, localizado em Goiânia. A advogada do sindicato prontamente me atendeu, Professora Maria de Moura, presidente regional do Sintego, encaminhou o processo em mãos, e a licença foi deferida em menos de 15 dias. O mesmo agradecimento dirijo à advogada Dra. Thalita, que ao final de 2015, me surpreendeu com um telefonema para saber, sob pedido do Juiz que assumiu a causa, se o Governo do Estado de Goiás estava cumprindo com a licença. Fui representada por eles em várias audiências sem nada precisar fazer além de enviar-lhes o processo. Sem a Licença para Aprimoramento Profissional eu não obteria resultados da pesquisa com a mesma intensidade de dedicação. Obrigada ao Departamento Jurídico do SINTEGO que merece destaque e reconhecimento pelo trabalho prestado aos servidores da Educação em Goiás, em tempos que a esperança e a credulidade em entidades públicas e afins nos faltam.

À Subsecretária Regional de Educação do Estado de Goiás, Michela Augusta de Moraes e Souza, ao ex-diretor, Professor Robson, à Professora Angela Ferreira Gondin de Oliveira, diretora da Escola Estadual Amélia de Castro Lima (onde se encontra o arquivo permanente da Escola Paroquial Santa Maria Goretti), e à Professora Suely de Fátima Mendes, diretora do Colégio Estadual Dom Emanuel (onde se encontra o arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel), que não fizeram nenhuma objeção quanto à pesquisa documental em arquivos que

encontram sob a responsabilidade dessas instituições escolares, meu muito obrigada. À secretária da Escola Estadual Amélia de Castro Lima, Professora Sueli Maria de Fátima Dias e ao secretário do Colégio Estadual Dom Emanuel José Aparecido Rosa, não só por abrirem as portas dos armários onde estão os documentos da extinta Escola Paroquial Santa Maria Goretti e do extinto Ginásio Dom Emanuel, mas por dedicarem tempo, atenção e informações a esta pesquisa. Estamos envolvidos pelo elo da mesma profissão e da amizade. Obrigada por tudo!

A todos os funcionários da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, dos quais recebi informações, espaços sempre limpos e bem cuidados, segurança e sorrisos: detalhes que fazem o dia ser mais agradável.

Aos Professores da disciplina Seminário I e II, Dr. Wolney, Dra. Cida Almeida, Dra. Juliana, Dra. Ana, obrigada por insistirem em me fazer enxergar o que a pouca experiência e pouca leitura iniciais não me permitiam ver. Obrigada por contribuírem, entre tantas coisas, na definição dos objetivos da presente pesquisa.

Aos meus ex-alunos do Ensino Médio, que por hora são alunos da UFG/Regional Catalão, e que por este motivo os encontrei inúmeras vezes nesses dois anos nos corredores, no Restaurante Universitário, na lanchonete, nas salas de aula, nos laboratórios e nos auditórios dessa Universidade, agradeço pelo abraço caloroso e por me incluírem nas suas motivações para prosseguirem nos estudos. É isso que me incentiva a estar e a dedicar à profissão, o Mestrado faz parte dessa dedicação, e as palavras de vocês aumentam a minha responsabilidade!

Aos meus amigos do Colégio Estadual Dom Emanuel, onde trabalho atualmente: o esgotamento de 22 anos de profissão, causado pelos desacertos governamentais, provocou em mim uma traumática desmotivação e muito descontentamento, mas ao retornar para o trabalho no próximo dia 3 de março, após 1 ano e meio de licença, volto com a certeza de que com os pés firmes no chão da escola estão meus parceiros de luta. Ouvi em um vídeo, sobre o nicho ecológico dos elefantes, uma frase que define bem o que tenho para lhes agradecer e o que sinto quando penso em retornar para a sala de aula: “Um elefante, no meio da manada, também morre, mas, morre em pé”, e assim vamos até o fim, apoiando um no outro para suportar os dissabores políticos, norteadores da Educação brasileira. Ainda sustento pela companhia de vocês e pela responsabilidade com os alunos, tão vítimas do sistema quanto nós, a alegria para continuar na docência, apesar dos pesares.

À banca examinadora, nas pessoas dos ilustres Dr. André Sena e Dr. Wolney Honório Filho, das ilustres Dra. Aparecida Maria Almeida Barros, da Dra. Rita T. C. Erbs e da minha orientadora Dra. Juliana Pereira Araújo, quero dizer que quem convive comigo sabe da minha

satisfação e do meu orgulho em tê-los contribuindo, avaliando e assinando minha pesquisa, sabe também da exigência que impus à minha rotina de leitura pela qualidade profissional das pessoas que avaliaram esse trabalho. Na oportunidade agradeço à Universidade Federal de Alfenas, por ter despendido carro e motorista para o deslocamento do Professor Dr. André para os momentos de qualificação e defesa deste estudo. Aos de perto e ao de longe, obrigada! Suas presenças têm para mim um valor imensurável, e o tempo de suas vidas que dedicaram para ler essa presente pesquisa estará para sempre em mim no cantinho

Aos meus filhos obrigada por me ensinarem tanto sobre a vida real e virtual. Com tão pouca idade, Mariana com 12 anos e Marcelo com 7, me ajudaram nos momentos de maior intensidade na escrita, e nos de escrever artigos em meio à pesquisa em andamento, por saberem de cor atalhos do teclado que facilitam a digitalização. Vocês se comportaram maravilhosamente na vida até aqui, mas nesses últimos 24 meses vocês foram surpreendentes. Mariana, um dia filha, a mamãe decora esses atalhos, é muito “control”. Sua ajuda é, foi e sempre será valiosa. Marcelo, obrigada filho, também me ajudou a encontrar um arquivo que desapareceu misteriosamente, na hora em que eu mais precisava. Pouca idade, mas já sabe muita coisa. Nas minhas ausências vocês mostraram que cuidam direitinho de vocês sem a mamãe, mas, jamais dispensaremos ficarmos grudadinhos. Fora isso, foram dois anos intensos, e que estando de licença do trabalho pude beijá-los mais. Amar mais não sei se ainda cabe, já é amor para além do universo desde que foram concebidos. Quando janeiro de 2017 chegou vocês disseram que estavam muito alegres, eu perguntei por que, e a resposta foi imediata: “Porque você está terminando o Mestrado, mamãe”. Sem entrar em muitos detalhes pelo tamanho da alegria, eu respondi: “Muito bem, façam toda a carreira acadêmica no tempo hábil e se for da vontade de vocês de ir por esse caminho, não deixem o espaço que eu deixei entre a Graduação e a Pós-Graduação”. Para os dois eu tentei ser exemplo de prazer nos estudos, e para os dois eu desejo que suas vidas, germinando sobre nossa responsabilidade, possam ser ainda melhores com alguns frutos obtidos do Mestrado. Uma das aprendizagens que eles tiveram nesse período da minha Pós-graduação foi a de terem acompanhado o meu empenho do começo ao fim, para saberem que muita coisa exige dedicação se queremos ter êxito, mas, sobretudo, puderam ver que é possível estudar com prazer. Seguiremos com muita alegria, espero que as oportunidades de estudos que vocês tiverem sejam acatadas com a responsabilidade que tenho visto até agora! Que a vida lhes seja suave como é o nosso amor, e que de “aperto” contabilizemos apenas nossos abraços!

Aos cunhados e cunhadas, irmãos que chegaram quando a vida já estava em andamento, aumentaram a família e com eles sei que posso contar. A que mora mais perto de mim, acaba me socorrendo mais: Obrigada, Paty, por acolher meus filhotes na minha ausência!

Às vovós dos meus filhos, tenho tanto o que agradecer. A casa da vovó é refúgio quando me ausento para trabalhar e estudar. Refúgio que me deu e me dá tranquilidade para prosseguir!

Aos meus pais Walter Vieira de Souza e Maria Goretti do Prado e aos meus irmãos Júnior, Clarice e Fernando Augusto, e agora? O que dizer para quem sempre esteve em minha vida em forma de amor? Estão dispensadas as palavras...O amor diz por mim em todas as minhas atitudes com vocês e diz de vocês para mim em tudo o que já fizeram e sei que são capazes de fazer para me verem feliz! Mas, não é por isso que é amor, é amor por que não exige nada em troca. Uma pesquisa feita com tanto carinho e cuidado só podia terminar com o agradecimento aos que na minha vida traduzem o melhor sentimento vivido e que ainda iremos viver: o AMOR!

## RESUMO

A docência é uma atividade que acontece em tempo delimitado vivido entre os espaços do interior da escola e da história de vida, mobilizando uma variedade de saberes, condições e elementos que atendam ao currículo, aos conteúdos e as relações entre professor-aluno. Muitos destes saberes são considerados tácitos, por serem constituídos de modo pessoal, subjetivo, instintivo e experiencial. Em Goiandira, cidade do sudeste goiano, que para alguns foi arauto da modernidade no início do século XX, algumas mulheres constituíram a docência em condições peculiares. Decorrentes da presença da Ordem Franciscana naquele município e da construção da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, administrada e coordenada pelas Irmãs de Allegany, provenientes dos Estados Unidos, em missão de Educação e evangelização católica. Este painel histórico e o primeiro contato com as ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no momento da definição dos sujeitos para esse estudo, contribuíram para a delimitação do problema desta pesquisa, a partir da constatação de que essas professoras não tinham formação oficial para docência, o que estabeleceu as seguintes indagações: Qual o perfil das meninas que eram convidadas para serem professoras, na condição de alunas do Ensino Ginásial ou tendo esta etapa dos estudos recém-concluída, como elas aproximaram da docência? Qual a influência da Ordem franciscana, especialmente, das Irmãs de Allegany na constituição da docência dessas meninas leigas? Questões precípua para a definição do objetivo geral da presente pesquisa: analisar a constituição da docência, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira-Goiás, na década de 60. Os resultados mostram que a docência destas professoras, constituída na confluência de uma esperada modernidade e do conservadorismo religioso, assumia para elas um caráter único e diferenciador e tinha como gênese e imagem uma essência que hibridamente unia uma didática própria, espelho de uma pedagogia inovadora, mas ao mesmo tempo doutrinária, moral e conservadora. Nestes termos a ausência do magistério formal passa sutilmente despercebida pois era acessória perante a experiência de ter sido formada pelas Irmãs de Allegany na Escola Santa Maria Goretti, porém, a disciplina Didática do curso Normal foi citada como muito importante para a constituição da profissão docente.

**Palavras-chaves:** História da Educação, Autobiografia, Narrativas de Professoras Ordem Franciscana, Goiandira-GO.

## ABSTRACT

Teaching is an activity that happens in a limited time lived between the places inside the school and the life history, mobilizing a variety of knowledge, conditions and elements that meet the curriculum, the contents and the relations between teacher-student. Much of this knowledge is considered tacit, because they are constituted in a personal, subjective, instinctive and experiential way. In Goiandira, a city in southeastern goiano, which for some people was a herald of modernity in the early twentieth century, some women constituted teaching under peculiar conditions. Resulting from the presence of the Franciscan Order in that municipality and the construction of the Santa Maria Goretti Parish School directed and coordinated by the Sisters of Allegany, from the United States, on a mission of Catholic Education and Evangelization. This historical panel and the first contact with the former teachers of the Santa Maria Goretti Parish School, at the time of the definition of the subjects for this study, contributed to the delimitation of the problem of this research, from the finding that these teachers did not have official graduation for teaching, which established the following questions: What is the profile of the girls who were invited to be teachers, as students of Junior High School or having this stage of studies just concluded, how did they approach teaching skills? What is the influence of the Franciscan Order, especially of the Sisters of Allegany in the formation of the teaching of these lay girls? Preliminary questions to define the general objective of the present research: to analyze the constitution of the teaching, in the Santa Maria Goretti Parish School, Goiandira-Goiás, in the 60's. The results show that the teaching of these teachers, constituted at the confluence of an expected Modernity and religious conservatism, assumed for them a unique and differentiating character and had as genesis and image an essence that hybridized a didactic of its own, a mirror of an innovative pedagogy, but at the same time doctrinaire, moral and conservative. In these terms, the absence of formal teaching is subtly unnoticed because it was ancillary to the experience of being formed by the Sisters of Allegany at the Santa Maria Goretti School, but the Didactic discipline of the Normal course was cited as very important for the formation of the teaching profession.

**Keywords:** History of Education, Autobiography, Narratives of Teachers Franciscan Order, Goiandira-GO

## **LISTA DE SIGLAS**

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PPGEDUC – Programa de Pós-graduação em Educação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFG-RC – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

USA – United States of American

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frente da Escola Paroquial em Goiandira – Goiás.....	5
Figura 2 Localização de Goiandira no Estado de Goiás.....	34
<b>Figura 3</b> Vista aérea de Goiandira .....	35
<b>Figura 4</b> Vista parcial da cidade de Goiandira- Goiás, com o prédio da escola da Ordem .....	43
<b>Figura 5</b> Matriz Sagrado Coração de Jesus e Escola Paroquial Santa Maria Goretti. .	44
<b>Figura 6</b> Professora Dona Maria Conceição Porto .....	54
<b>Figura 7</b> Vista da parte de trás da Escola Paroquial Santa Maria Goretti que fica de frente para a casa que eu morava.....	64
<b>Figura 8</b> Cartilha Sodré.....	66
<b>Figura 9</b> - St. Buenaventure University - Allegany - NY - USA .....	90
<b>Figura 10</b> Escola Paroquial Santa Maria Goretti - Goiandira – Goiás – Brasil.....	90
<b>Figura 11</b> - Irmã Mary Rosalima O’Neill .....	98
<b>Figura 12</b> - Madre Mariana, pioneira a chegar em Goiás.....	101
<b>Figura 13</b> E-mail Secretária Regional das Irmãs de Allegany com mensagem de Madre Celestina Fruscione. ....	102
<b>Figura 14</b> Formação da Madre Rosalima .....	103
<b>Figura 15</b> Esclarecimento .....	115
<b>Figura 16</b> Solicitação de verbas.....	121
<b>Figura 17</b> Escola Paroquial Santa Maria Goretti .....	123

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 1 PROFESSORAS DA TERRA BRANCA: da infância à escolarização na cidade portal da estrada de ferro em Goiás .....</b>	<b>34</b>
1.1 Goiandira – Que lugar é esse que despertou interesse da Ordem Franciscana na missão educacional evangelizadora? .....	34
1.2 - As Meninas Professoras .....	45
1.2.1 - A Professora Artista .....	46
1.2.2 Professora Serena .....	55
1.2.3 Professora Flor .....	60
1.2.4 - Professora Cantora .....	65
1.2.5 - A Professora Artesã .....	76
<b>CAPÍTULO 2 “Uai, americanas, né? Vieram com tudo! Educação de Primeiro Mundo!” .....</b>	<b>88</b>
2.1 As Irmãs Franciscanas de Allegany .....	89
2.2 Educação Católica: Breve olhar sobre o Brasil .....	104
2.3 Ordem Franciscana na Paróquia Sagrado Coração de Jesus - 1947 a 1971 .....	111
2.4 O “estágio” para serem professoras: tempos de aluna e aprendiz na escola franciscana. ....	125
<b>CAPÍTULO 3 FUI! COM MEDO, MAS FUI!.....</b>	<b>144</b>
3.1 História de vida e vida profissional das Meninas Professoras .....	147
3.1.1 Professora Flor .....	147
3.1.2. Professora Serena .....	151
3.1.3 Professora Cantora .....	163
3.1.4 Professora Artesã .....	178
3.1.5 Professora Artista .....	183
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>192</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>195</b>

## INTRODUÇÃO

*“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde...Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.*

*Paulo Freire, 1991*

Aproprio-me das sábias palavras de Paulo Freire, para dizer que não me tornei professora numa terça-feira às 4 da tarde, mas, no dia 2 de agosto de 1999 foi oficializada a minha posse na função de docente pertencente ao quadro efetivo da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Ocasão em que eu, enquanto graduada em Educação Física, assumi aulas de Biologia, por exigência da direção da escola, na qual trabalhei por cinco anos.

Desde o primeiro dia da minha docência fui professora de Educação Física e Biologia e, por isso, fiz a graduação em Biologia naquele período. Em 2004 consegui transferência do Colégio Estadual Major Emídio, em Campo Alegre de Goiás, para o Colégio Estadual Dom Emanuel, em Goiandira – Goiás, minha cidade natal. Nesse Colégio, entre os anos de 2009 e 2010, desenvolvi um projeto denominado “Jornal Escola”, cujo objetivo principal era estimular os alunos do Ensino Médio a pesquisarem, lerem e escreverem sobre assuntos atuais e históricos, especialmente referentes à cidade e ao Colégio mencionados. Diante dessa proposta inicial surgiu no grupo o interesse em pesquisar a história desse Colégio por meio da verificação do arquivo permanente dele e de entrevistas com pessoas da comunidade. Naquela ocasião divulgamos alguns dados no Jornal Escola e o que mais me surpreendeu e me despertou interesse em aprofundar nos estudos foi a presença da Ordem Franciscana na origem do Colégio Estadual Dom Emanuel, quando ainda era Ginásio Dom Emanuel. Poucos dos atuais funcionários sabiam sobre essa história, por esse motivo, pesquisei para além do que exigia a matéria do Jornal.

Essa experiência me proporcionou a oportunidade de deslindar, superficialmente, a história da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, que funcionava no turno vespertino, com o Ensino Primário, no mesmo prédio em que funcionava o Ginásio Dom Emanuel<sup>1</sup>, no turno matutino, com Ensino Ginásial e a Escola Normal Dom Emanuel, no turno noturno. Tais instituições funcionavam no município de Goiandira, em local comum idealizado e criado pela

---

<sup>1</sup> De acordo com o Diário Oficial tornou-se Colégio Estadual de Goiandira, criado em 20 de fevereiro de 1970, o qual teve em 1º de junho de 1973, por meio de Resolução.

Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque – USA, que veio para Goiás em missão de evangelização e Educação, a partir de um convite feito pelo Arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira, o que se concretizou em 1943.

A leitura da obra de Wyse (1989) sobre a saga dos frades americanos, partindo dos Estados Unidos em direção às terras goianas, alimentou meu interesse em pesquisar a presença, a atuação e a influência da Ordem Franciscana em Goiandira, sob a percepção daquelas que vivenciaram de perto a missão: as professoras. Ao terminar de ler o livro de Wyse (1989), pensei em realizar essa pesquisa por meio do Programa de Pós-graduação em Educação, oferecida pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Recorrendo às leituras exploratórias, sobre a temática Educação em Goiandira, para elaboração do projeto de pesquisa, um dos pré-requisitos para a seleção do Mestrado em Educação – PPGEDUC/UFG-RC, fui compreendendo um pouco mais a história da educação goiana, com destaque para os textos que enfocam os mestres-escolas (INÁCIO, 2005) e aqueles que tratam das escolas paroquiais no sudeste goiano (BARROS, 2010, 2011, 2015).

Uma vez aprovada na seleção do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, amadureci, juntamente com minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Pereira de Araújo e demais professores do PPGEDUC a ideia inicial para este estudo. As disciplinas obrigatórias e o Seminário de Pesquisa I e II, foram fundamentais neste aspecto devido às discussões e apontamentos sobre a pesquisa de todos os mestrandos. O desenho final foi idealizado após primeiro contato com as entrevistadas ao contarem que foram convidadas para serem professoras enquanto ainda eram alunas do último ano do Ensino Ginásial ou tinham acabado de concluir essa etapa dos estudos. Nesse sentido, analisar a constituição da docência, das professoras que atuaram na Escola Paroquial Santa Maria Goretti entre 1960 e 1970, é o objetivo geral definido para este estudo. O recorte temporal foi delimitado de modo a contemplar o período entre o convite para as entrevistadas serem docentes e o ano no qual a Ordem Franciscana encerrou seus trabalhos na Escola Paroquial criada por eles. Porém, nas narrativas de vida as entrevistadas narraram a constituição da docência até a desistência da profissão por uma delas e a aposentadoria das outras quatro, sendo ao todo, cinco entrevistadas.

A aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, por meio da Plataforma Brasil, sob o CAAE nº 52830515.4.0000.5083, aconteceu em 01/03/2016. De posse dessa autorização, as entrevistas aconteceram. O TCLE e o Termo de Anuência encontram-se devidamente assinados pelos participantes.

Ao longo do primeiro ano de atividades na Pós-graduação em Educação para a

realização da presente pesquisa, esse ordenamento inicial de ideias, as informações e expectativas, potencializaram o surgimento de muitas questões. Eis algumas delas: Como as ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti chegaram à sala de aula? Qual a influência das Irmãs de Allegany no processo de profissionalização docente dessas professoras? Afinal, como se constituiu a docência das professoras leigas do Ensino Primário na Escola Paroquial Santa Maria Goretti?

Para responder tais perguntas que norteiam o objetivo geral desta pesquisa, a narrativa da história de vida das professoras foi considerada preponderante nas entrevistas. De acordo com Daniel Bertaux (1999, p.2): “(...) apesar de las dificultades metodológicas en la recolección y en el análisis, los relatos de vida constituyen una herramienta incomparable de acceso a lo vivido subjetivamente, y la riqueza de sus contenidos es una fuente de hipótesis inagotable”.

Sobre estudos da História de Vida dos Professores, Goodson (2003), destaca que:

A principios de los ochenta se llevó a cabo em Saint Hilda, Oxford, um congresso relacionado com el tema de la vida de los docentes al que lo asistieron algunos los investigadores más destacados da América y Europa. Em el libro que resultó de dicha conferencia titulado *Teachers' Live and careers* (La vida y la carrera de los docentes), Stephen Ball e Ivo Goodson (1985) sostenían que la investigación britânica sobre los docentes había passado por una serie de etapas contemporâneas durante los últimos cuarenta años. (GOODSON, 2003, p. 734)

De acordo com este mesmo autor (ibdem), no início da década de 60 os professores eram meros “desconhecidos”, portanto “durante esa década en lá mayor parte de los estúdios vislumbraba a los profesores como um conjunto definido por estadísticas imprecisas (...)”, e assim Ivo Goodson (2003) complementa que:

Pero aunque la vida y la carrera de los docentes empezaron a gozar de uma aceptación cada vez mayor em la comunidade de la investigación educativa, llegaron, por desgracia, câmbios políticos y econômicos con intereses completamente opuestos, revirtiendo, por lo menos durante um tempo, esse movimiento hacia uma mayor relevância del estudio de las historias de vida. (GOOSON, 2003, p.735)

O acúmulo das experiências de outros mestrados e professores do Programa de Pós-graduação em Educação UFG – Catalão, apresentado na disciplina Seminário de Pesquisa, foi determinante na definição do número de cinco professoras como possível e suficiente para atingir o objetivo que este estudo se propõe, além disso, amparada por Schiffman & Kanuk (2000, p.27), busquei compor uma amostragem por conveniência, que se caracteriza pelo fato do pesquisador selecionar uma amostra da população que seja acessível, ou seja, por indivíduos que estão prontamente disponíveis, sem serem selecionados por critério estatístico. De acordo

com esta proposição, a opção inicial foi a de abordar as professoras que ainda moram na cidade e que, uma vez contatadas, prontamente se dispusessem a contribuir com esta pesquisa narrando a história de vida entrelaçada à constituição da docência por meio de entrevistas semiestruturadas.

Sobre o número de pessoas entrevistadas, diz Bertaux (1999, p. 6): “en efecto, del número de relatos de vida en los que se basa una investigación dada. Sin embargo, ella me parece importante. Algunas investigaciones se basan en un solo relato de vida (Catani 1980, 981; Houle 1979; Luchterhand 1981; o, por ejemplo, Sutherland 1937). Otras se basan en muchos relatos, pero aislados unos de otros”.

Em conversas com pessoas da comunidade local soube quem havia sido professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e para minha surpresa, quase todas eram pessoas do meu convívio desde a infância. Duas delas foram minhas professoras no Colégio Estadual Dom Emanuel. Das três que não foram minhas professoras uma eu não conhecia e a outra contou-me, no primeiro contato, que tinha sido a primeira professora de um projeto da Loja Maçônica para alfabetização de alunos com necessidades especiais, quando ela ainda era aluna do segundo ano ginásial, no Ginásio Dom Emanuel, equivalente hoje ao sexto ano do Ensino Fundamental - II Fase, e que, posteriormente a esta experiência, foi convidada, por Madre Rosalima, uma das Irmãs de Allegany e diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti na época, para ser professora na turma de alfabetização na escola franciscana. Todas as entrevistadas ingressaram na Escola Paroquial por convite, no período que Madre Rosalima era a diretora.

A revisão das produções literárias foi feita tendo como base o Banco de Teses da Capes e Scielo e os anais de eventos como o Congresso Brasileiro de História da Educação. Alguns descritores foram a docência, a aprendizagem da docência, o catolicismo e a Educação, bem como, as narrativas de professoras. Duas subáreas passaram a compor o campo teórico. A primeira subárea é a História da Educação que amparou o entendimento do contexto e da formação de professores no período contemplado pelo recorte 1960-1970. Nesta dimensão foram contributivos os trabalhos de Saviani (2008), Romanelli (2003), Barros (2010, 2011, 2015) e Inácio (2015).

No cenário do recorte da presente pesquisa, observando a necessidade de escolas por todo Brasil apontada por Romanelli (2003) e Saviani (2008), Barros (2010, p. 57) auxilia a refletir sobre a missão catequética e educacional da Igreja Católica ao concluir que essa “sempre se desenvolveu no sentido de fortalecer o carisma da evangelização e de afirmar seu poder institucional, demarcando um lugar de importância e de destaque na sociedade brasileira”. Afirma Barros (2010), no resumo de sua tese que: “[...] a catequese e a educação, ministradas

no altar e na sala de aula, teriam sustentado o projeto de evangelização e sacralização, fortalecendo o movimento de renovação da Igreja romana e da nova cristandade no Brasil”.

Wyse (1989) esclarece sobre a vinda da Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque, em 1943, e das Irmãs de Allegany, em 1946, para o desafio das missões educacionais em Goiás, sendo Goiandira uma das cidades que contou com essa presença, embora ela não constasse no projeto inicial da missão. A princípio, as cidades goianas inseridas no projeto da missão eram Pirenópolis, Catalão, Pires do Rio e Anápolis, logo depois da chegada dos 14 primeiros missionários franciscanos, este número de cidades triplicou. Em um tempo que ainda não havia sido criado o Estado do Tocantins, a região Norte do Estado de Goiás também recebeu a Ordem e as escolas franciscanas, bem como, as atuais capitais do Brasil e do Estado de Goiás.

Evangelizar por meio da Educação era um dos objetivos da Ordem Franciscana ao instalar escolas paroquiais em cidades goianas. Com o intuito de asseverar estas constatações o livro “No Coração do Brasil, Custódia do Santíssimo Nome de Jesus em Goiás”, escrito em 1989 por Frei Alexandre Wyse, e o livro intitulado “Os Maravilhosos trabalhos de Deus: A história dos 150 anos da Irmãs de Allegany”, escrito em 2008, por Ir. Veronica Inez Rodrigues, Ir. Geraldini E. Donovan e Padre Philip G. Bochanski foram as leituras utilizadas, além de Barros (2010) que, em sua já citada tese de doutorado intitulada *No altar e na sala de aula: vestígios da catequese e educação franciscanas no Sudeste goiano (1944-1963)*, menciona a distinção com a qual a Escola Paroquial Santa Maria Goretti projetou-se perante a sociedade e a comunidade católica de Goiandira, desde 1948, em locação particular e a partir de 1952 em prédio próprio, com espaços amplos para estudos, lazer e convivência, direção e instrução pedagógica das Irmãs Franciscanas de Allegany e docência compartilhada por professoras religiosas e leigas, onde permaneceram por mais de 20 anos, tornando-se parte da história da Educação daquele município, onde quatro das cinco entrevistadas desta pesquisa nasceu e onde todas se tornaram professoras.

Ainda no campo da História da Educação foram realizadas leituras para descobrir as influências religiosas na educação brasileira entendendo que estas influências ecoam na constituição da docência das professoras entrevistadas, Azzi (2008) e Sangenis, (2004) foram destaques. A segunda subárea se volta às especificidades da docência para a composição de uma base de conhecimento sobre a constituição desta profissão e elementos típicos do “ser professor”, autores como Freire (1991), Goodson (2003), Marcelo Garcia (1998), Mizukami (2003) Perrott (1993), contribuem com estas perspectivas. Pelo interesse genuíno em descobrir

quais saberes, atitudes e posturas estão na base da constituição da docência os estudos de Nóvoa (1995), Tardif (2014) e Goodson (2003) mostraram-se essenciais.

Sobre estudos da História de Vida dos Professores, Goodson (2003), destaca que:

A principios de los ochenta se llevó a cabo em Saint Hilda, Oxford, um congresso relacionado com el tema de la vida de los docentes al que lo asistieron algunos los investigadores más destacados da América y Europa. Em el libro que resultó de dicha conferencia titulado *Teachers' Live and careers* (La vida y la carrera de los docentes), Stephen Ball e Ivo Goodson (1985) sostenían que la investigación britânica sobre los docentes había passado por una serie de etapas contemporâneas durante los últimos cuarenta años (GOODSON, 2003, p. 734).

Nóvoa (1995), admitindo como “apaixonantes” algumas questões trazidas à cena pelos trabalhos sobre a história de vida dos professores, nos instiga a pensar: “Será que há ‘fases’ ou ‘estádios’ no ensino? [...] As pessoas tornam-se mais ou menos ‘competentes’ com os anos? [...]. Quais acontecimentos da vida privada que se repercutem no trabalho escolar?” Com base nessas e em outras perguntas, este autor descreve o que ele chama de “fases perceptíveis da carreira do professor”: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, pôr-se em questão, o conservantismo, as lamentações e o desinvestimento.

Pensando em problematizar o cenário da pesquisa, exploramos a história de Goiandira, por meio do livro “Histórias da Terra Branca”<sup>2</sup> do goiandirense Araújo (2000), e, conforme já citado, para conhecermos a saga da Ordem Franciscana foi utilizado o livro de Wyse (1989) “No coração do Brasil - Custódia do Santíssimo Nome de Jesus em Goiás”, única obra sobre os primeiros 40 anos da presença franciscana nesse Estado brasileiro.

A partir da leitura das obras supracitadas foi estabelecido um ordenamento de ideias e informações do qual emergiram muitas questões. Eis algumas delas: Como as ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti chegaram à sala de aula? Qual a influência das Irmãs de Allegany no processo de profissionalização docente dessas professoras? Afinal, como se constituiu a docência das professoras leigas do Ensino Primário na Escola Paroquial Santa Maria Goretti?

Por inspirar-me nos trabalhos produzidos pela História Nova (BURKE, 2008; LE GOFF, 1993) interessei-me em lançar mão da abordagem que possibilitaria um olhar sobre a docência pelo prisma das próprias docentes. Assumi a intenção de ter nas entrevistas o instrumento de pesquisa para a obtenção de elementos que possibilitassem atingir o objetivo

---

<sup>2</sup> Terra Branca é o codinome dado à cidade de Goiandira pelo seu solo, predominantemente argiloso, de cor clara.

geral por meio de uma abordagem qualitativa. Cheguei assim à investigação narrativa que conforme, Nóvoa (1995):

A importância da “investigação narrativa” em educação foi amplamente demonstrada por Connelly e Clandinin (1990). Na sua opinião: “A razão principal da utilização da narrativa na investigação educacional reside no facto de o homem ser um potencial contador de histórias que, individual ou socialmente, vivencia uma história de vida. O estudo da narrativa é, por assim dizer, o estudo do modo como o ser humano “sente” o mundo. Esta noção geral traduz a opinião de que a educação é a construção e a reconstrução de histórias pessoais e sociais; professores e alunos são os contadores de histórias e as personagens das suas próprias histórias e das histórias de outros (CONNELY e CLANDININ apud NÓVOA, 1995, p. 201).

Houve, desta feita, a consideração de que as narrativas seriam elementos primordiais para a pesquisa. Grahan Gibbs (2009) ao definir a narrativa ou narração de histórias diz que ela:

É uma das formas fundamentais com que as pessoas organizam sua compreensão do mundo (...). Nas histórias, elas dão sentido a suas experiências passadas e compartilham essas experiências com outras. Sendo assim, a análise cuidadosa de tópicos, conteúdo, estilo, contexto e o ato de compor narrativas revelará a compreensão das pessoas dos sentidos dos eventos fundamentais em suas comunidades e os contextos culturais em que vivem (GIBBS, 2009, p. 80).

Clandinin e Connelly (2011, p. 17) remontam a John Dewey para defender o uso das narrativas, pois ele “acreditava que estudar uma experiência de vida seria a palavra-chave para a Educação”. Também Josso (2004) ao defender a utilização das narrativas esclarece que:

A situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa, em torno do tema da formação (JOSSO, 2004, p. 40).

Nóvoa (1995), pontua que a “abordagem biográfica,

[...] permite compreender de um modo global e dinâmico as interações que foram acontecendo entre as diversas dimensões de uma vida. Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as “transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referências presentes nos vários espaços do quotidiano” (NÓVOA, 1995, p. 116-117).

O andamento da pesquisa determinou o seguinte desenho de dissertação-escrita: a) Apresentar as professoras primárias leigas que atuaram na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira – GO, destacando o cenário em que tecem sua existência e a produção da docência - a cidade de Goiandira – Goiás; b) Apresentar pelas memórias os elementos que caracterizam a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira – GO, no período de 1960 – 1970 e c) Analisar a constituição da docência das professoras leigas que atuaram na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira – GO, no período de 1960 – 1970.

Dois blocos temáticos orientaram as entrevistas: o primeiro bloco, realizado no início de 2016, dedica-se à tarefa de emergir das narrativas da história de vida lembranças da infância e da escolarização. O segundo bloco temático foi realizado no final de 2016, após a qualificação, com ênfase na constituição da docência.

Uma vez realizadas as entrevistas e transcritas na íntegra, passei à análise das narrativas conforme orientações de Bardin (2011) que propõe a definição de categorias, divisões temáticas e estudo. Estas categorias estão visíveis nos subtítulos de cada capítulo e na sequência do texto.

Além das entrevistas autorizadas pelo Comitê de Ética, acessei o arquivo permanente da Escola Paroquial Santa Maria Goretti e do Ginásio Dom Emanuel<sup>3</sup>. Fontes documentais como fichas de matrícula, atas e outros documentos auxiliaram a compreender a rotina da escola e podem contribuir com pesquisas futuras.

Exceto o recorte da pesquisa, 1960-1970, estabelecido em função do período que as meninas professoras iniciaram a carreira docente na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, para a narrativa da História de Vida não mencionei para as entrevistadas nenhuma exigência com relação às datas. De acordo com Joël Candau (2014):

O ato narrativo não se atém a um tempo abstrato expresso em divisões por dia, mês, ano; ele se estrutura em torno de indicadores temporais centrados sobre o narrador, quer se trate de contar o tempo a partir do momento no qual os fatos são produzidos ou tomar como referência os acontecimentos advindos da experiência pessoal, o que Françoise Zonabend chama de “momentos articuladores do ciclo individual” ou o que Marc Augé qualifica de “formas elementares de acontecimentos”: nascimento, doença, morte, casamento, assim como outros mais banais (viagens a destinos distantes, comunhão, mudança de casa, episódios da vida profissional). Em pesquisa sobre a memória dos acontecimentos históricos em Allauch, Lucien Aschieri constatou que os fatos praticamente nunca são datados nas narrativas por seus interlocutores. As datas são estabelecidas, na maior parte do tempo, em relação a uma cronologia familiar (CANDAU, 2014, p. 92).

---

<sup>3</sup> O arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel e da Escola Normal Dom Emanuel estão no arquivo permanente do Colégio Estadual Dom Emanuel e o arquivo permanente da Escola Paroquial Santa Maria Goretti encontra-se na Escola Estadual Amélia de Castro Lima.

Estas constatações de CANDAU, (2014), ajudaram a esclarecer um dado que chamou minha atenção neste estudo, a observação de ausência de menção de datas pelas entrevistadas, me preocupando sobre a necessidade de tê-las ou não e o que isso afetaria na análise da constituição da docência das professoras entrevistadas. A partir da elucidação de Candau (2014), concluí que o recorte foi suficiente, a ausência de cronologia exata para a maioria dos fatos, não implicou os resultados que a pesquisa apresenta.

Coadunando com as observações de Joël Candau (2014), foi comum nas narrativas as professoras se situarem no tempo da História de vida delas se referindo aos acontecimentos, e não à data, tais como: “quando eu terminei o Ensino Primário; quando eu me formei; quando eu me casei; no ano que mudei de cidade; quando me aposentei. ”

De fato, no momento de utilizar as narrativas para construir a pesquisa com o objetivo de analisar a constituição da docência as datas precisas em dia, mês e ano, não foram essenciais e sim a história em si. Portanto, foi mais relevante para a análise da constituição da docência o relato da dificuldade de estudar deixando filhos pequenos em casa e o esforço pessoal que isso exigiu, do que em que ano isso aconteceu. Contudo, o recorte foi valorizado e, em resumo, as entrevistadas têm alguns acontecimentos semelhantes no percurso de suas Histórias de vida, e, por sinal, muito pertinentes à análise da constituição da docência das mesmas: Todas foram alunas, na década de 50, no Ensino Primário da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, período no qual Madre Celestina foi ressaltada por elas na convivência enquanto diretora, e ao final da mesma década terminaram o Ensino Ginásial no Ginásio Dom Emanuel, onde vários frades foram diretores e professores.

No final da década de 60 as meninas professoras, após primeira experiência docente, fizeram o curso Normal, três delas na Escola Normal Dom Emanuel, na qual frades e Irmãs revezavam na direção, que funcionava no mesmo prédio que as entrevistadas cursaram o Ensino Primário e o Ensino Ginásial; entre as outras duas entrevistadas, uma cursou o Normal em Catalão-Goiás, e outra em Patrocínio-Minas Gerais, ambas escolas católicas. Portanto, nos anos 60 as entrevistadas iniciaram a docência como leigas e concluíram o Curso Normal, sendo que apenas uma parou de estudar na metade do terceiro ano desse curso. Uma iniciou a escolarização em escola da fazenda, duas iniciaram em um Grupo Escolar, mas logo foram para a escola franciscana. Duas fizeram graduação, uma em Pedagogia e outra em Direito, a maioria aposentou-se como normalista.

Todas as entrevistadas estudaram em escolas católicas, sendo que a maioria estudou no mesmo prédio escolar, que a Ordem Franciscana construiu em Goiandira, da alfabetização até a formação no curso Normal.

Desde o primeiro encontro com as meninas professoras que elas alegaram não haver nada que não pudesse ser dito sobre a convivência delas com a Ordem Franciscana e sobre a carreira docente. Em todos os encontros foram percebidas emoções de alegria, de saudade de uma vida, segundo elas, como tinha que ser, de cansaço ao final da carreira e uma dificuldade em lidarem com novas gerações, bem como, a dificuldade de algumas em lidar com as tecnologias que já estavam chegando nas escolas quando elas estavam se preparando para sair, para aposentarem-se.

Certamente, o que elas não se sentiram à vontade para dizer, ou o que avaliaram não poderem dizer, ou não ter necessidade de dizer, não foi dito. Pondera Joël Candau (2014) que:

O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo. Por essa razão, a totalização não é uma soma, contrário ao que acredita o narrador. Através de “efeitos de iluminação” narrativos, o locutor ilumina episódios particulares de sua vida, deixando outros na sombra. Mesmo a narrativa mais atenta é trabalhada pelo esquecimento ao qual se teme, pelas omissões que se desejam e pelas amnésias que se ignoram, tanto quanto é estruturada pelas múltiplas pulsões que, na classificação do nosso passado, nos fazem dar sentido e coerência à nossa trajetória de vida (CANDAUI, 2014, p. 76-77).

Os resultados obtidos na presente pesquisa se alinham ao que Tardif (2014, p.64) defende, “o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc.” No caso das meninas professoras de Goiandira há uma confluência, comum na história da educação brasileira, entre conservadorismo x religião x educação, porém, específica por conta da presença das Irmãs de Allegany, e é sob a orientação dessas irmãs que a Escola Paroquial Santa Maria Goretti se torna espaço de formação de professoras aceito, valorizado, legitimado. É por essa influência que algumas se tornam professoras mesmo “sem querer ser professora”. Sem mergulhar na questão de gênero, mas sem deixá-la de lado, considero que as narrativas revelam implicitamente que o tornar-se professora foi uma forma de tornar-se “mulher” dentro das possibilidades que Goiandira e sua modernidade possível permitiam: ser professora ou ser dona de casa, ou ser as duas coisas. Também visualizo nas narrativas a valorização da moral, que para Catani (1997) tinha como objetivo tornar o ensino das mulheres voltado não à instrução, mas, uma tentativa de disciplinar a conduta.

Conforme Tardif (2014, p.64), “[...] o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc.” Para Nóvoa (1995, p. 114-115), “Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida [...]Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação”. Dominicé (1985) trabalha largamente o conceito de processo de formação, identificando-o a um desenrolar complexo, um conjunto de movimento, uma globalidade própria da vida de cada pessoa.

A disposição dos capítulos desta pesquisa compreende os caminhos percorridos para se analisar a formação docente das entrevistadas, tendo em vista os objetivos específicos já mencionados. O primeiro capítulo, com título: **Professoras da Terra Branca: infância e escolarização na cidade portal da estrada de ferro**, se configura por um breve histórico da cidade de Goiandira, cenário das histórias de vida das professoras entrevistadas, com destaque para a infância e a escolarização delas, até o convite para serem professoras.

O segundo capítulo, intitulado: **Uai, americanas, né? Vieram com tudo! Educação de Primeiro Mundo**, tem como objetivo apresentar contexto e personagens que caracterizam a Escola Paroquial e que influenciaram na formação docente das meninas professoras.

Sobre a pertinência do contexto, das experiências e interações, na formação docente Nóvoa (1995, p. 115) aponta que: “Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage, e interage com os seus contextos”.

O terceiro capítulo elucida, a partir das narrativas das histórias de vida das ex-professoras, elementos da constituição da docência, que tem a Escola Paroquial Santa Maria Goretti como ponto de partida e o objetivo de analisar a constituição da docência das entrevistadas que lá atuaram enquanto leigas tanto no sentido de não religiosas, quanto no sentido de não terem formação considerada oficial para a docência. O título do terceiro e último capítulo é: **Fui! Com medo, mas fui!**

Nóvoa (1995), na apresentação da referida obra diz: “Hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”.

Os três capítulos são respaldados pela revisão bibliográfica e narrativas da história de vida das professoras entrevistadas, às quais denominei em conjunto de meninas professoras, por terem iniciado a carreira docente ainda tão jovens, fato que elas mesmas reconhecem.

No presente estudo faremos uma viagem em direção ao passado pelos trilhos da história de vida das meninas professoras. Escolha o seu lugar no trem com destino ao alvorecer da década de 40, quando a Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque chegou em Goiás. Abra a janela e contemple!

## **CAPÍTULO 1 PROFESSORAS DA TERRA BRANCA: da infância à escolarização na cidade portal da estrada de ferro em Goiás**

O professor nasceu numa época, num local,  
numa circunstância que interferem  
no seu modo de ser e agir.  
(Cunha, 1989, p. 37)

### **1.1 Goiandira – Que lugar é esse que despertou interesse da Ordem Franciscana na missão educacional evangelizadora?**

Situada no centro do País, a região que deu origem a cidade de Goiandira foi habitada primitivamente pelos índios da tribo Caiapós, de Araxá. Sesmaria de Campo Limpo, seu nome inicial, integrava o “Sítio de Catalão” e era o ponto intermediário mais curto entre um arraial e outro da então Capitania de Goiás, criada em 1749, e São Paulo, por ocasião da passagem dos Bandeirantes por estas plagas, em 1722, liderados por Bartolomeu Bueno da Silva (filho), como descrito no livro de autoria do goiandirense Vivaldo José de Araújo.

Figura 2 Localização de Goiandira no Estado de Goiás.



**Fonte:** [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/Goias\\_Municip\\_Goiandira.svg/1066px-Goias\\_Municip\\_Goiandira.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/Goias_Municip_Goiandira.svg/1066px-Goias_Municip_Goiandira.svg.png)

O escritor conta que:

Bartolomeu Bueno da Silva Filho, seguindo as pegadas do pai, juntamente com o genro João Leite Ortiz, rumou para a região do planalto central, donde parte da bandeira seguiu em direção à bacia do Tocantins e outra parte caminhou para o sudoeste. Mais tarde, depois de ter regressado de uma viagem a São Paulo, descobriu as minas auríferas na região onde se ergueu o Arraial de Santana, no ano de 1727, transformada em Vila boa, em 26 de julho de 1727, que é o berço histórico da cidade de Goiás, antiga capital da Província e subsequente Estado de mesmo nome (ARAÚJO, 2000, p. 15).

**Figura 3** Vista aérea de Goiandira



**Fonte:** Cidade-Brasil. Disponível em <http://www.cidade-brasil.com.br/vista-satelite-goandira.html>

Araújo (2000) esclarece que em carta de 2 de julho de 1726 foi feita, pelo chefe da Capitania de São Paulo, a concessão da Sesmaria do Campo Limpo para Bartolomeu Bueno da Silva (filho) e João Leite de Ortiz. Despojados em 1732, suas terras foram apossadas por Tomás Garcia em 1800 e vendida em 1814 para seu capataz Jerônimo Teixeira, onde foram construídas as duas primeiras moradias. Por volta de 1830 Jerônimo Teixeira registrou essas terras no registro paroquial sendo um dos primeiros proprietários de terra registrada na Província de

Goiás. De acordo com Araújo (2000, p.17), Tomás Garcia e Jerônimo Teixeira são considerados pioneiros de Goiandira, sendo os únicos que lá se fixaram entre tantos tropeiros e carreiros que por ela passaram como atalho para a antiga capital da Província. O povoado foi se desenvolvendo vagarosamente. Embora houvesse um projeto da Companhia Mogiana em fazer uma estrada de ferro de São Paulo atravessar o País, passando por Goiandira até chegar à Belém, no Pará, “poderosos interesses” (ARAÚJO, 2000, p.25), pretendiam manter Goiás isolado em detrimento à supremacia mineira e, por isso, o ponto final da ferrovia, em 1892, foi a vizinha cidade de Araguari – MG. No ano de 1906, sob a influência de um Ministro do Governo Rodrigues Alves, o goiano Leopoldo de Bulhões, foi criada a Companhia Estrada de Ferro de Goiás, para a construção da estrada de ferro de mesmo nome. No entanto, no governo Afonso Pena, novamente os interesses do regionalismo mineiro foram atendidos com prejuízos para Goiás.

Somente em 1909 foi decretada a implantação de um ramal ligando Araguari à Sesmaria de Campo Limpo, o primeiro nome da cidade de Goiandira, e em 1910, no governo do Presidente Nilo Peçanha, começou a construção da Estrada de Ferro Goiás, sendo inaugurada em 1911 a primeira estação ferroviária de Goiás, a qual muitos autores referem-se como marco do desenvolvimento para a futura cidade de Goiandira, conforme perícopo do site IBGE:

Elevou-se a distrito, em 25 de janeiro de 1915, pela Lei Municipal nº 39, de Catalão. Ao atingir o nível de desenvolvimento, gerado mormente pela ferrovia, deu-se sua emancipação, pelo Decreto-Lei 799, de 6 de março de 1931, instalando-se o município em 6 de maio do mesmo ano, com a denominação de GOIANDIRA, nome da Estação local. (IBGE-[www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br)).

Segundo Vivaldo Araújo, (2000, p. 27) foi um dos engenheiros da ferrovia, Dr. Balduino Almeida, quem designou o nome “Goyandira” para a estação que posteriormente tornou-se o nome da cidade, considerada o portal da estrada de ferro em Goiás. O mesmo autor afirma que a estrada de ferro trouxe para Goiandira o desenvolvimento esperado para o pequenino distrito interiorano, pertencente à cidade de Catalão até 1931. Vários comerciantes se instalaram na cidade, vindos de vários cantos do Brasil e do mundo, inclusive árabes e sírios.

Sobre a importância da linha férrea para Goiás, Silva relata que:

Nos marcos de um processo de penetração de frentes de expansão e frentes pioneiras em Goiás, introduziu-se um meio de transporte mais eficiente na ligação de Goiás com as zonas cafeeicultoras: a partir de 1911, os trilhos lentamente penetram em terras goianas. (SILVA, 2005, p. 30-31)

Silva (2005), destaca que no jornal Goyas, em 1911, consta a afirmação de que Goiás

era um lugar muito difícil de administrar, apontando 4 fatores: as dimensões do Estado, a dificuldade de comunicação, pouca arrecadação e a posição geográfica, já que até 1960 a capital do País era o Rio de Janeiro.

Para ajudar o Estado a sair deste isolamento, principalmente devido à decadência da mineração no século XVIII, medidas tomadas pelo Governo Federal ocorreram apenas quando “as necessidades da economia cafeeicultora se ampliam”, junto a este excerto destacado do livro de Ana Maria Silva (2005, p.30), sobre a situação econômica de Goiás, a autora diz que, no início do século XX, o Estado ainda estava carente de praticamente tudo.

Os jesuítas não tiveram tempo para desenvolver trabalhos educacionais em Goiás, porque foram expulsos do Brasil logo após o início da exploração das terras goianas, cabendo a Pombal instituir as chamadas aulas régias e criar o subsídio literário, em 1773. Bartolomeu Antônio Cordovil, foi o primeiro professor oficial do Estado de Goiás, segundo Palacin e Moraes (1989) ele iniciou o trabalho em 1787, muito tempo depois de instituídas as aulas régias. O ensino mútuo<sup>4</sup> instituído no Brasil a partir de 1827, não era praticado em Goiás. Em 1835, José Rodrigues Jardim, presidente de Goiás, regulamentou o ensino da Província. Palacin e Moraes, ressaltam também que:

O ensino secundário passou a dar os seus primeiros passos com a criação do Liceu de Goiás em 1846. No entanto, este estabelecimento não atendia aos jovens do interior da Província. Aqueles de maiores posses iam para Minas concluir seus estudos, os outros, grande maioria, ficaram como tinham nascido: analfabetos quando muito aprendiam as primeiras letras. São Paulo era a cidade eleita para os estudos superiores, uma vez que o curso jurídico era, na maioria das vezes, o preferido. Poucos buscavam o curso médico. Alguns jovens de pequenas posses encaminhavam-se para a escola militar ou para os seminários. Após a guerra do Paraguai, o Seminário Santa Cruz passou a funcionar. Lá estudaram vários moços goianos que se projetaram no cenário político e cultural não só de Goiás como também do Brasil. Em 1882, foi criada a Escola Normal de Goiás. (PALACIN E MORAES, 1989, p. 73-74).

Foi esse contexto de precárias condições da educação goiana e de dificuldades

---

<sup>4</sup> Saviani (2008, p. 128) faz a seguinte menção sobre o Ensino Mútuo: “Estava, também, em consonância com o espírito da época a adoção do ‘ensino mútuo’, com o qual se esperava acelerar a difusão do ensino atingindo rapidamente e a baixo custo grande número de alunos. Assim, pela Lei das Escolas de Primeiras Letras, esse método de ensino, que já vinha sendo divulgado no Brasil desde 1808, tornou-se oficial em 1827, ensaiando-se a sua generalização para todo o país. Proposto e difundido pelos Ingleses Andrew Bell, pastor da Igreja Anglicana, e Joseph Lancaster, da seita dos Quackers, o método mútuo, também chamado de monitorial ou lancasteriano, baseava-se no aproveitamento dos alunos mais adiantados como auxiliares do professor no ensino de classes numerosas. Embora esses alunos tivessem papel central na efetivação desse método pedagógico, o foco não era posto na atividade do aluno. Na verdade, os alunos guindados à posição de monitores eram investidos de função docente. O método supunha regras pré-determinadas, rigorosa disciplina e a distribuição hierarquizada dos alunos sentados em bancos dispostos num salão único e bem amplo. De uma das extremidades do salão, o mestre sentado numa cadeira alta, supervisionava toda a escola, em especial os monitores.

estruturais do Estado de Goiás que a Ordem Franciscana do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque aceitou enfrentar. Relata Wyse (1989) que no final da década de 1940, com um saldo positivo da Missão Franciscana em Goiás, sinalizada pela própria Custódia aqui instalada desde 1943, já com 26 frades enviados dos Estados Unidos e quatro paróquias, foi que, entre os dias 18 a 20 de junho de 1947, no congresso do Comissariado, no congresso do Comissariado, os integrantes do conselho definitorial resolveram assumir outras responsabilidades em outros municípios goianos. Nesse desafio estavam incluídas o aceite da Paróquia de Goiandira, a construção de uma Escola e uma casa paroquial.

Com a chegada da Estrada de Ferro em Goiás, no início do século XX, o movimento migratório se intensificou na região Sul do Estado, provocando algumas mudanças de hábitos dos seus moradores, despertando, inclusive, de acordo com Inácio (2005, p.55), “um interesse maior pelo desejo de instrução escolar, elemento muito pouco difundido na região. ”

Na década de 1950, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, citados por Inácio (2005, p.74) demonstram que o índice de analfabetismo em Goiandira, entre as crianças de 5 a 9 anos era de 58% no geral (zona urbana e rural) e neste contexto educacional foi fundada no município, pelos Frades americanos, a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, oficialmente inaugurada em 1952, mas, já atuando em locais improvisados desde a chegada dos Frades na Terra Branca, em 1948. Referindo-se a chegada da Ordem Franciscana em Goiandira, Wyse (1989) destaca que:

A resolução de fundar outra casa em Goiandira, formalizada na reunião do conselho definitorial de junho de 1947, também amadurecera durante estes últimos tempos. Mal se passara um ano, após a vinda dos frades americanos a Goiás, Frei Paulo escreveu ao Provincial, referindo-se a Goiandira, em termos de santa cobiça. Por um ano, escrevia ele, aquela paróquia estava completamente sem vigário, e o povo vinha pedindo aos frades de Catalão uma assistência pastoral. Dom Emanuel elaborou o plano de visitas regulares: a conclusão foi que, em Goiandira, os frades fariam o que as circunstâncias permitissem, até outra disposição. (WYSE, 1989, p.116)

Wyse (1989) destaca, em um trecho de uma das várias cartas remetidas por Frei Paulo para a Província em Nova Iorque, o entusiasmo dele com a cidade de Goiandira, ao admitir que sempre tinha pensado em ter aquela Paróquia. Sobre este entusiasmo, Wyse, faz a seguinte reflexão:

O interesse do Comissário baseou-se não só nas necessidades espirituais do lugar, mas também num prognóstico um tanto otimista demais, que seria desmentido pelo futuro desfecho dos fatos. Impressionado mais com as possibilidades do que com as realidades, Frei Paulo previa que Goiandira – cidade cruzada por duas linhas férreas, a Estrada de Ferro de Goiás e a Rede

Mineira de Viação – haveria de ser, um dia, grande metrópole e centro de comércio e de negócios. Se, na época, a cidade contava com apenas 2.000 habitantes, no município, todavia, viviam mais de 20.000. No outro lado do Rio Paranaíba achava-se a fabulosamente rica região do Triângulo Mineiro. Tudo indicava um futuro promissor, se olhada a realidade com olhos otimistas. (WYSE, 1989, p. 116)

Após a construção das duas estações ferroviárias, Goiandira sai, nas décadas seguintes, da condição de um lugar “no coração do Brasil” isolado, pouco povoado e distrito de Catalão, para uma condição de modernidade, de terra prometida, pouso de viajantes. Professora Flor alimenta na memória o prazer que ela e a família tinham de ver o movimento provocado na cidade por causa da presença das vias férreas contornando a cidade com paradas em duas plataformas, uma de cada lado do morro que fica bem no centro da Terra Branca: *Icha, menina!*<sup>5</sup> *Tinha fábrica de manteiga de leite, tinha duas. Armazém. O movimento de trem, né? Parava aqui, e nós falávamos os mineiros*<sup>6</sup>. *Os mineiros, corriam tudo pra pegar de lá. Cada trouxa de roupa na cabeça. Todo dia na hora do trem chegar a gente ia pra ver os mineiros correndo, morrendo de medo de perder o trem do lado de lá.*

Em Wyse (1989, p.116) está estampado o otimismo de Frei Paulo Seibert com relação a um futuro promissor para Goiandira, diante do movimento de pessoas e comércio ativo, especialmente por causa das duas estações ferroviárias, um dos motivos que o levou a descrever a cidade como: “santa cobiça”! Um lugar que encheu de expectativas a Ordem Franciscana, ao vislumbrar um cenário promissor devido ao movimento de pessoas de vários lugares do país e do mundo, consequência da presença das duas estações ferroviárias, da posição geográfica em privilegiado ponto central do Brasil, além de próspera economia e um perfil cultural que chamava a atenção, por ser uma cidade do interior, destacando o cinema e a rádio, conforme as narrativas das professoras entrevistadas para essa pesquisa. Nesse cenário, era fundamental ter escolas capazes de levar adiante uma proposta de “homem novo”.

---

<sup>5</sup> Únicas palavras que aparecerão em itálico na pesquisa são as narrativas das professoras. Nas mesmas narrativas, quando as entrevistadas se referem à fala de terceiros esta virá entre aspas. A transcrição foi respeitada tal qual a fala das professoras durante a entrevista.

<sup>6</sup> Mineiros é a designação atribuída aos passageiros do trem de ferro que vinham de Minas Gerais para Goiás, termo usual em Goiandira na época de grande movimento das duas estações ferroviárias. Hoje ainda existem os prédios dessas estações, (inclusive reformados, não vou dizer restaurados porque muito se perdeu da originalidade, até a recente obra realizada pelo IPHAN, eliminou da primeira estação de Goiás, telhas que vieram da França), mas nenhum funciona com a finalidade inicial. A primeira estação de Goiás, que foi reformada pelo IPHAN, está destinada ao Museu Histórico da cidade, possui os trilhos e o trem ainda transita por eles, a outra abriga vários órgãos públicos e não mais possui os trilhos. Uma terceira estação está em pleno funcionamento na zona urbana. Na zona rural e no Distrito de Veríssimo o Município de Goiandira possui 4 estações desativadas.

A Educação em Goiás, mantinha-se longe de ser prioridade para a maioria dos gestores públicos do Estado (INÁCIO, 2005), e em um distrito como Goiandira, a existência de Mestre-escola, contratado e financiado por fazendeiros pais de alunos se destacava.

Em trecho de uma das várias cartas remetidas por Frei Paulo para a Província em Nova Iorque, é perceptível o entusiasmo com a cidade de Goiandira que é explicado assim:

O interesse do Comissário baseou-se não só nas necessidades espirituais do lugar, mas também num prognóstico um tanto otimista demais, que seria desmentido pelo futuro desfecho dos fatos. Impressionado mais com as possibilidades do que com as realidades, Frei Paulo previa que Goiandira – cidade cruzada por duas linhas férreas, a Estrada de Ferro de Goiás e a Rede Mineira de Viação – haveria de ser, um dia, grande metrópole e centro de comércio e de negócios. Se, na época, a cidade contava com apenas 2.000 habitantes, no município, todavia, viviam mais de 20.000. No outro lado do Rio Paranaíba achava-se a fabulosamente rica região do Triângulo Mineiro. Tudo indicava um futuro promissor, se olhada a realidade com olhos otimistas (WYSE, 1989, p. 116).

Se para a Ordem Franciscana estavam ali postos os elementos necessários à sua empreitada evangelizadora, para a sociedade estavam postas as condições para que a escola assumisse função socializadora (DURKHEIM, 1975) e civilizadora (BOTO, 2010). Isso porque o arranjo social em desenvolvimento marcado pela emergência de uma sociedade mais dinâmica, inserida de outras formas ao sistema produtivo (comércio, migração, modernização da agricultura) demandava uma outra escola. Uma escola civilizadora, que de acordo com Boto (2010) é uma escola que “racionaliza”. Vale-se do pensamento conceitual, mas age também por ações cifradas pelo “hábito e pela tradição”. (p. 42). Uma escola que civilizasse, alinhada ao propósito modernizador da época. A escola seria essa “instituição charneira” do que Norbert Elias (1994) nomeou de “processo civilizador”. Boto (2010), entretanto, me leva a retomar ideia de Cambi (1999) ao exprimir que na educação “por um lado essa modernidade emancipa; por outro lado, ela controla”.

Para a Goiandira que se apresentava naquele momento, não mais caberia a transmissão de primeiros ensinamentos através de mestres-escolas, primeiros professores no município (INÁCIO, 2005), que atuavam em salas improvisadas nas fazendas ou em aulas particulares na cidade<sup>7</sup>. Como aluna que fui de algumas escolas na cidade de Goiandira e como natural daquele lugar, sei que, antes da construção da Escola Paroquial, havia na cidade apenas o Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico, atual Escola Estadual Amélia de Castro Lima. Portanto, seus moradores não contavam com o Ensino Ginásial, quiçá com Ensino Médio, denominado naquela época de

---

<sup>7</sup> De acordo Inácio (2005, p. 83) “Somente após a estruturação da Secretaria de Estado da Educação, em 1947, é que se inicia a reabilitação do Ensino Primário em Goiás”.

Ensino Secundário. Até a chegada da Ordem Franciscana em Goiandira e a consequente implantação do Ginásio Dom Emanuel e do curso Normal Dom Emanuel, pelos frades, somente os goiandirenses que tinham condições de morar fora para estudar é que davam continuidade aos estudos após a 4ª série primária, e na escola dos franciscanos só estudava quem tinha condições de pagar ou tinha bolsa de estudo subsidiada pelo governo do Estado de Goiás.

Posteriormente foram construídas a Escola São João da Escócia, criada pela Loja Maçônica Asilo da Virtude<sup>8</sup>, porém, assim como todas as demais, criadas depois da Escola Paroquial, já que antes existia apenas o Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico, não possuía Ensino Ginásial. Todas as escolas da cidade eram públicas e ainda são. A Escola Paroquial Santa Maria Goretti, bem como o Ginásio Dom Emanuel e a Escola Normal, pertencentes à Ordem Franciscana eram particulares.

Segue quadro com as escolas que foram extintas e as que ainda existem em Goiandira:

**Quadro 1** - Escolas de Goiandira

<b>Escola</b>	<b>Ano de criação</b>
Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira - Extinto	28 de julho de 1934 – lembrando que a cidade foi emancipada em 1932. A partir de 16 de agosto de 1971 passa para ser identificado como Grupo Escolar “Professôra Amélia de Castro Lima” Ofício de justificativa da mudança do nome e o Projeto de Lei
Escola Paroquial Santa Maria Goretti (Extinta)	Criada em 1949, conforme Wyse (1989, p. 119)
Ginásio Dom Emanuel (Extinto)	Criado em 1952, conforme Wyse (1989, p. 121)
Escola Normal Dom Emanuel (Extinto)	Criado em 1966, conforme relato das professoras.
Escola Estadual Amélia de Castro Lima - Em funcionamento	Lei de criação nº 8408 de 19 de abril de 1978 Funciona no prédio do extinto Grupo Escolar Pedro Ludovico

<sup>8</sup> Em conversa com um Maçon, procurei esclarecer o motivo, qual interesse da Loja Maçônica Asilo da virtude em construir uma escola em Goiandira, da qual, inclusive, eu fui aluna na 4ª série do Ensino Primário na década de 70, e ele me disse que de acordo com o que soube de terceiros ou viu em Atas, isso não ficou muito claro, a Loja Maçônica construiu uma escola porque os “filhos dos maçons não eram muito bem-vindos na escola da Ordem Franciscana”. E aí fica a dúvida para pesquisas posteriores, afinal, a cidade tinha outra opção de Ensino Primário no Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico e a escola que a Maçonaria criou também não tinha Ensino Ginásial, apenas o Primário.

Escola	Ano de criação
Externato São João da Escócia - Extinto	Fundado em março de 1955, mantido pela Loja Maçônica Asilo da Virtude e conveniado com a Secretaria da Educação do Estado de Goiás. Reconhecimento - Portaria 8907/83 – SE, utilidade pública Lei Municipal nº 379 de 06/08/1970 e Regimento e Currículo, Resolução nº 167 de 19/07/1977 – Escola de 1º Grau: Pré Escolar e 1ª a 4ª série Dados fornecidos pela ex-secretária da Escola Estadual Amélia de Castro Lima, Sueli de Fátima.
Colégio Estadual Dom Emanuel - Em funcionamento	Criado em 1970.
Colégio Estadual Geral Ferreira Pires - Extinto	Enquanto Escola Municipal com curso de Contabilidade – reconhecida em 01/12/1980 Enquanto Escola Estadual – reconhecida em 04/05/1999, fonte: diploma de aluno.
Escola Municipal Santa Maria Goretti - Em funcionamento	Criada em 1998, conforme informação da ex-secretária de Educação do Município.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir das narrativas e documentos das próprias escolas.

Na época que a Ordem Franciscana chegou em Goiandira, a cidade tinha distritos pertencentes a ela, sendo emancipados posteriormente, portanto, considerando isto e mais a zona rural, a cidade contava com uma população estimada em quase 22.000 habitantes, sendo no perímetro urbano 3.000. Ainda assim, de acordo com relatos das professoras e documentos encontrados no arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel, a Escola Paroquial vivia sempre em déficit financeiro, muitos alunos no Ensino Primário, poucos no Ensino Ginásial, mas, não supriam as despesas.

**Figura 4** Vista parcial da cidade de Goiandira- Goiás, com o prédio da escola da Ordem Franciscana e a Matriz Sagrado Coração de Jesus ao centro



**Fonte:** Foto tirada pela autora em 2008

De acordo com o último censo, a cidade de Goiandira conta com uma população de 5.265 habitantes<sup>9</sup>, e uma população estimada de 5.278 em 2016, com as seguintes escolas:

- Escola Municipal Santa Maria Goretti – Ensino Fundamental I fase
- Escola Estadual Amélia de Castro Lima - Ensino Fundamental I fase
- Colégio Estadual Dom Emanuel - Ensino Fundamental II fase e Ensino Médio.

Atualmente, Goiandira não possui nenhuma escola na zona rural, mas tinha várias. O município ainda possui no distrito de Veríssimo um prédio escolar com boa estrutura física, mas, não está em funcionamento. Os alunos daquela localidade, bem como os da zona rural, vêm para Goiandira estudar por meio do transporte escolar administrado pelo município.

Conforme concluem as professoras entrevistadas, as mais de duas décadas de trabalho de evangelização por meio da Educação, deixaram rastros significativos para a cidade. Durante a entrevista, espontaneamente, a Professora Cantora atribui à presença da Ordem Franciscana, as observações que um Padre que esteve recentemente trabalhando na Paróquia Sagrado Coração de Jesus fez sobre as pessoas de Goiandira de um modo geral: *Um dia Padre Paim falou para mim, falou assim: “Goiandira é uma cidade de muita gente culta”. Lá na porta da casa dele. Aí eu falei assim: Aqui, óh! Mostrei o Colégio: onde começou isso aí! E aí os pais foram incentivando a estudar.*

Segundo a Professora Cantora, este diálogo aconteceu na calçada da Casa Paroquial. O

<sup>9</sup> Fonte: Site IBGE [http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520850&search= goias|goiandira](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520850&search=goias|goiandira)

Colégio que ela mostrou para o Padre, que atribuiu cultura ao povo goiandirense, fica do outro lado da rua e é o prédio construído pela Ordem Franciscana, que abrigava o Ginásio Dom Emanuel, no período Matutino, a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no período vespertino e a Escola Normal Dom Emanuel no período noturno e depois, a pedido dos pais, passou para o período matutino, conforme documentos encontrados no arquivo permanente da escola.

**Figura 5** Matriz Sagrado Coração de Jesus e Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Do outro lado da rua está localizada a Casa Paroquial



**Fonte:** Arquivo pessoal

O ano de 1949 é a data da fundação da escola idealizada, construída e implantada em Goiandira pelos Frades Franciscanos, que vieram para o Brasil na primeira turma de 14 missionários americanos e, posteriormente, convidaram as Irmãs de Allegany para administrar e coordenar o Ensino Primário, trabalho para o qual, segundo Wyse (1989) e BONCHANSKI; DONOVAN; RODRIGUES (2008) elas tinham experiência.

As Irmãs de Allegany tinham como uma das estratégias de administração escolar, em cidades onde eram escassos os docentes com formação oficial, convidar meninas-moças, ainda estudantes ou tendo recém-concluído o Ensino Ginásial, para serem professoras no Ensino Primário. E é justamente a constituição da docência dessas professoras, que ingressaram na profissão como leigas, em uma escola franciscana, o foco dessa pesquisa e são as professoras as protagonistas das próximas páginas.

Pelas narrativas da história de vida das meninas professoras se dará a continuação da nossa viagem pelas memórias. Vamos?

## 1.2 - As Meninas Professoras

Conforme relatado na introdução, ao procurar pelas professoras que comporiam o enredo dessa pesquisa, deparei-me com uma característica comum entre elas: o fato de terem sido convidadas para serem professoras ainda meninas, cursando o Ensino Ginásial ou tendo acabado de concluir esta fase dos estudos. Como o interesse inicial da pesquisa era investigar a docência na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, verificamos na oportunidade do primeiro encontro com as ex-professoras o problema para ser respondido por este estudo: Como essas meninas constituíram a docência em uma condição e contexto tão singulares?

Segundo Nóvoa (1995, p. 138) “A identidade pessoal e a identidade profissional constroem-se em interação”, portanto, a narrativa das histórias de vida é a estação de partida nos trilhos para o passado. O livro *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi, (1994, p. 55), traz a seguinte reflexão: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Para Candau (2014, p. 15), “A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está devidamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”. E foi visitando e iluminando cantinhos longínquos da memória, que as professoras entrevistadas, gentilmente, se dispuseram a contribuir com essa pesquisa. Por vezes, lembraram com tanta intensidade as histórias que vivenciaram na infância, na fazenda, nos rios e ribeirões, nos enormes quintais de terra branca e batida, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel, rodeadas por irmãos, primos, amigos, a ponto de externarem as mais variadas emoções. Todas elas se referiram à infância como uma fase muito boa da vida, mesmo com relatos de alguns sofrimentos.

Nesse primeiro bloco de entrevistas, a infância das professoras convidadas foi enfatizada, pois, de acordo com Marie-Christine Josso (2004, p. 43) “Os contos e as histórias de nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida” Para Nóvoa (1995, p. 138) “A identidade pessoal e a identidade profissional constroem-se em interação”, portanto, a história de vida é que direciona essa viagem rumo à constituição da docência. A relação com a família, onde moravam, como vieram para Goiandira e a escolarização, também são elementos evidenciados nas narrativas neste capítulo, até chegarem ao momento de serem convidadas para serem professoras na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. A fase da vida das entrevistadas após o convite para serem professoras foi explorada

no segundo bloco de entrevistas e ajudou a compor o terceiro capítulo. As narrativas, inspiradas na (Auto) Biografia, constituem um exercício de memória essencial para esta pesquisa. De acordo com a reflexão de Honório Filho (2011, p. 194), “A abordagem (Auto) biográfica muda o eixo das coisas, não o desprezando, para conhecer quem conhece as coisas, ou seja, as pessoas. Esse é um fundamento, conhecer as pessoas: tanto os outros numa perspectiva de alteridade, quanto a nós mesmos”.

Para Josso (2004, p. 43), “As experiências de que falam as recordações referências constitutivas das narrativas formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”.

As narrativas das professoras, que seguem, estão dispostas na ordem cronológica na qual as entrevistas aconteceram. Parafraseando Fontana (2004), “como autênticas oleiras”, com a palavra, as meninas professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Continuemos rumo à Estação Passado!

### **1.2.1 - A Professora Artista<sup>10</sup>**

Em 22 de março de 2016, às três da tarde, cheguei à casa onde a Professora Artista mora com o esposo, em Goiandira – GO, para realizar a primeira entrevista desse estudo e a primeira na minha trajetória de estudante.

A casa da Professora Artista parece uma chácara dentro da cidade! Um aconchegante lugar, com imenso quintal de terra branca, jardins e área de lazer com piscina. Os filhos já crescidos seguiram seus caminhos em outras cidades e uma filha em outro País. Ela já estava à minha espera e disse, gentilmente, que tinha dedicado aquela tarde para nossa conversa.

Escolhi o nome “Professora Artista” no instante que adentrei a casa dela. Os quadros espalhados pelas paredes me encantaram. Olhando um por um, perguntei de quem era a autoria, ela respondeu sorrindo que ela era a artista. Das entrevistadas para esta pesquisa, a Professora Artista é a única que eu não conhecia.

Relembrando sua origem, ela explicitou que é catalana, quarta filha de um casal de mineiros e que abaixo dela ainda tem mais um, o que chamamos no interior de Goiás de caçula, rapa do tacho. Os pais deixaram alguns familiares em Minas Gerais, e partiram para Goiás, juntamente com os avós dela, acompanhando a construção da Estrada de Ferro. Ao dizer que vieram da cidade mineira Três Corações, a Professora Artista ressaltou o parentesco do pai dela

---

<sup>10</sup> Essa entrevista possui 49’13’’ de áudio e encontra-se transcrita na íntegra com 38 páginas.

com Pelé, Edson Arantes do Nascimento, ídolo do futebol brasileiro: *Eu sou filha de um casal de mineiros. Eles vieram para Goiás acompanhando a construção da ferrovia. Meu pai não tinha estudo. Meu pai tinha, parece que quarto ano primário incompleto. Mas, naquela época o quarto ano primário equivalia quase que ao Ginásio de hoje. Então ele não era analfabeto. Muito inteligente! E, então ele veio trabalhando na construção da ferrovia, e nisso veio a família toda, do lado do meu pai, veio também trabalhando, os irmãos, né, e todo mundo, vieram embora.*

A Estrada de Ferro surge na entrevista com protagonismo. Apontando o destino da família para o sudeste goiano, os trilhos inspiraram a migração. A Professora Artista lembra que o esforço do pai em ter uma profissão e procurar morar numa cidade com boa escola foi com o intuito de dar instrução para os filhos: *Quando chegou em Três Ranchos, aí a família do meu pai, meu avô, eles fixaram residência com os irmãos e meu pai seguiu até Catalão. (...). Porque meu pai já tinha os meus irmãos, eles já vieram pra estudar em Catalão. (...). Inclusive, meus irmãos estudaram na escola dos padres, em Catalão. Escola Paroquial São Bernardino de Siena, também fundada pela Ordem Franciscana.*

Além da estrada de ferro, outro elemento que se destaca nessa primeira entrevista é a figura do pai da Artista. Maçom e músico, cujo autodidatismo para a música e para a profissão de dentista prático, fornece bases para a valorização do esforço, da aprendizagem, do estudo dos filhos, procurando morar em cidade com boa escola: *A ferrovia continuou, mas, meu pai parou em Catalão, pra dar escola para meus irmãos. E ele começou a trabalhar com um dentista, em Catalão, ajudando ele na profissão, como motorista. Então ele levava esse dentista para as fazendas, pra roça, para ele fazer o trabalho dele. E nisto, este homem foi ensinando o meu pai a profissão. Uma odontologia prática e não no banco da faculdade, né?*

Artista esclarece que seu pai seguiu até Catalão, *porque meu pai já tinha os meus irmãos, eles já vieram pra estudar em Catalão. Estudaram na escola dos padres, em Catalão. Escola Paroquial São Bernardino de Siena, também fundada pela Ordem Franciscana.*<sup>11</sup>

A escolarização influenciava o traçado dos rumos geográficos da família numa demonstração da força do discurso, do ideário da modernidade cuja marca é a valorização da razão, do desenvolvimento que se estabelece por meio do estudo (BOTO, 1996; GIDDENS, 1991). Segundo a Professora Artista, o pai aprendeu a profissão de dentista prático prevendo uma clientela que também vinha da construção da ferrovia, que já estava chegando em

---

<sup>11</sup> A Escola Paroquial São Bernardino de Siena também foi criada pela Ordem Franciscana, em 1948, de acordo com o site do Jornal O Popular, disponível em <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/escola-cat%C3%B3lica-de-67-anos-encerrar%C3%A1-suas-atividades-1.929185>.

Leopoldo de Bulhões. A mãe ficou em Goiânia, acompanhando os filhos mais velhos para estudarem, uma vez que tinham terminado os estudos em Catalão, ocasião em que o pai recebeu convite para trabalhar em um bar em Goiandira. Não havendo dentista na cidade, o pai além de trabalhar no bar, montou um consultório e atendeu muitas pessoas, mesmo sem possuir o certificado de odontólogo.

Ter aprendido a profissão de dentista prático redefine as possibilidades da família, mas a ausência do diploma fica registrada na memória. Exercer a profissão e não ter a certificação mostra-se frustrante para o pai: *Não tinha dentista aqui. Ele trabalhou neste bar por um ano e pouco. Aí fechou o bar e continuou com o consultório. E viveu aqui vinte e tantos anos, criou a família dele, acabou de criar a família através da profissão de prático. Quando eu já havia me casado, que já havia ido embora e tudo daqui, aí, a, como é que chama, a ordem dos Odontólogos, já começou a pressioná-lo, porquê já não podia.* Ela explicou que começaram a aparecer odontólogos formados na cidade e que houve pressão para que ele se formasse ou deixasse a profissão. O sentimento de frustração é minimizado quando um dos irmãos segue a profissão do pai e quando ela obtém o diploma de normalista. Ressaltando que o pai chegou a ver o filho concluir a faculdade de Odontologia e morreu pouco tempo depois ela emotivamente diz: *Tem um que seguiu a profissão do meu pai. Mas, ele fez faculdade.*

A Professora Artista se emocionou várias vezes ao relembrar do pai, e contou o desfecho impactante da história dele: *Meu pai é falecido. Quando houve o problema que ele teve que ir embora, ele foi pra Goiânia, e lá em Goiânia ele entrou com o processo, pra ele ser, receber a licença pra trabalhar como dentista. Então ele teve que fazer algumas provas. E ele fez! E quando ele fez a prova, ele tinha problema cardíaco, a emoção foi tanta! Na Universidade, UNB, ele foi fazer o teste pra ganhar a licença de prático. Ele fez! Passou! Quando veio a notícia e o documento que ele podia, ele sentiu, e aí, ele teve infarto e faleceu. A paixão dele era Goiandira!* A emoção dele ao receber o certificado que o autorizava a ser dentista, segundo a Professora Artista é o que o levou ao óbito. Ela repetiu muitas vezes que a paixão do pai era a cidade de Goiandira, e que podendo ser dentista, ela afirma que ele voltaria para a cidade que o acolheu com a família. Esse episódio revela o modo como os “sistemas peritos” interferem nas relações sociais como Giddens (1986) propõe. Embora fosse reconhecido pela comunidade como dentista era proibido ao pai da Artista exercer a profissão. Um silêncio emocionado perpetrou entre nós e lágrimas puderam ser observadas nos olhos dela! Era preciso continuarmos mergulhadas nas auroras, hora alegres, hora tão tristes, como em praticamente toda existência. Artista também conta que o pai dela era instrutor de uma Banda que existia na cidade. Esta Banda existe até hoje, mudou de nome algumas vezes, e está sob a responsabilidade

do Colégio Estadual Dom Emanuel.

Perguntei para Professora Artista sobre a mãe e senti um breve constrangimento dela ao enveredar nessas lembranças. Durante a narrativa as diferenças de opiniões, de personalidade, do jeito de ver a vida, que causava algum desentendimento entre elas, evidenciou a sensação inicial de desconforto ao rememorar alguns fatos. Ranhuras que não melindrou a descrição da mãe, ornada pelo reconhecimento da dedicação para os filhos, o marido e o lar. Com a voz um pouco embargada por emoções e as mãos alisando um biquinho de crochê de uma almofada, esse cantinho da memória flameja: *Da mamãe? Minha mãe tinha o primário. Uma mulher muito simples. Trabalhadora também. Mãe, como diz, dos seis filhos, né? Éh! Muito inteligente, porque arte era com ela, desde o crochê. Mas, ela era uma mulher simples. Dona de casa. Sabe? Muito sistemática. Caladinha no canto dela e tudo. E muito, como diz, meu pai era tudo pra ela. Ela fazia tudo pra ele.*

Já mocinha a Professora Artista não concordava mais com a mãe nem na escolha do modelo das roupas: *E eu começava a brigar. E um dia ela falou: Óh! De hoje em diante se vira, não costuro mais pra você e você sabe que seu pai não tem dinheiro pra pagar costureira*

Reporto-me ao período, quando localizo estas lembranças, entre os anos 50 e 60, e infiro a questão de gênero em um panorama no qual a mulher lutava para fugir ao padrão de mãe e dona de casa. Demonstrar afinidade com o pai e distanciamento da mãe pode ter sido estratégia para projetar outro futuro, para além daquele cercado pela maternidade e o casamento. Não concordar com a mãe significou romper com a previsão cultural. Parece um “momento charneira”, que Josso (2004), elucida como um momento de mudança, momento de encerrar um ciclo e iniciar outro.

Perrot (1993) referindo-se à vida das mulheres no século XIX, descreve o nascimento do feminismo, de modo que contribui para o entendimento dessa relação da professora Artista com a mãe que produz um rompimento com o padrão instituído de mulher. A autora explica que:

De fato, esse século assinala o nascimento do feminismo, palavra emblemática que tanto designa importantes mudanças estruturais (trabalho assalariado, autonomia do indivíduo civil, direito à instrução) como o aparecimento colectivo das mulheres na cena política. Por isso, será preferível dizer que esse século é o momento histórico em que a vida das mulheres se altera: tempo da modernidade em que se torna possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã (PERROT, 1993, p.9).

Perrot (1993), inclusive, utiliza o termo charneira quando sintetiza que o século XX:

Parece ser então uma charneira na longa história das mulheres, como se

redistribuísem então as cartas tradicionais, aquelas que se jogam entre o trabalho, na oficina ou no domicílio, e a família, ideal de vida doméstica e valor útil para o serviço social, e o novo espaço de educação, a escola laica. (PERROT, 1993, p.12)

A Professora Artista recorda que todos tinham obrigações no lar, desde os seis anos. Arrumar a casa, lavar louças e guardar lenhas eram algumas delas. Contou que revezavam nas tarefas de acordo com a idade, independente de gênero. *Meu pai comprava aqueles caminhões de lenha, grandão, pra guardar, estocar, né, e era todos nós, tínhamos, chegava da escola, almoçávamos e guardar lenha na casinha pra não molhar. E aquilo ali era de mamando à caducando.*

Mesmo com estas tarefas árduas para crianças, a Professora Artista considera que ela e os irmãos tiveram *do bom e do melhor*. O bom e o melhor se atrela ao elemento educação quando ela cita as *boas escolas* em que ela e os irmãos estudaram em Goiânia, Catalão e Goiandira: *Chegava a hora de passear, hora de ir pro Colégio, tínhamos tudo, material de escola, tudo, tudo, tudo arrumadinho.*

Na sequência da narrativa Professora Artista descreve a infância como um tempo preenchido por brincadeiras com irmãos e vizinhos, brincadeiras *de casinha, de papai e mamãe, bonequinha*. Lembranças dos momentos em que ficavam esperando o final da Festa de São Sebastião, que acontece no mês de janeiro e é tradicional em Goiandira até os dias de hoje, para usarem as palhas da barraca da Festa na construção da casinha, das brincadeiras no quintal, feita pelo irmão dela já falecido.

Acionando a memória que traz à luz o espaço da escola, a Professora Artista disse, rindo, que seu primeiro dia de aula foi em Goiânia, que ela foi parecendo uma bonequinha, mas que havia duas primas internas na escola que queriam aperta-la e que, por esse motivo, não mais queria estudar.

Dos tempos escolares em Goiandira ela tem boas lembranças do Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira, atual Escola Estadual Amélia de Castro Lima, como primeiro lugar no qual ela estudou quando chegou na cidade. Lembrou também do material escolar *arrumadinho* e de alguns professores que teve na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel, como Dona Ruth Ferreira Teles, professora de História, professor Fortonzed, que lecionava Matemática, Dr. Ivan, que era médico e professor de Ciências e os frades que, segundo a Professora Artista, geralmente lecionavam no Ensino Ginásial as disciplinas, ou matérias, como eram mais comuns serem chamadas naquele tempo, como o Inglês, o Latim, a Religião, a Física e a Matemática.

Ela destacou que os frades tinham um bom português, mas, se diverte ao lembrar as

aulas de Frei Thiago, porque ele não sabia muito bem a Língua Portuguesa: *O Frei Thiago, ele não sabia o Português direito, então, a gente ensinava ele a falar nomão dentro da sala de aula. Ele falava! Ele repetia e ria, achando que tava aprendendo.* A Professora Artista riu muito ao relembrar esse episódio. Ela disse também que esse mesmo Frei lecionou Matemática um período, porque a turma que ela estudava fez um abaixo assinado para retirar a professora dessa disciplina. Quando perguntei como e porque eles pensaram em retirar a professora, ela disse: *Porque nós não aceitávamos. Ela entrava, nós estávamos fazendo bagunça (...). Acho que ela não sabia nada. Porque eu não sei nada de Matemática da sétima série até hoje. A terceira série era fogo na roupa!* A terceira série ginásial referida pela Professora Artista é a atual 7ª série do Ensino Fundamental - 2ª fase.

A presença dos frades conferia ao Ginásio Dom Emanuel um ar de austeridade, de seriedade o qual a população valorizava. Mesmo com a dificuldade do Frei em relação à Língua Portuguesa, que nesta e em outras entrevistas, eu soube ser devido a um problema de audição, ele ficou marcado por ter-lhe ensinado o Inglês. Chamou-me a atenção o fato de todas elas terem lembrado do mesmo Frei quando eu perguntei por um professor marcante, pareceu-me, que por motivo de acharem graça dele e da simpatia com a qual ele recebia as brincadeiras.

Aos professores frades e americanos, que lecionaram Inglês no Ginásio Dom Emanuel, ela expressa gratidão ao relembrar a primeira viagem que fez aos Estados Unidos: *O Inglês que eles ensinavam pra gente, a gente aprendia muita coisa. Olha, gente, eu cheguei, a primeira vez que eu fui ao Estados Unidos, meu genro falou assim: A senhora fala que nunca veio aqui, mas, isso é mentira da senhora. Eu moro, fui criado aqui, eu não sei nada disso que a senhora tá falando. Eu falei, agora nós vamos passar o Hudson, porque nós passamos quando viemos do aeroporto pelo túnel. Perguntaram: Como é que a senhora sabe disso? Eu sei, uai. Os Padres ensinavam a gente. “E como é que a senhora conversou com o cicerone, a senhora não fala em Inglês”. Eu falei assim: Ele não sabe o que eu falo, porque vocês não entendem português, mas, duas, três palavras em inglês eu formo o pensamento, então, quando ele fala, eu pego três palavras que ele falou e formei o pensamento e sei.*

Havia na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel, segundo a Professora Artista, um investimento em leituras, livros e publicações na Biblioteca: *Aquela revista National Geographic, (...) eles tinham, chegava aos montes pra nós na biblioteca. Então, a gente folheava aquilo o dia inteiro.*

Artista salientou que o ensino que recebeu na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel: *Marcou! Pra mim foi, foi, foi muito bom. E não só pra mim! Eu, por exemplo, tive a oportunidade de ir e verificar.*

O ingresso no Ginásio Dom Emanuel traz empolgação à Professora Artista ao relembrar que foi aprovada no Exame de Admissão<sup>12</sup>. Algumas das professoras entrevistadas não conseguiram passar nesse Exame e tiveram que cursar um ano de Admissão. A média do exame era 75. No arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel, as Atas de Registros de Notas do Exame de Admissão mostram a ocorrência de alto índice de reprovação. No segundo bloco de entrevistas, a Professora Artista trouxe elementos para compreender o Admissão, porque ela foi professora nesse curso que tinha um livro específico, constando todas as disciplinas. Ela relatou que não era difícil ser professora no Admissão porque no livro *vinha tudo mastigadinho*, e que, como professora, adorava esse livro porque, segundo ela, trazia boas explicações para o aluno aprender a fazer redação.

Imersa nas lembranças do tempo de aluna, e das Línguas Estrangeiras que compunham o currículo, Artista diz o latim era valorizado, pois contribuía para a aprendizagem do Português. Segundo a Artista *quando você sabia a palavra em Latim você já pegava ela em Português. Então aquilo gravava bastante, sabe? Então toda palavra nova eu procurava a raiz dela no Latim e ali você já, você sabia.*

Ainda sobre as línguas estrangeiras ensinadas no Ginásio Dom Emanuel, ela destacou a importância de aprender Latim para contribuir com o Português: *Então quando você sabia a palavra em Latim você já pegava ela em Português. Então aquilo gravava bastante, sabe? Então toda palavra nova eu procurava a raiz dela no Latim e ali você já, você sabia.*

Já no final da entrevista, falando espontaneamente do que lhe vinha à memória sobre os tempos de escola, a Professora Artista enfatizou: *E a escrita? Caneta vermelha, hoje que não pode usar a caneta vermelha. Caneta vermelha naquilo ali, ôh, era coloridinho mesmo! Fazer repetir. Repetir a palavra errada: 30 vezes, 40 vezes. Repetir até fazer certo.*

Nas lembranças do Ensino Ginásial, o Grêmio Literário e Estudantil Stella Maris, do

---

12 Exame de Admissão era uma avaliação de todo conteúdo do Ensino Primário, realizada como um vestibular, porém com provas escritas e orais, para o aluno ser admitido no Ensino Ginásial. No Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, conhecida como Lei Orgânica do Ensino Secundário, o Capítulo V - DA ADMISSÃO AOS CURSOS, diz o seguinte em seus artigos: Art. 31 O candidato à matrícula na primeira série de qualquer dos cursos do que trata esta lei, deverá apresentar prova de não ser portador de doença contagiosa e de estar vacinado. Art. 32. O candidato à matrícula no curso ginásial deverá ainda satisfazer as seguintes condições: a) ter onze anos completos ou por completar até o dia 31 do mês de julho que se seguir à realização dos exames de admissão. (Redação dada pela Lei nº 1.703, de 1952); b) ter recebido satisfatória educação primária; c) ter revelado, em exames de admissão, aptidão intelectual para os estudos secundários. Art. 33. O candidato à matrícula no curso clássico ou no curso científico deverá ter concluído o curso ginásial. CAPÍTULO VI – DOS EXAMES DE ADMISSÃO Art. 34. Os exames de admissão poderão ser realizados em duas épocas, uma em dezembro e outra em fevereiro. Parágrafo 1º O candidato a exames de admissão deverá fazer, na inscrição, prova das condições estabelecidas pelo art.31, e pelas duas primeiras alíneas do art. 32, desta lei. Parágrafo 2º Poderão inscrever-se aos exames de admissão de segunda época os candidatos que, em primeira época, os não tiverem prestado ou neles não tenham sido aprovados. Parágrafo 3º O candidato não aprovado em exames de admissão num estabelecimento de ensino secundário não poderá repeti-lo em outro na mesma época.

Ginásio Dom Emanuel, foi citado pela Professora Artista e por todas as demais entrevistadas, como um espaço para socialização, erudição e persuasão, por meio das apresentações artísticas, como declamações, canto, danças, teatro e grande investimento ao desenvolvimento da oratória, ou seja, do treinar para falar em público. Considero que havia em toda a proposta da escola uma preocupação no sentido da formação do “homem novo” (BOTO, 1996), mas no Grêmio se consolidavam as oportunidades de usar o que era aprendido ou silenciosamente validado: a erudição, a civilidade e a cultura clássica. Grêmio, ambiente e disciplinas cunhavam na escola as grandes marcas do modelo escolar produzido na Renascença e que tomou o ocidente posteriormente tendo sido impregnados pelo corolário da pedagogia jesuítica. Modelo pelo qual nas palavras de Boto (1996, p.48) “prescrevia-se um referencial enciclopédico para o conhecimento acumulado; veiculava-se a ideia de ‘mentes polidas’, na órbita de uma certa formação para a civilidade, que também era o ideal almejado”.

No arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel, que se encontra no Colégio Estadual Dom Emanuel, verifiquei a presença de duas Atas sobre o Grêmio Literário Stella Maris. Uma Ata sobre a criação e os objetivos do Grêmio e outra relatando o evento dia a dia, que acontecia todos os sábados, às 10:15 da manhã, no auditório da escola, sendo o Grêmio uma atividade do Ensino Ginásial. Em um sábado já se determinava quem estaria “escalado”, para cantar, declamar, dramatizar no sábado seguinte. A palavra “escalado” também aparece nas narrativas das professoras e nas Atas, assinadas pelo presidente do Grêmio, pela diretora ou diretor e pela secretária da Escola, além da professora Maria Conceição Porto, da disciplina Português. Em quase todas as páginas da Ata consta a presença e assinatura da Professora Maria Conceição porque ela era a presidente de honra do Grêmio. A mesma foi citada em todas as narrativas como excelente professora, modelo na profissão docente e por este motivo procurei saber um pouco mais sobre Dona Maria Conceição Porto, sendo a palavra ‘Dona’ uma designação usual para se dirigir a uma professora.

Por intermédio do Facebook localizei as netas de Dona Maria Conceição e para minha surpresa uma delas escreveu três livros sobre a avó, tendo a oportunidade de prestar-lhe essa homenagem em vida. Dona Maria Conceição viveu 101 anos. Nasceu no dia 21 de outubro de 1913 e faleceu no dia 22 de outubro de 2014. Assim como para Irmã Rosalima, eu também teria muitas perguntas para fazer à professora Maria Conceição Porto. Faleceu tão recentemente e, segundo informações, com lucidez. Sua neta me disse que está resumindo os três livros que fez sobre a avó para lançar um ainda neste semestre, mas alegou que pouco sabe sobre detalhes da vida profissional dela e que gostaria de trocar informações comigo. Enviou-me fotografias de Dona Conceição pelo whatsapp, bem como algumas páginas da biografia da avó, como

genealogia e escritos da própria Professora sobre Educação e Escola, além de um discurso proferido ao então interventor do Estado de Goiás, Dr. Pedro Ludovico Teixeira. A professora Maria Conceição, ao lado das Irmãs de Allegany, forjava o modelo de mulher ideal para as alunas: inteligente, culta, exigente e ao mesmo tempo terna. Não sendo religiosa, poderia ser modelo para as que sonhavam uma trajetória que permitisse unir casamento, filhos e trabalho.

No segundo bloco de entrevistas, Professora Artista mais uma vez se refere à Professora Maria Conceição Porto: *Nossa! Um espetáculo! Era meu espelho!*

**Figura 6** Professora Dona Maria Conceição Porto



**Fonte:** Arquivo pessoal de Virgínia Vigário Porto Assis Fernandes, neta de Dona Maria Conceição Porto

No livro *Vida de Professores*, Nóvoa (1995, p. 72) aponta que “Uma característica comum do ambiente sociocultural colhida nas narrativas dos professores é o aparecimento de um professor preferido que influenciou, de modo significativo, a pessoa enquanto jovem aluno”. O mesmo verificamos nas narrativas das meninas professoras, como veremos ao longo dessa pesquisa. Dona Maria Conceição é considerada por todas elas como modelo e professora por excelência.

Goodson (2003) sobre história de vida de professores também aponta a presença de um professor “favorito” como “modelo a imitar” pelos futuros docentes:

Una de las características más comunes em los informes que hacen los docentes sobre sus antecedentes es la presencia de un professor favorito que influyó considerablemente em ellos como jóvenes alunos. A menudo cuentan que “era esa persona la que me hizo elegir la docência”, “fue sentado em su classe cuando supe por primera vez que queria ser maestro”. Em resumen,

ofrecem un “modelo a imitar”, y los más seguro es que tambien influyan em la vision subsiguiente de lo que és bueno pedagogicamente y, posiblemente, en la elección de la matéria de especialización (GOODSON, 2003, p. 748).

Ao falar sobre o Grêmio Literário Stela Maris, a Professora Artista declara seu apreço pelo teatro, quase sempre com textos eruditos, além do incentivo dos professores e das Irmãs em inserir os alunos nas atividades culturais propostas: *Eu lembro que quando teve um teatro, é, foi justamente no ano que eu não lecionei, eu não estudei, mas eu fazia parte, e o Ginásio fez uma peça teatral e eu morrendo de vontade de participar e era só gente dos alunos, principalmente do Grêmio Estudantil, né? É. Aí uma das freiras percebia. Aí ela sempre me jogava numa coisinha. Era como pra fazer a narração, era como pra ajudar na maquiagem. Entendeu? Sempre elas estavam precisando de mim, então, eu participava de tudo. Quer dizer, elas, sutilmente, elas supriam as necessidades de cada uma que elas conheciam.*

Logo que concluiu o ginásio, a Professora Artista, ainda uma menina-moça, recebeu da diretora, Madre Rosalima, o convite para ser professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em uma turma de alfabetização de alunos com necessidades especiais. Perguntei se ela sabia quais eram os critérios que a Madre utilizava para convidar meninas recém-formadas para serem professoras, ela disse: *Não sei (Risos). Ela me chamou, eu falei: Vou! (Risos). É assim! E fui!*

### 1.2.2 Professora Serena<sup>13</sup>

Serena foi minha professora de Língua Portuguesa, no Colégio Estadual Dom Emanuel, até pouco tempo conhecido por Colégio Novo, construído pelo Governo Estadual para abrigar o colégio com o mesmo nome do Ginásio Dom Emanuel criado pelos Frades. Na ocasião dessa mudança o Ginásio Dom Emanuel deixou de existir e consta na Ata do Grêmio que em 1970, ao menos no papel, essa mudança ocorreu e alguns anos mais tarde houve a mudança de prédio. Na década de 70 para frente, ao ser indagado ou indagada sobre onde você estuda ou onde irá estudar? Goiandirenses respondiam: No Colégio Novo. Faz pouco tempo que se perdeu esse costume. Nesse colégio fui aluna na década de 80 e recordo, como se fosse hoje, das aulas da Professora Serena sobre orações coordenadas e subordinadas, além do livro, dos textos e desenhos em páginas que lembro até do cheiro. Ela pedia silêncio para a turma numerosa e percorria as filas para verificar atividades. Letras e capricho com a escrita eram sempre exigidos. Certamente ações e características por ela adquiridas nos tempos que foi aluna e

<sup>13</sup> . Essa entrevista possui áudio com 39'27” e encontra-se transcrita na íntegra com 21 páginas.

professora na escola franciscana. Uma professora séria, de fala mansa e um carinho espontâneo, mas nas descrições dela própria, exigente com os pedidos de silêncio durante a explicação do conteúdo.

Tanto ela quanto a única irmã, ‘rapinha de tacho’, foram alunas e professoras na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. A irmã de Serena foi também secretária, por muitos anos, na escola da Ordem Franciscana. A influência dos Frades e das Irmãs produziu na irmã da Professora Serena uma frase comumente utilizada por ela para justificar muito do que faz e do que pensa sobre a vida dizendo: “*Aprendi com os Frades*”.

Serena nasceu em Goiandira, mas, morava na fazenda, onde começou os estudos na Cartilha. Ia, com a já citada irmã, a pé para uma escola que ficava bem longe. Em suas palavras: *Nossa, que sofrido! A gente atravessava a linha de ferro. A gente morria de medo daquelas coisas, de andar no mato, né?*

Da escola longínqua, do mestre-escola às brincadeiras da infância, Professora Serena sorri ao lembrar: *A gente brincava era de boneca, era de casinha, porque nesse tempo era isso, né, quando morava com a mamãe!*

A mudança para o meio urbano repercute no brincar que se altera no sentido que espelha outro estilo de vida. Serena relata com nostalgia: *Mas aí depois que nós fomos pra casa dos meus tios aí parece que já mudou o jeito de brincar porque aí já tinha as primas que já morava lá e tudo, então, já era outro tipo de vida.* A substituição de costumes é processual pois nos finais de semana retornavam para a fazenda saudosos: *a gente brincava, andava muito, ia pros pastos, foi vida de, foi infância boa! Tinha muita fruta. A gente ia pros córregos, sabe? Ia pescar e tomar banho de córrego, é tudo essa coisa assim, sabe? Aí depois que nós mudamos pra cá a gente ainda voltava muito lá na fazenda. A gente, às vezes, ia até a pé. É longe, a gente ia a pé. A gente pegava o final de semana com os primos também ia até de charrete, eu andei até de charrete, de jeep. Tudo! É essa a condução que tinha de primeiro, né?*

No meio das alegrias dos tempos da infância há uma marca na vida de Serena: o pai doente e a mãe que partiu para seguir a vida em outro caminho, deixando as duas filhas, ela e a irmã caçula sob os cuidados dos tios.

Dos tempos da vida na fazenda e das lembranças da alfabetização, Serena resume como: *Difícil demais!* E relembra espontaneamente do Mestre-escola descrito por Professora Serena como *muito bravo. Ele tinha palmatória, menina! Éeee! Sabe? É do tempo da palmatória!*

Desse período de escolarização a referência é a “*mamãe*” quando Serena destaca que: *A gente já lia, porque a mamãe era muito instruída, muito danada, sabe? Ela, ela era boa em Matemática.* Quando perguntei se a mãe estudou, ela respondeu enfaticamente: *Não estudou*

*nada! Estudou parece que em casa. Parece que ela falava que os pais não gostavam que ia pra escola não. Estudava era com um irmão dela que era muito, muito sábio, assim, sabe? Eles eram muito inteligentes, esse povo da minha mãe.* Percebo nesta fala notas de uma sociedade conservadora, ecos que revelam o modo como as mulheres eram cerceadas dos espaços, inclusive do espaço escolar, porque diziam que *mulher não precisa estudar*. A própria Serena sintetiza: *Então era isso, né? O conceito era esse, que mulher não precisava estudar.*

Ao se lembrar dos tempos de aluna do Ginásio Dom Emanuel, assim, como a Professora Artista, Serena não perde de vista a Língua Portuguesa, disciplina que sempre lecionou, e destaca que o estudo de Latim: *Foi o que me ajudou demais em Português foi o Latim, né? Porque Latim eu tive nos 4 anos. Agora Francês parece que, parece que foi os quatro também, mas, muito mal, a professora de Francês, não era, não era muito habilitada não. E agora de Inglês foram os frades mesmos é que davam e de Latim também era o Frei, o Diretor, Frei Estevão.* E ao contrário da Professora Artista, Professora Serena diz: *Mas, ah, não sei, porque parece que as aulas de Inglês deles pra gente, parece que não influenciou muito não. A gente não aprendia muito bem Inglês não. É porque hoje, Inglês hoje é, é, mais é conversação, é o que dá margem pra aprender mesmo e não era. Era só mesmo regras e coisas assim.*

Quando questionada sobre algo marcante dos tempos de aluna da Escola Paroquial Santa Maria Goretti e do Ginásio Dom Emanuel a Professora Serena também fala sobre o Grêmio Literário Estudantil Stella Maris e cita Dona Maria Conceição: *O Grêmio era bom, menina. Nossa! Muito bom, viu? A Dona Maria Conceição que era, ela ajudava a gente demais no Grêmio, né? Era bom! É, o Grêmio era bom. Era apresentação. Era tipo apresentar teatro, né? Era ou poesia ou cantar ou número musical, qualquer coisa. Tinham uns que tocavam acordeom, né? Aí era apresentar. Aí já era no sábado. Mas, e o medo que a gente tinha, porque a gente era escalada pra fazer.*

Pela recorrência do Grêmio é possível pensar na questão do capital cultural, definido por Bourdieu (1998) como:

Conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

Professora Serena descreve o Grêmio Literário a partir dos cuidados e exigências que a Professora Dona Maria Conceição Porto tinha com as apresentações dos alunos: *A professora*

*de Língua Portuguesa! Quando conversava lá, falava alguma coisa errada, Dona Maria caia de pau. Nossa Senhora!*

Na fala de Serena e Artista percebo que o Grêmio atuava no sentido de contribuir com domínio da oratória, algo possível na escola e não no âmbito familiar. Serena diz: *A gente era muito tímida, né? Todo mundo era muito tímido, né? A gente era muito podada em casa, né, Walkíria?* Para ela o Grêmio ajudava nessa desinibição, porque o aluno era “escalado”, tinha que ir.

Em um dos registros das Atas do Grêmio Literário Estudantil Stella Maris, Dona Maria Conceição sugere que mesmo os alunos não escalados poderiam, espontaneamente, se apresentar para “animar” mais o evento, e que estes também teriam nota em Português, caso a apresentação tivesse boa qualidade.

A Educação Física surge na memória de Serena ligada ao tempo em que era aluna do Ginásio Dom Emanuel: *A Educação Física marcava a gente. Nossa! Mas, como a gente gostava. Dava as aulas de ginástica e tudo. Depois também tinha vôlei. A gente jogava vôlei. Às vezes a gente participava até em Catalão de vez em quando.* Ela ressalta que os meninos jogavam basquete e as meninas vôlei. De certa forma era uma Educação Física que atendia ao modelo dominante no país cuja gênese segundo Gonçalves e Araújo (2016) se estruturava:

Em um modelo pedagógico alimentado pelo ideário nacionalista, sendo marcada por um discurso ancorado na questão da saúde. Foi, portanto, da conjugação do nacionalismo com a valorização da saúde que a ginástica escolar apresentou-se ajustando o foco para o fortalecimento das condições físicas de força, como também para a projeção de futuros cidadãos com disciplina, em prol do sonho de sociedade moderna, tão desejada pelo incipiente Estado Novo (ARAÚJO, 2016, p. 104).

Trazendo informações para que seja possível pensar um padrão econômico para as professoras entrevistadas, Professora Artista apontou a questão da migração para estudar como elemento central, mas também demonstrou a dificuldade financeira. Serena lembra de uma vizinha da escola que vendia lanche na hora do recreio: *Ela fritava uns biscoitos de polvilho, às vezes tinha uns meninos, a gente era uma pobreza danada, Walkíria, a gente não tinha dinheiro pra nada, mas, aí tinha uns meninos que eram assim mais, mais dado, sabe, e às vezes comprava e dava pra gente, e era desse jeito. Ih! A gente passava até fome, Walkíria, vou falar a verdade. A gente ia de casa também, a gente não era, não tinha. Hoje, hoje tem abundância demais da conta, eu falo que hoje tem desperdício até. Aqui tinha uma padaria, o padeiro trazia pão, mas trazia, às vezes, tarde, a gente ia sem, às vezes, até sem comer. Às vezes gente fazia um mingau de, até de água mesmo com fubá e ia. Eu fico pensando, hoje tem tanta facilidade*

*e os alunos não valorizam, né?*

Como nos diz Candau (2014, p. 101): “Os acontecimentos são tempos fortes, que fazem memórias fortes”. A escassez também refletia no material escolar que era *só um caderno, o lápis, uma caneta, uma borracha, porque tinha que ter, régua essas coisas e livro também, eu não sei se a gente comprava livro era lá ou era nas livrarias*<sup>14</sup>.

Sobre o convite para ser professora ela lembrou datas, dizendo que concluiu o Ensino Ginásial em 1958 para dar aula no ano seguinte. Do momento que foi convidada para ser professora ela diz que se pôs pronta: *Pus pronta. (Risos). Fui! Com medo, mas fui! (Risos)*. Assim como a Professora Artista, Serena não se lembra especificamente de como o convite aconteceu mas lembra-se que era Madre Rosalima a diretora e assim relata: *Terminando a quarta série eu fui convidada pra dar aula. (Risos). Agora você pensa bem! (Risos). No ginásio! (Risos) E teve uma vez que eu tinha 63 alunos na sala de aula. Mas, eu dei conta, sabe? Isso até já te contei. Aí esse tempo foi corrido, complicada a vida, foi difícil, né? Porque era difícil a vida. Com medo e com dificuldade. (Risos). Porque passava dificuldade demais, né? Porque muito aluno.*

Sobre ser convidada para ser professora, Serena diz que já pensava na possibilidade de ingressar nessa profissão: *Ah! Já, né? Porque, eu não sei.* Mas esclarece que o convite foi determinante pois se este não tivesse sido feito talvez não teria se tornado professora: *Não! Aí é capaz que não!* Serena ficou em dúvida. Pensou que se não fosse convidada não seria professora, ao mesmo tempo disse que é provável que seria porque era a profissão que tinha disponível para mulher naquela época.

Serena foi professora nos anos de 1959/1960, casou-se em 1961 e em 1963 foi morar na fazenda outra vez. Quando voltou da fazenda, na década de 70, a Ordem Franciscana já estava prestes a ir embora de Goiandira e ela prestou concurso para ser professora da Rede Estadual de Educação, mesmo tendo concluído apenas o Ensino Ginásial. Nesse meio tempo fez o curso Normal na Escola Normal Dom Emanuel, criada pela Ordem Franciscana em Goiandira, como já foi mencionado e trabalhou como professora até aposentar-se no início do século XXI.

Assim como a Professora Artista a Professora Serena foi muito cordial. Riu por várias vezes e combinamos o meu retorno para o segundo bloco de entrevistas, onde a narrativa está direcionada para a constituição da docência. Ela se mostrou disposta. Despedimos!

---

<sup>14</sup> De acordo com documentos que encontrei no arquivo do Ginásio do Emanuel, os Frades e as Irmãs pediam os livros das livrarias de Goiânia, Rio de Janeiro e São Paulo, portanto, os alunos adquiriam os livros na escola.

### 1.2.3 Professora Flor<sup>15</sup>

No dia 24 de março de 2016, cheguei à casa da Professora Flor na exata hora combinada, 15:00. Professora Flor foi minha professora no Colégio Estadual Dom Emanuel. Com aquela doçura de sempre, me recebeu e me deixou muito à vontade. Na casa onde ela mora sozinha desde que sua irmã faleceu, inclusive, era uma das professoras convidadas para ser entrevistada, sentamos na sala para iniciarmos a entrevista. Apesar de morar sozinha, Flor compartilha um lindo quintal com a casa do irmão que também foi aluno da escola dos franciscanos e diretor do Colégio Estadual Dom Emanuel por quase duas décadas.

Depois da entrevista, passeamos por esse quintal ornado por flores e plantas frutíferas. Professora Flor exibiu com orgulho suas orquídeas em uma antiga e charmosa jabuticabeira, além de lindas e coloridas flores que lembram minha infância em Goiandira, conhecidas pelo nome popular de moça-velha, mas com nome científico *Zinnia elegans* que melhor define a beleza e o colorido que elas exibem.

Professora Flor foi minha professora no Colégio Estadual Dom Emanuel e iniciou a entrevista contando sobre os tempos da infância na fazenda. Sua história parece ecoar junto das outras entrevistadas no que tange à mudança da família para um lugar com trabalho e escola: *Nasci na fazenda, município daqui de Goiandira. Treze irmãos. É. Depois quando eu tinha mais ou menos uns 6 anos a gente veio aqui pra Goiandira. Aí os meninos mais velhos entraram pra escola. Eu não entrei porque estava com aquela tosse, coqueluche. Aí no ano seguinte eu entrei. Entrei com, já estava com mais de sete anos, e, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Foi lá! Aí eu fiz o Primário todinho ali, o Ginásio e o Normal, tudo foi de lá, na Escola. Isso aí foi por volta de, quando eu entrei na escola, por volta de 1956, 57, por aí.*

Relembrando os tempos de aluna no Ensino Primário, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, Flor modula a voz e em um doce tom expressa as marcas da professora preferida: a doçura e a ternura estão nas entrelinhas. Nome e sobrenome lembrados comprovam a valorização da *primeira professora chamava de, não sei se ela ainda vive, Maria Aparecida Martins. Ela, mas era uma professora que eu vou te contar. Todo mundo gostava dela. Ela era muito bonitinha. Alfabetizadora. Aí ela me alfabetizou.*

Foi possível perceber na emoção provocada pelas lembranças da escola os modelos de docência que ficaram marcados: *Na quarta série tive uma professora, Deus me livre! Muito brava! Essa Irmã ela me botou um trauma de leitura. Quando a gente ia ler, a gente já ficava*

---

<sup>15</sup> Essa entrevista contém 76'34" de áudio e encontra-se transcrita na íntegra com 28 páginas

*nervoso de ler e ela já ficava, né, gritando com a gente, falando, eu fiquei um certo tempo que eu nem não dava conta de fazer leitura, em público, assim, perto de muita gente.*

No Exame de Admissão, que ela chama de “ponte” entre o Ensino Primário e o Ensino Ginásial, ela não foi aprovada, portanto, teve que cursar o ano denominado de Admissão para poder ingressar no Ensino Ginásial. Ela recorda que as Irmãs cuidavam do Ensino Primário e os Frades do Ensino Ginásial e diz: *Aí quando eu entrei para o Ginásio eram os Padres Franciscanos e o diretor era o Frei Arthur, bravo que só um. Muito bravo.* Professora Flor salienta que a disciplina, o bom comportamento eram exigidos na Escola e em casa.

Concluído o Ensino Ginásial em 1963 ela conta com pesar que teve que ficar dois anos sem estudar por falta de condições financeiras para fazer o curso Normal em outra cidade. Recorda que muitas colegas foram estudar em Catalão, Goiânia, em escolas católicas particulares. Novamente foi estudar na escola dos franciscanos que criou em Goiandira a Escola Normal Dom Emanuel. Sem pensar duas vezes segundo ela matriculou-se: *Aí abriu o Magistério<sup>16</sup> aqui em Goiandira. Eu fui, nós fomos as fundadoras do Magistério! Lecionava durante o dia e estudava à noite.*

Nos dois anos que Flor ficou sem estudar, além das amigas que foram estudar fora, outras foram convidadas pelas Irmãs para serem professoras, até que chegou o dia dela ser convidada também: *Quando foi um dia, eu estava, um domingo à tarde, à noite, eu já estava dormindo, quando meu irmão me falou: “A Madre mandou falar pra você ir lá amanhã”. Lá foi ela e com poucas palavras a Irmã Rosalima oficializou o convite para ela ser professora. Flor assumiu sua primeira turma e ao lembrar desse momento relata: Fui! Cheguei lá, com a cara e a coragem, ela me entregou uma sala de aula com 30 alunos! Eu tinha terminado o Ginásio e aí ela me entregou essa sala. Essa sala era de uma professora que chama Jaziva, e era uma ÓTIMA professora. Ela me entregou uma sala de aula com 30 alunos!* Flor destaca que tinha apenas 18 anos. E descreve seu primeiro dia assim: *Ela me entregou essa sala, a Rosalina. Ela pegou o plano da Jaziva que já tinha usado nos dias anteriores e me deu. Já tinha começado, eu acho que isso aí deveria ser ali pelo mês de março por aí. Daí eu peguei e fui. Daí pra cá eu sofri demais na Escola, como professora, porque eu achava, assim, que os*

---

<sup>16</sup> A legislação sobre formação de professores no período obedecia ao decreto-lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, conhecido como Lei Orgânica do Ensino Normal (Brasil, 1946). Pelo decreto o Curso Normal seria oferecido por instituições públicas ou privadas em simetria com os demais cursos de nível secundário. E foi dividido em dois ciclos: o primeiro correspondia ao ciclo ginásial do curso secundário com duração de quatro anos. Formava regentes do ensino primário e funcionaria em Escolas Normais regionais. O segundo ciclo, com a duração de três anos, correspondia ao ciclo colegial do curso secundário. Formava os professores do ensino primário e funcionaria em Escolas Normais e nos institutos de educação. FONTE: SAVIANI, Dermeval et al. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143, 2009.

*meninos, eles tinham que comportar de um jeito ou de outro. Aí depois desses dois anos que eu trabalhei lá no Colégio, inaugurou o Kenedy e eu fui nomeada e me mandaram para o Kennedy.*

Ainda que pareça algo tranquilo, a narrativa demonstra que era na verdade um imenso desafio, especialmente quando ela diz: *Substituir Jaziva não era fácil. Ainda mais eu que nunca tinha entrado nem pra substituir ninguém. Fiquei DOIDINHA!* A estratégia inicial, o primeiro apoio para dar aulas foi o caderno de plano entregue com a seguinte aconselhamento: *Segue isso aí.* E rindo ela diz: *Até que deu quatro horas pra mim vim embora!*

Professora Flor selecionou outros momentos que marcam a entrada na carreira e relembra que na mesma hora que foi convidada para dar aula e aceitou já foi para a sala para começar a lecionar: *Pensei que eu fosse chegar lá, né, ele fosse falar pra mim, não, que eu ia pegar a turma, coisa e tal e começasse pelo menos no outro dia. (Risos) Não! Foi no dia! Na hora! (Risos) Trinta alunos! Dos mais encapetados! (...) tinha mais uns lá que Deus me livre. Aí eu toquei o bonde. Vamos embora!*

Ela, como as demais entrevistadas, cita a Professora Maria da Conceição Porto como professora marcante: *No Ginásio foi a Maria Conceição. Eu tive, eu tive a Dona Maria como professora de Português por sete anos. Muito boa! Dava mesmo uma bagagem muito boa para o aluno. E ela exigia!* Neste ponto da entrevista noto a presença das palavras que remetem à disciplina, exigência, rigor e perguntei como era essa exigência e ela explicou: *Era você estudar em casa, você chegava lá ela arguia, sabe?* E sobre a disciplina na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel ela diz: *Era rígido lá. A disciplina lá era muito rígida. Menino tinha que comportar!*

Ao se referir sobre as aulas de Línguas no Ginásio Dom Emanuel, Professora Flor diz: *No Ginásio eu tive Latim, Francês e Inglês. O Inglês com as, com os Frades. Frei Thiago. Ele me deu Inglês no Ginásio quase todo.* Perguntei a ela se aprendia o Inglês nessas aulas, ela respondeu: *Aprendia! O dia que eu fiz a prova lá do CESUC, lá do vestibular, eu fiz a prova de Inglês. Eu lembrei muita coisa. Não podia era zerar, né? E eu respondi muita coisa. Ajudou!*

E sobre o Latim: *Latim foi só, só uma matéria difícil que te dava muita dor de cabeça. Geralmente, os professores de Latim eram bravos: Frei Atrhur, foi Frei Arthur.* Professora Flor considera que o Latim ajudou a compreender a Língua Portuguesa e pelo fato dos Frades dominarem muito esse idioma, poderia ter aproveitado mais. Sobre Grêmio Literário Stela Maris, Professora Flor diz que ela participava, mas, por ser muito reservada, não fazia parte das apresentações.

Assim como nas histórias de vida das outras professoras, a meninice da Professora Flor foi marcada pelas brincadeiras na roça e também pelo esforço dos pais para prover a educação

dos filhos. Professora Flor descreve o pai com admiração e diz que: *Ele tinha uma serraria. Ele tinha caminhão. E era uma pessoa muito alegre. Não era de bater nos meninos. Ele contratava professor para dar aula na fazenda.*

Flor relembra os tempos de mestre-escola<sup>17</sup> na fazenda na qual moravam e diz que apenas os irmãos mais velhos estudaram na escola da Zona Rural.

A mãe de Flor morreu aos 50 anos de idade e o pai morreu muitos anos após, aos 85 anos. Após a morte da mãe a companhia dos livros era a defesa contra o medo de estar só: *Ainda outro dia eu estava pensando, eu estava aqui em casa sozinha e pensando assim que quando a minha mãe morreu eu ficava sozinha em casa, assim, na parte da tarde, porque minha irmã lecionava, meu pai trabalhava, ia pra fazenda, os meninos também cada um tinha uma coisa pra fazer, ou então, os menores estavam pra escola e eu ficava aqui sozinha. O que que eu fazia? Eu pegava o livro pra estudar e sentava ali na porta daquela casa ali, (...). E ficava lá a tarde inteira, até eles voltarem pra casa.* Rubem Alves (2016, p. 32-33), em seu livro: *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, também destaca os medos comuns na infância, que assim como os de Professora Flor ficaram registrados no álbum dos tempos da meninice: “Eu poderia colocar fantasias de infância em álbuns diferentes, como se fossem fotografias. Fantasias dos pequenos espaços (a cabaninha, a casa no alto da árvore), as fantasias dos grandes espaços (os campos, os jardins), as fantasias da noite com seus terrores...”

A medida que as professoras foram narrando suas histórias de vida me identifiquei com muitas situações. Coadunando com as reflexões de Halbwachs (2006) e Ecléa Bosi (1994) sobre memória coletiva, as narrativas das professoras me fizeram perceber que de fato muitas memórias individuais são possíveis somente quando lembradas coletivamente. As narrativas das professoras me fizeram perceber que de fato muitas memórias individuais são possíveis somente quando lembradas coletivamente. A narrativa da Professora Flor sobre recorrer aos livros para espantar o medo de ficar só, iluminou um cantinho da minha memória, que certamente eu não me recordaria sozinha. Eu também ficava sem meus pais! Meu pai saía para trabalhar e minha mãe para estudar e eu ficava com a responsabilidade de cuidar dos meus dois irmãos, eles com menos de dez anos e eu com onze. O medo era inevitável, especialmente à noite, e para espanta-lo eu fazia igualzinho à Professora Flor narrou: Pegava um livro e lia para meus irmãozinhos na calçada da Escola Paroquial Santa Maria Goretti que ficava próxima à minha casa. Fui tomada por forte emoção ao relembrar isso a partir das memórias da Professora Flor.

---

<sup>17</sup> Segundo Inácio (2005) o mestre-escola podia morar por perto ou ficar a semana inteira na casa de alunos indo embora para casa apenas no final de semana. Alguns moraram na casa de alunos por muito tempo.

**Figura 7** Vista da parte de trás da Escola Paroquial Santa Maria Goretti que fica de frente para a casa que eu morava.



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Como aluna, Flor lembra do primeiro dia de aula na Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *Fui e voltei uns três dias chorando pra trás e não fiquei na Escola (risos)*. A irmã dela a levava para escola e tinha que ficar lá fora até a Professora Flor se acostumar com a ideia de estudar, já que quando morava na fazenda, por não ter idade, não chegou a frequentar a escola que o pai mantinha para os filhos e alunos de toda a vizinhança. Do Ensino Primário ela também recordou que usava tranças no cabelo com as quais os colegas gostavam de brincar imitando rédeas de cavalo, mas ela acatava a brincadeira com bom humor.

Dos materiais escolares, ela lembra especialmente dos livros. Havia um para cada disciplina: Português, Inglês, Matemática e até Francês, Latim e Canto. As aulas de Línguas aconteciam no Ensino Ginásial: *Na primeira e segunda tinha Latim e Francês, na terceira e na quarta já tinha o Inglês*.

Sobre tempos de estudante, a Professora Flor conclui que, apesar de os primeiros dias não terem sido fáceis, foram de boas lembranças. Ela diz que Frades e Irmãs agiam com muito rigor com relação ao comportamento, mas, que ela era uma aluna que não dava trabalho, a convivência com eles era muito boa. Nunca precisou dos famosos castigos escolares. Mas, em casa a mãe era brava e batia: *Minha mãe batia! Mas, também, com aquela filharada, né? Tinha que bater (Risos)*. *Minha mãe era, calma, assim, até calma, perto desse tanto de menino. (Risos)*

As brincadeiras da infância são lembradas com gosto pela Professora Flor. Ela disse que brincou de boneca até quase quinze anos. Gostava de brincar no córrego e apesar de morar na fazenda naquela fase da vida, não gostava de andar a cavalo. *Tinha as bonecas, comprava, meu pai comprava, assim, brinquedos pra gente.* Segundo ela, tinha carrinho para os meninos, mas brincavam todos juntos, irmãos e primos. Concluiu que foi uma infância muito boa. Diz Flor que nunca passaram falta de nada, e a memória da fartura, traz à tona, mais uma vez, a forte presença das vias férreas no município goiandirense: *Lá na roça você já viu, né? Meu pai, a gente teve conhecimento já com guaraná, ele comprava aqueles sacos assim, ele comprava maçã, a gente comia de tudo, uva passas. Aquelas latas de bolacha bonitas. Mas, aquilo a minha mãe não deixava comer à vontade não. Ela dividia, né? Na hora do lanche ela dava para cada um. Ele trazia de Araguari. Teve uma época que ele adoeceu, ele fez um tratamento em São Paulo, aí ele vinha do médico e trazia.* Imaginando a predominância das viagens por linhas férreas, perguntei para Professora Flor qual transporte o pai utilizava para ir à Araguari e à São Paulo, ela confirmou: *Trem.*

Flor finalizou a entrevista dizendo, espontaneamente, que toda sua escolarização foi particular, que o Ensino Primário e Ginásial o pai pagou, e que durante o Curso Normal, ela já trabalhava como professora e pagava a escola: *Primário, Ginásio e Magistério, tudo eu paguei. Eu nunca estudei de graça, por conta do governo.*

Depois da experiência como docente na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, Flor prestou concurso e aposentou-se como professora da Rede Estadual de Educação.

Ao final da entrevista penso em Candau (2014, p. 74), na ideia de que “todo aquele que recorda doméstica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante de identidade”. Despedi-me da Professora Flor e deixamos a segunda entrevista previamente combinada.

#### **1.2.4 - Professora Cantora<sup>18</sup>**

Liguei para Professora Cantora durante o final de semana da Páscoa e não a encontrei em casa. Liguei durante a semana seguinte e tive o prazer de encontrá-la. Ela me atendeu com muita disposição, muito entusiasmo, muita generosidade, demonstrando prazer em contribuir com a pesquisa. Combinamos de nos encontrar de acordo com a disponibilidade dela. Como ela estava com visitas naquela semana, combinamos de encontrarmos no sábado, dia 02 de abril,

---

<sup>18</sup> . Essa entrevista possui 110'22" de áudio e encontra-se transcrita na íntegra com 66 páginas.

às 15:00, na casa dela, em Goiandira.

A Professora Cantora, tem três filhas casadas. É viúva e mora sozinha, numa casa de quintal com árvores frutíferas, que ela contou com satisfação, que muitas espécies nasceram lá sem serem plantadas por ela. Nasceram! E que naquele dia ela tinha apanhado e saboreado as três primeiras mangas. Além do pé de manga, há uma jabuticabeira e um pé de ameixas amarelas, comuns nos quintais goiandirenses, o que demonstra ser a terra branca boa para pomares.

Falamos outra vez sobre a cartilha Sodré que ela havia me mostrado na primeira vez que a procurei para saber se ela disporia a participar da pesquisa. Naquela ocasião ela pegou a cartilha, encapada e guardada em lugar especial, com empolgação, abriu, folheou e me deixou encabulada ao contar os detalhes de várias lições que ela guarda na memória. Ao mostrar uma das páginas da cartilha contando sobre um furinho na figura da macaca, na página dedicada aos estudos da letra M, lembrou do irmão, que também foi aluno na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, do Ginásio Dom Emanuel, que se tornou médico e relatou que o mesmo faleceu recentemente.

Na despedida a Professora Cantora me emprestou a Cartilha Sodré para ser digitalizada. Cartilha que ela e o irmão estudaram. Ao entregar a cartilha em minhas mãos ela disse com muita emoção: *Isso é uma relíquia!*

**Figura 8** Cartilha Sodré



Fonte: arquivo pessoal da autora

Além da Professora Cantora, a Professora Artista também mencionou a utilização da Cartilha Sodré quando Madre Rosalima a convidou para ser professora, dizendo que a Madre deu a ela a Cartilha e a orientou sobre como proceder nos primeiros momentos como professora:

*Ensinava, ensinava! Ela ia lá e ensinava. Orientou. Orientou. Naquela Cartilha Sodré. Na Cartilha Sodré. Virou a página: Vamos aprender o a! Ai vamos embora.*

Como nas demais entrevistas, também essa narrativa se inicia pela infância, família e escolarização. E Cantora começou dizendo que era sobre a infância o que ela mais tinha para contar, porque considera que a infância foi boa demais!

Josso (2004, p. 43) diz que: “Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”.

Quando a Professora Cantora traduziu seus tempos de criança com a satisfação estampada no olhar, lembrei do que Rubem Alves (2016, p.32) diz no seu livro, *Se eu pudesse viver minha vida novamente*: “As fantasias da infância são as memórias transfiguradas pela saudade”.

Com entusiasmo e um português bem pronunciado, que chama minha atenção por caracterizar em minha memória as professoras de outrora, ela narra seu nascimento, que traz mais uma vez, para minha reflexão, nesta quarta entrevista, a via férrea como acentuada presença, permeando as histórias de vida, do nascimento ao dia a dia, da individualidade ao estabelecimento de costumes rurais e urbanos: *Eu nasci aqui em Goiandira mesmo, né? Em Goiandira mesmo. Sou goiandireense! A minha mãe quase que me pariu dentro dum trem (Risos). De pé! (Risos). Estava vindo da fazenda porque ela não dava à luz. Então, o médico tinha mandado ela para Araguari. Mas, ela perdeu o trem, que ia para Araguari, o trem de ferro. Então, ficou aqui em Goiandira. Então, eu nasci aqui em Goiandira. Quase que eu nasço na estrada. Mas, nasci aqui e fui criada na roça até seis anos.*

A Professora Cantora disse que, por causa de uma doença do irmão, a família veio morar em Goiandira, já que outros dois irmãos haviam falecido na infância, um logo após o parto e outro de meningite. Das perdas de um dos irmãozinhos Professora Cantora recordou que: *Eu era muito pequena, então eu não manjava muita coisa, o que estava passando. Eu sei que eu procurava ele debaixo da cama. Teve velório, mas eu não lembro, na minha cabeça eu não lembro do velório. Era muito criança. Eu tinha uns 3 anos e pouco quando ele faleceu. Diz a mamãe que eu procurava o neném debaixo da cama, ia na dispensa, ia no curral, procurando o neném, olhava para o céu e falava: o neném tá lá no céu fazendo tchau ‘pa mim’.*

Ao ouvir Professora Cantora contar essa história com tanta emoção lembrei das reflexões de Halbwachs (2006) sobre memórias que segundo esse autor só temos porque alguém nos conta. Assim, Halbwachs (idem, p. 149), assinala que certas memórias da infância precisam ser contadas pelos adultos, não fosse assim, não seriam possíveis: “Sem sair da

família, a memória do pai e da mãe os transporta ao tempo que seguiu seu casamento, explora uma região do passado que as crianças só conhecem de ouvir dizer – estas não têm lembrança de um tempo em que ainda não haviam despertado para a consciência no ambiente de seus pais”.

A cidade para esta família estava ligada a melhores condições de saúde. Até então a educação estava em destaque nas outras entrevistas. Mas não demora e essa dimensão aparece quando Cantora diz: *Aí, já chegou ao ponto de eu estudar, porque entrava na escola era com sete anos, né? Aí eu entrei com sete anos na escola. Hoje ainda peguei minha primeira cartilha, meu primeiro livro, que está todo comido de traça, mas, tem ainda, o livro. Eu te mostrei.*

Em todas as entrevistas o investimento dos pais na Educação dos filhos chama muito a atenção. O ponto de estudar, era o ponto de procurar uma escola, no caso de outras entrevistadas, era o ponto de mudar da fazenda para a cidade, era o ponto de vislumbrar o futuro. Um perfil familiar que se assemelha aos observados nas outras entrevistas, um perfil marcado pelo trabalho, pela composição conservadora do núcleo familiar, pela religiosidade católica, pela valorização da educação como caminho para a prosperidade, para um futuro melhor do que o dos pais, maioria sem escolaridade.

Já o pai da Professora Cantora, além de ter estudado, foi professor: *Meu pai, eu acho que meu pai foi uma pessoa assim de uma previsão muito grande para o futuro. Porque naquela época podia contar no dedo quem estudava, Walkíria. Meu pai incentivou. Pagava escola particular em Catalão pra mim. Eu ficava em pensionato pago. Nossa, eu tive esse privilégio. Meu pai foi uma pessoa de muita visão. Muita visão. Mas, meu pai era um homem culto também. Ele era pessoa assim, ele estudou, ele foi professor na roça.*

As lembranças da escola ganham cores e nostalgia: *Estudei lá no Colégio, né? Brinquei demais da conta. Brinquei demais. É como eu te falei no início: a infância foi ma-ra-vi-lho-sa! Tive uns pais maravilhosos. Presentes. Eram os pais, assim, mais, assim, ariscos, um pouco ariscos, mais fechados, né? Mas, eram pais que davam testemunhos. Viviam! Super religiosos. Católicos praticantes. Meu pai da Liga Católica, minha mãe do apostolado, eu filha de Maria, primeiro era Benjamim, quando era pequenininha era Benjamim, usava uma fitinha cor rosa, depois filha de Maria, fita azul.*

Conforme diz a professora Cantora, para uma família católica *era uma honra estudar na escola das freiras americanas*. Nomes são ditos com devoção quando ela conta: *Estudei na Escola Paroquial, das freiras americanas. Madre Celestina que era diretora, ainda é viva, até hoje lá em Anápolis, era diretora. Tinha Irmã Lurdes, Irmã, ah! Muitas freiras.* As lembranças

do Ensino Primário e das freiras americanas são ternas: *Engraçado! As americanas, elas traziam muita coisa dos Estados Unidos, até o perfume delas eu tenho saudade. Ficou na memória! O perfuminho, que não sei se é o sabonete que elas lavavam as mãos, não sei!*

A Professora Cantora avança na narrativa sobre sua escolarização e neste ponto me direciono a Chaul (2010) que auxilia a compreender a formação da elite goiana: homens médicos, mulheres professoras. *Então fui educada só em colégio de freira mesmo. Até o Segundo Grau. É. Até o Segundo Grau. Porque eu fiz de 1º ao 8º, que era o Ginásial, o quarto ano ginásial, eu fiz aqui, no Colégio aqui, na Escola Paroquial e depois Dom Emanuel, no Ginásio Dom Emanuel, né? Aí, depois aqui não tinha o Segundo Grau, aí eu fui pra Catalão, para o Colégio Mãe de Deus. Tinha que fazer Normal, uma moça tinha que fazer Normal ou senão tinha que ficar em casa.*

Professora Cantora é a única entrevistada que relatou ter desde a infância o sonho de ser professora, portanto, ela fez o curso Normal com o objetivo de prosseguir na carreira, mas essa não era a realidade para a maioria das mulheres que procuravam esse curso, conforme nos aponta os estudos de Inácio (2005). Assinala a mesma autora que, em Goiás, para assumir uma sala de aula era exigido por Lei que se tivesse curso Normal, no entanto, a pouca oferta de escolas com esse curso dificultava seu cumprimento. Canezin e Loureiro (1994) explicam o interesse das elites em formar filhas professoras:

A Escola Normal era procurada mais por uma pequena elite que ambicionava uma formação que possibilitasse encontrar um “bom partido” para o casamento de suas filhas. Não havia o interesse genuíno de compor o quadro docente do ensino goiano. Décadas mais tarde é que o curso normal passou a representar espaço mais adequado de preparação para a “formação da mulher para ser mãe de família e, ao mesmo tempo, uma via de entrada no mercado de trabalho” (INÁCIO, 2005, p. 95-96, apud. CANEZIM E LOUREIRO, 1994, p. 135. Grifos do autor)

Em Catalão ela também cursou contabilidade no Colégio Wagner Stelita Campos, conhecida como Escola do Comércio, mas, diz não levar esse curso em consideração porque não gostava, gostava era do curso Normal que concluiu no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, das Irmãs Agostinianas, onde ela diz que até pregar botão em roupas era ensinado neste curso. Disse também que, para ser professora ou para ser dona de casa, naquela época mulher deveria fazer o curso Normal: *Esperar para casar. Aprender a costurar. Fazer enxoval, bordadinho mesmo, na mão, aprender a cozinhar, aprender a fazer sabão ou você ia estudar para trabalhar fora. Eu optei pela segunda, né? Estudar para trabalhar fora. (Risos). Mas depois, acabou que trabalhei fora e depois fui trabalhar em casa. (Risos). Tá pesado para as mulheres, né? Jornada dupla.*

Enveredando na questão de gênero imposta como ponto de reflexão ou pelo menos registro, questiono se ela teria a mesma oportunidade que o irmão teve de estudar Medicina ou de fazer um outro curso que não fosse o Normal e ela respondeu enfaticamente: *Nem! Área de saúde não. Não tenho dom para a área da saúde. Nas letras. É convivência. Social. Gostava de conviver. E gosto. E gosto. É. Gosto de conviver. Ultimamente estou assim mais fechada. Vai acontecendo tanta coisa, né? Você vai ficando mais velha, também, vai fechando um pouco.*

Do primeiro dia de aula Cantora diz: *Não. Não lembro não. Eu lembro assim de mães que tinham que ficar na escola, porque os meninos choravam. Crianças que choravam iguais à Professora Flor. E lembrou de uma dessas mães que teve que acompanhar a filha na sala de aula: Ela estava viúva recente, de roupa preta, ai credo, lá atrás, fazendo crochê ou tricô, não sei.*

Professora Cantora gostava muito de estudar e afirma que tinha que ser a primeira aluna da turma: *Tinha uma lição lá que tinha um D maiúsculo e um pontinho. Quer dizer Dona, né? A Cartilha, tem até ali na cartilha essa página: Dona Quequé. Acho que estava ensinando era o QUE do queijo, o QUE do leque, sei lá. E minha colega, a sabereta disse: “eu sei o que que é isso aí: um D maiúsculo e um ponto”. “O que que é? ” A Dona Aparecida, minha primeira professora, linda de morrer, linda, perguntou pra ela o que que era, né? Ela falou assim: “é dona”. Eu fiquei com uma raiva daquilo. Eu falei, mas, que disgrama dessa menina saber e eu não estava sabendo (Risos). Eu era um pouco egoísta. Eu não gostava que ninguém passava na minha frente. E repetiu: Eu não gostava de ninguém passar na minha frente.*

Sobre a Professora Dona Aparecida, Cantora mencionou que foi a primeira professora que ela teve e que foi seu primeiro encantamento com a docência: *Aparecidinha Martins. Não sei nem se ela é viva. Mas, ela era linda! Bonita mesmo. Perfil, físico bonito. Eu perguntei: E como professora o que que ela te lembra? Uai, não sei. Voz meiga demais!*

Com essa inspiração de rememorar as características da primeira professora, perguntei sobre o convite para lecionar: *Enquanto eu estava fazendo o ginásio aqui, o quarto ano ginásial eu fui convidada para dar aula. Olha, isso eu tinha o que? Uns quinze anos, 16 não sei. Me puseram numa sala de alfabetização, a Irmã Rosalima que era uma fera. Deus me livre! Nossa Senhora! E me pôs nessa sala. E essa freira trancava, ficava trancada lá, trancada não, assim, como que é, amarrada, bem dizer, numa carteira lá atrás, assistindo minha aula. E eu lá, aquele granzepim, fininha, magrinha. Claro que para quem na infância emburrava se não fosse a professora na brincadeira de escolinha, ser convidada para ser professora numa escola de verdade era o sonho de vida.*

Perguntei o que ela pensou ou sentiu quando foi convidada para ser professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, conjecturei se era por ser boa aluna e ela respondeu: *Ôh Walkíria, eu não tinha vaidade, eu era uma menina muito simples, muito humilde, assim, não humilde no sentido material não, porque meu pai me dava tudo o que eu queria, o que podia, o que eu queria, o que ele podia dar ele dava. Eu fui uma menina, assim, privilegiada pela época. Eu e o meu irmão, nós fomos privilegiados.* E resumiu o sentimento que teve ao ser convidada para ser professora, ainda tão jovem: *Fiquei feliz!* Disse que sentiu bem com o convite para ser professora e que pensava nessa profissão desde a infância: *Eu sei que nas brincadeiras era eu a professora, senão eu emburrava (Risos).* E assim descreve sua primeira experiência na docência: *Primeira experiência. Estudando. Fazendo a quarta série ginásial cedo e dando aula depois do almoço, para alfabetização. Aí fiquei. Aí, depois é que eu fui pra Catalão, fazer o Normal, em Catalão.*

O ingresso na carreira, a formação e outro curso trazem consigo um aceleramento das rotinas, da vida. *Fui pra Catalão fazer o Normal. Normal 3 anos, Contabilidade 3 anos, paralelo os dois. Voltei para Goiandira. Voltei, a Freira tornou a me chamar, hora que eu terminei o curso Normal, cheguei de Catalão, tornou a me chamar.* Tendo concluído o Curso Normal, a Professora Cantora lecionou mais seis meses na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, depois foi nomeada para trabalhar na Rede Pública Estadual de Educação, em 1966, através de concurso. Mas, continuou trabalhando *na escola das freiras até casar* e lembra que nessa época já recebia do Governo do Estado porque a Escola Paroquial Santa Maria Goretti passou a ser escola conveniada.

O motivo da saída da Professora Cantora da escola da Ordem Franciscana me surpreende: *Aí, fiquei lá. Fiquei até, certeza, até 70. Aí, casei, minha filha, eles não aceitavam professora casada, porque era uma dedicação quase que total, né? Não aceitava mulher casada, tive que largar. Fui lá para o Amélia de Castro.*

O conservadorismo em relação às mulheres aparece novamente quando ela narra episódios de cerceamento, de proibição em buscar no canto profissão: *Eu Cantava! Cantava bem. Ia para os programas de auditório, lá quando tinha Grêmio, né, tinha o Grêmio Estudantil aqui em Goiandira. Tinha o Programa de Calouro nos domingos lá embaixo. Perguntei onde acontecia o Programa de Calouro e ela disse que era no antigo cinema. Mulher cantora. Parece que era mulher à toa que ia virar cantora. Aí se não era ia virar. É. Era desse jeito mesmo. (Risos) É. Se não era ia virar, na cabeça deles. (Risos)* E eu perguntei: *Aí a senhora teve que por um fim nesse sonho? (Risos). Um fim! Pus uma pedra em cima. (Risos). Aí fiquei*

*professora, tá bom!* Disse a ela, como um consolo, que na escola ela podia cantar com os alunos e ela: *Ah!!! Mas, eu cantava demais da conta! (Risos). Eu cantava com meus alunos.*

A Professora Cantora, além de cantar, fazia programa de rádio: *Fazia programa no Rádio, de catequese.* Fiquei impressionada com todo esse movimento, não só da história de vida da Professora Cantora, como da cidade de Goiandira, naquela época: *Tinha programa na Rádio, de catequese! Uai, esse programa era diálogo, eu com alguma outra pessoa dialogando sobre algum texto da Igreja. Naquela época, porque naquela época ainda estava, o Concílio Vaticano II estava em andamento. Ainda peguei a época das Missas em Latim, peguei isso tudo ainda, confissão nos confessionários, véu na cabeça para comungar, jejum de 3 horas para comungar.* Segundo a Professora Cantora, quem dividia o programa de rádio com ela era: *A irmã, era freira que fazia o programa, era freira da Escola.*

Professora Cantora contou que a Rádio se chamava Rádio Educadora e ficava no Centro da cidade. Ela cantava: *Música da época. Sucesso. Dalva de Oliveira, como que é, Dalva de Oliveira, o que mais na época, Ângela Maria. Eu ensaiava quadrilha com esse povo da Goiandira, com a meninada, de trinta e tantos pares, eu fui muito atuante na Igreja, na sociedade. Hoje estou esse, aí, mas, ah, fiz uma parte grande.*

Ela fala com ênfase que amava os eventos do Grêmio Literário Stela Maris, realizados pelos frades e irmãs franciscanas no Ginásio Dom Emanuel. Entre as músicas que ela cantava nas apresentações da escola ela se recordou da conhecida Boneca Cobiçada, que cantava com um colega. Para a conduta exigida das mulheres naquele período da história, o Grêmio era o lugar da arte permitida, da expressão sadia possível às moças de família. Ali ela podia cantar!

O Grêmio Literário foi revivido com alegria e saudade pela Professora Cantora como foi por todas as demais. Naquele espaço ela cantava, bailava, dramatizava, declamava. Em seu dizer entusiasmado: *As poesias! Declamava! Declamava! Nossa! Tinha uma poesia linda, mas, eu não sei mais. Tinha uma da flor do maracujá que eu declamava muito bem, mas eu não me lembro mais. Nem! É. Eu sei que. Ah! Como é que é. Mara, Ma, Maracujá já foi, assim, é do Catulo da Paixão Cearense<sup>19</sup>,* ela recordou com muita alegria e declamou como se estivesse no palco do auditório da Escola Paroquial, com uma bela impostação de voz:

Maracujá já foi branco

---

<sup>19</sup> O acervo do Jornal O Globo, publicado em 09 de maio de 2016, na seção Cultura, traz o seguinte slogan: Catulo da Paixão Cearense, músico e poeta encanta milhões e 5 presidentes. Autor de ‘Luar do sertão’, artista, que morreu há 70 anos, foi estivador, estudioso do francês e boêmio incentivador da cultura popular, da literatura de cordel às modinhas. Matéria completa está disponível em A poesia nossa de cada dia. <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/catulo-da-paixao-cearense-musico-poeta-encanta-multidoes-5-presidentes-19265950#ixzz4HwD5G0cO>

Eu posso inté lhe jurar  
 Mais branca do que a coalhada  
 Mais branca do que o luar.

Segundo as professoras, o Grêmio tinha como um dos objetivos despertar nos alunos a capacidade de falar em público. A Professora Cantora não só lembrou com muita saudade dessas atividades, como também declamou poesias que ela decorava para as apresentações: *São poesias lindas, assim, bem regional. Essa falava tudo errado, sabe? Assim, errado assim para nós, né? Uma linguagem assim, mais assim, mas, era de muito conteúdo para o sertanejo, né, para a pessoa lá do sertão, porque Catulo da Paixão Cearense ele era sertanejo, né, nordestino. Aí tinha também uma da quermesse:*

Foi um dia de quermesse  
 Depois de rezar três prece  
 Pra que o Santo me ajudava  
 Deus quis que nós se encontrava  
 Deus quis que nós se beijava

*Não. Deus quis que nós. Ah! Eu sei que Deus quis que nós se amava. Mas, eu não sei mais.* Perguntei para a Professora de quem era a poesia sobre a quermesse, ela disse que é de Olegário Mariano<sup>20</sup>. Relembrando poesias, percebo que em espaços articulados, sociedade-escola-igreja, o catolicismo se fortalecia: *E tinha também, tinha uma das Três coroas, essa era linda, linda. A gente recitava na coroação de Nossa Senhora, no mês de maio.* Cantora disse com voz melodiosa: *Eu coroei Nossa Senhora muitas vezes. Eu fui anjo muitas vezes. E minha mãe tinha assim muita, assim muito gosto em arrumar a gente para participar das coisas. Hoje você vê a má vontade que tem muitas mães, né? Se depender de gastar. Só escola particular que às vezes isso aí é mais desenvolvido, mas, na escola pública devido também, né, a condições financeiras, as mães não ajudam muito nisso aí, depende tudo de ajuda, de ser custeado, porque não tem condição, né. Muito devota, né. Eu coroei Nossa Senhora várias vezes. Uma vez eu fui coroar Nossa Senhora de sarampo. Fui uma boa aluna e uma boa filha, isso eu considero. Uma boa aluna e uma boa filha. Eu gostava muito de ler. Eu lia livros assim, livros atrás um do outro.*

---

<sup>20</sup> Olegário Mariano Carneiro da Cunha nasceu na cidade de Recife, Pernambuco, a 24 de março de 1889. Faleceu no Rio de Janeiro a 28 de novembro de 1958. Membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou: *Gelus*, edição do autor, 1911; *Sonetos*, edição do autor, 1912; *Evangelho da sombra e do silêncio*, edição do autor, 1912; *Água corrente*, Editora Pimenta de Melo & Cia., 1918; *Últimas cigarras*, Editora Pimenta de Melo & Cia., 1920; (...) *O enamorado da vida*, Editora Guanabara, 1937; *Da cadeira 21*, Editora A Noite, 1938; *Quando vem baixando o crepúsculo*, Livraria José Olympio, 1945; *A vida que já vivi*, Portugália, Lisboa, 1945; *Cantigas de encurtar caminho*, Livraria José Olympio Editora, 1949; *Tangará conta histórias*, Editora Melhoramentos, 1953; *Correio sentimental*, Livros de Portugal; *Toda uma vida de poesia*, 2 volumes, Livraria José Olympio Editora, 1957. Informação disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/om.html#kremme>

A Professora Cantora, não só gostava de declamar, também gostava de escrever poesia. Até que belo dia na escola escreveu uma poesia em homenagem à inauguração de Brasília, nova capital brasileira e foi desapontada por um comentário da professora. Tal desilusão, a partir da crítica malfazeja, lhe causou um bloqueio tão sério, conforme ela contou na sua narrativa de vida, que ela nunca mais conseguiu escrever.

Nem tudo na história de vida é saudade!

Analisando e avaliando a própria conduta enquanto docente, Cantora fez a seguinte reflexão: *Eu fiz o que eu pude! Você sabe, Walkíria, que eu peço muito perdão a Deus pelas coisas de errado que eu fiz e pelas que eu deixei de fazer por omissão. Eu penso: Meu Deus, quantas vezes eu machuquei, às vezes, um aluno na sala sem perceber. Às vezes falando que não estava bem, mas, sem direcionar, né. Eu tenho isso comigo. E desabafou sobre a semente abortada, o gosto por escrever poesias: Porque eu fui podada! Eu fui podada! Eu escrevia poesias quando era aluna. Alguém falou: “Não, tá muito errado suas poesias, você precisa melhorar demais”. ACABOU. Eu nunca mais escrevi. Eu só não vou falar o nome da professora, mas, ACABOU. É. Isso aí! Isso aí! Foi. Eu escrevi, eu lembro direitinho, foi na inauguração de Brasília, foi em 62, parece que foi a inaugurado Brasília, 60, 60 né, acho que foi 60, 60, naquela época parece que eu estava cursando não sei se era 6ª série, 5ª, 2º do Ginásio, né, 1º ano ginásial ou 2º. Eu fiz uma poesia de uns quatro versos, estrofes, versos, né, estrofes, de 4 estrofes, né, você está entendendo o que eu quero falar, né? Aí a professora olhou, pois fez uma crítica assim, que num, que me derrotou daquilo ali.*

Já sobre a leitura a narrativa chega com memórias positivas: *Eu gostava muito de ler. Eu lia livros assim, livros atrás um do outro. Ela gostava de ler Literatura Brasileira, mas lembrou, esboçando carinho e saudades no tom de voz, de uma coleção de livros da Biblioteca da escola franciscana: Tinha uma Coleção Primavera na Biblioteca da Escola das Irmãs. Tinha Biblioteca lá, né, aí a gente frequentava a Biblioteca. Mas, eu lia muita coisa. Era assim, essa Coleção Primavera parece que era mais para adolescentes mesmo. Tinha uns livros tão bonitinhos, que gracinha, os Romances, era Romance. Em Língua Portuguesa. Agora os autores eu não sei. Eu gostava assim, quando era maior, eu gostava muito de ler Jorge Amado, Capitães de Areia, Mar Morto, isso tudo eu li, umas três vezes. Tudo na Biblioteca. Agora esses tempos atrás eu peguei, o Mar, Capitães de Areia ou Mar Morto, eu peguei ali na Biblioteca, ali óh, Biblioteca Pública Municipal, para reler.*

Perguntei sobre a possibilidade de ela voltar a escrever poesia, já que a arte de escrever é individual, é íntima, e que agora não haveria mais quem proliferasse críticas iguais às que lhe causaram desgostos, ela respondeu com embargo na voz: *Não. Não. Eu não quis mais não.*

Depois brincou sobre a possibilidade de fazer da escrita de poesias um hobby, riu, mas o riso foi seguido de silêncio e das tristes lembranças desse episódio na história da vida escolar: *Mas eu fiquei assim. Sem conseguir definir a mágoa, tentou um consolo: Talvez não era isso também, né, talvez não era meu dom também, né?*

Há modelos e modelos de professor. Há modelos para ser inspiração e há modelo de como não se pretende ser. Professora Cantora disse que se perguntou: *Será que eu fiz isso com algum aluno?* Para Tardif (2014, p. 67), “Ao evocar qualidades desejáveis ou indesejáveis que quer encarnar ou evitar como professor, ele se lembrará da personalidade marcante de uma professora do quinto ano, de uma injustiça pessoal vivida na pré-escola (...)”.

Sobre a Educação Física Professora Cantora diz que não era muito ligada a esportes, mas reforça a fala da Professora Flor ao explicitar que o vôlei e o basquete tinham forte presença na escola por serem esportes muito praticados por americanos: *Era mais era vôlei. Porque os americanos gostam mais de vôlei e basquete. E assim alguma ginástica, né? O Frei Estêvão, era o Frei Estevão e Frei João Sullivan, até foi o que me casou, eles eram jogadores de basquete. Mas, assim, jogavam bem demais. Então, aqui tinha uma turma antiga que jogava muito bem o basquete, por influência deles.*

Questionada sobre os eventos da escola a palavra moral aparece, ainda que em meio às lembranças de festejo e diversão: *Ah, não! Esse baile era bom demais! Era Brincadeira que falava. Hoje tem Brincadeira! Só que era assim, era tanta pureza, né, ninguém tinha maldade, ia lá para dançar mesmo, né, ia para dançar, ambiente bom. Agora hoje. Nossa Senhora! Foi muito bom, a gente soube aproveitar, porque, assim, né, a gente conduziu a vida dentro de uma ética, de uma moral, né.*

Segundo a Professora Cantora, para entrar para a escola os alunos se enfileiravam ao pé da escada, enquanto Frades e Irmãs ocupavam os degraus. Nesse momento, as vezes cantavam o hino Nacional, eram dados recados e observados o uso do uniforme completo. Se não estivesse de uniforme tinha que voltar em casa para vesti-lo. Se esquecesse a boina tinha que voltar para buscar. Professora Cantora contou sobre um sino de ferro que ficava próximo à porta de entrada, ao final da parte superior da escadaria: *A diretora ficava lá na escada a gente via, né. A gente acatava, a gente tinha respeito, né. Por sinal o povo brigava para bater esse sino. E elas deixavam bater o sino quem estudava, quem tinha bom comportamento é que batia o sino. Era um privilégio. E repetiu: Era um privilégio! Era uma recompensa bater o sino! Eu tinha vontade de ver esse sino. Eu não sei onde esse sino foi parar. O daqui era grande. Eu não sei onde foi parar esse sino. É coisa que não podia ter sumido.*

Sobre o convite e as experiências iniciais como docente disse Professora Cantora: *Enquanto eu estava fazendo o ginásio aqui, o quarto ano ginásial eu fui convidada para dar aula. Olha, isso eu tinha o que? Uns quinze anos, 16 não sei. Me puseram numa sala de alfabetização, a Irmã Rosalima que era uma fera. Perguntei: Era brava? (Risos) Cantora respondeu em tom afirmativo: Deus me livre! Nossa Senhora. E me pôs nessa sala. E essa freira trancava, ficava trancada lá, trancada não, assim, como que é, amarrada, bem dizer, numa carteira lá atrás, assistindo minha aula. E eu lá, aquele “granzepim”, fininha, magrinha. Não! (Risos). Primeira experiência. Estudando. Fazendo a quarta série ginásial cedo e dando aula depois do almoço, para alfabetização. Aí fiquei. Aí, depois é que eu fui pra Catalão, fazer o Normal, em Catalão. Isso foi no Ginásio. Um ano. Foi só um ano. Um ano que eu fiquei. Durante o quarto ano ginásial eu dei aula aqui na Escola Paroquial. Professora Cantora é a única entrevistada que diz ser sonho de infância a docência e falou com prazer: Foi um convite. Senti bem. Fiquei feliz!*

Concluiu sua narrativa naquele dia dizendo que gostava muito de estudar, que tinha que ser a primeira da sala. Emprestou-me para digitalização a Cartilha que ela e o irmão utilizaram no Ensino Primário na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Em silêncio, Professora Cantora, respira fundo no final da entrevista, arrepiada, emocionada, avalia tudo que contou e diz: *Nossa, como é bom lembrar o passado!* Nesse momento, mais uma vez meu pensamento foi remetido às palavras de Rubem Alves (2006, p. 32), como se fosse música: “A alma anda para trás, navega ao sabor do suave sopro da saudade”. E nós continuamos, juntos com as Meninas Professoras, na viagem para a Estação Passado!

### 1.2.5 - A Professora Artesã<sup>21</sup>

Escolhi FÁBULA<sup>22</sup> de Fernando Pessoa para iniciar o diário de campo dessa pesquisa. Ela é o que mais se aproxima da tradução de toda surpresa que essa narrativa me causou:

#### FÁBULA

Num fabulário ainda por encontrar será um dia lida esta fábula:  
A uma bordadora dum país longínquo foi encomendado pela sua rainha que bordasse, sobre seda ou cetim, entre folhas, uma rosa branca. A bordadora, como era muito jovem, foi procurar por toda a parte aquela rosa branca perfeitíssima, em cuja semelhança bordasse a sua. Mas sucedia que umas rosas eram menos belas do que lhe convinha, e que outras não eram brancas como deviam ser. Gastou dias sobre dias, chorosas horas, buscando a rosa que

<sup>21</sup> É o nome fictício dado à quinta entrevistada. Essa entrevista possui áudio com 69’25” e encontra-se transcrita na íntegra com 31 páginas.

<sup>22</sup> Disponível no site: Arquivo Pessoa. [arquivopessoa.net/textos/2128](http://arquivopessoa.net/textos/2128).

imitasse com seda, e, como nos países longínquos nunca deixa de haver pena de morte, ela sabia bem que, pelas leis dos contos como este, não podiam deixar de a matar se ela não bordasse a rosa branca.

Por fim, não tendo melhor remédio, bordou de memória a rosa que lhe haviam exigido. Depois de a bordar foi compará-la com as rosas brancas que existem realmente nas roseiras. Sucedeu que todas as rosas brancas se pareciam exactamente com a rosa que ela bordara, que cada uma delas era exactamente aquela.

Ela levou o trabalho ao palácio e é de supor que casasse com o príncipe.

No fabulário, onde vem, esta fábula não traz moralidade. Mesmo porque, na idade de ouro, as fábulas não tinham moralidade nenhuma.

Artesã mora em uma casa que parece de boneca. Logo trouxe seus bordados para eu ver. Borda sob encomenda, para a mesma cliente, há 40 anos. História que me remeteu à Fábula de Fernando Pessoa. Quando fui escolher a roupa para ir ao encontro da Professora Artesã, assim como para todas as outras entrevistas, pensei numa blusa que combinasse com o jeitinho dela. Parei de frente para o guarda-roupas, pensei, pensei, pensei e vesti uma blusa com bordados estilo richelieu e fui para Goiandira. Logo vi que, coincidentemente, os bordados que ela faz há quarenta anos são iguais aos da roupa que escolhi para ir entrevista-la.

Como em um fabulário, Professora Artesã começou a narrativa da história de vida dela dizendo que, além de bordadeira profissional, ela nasceu na fazenda, onde morou até os sete anos de idade antes de se mudar para Goiandira quando chegou o tempo de estudar. Artesã demonstra durante toda a entrevista ter adoração pela fazenda onde nasceu e passou parte da infância e que hoje pertence a ela e um dos filhos. Ela chama esse lugar, carinhosamente, de museuzinho, pois, lá conservam os móveis dos tempos da infância com os pais e os sete irmãos: *Nasci na fazenda. Município de Catalão. E nós temos lá tudo que era do meu pai. A cama que eu nasci, as coisas que meu pai brincava quando criança. A gente tem um museuzinho lá, né.*

Desses primeiros sete anos na fazenda, ela tem boas recordações, e, assim como na narrativa das demais entrevistadas, as memórias da infância parecem superar qualquer dificuldade que por ventura atravessaram o caminho.

Tecendo a história de vida com os fios coloridos de uma infância considerada feliz, a Professora Artesã fala com brilho no olhar sobre a meninice: *Muito bom. Muito bom. Nossa Senhora. A gente curtia demais, né, porque esse tanto de irmão, né? Não tinha telefone, não tinha whatsapp, (Risos), não tinha nada disso, né, então era só brincando, só brincando, brincando, brincando, brincando, debaixo dos pés de laranja, fazendo boizinhos e fazendo vaquinhas com as frutas, né, então era esse o tipo de brinquedo.* Sobre esse período da vida, há uma frase imortalizada por Mário Quintana: “Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância”. (QUINTANA, 2005, p. 825).

Sobre os pais e o questionamento se eles haviam estudado: *Eu acho que muito pouco. Mas, o conhecimento daquela época eu acho que vale muito hoje. Meu pai era quase que um veterinário. Ele conhecia tanto, mas, tanto de cuidar de gado de mexer com tudo, sabe, que todo mundo aqui na região buscava meu pai pra olhar. Ele estudou o que? Deve ter estudado um ou dois anos. Minha mãe estudou em Catalão.*

A figura materna é rememorada com ênfase no tom de voz: *Brava demais! Nossa Senhora! Ôh! Meu Deus do céu. Minha mãe era muito brava. Muito boa mãe. Muito dedicada, sabe? A gente andava assim parecendo uns bebelôzinho. Ia pra escola, os uniformes chegavam cheirar e tudo passado no ferro de brasa, né. Muito cuidadosa, mas, muito brava. Então, era muito brava, mas, foi bom. Batia! (Risos) HUUUUUUUUU, se batia! (Risos). Como batia, né. Começava a bater, e eu, (risos) porque que eu vou apanhar agora, né, eu não fiz nada? (Risos). Mas, apanha também! (Risos) É. Era desse tipo. Acho que ela ficava nervosa, porque meu pai ficava lá e ela aqui, né. E aí ia em cima dos filhos. Tem que ficar aqui para esses meninos estudarem, né?*

Já a menção ao pai é mais afetuosa: *Ah! Meu pai é um amor! Minha vida! Meu pai era assim: muito de não falar, só de olhar. Olhou, você já sabia, né? Tá certo, tá errado, pode continuar ou é hora de parar, né. Mas, nunca foi de bater, nem de pôr de castigo, de nada não, sabe. Minha mãe é que. Mas, também, ele ficava na fazenda, minha mãe aqui com a gente, ela é que tomava conta, né?*

Confirmo mais uma vez a ideia de que trabalho e Educação marcavam o destino de famílias dessa região. Além disso, como em outras narrativas, em especial a narrativa da Professora Artista, a figura paterna mais uma vez se manifesta com características que as filhas lhe atribuem de sabedoria e conhecimentos sem diploma, o que pode ter influências sobre o sim das meninas leigas para a docência e na disposição de mergulhar na oportunidade de conquistar uma formatura. Nas figuras maternas, em quase todas as entrevistas, ficou estampada a braveza disciplinadora, conjecturo se seria traço de amargura. Em tom de mais justificativa do que de concordância, a maioria das professoras atribui significado ao estilo de criação como uma braveza necessária.

Sobre o primeiro dia de aula Artesã contou que começou a estudar na Escola Estadual Amélia de Castro Lima, que na época era Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira. Depois o pai a matriculou na Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *Lembro. Minha primeira professora foi a Terezinha de Oliveira, irmã do Lázaro da Maria Antônia. Ela foi a minha primeira professora lá. Não foi muita diferença, assim, de escola não, porque o Amélia de Castro também era muito bom, muito bom, sabe, professores bem dedicados mesmo, era muito*

*bom*<sup>23</sup>. Mudou assim, porque o regime de americano é bem diferente, né. É bem mais puxado, né, em organização, frequência, em tudo, né, pontualidade para chegar para estudar. Se chegasse 5 minutos já não entrava. Aqui não, (Cantora diz “aqui”, se referindo à Escola Estadual Amélia de Castro Lima que fica perto da casa dela, onde realizamos a entrevista) às vezes a gente atrasava, às vezes a gente dormia na roça, né, porque não dava pra vir no domingo e chegava, a gente chegava aqui mais tarde e entrava, lá não. Mais rígido. Bem mais rígido! Não teve tanta, o método de ensino mesmo não teve diferença, o Colégio, né, sala de aula muito bem montada, né. É. Bem melhor!

Perguntei porque o pai quis matricula-la na Escola Paroquial, ela respondeu: *Porque na época aqui era público e lá era particular, né, quando fundou. Aí, achou que era mais importante uma escola particular. Lembro dele falar que ia pôr no particular, né, porque ele trabalhava pra isso, pra dar uma escola boa pra gente e tal.*

Ao perguntar sobre as tarefas escolares fui surpreendida com a resposta dos cuidados que o pai tinha com os estudos dos filhos, ao ponto de sempre pedir alguém para ajuda-los nas tarefas, como se fossem as aulas particulares de hoje, porém, quem ajudava a Professora Artesã e os irmãos não cobrava por isso. A mãe acompanhou as tarefas da prole numerosa enquanto foi possível, mas: *Sempre a gente teve alguém, teve quem acompanhasse. Ela acompanhou até enquanto ela deu conta, né. Mas, sempre tinha alguém para orientar, né. Vinha em casa. Meu pai cuidou muito, muito, muito dessa parte. Muito, muito mesmo. Não era professor particular que falava, sabe? Era, assim, um vizinho que tinha mais estudo, que ia lá e olhava se a tarefas estavam certas. Não recebia nada. Só na amizade. Só pra ir mesmo. Porque via a dificuldade, né. Aquele tanto de menino pra estudar, né. E o conhecimento deles era pouco, né, não dava assim pra. Aí eles olhavam tudo direitinho.*

Professora Artesã se diverte ao dizer que era a única que não gostava de estudar: *Eu nunca gostei. Eu estudei na marra mesmo. Na marra! Porque eu não gostava. Eu gosto, e como até hoje, gosto de fazenda. Eu achava uma perda de tempo deixar lá pra vir pra cá estudar. Eu ficava louca pra chegar sexta-feira para ir pra roça. Eu gostava era de lá, de montar a cavalo, de mexer com gado. Ajudava muito, muito! Mas, meu pai falava: “Você pode me ajudar, mas, você tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar!” Aí vim pra cá, né.*

Se eu tivesse lido o livro de Rubem Alves (2002), *Por uma educação romântica*, antes da entrevista com a Professora Artista, eu perguntaria a ela se um desabafo de Adélia Prado,

---

<sup>23</sup> Na oportunidade que estive com Madre Celestina Fruscione no Convento Mãe Admirável em Anápolis ela também atribui qualidades ao Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira, ressaltando especialmente que Dona Amélia de Castro era “ótima diretora”.

citado por ele com um certo humor, coadunaria com às vontades que ela tinha de trocar a fazenda pela escola. A partir do pensamento da escritora Adélia Prado, Rubem Alves (2002, p. 147) também reflete, sobre tantos conhecimentos escolares e formais, que ele considera desnecessários, além da falta de recursos para a Educação, aliados à falta de compromisso político e diz: “Para dar expressão à minha raiva, vali-me da loucura poética da Adélia Prado: Escola é coisa sarnenta. Fosse eu terrorista raptava era diretor de escola, e dentro de três dias amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. Quando acabar as escolas quero nascer outra vez”.

Penso que Professora Artesã tinha mais gosto pela fazenda do que desgosto de escola, afinal na narrativa dela ficou claro o quanto ela se divertiu como estudante e o quanto se dedicou à docência. Muitas peraltices como aluna e muita responsabilidade e prazer enquanto menina professora! Dois comportamentos que revezavam nos turnos escolares: de manhã aluna, que não raro levava um castigo escolar para casa, à tarde, professora de uma turma de alfabetização, onde trabalhava: *Com a maior responsabilidade. Fazia, fazia bagunça de manhã, de tarde ia dar aula.*

Ao se comparar com os irmãos com relação ao gosto pela escola ela avalia: *Sou peça rara! Peça rara! Eles eram comportados. Tremiam de medo se fizesse uma arte na escola e chegasse a hora que meu pai ia corrigir, né. Eu desafiava! Sempre desafiei! Nunca parei, sabe. Meu pai começava a falar e eu: mas, eu fiz porque eu quis fazer, porque não tá errado, eu acho que tá certo, fiz assim, tal, tal, pode me dar o castigo que quiser, não tem importância não.*

Das aulas de Educação Física a Professora Artesã diz que: *Participava! Eu era jogadora de vôlei. Iiih! Eu amava! Eu jogava vôlei, né. Eu era levantadora, você imagina, né, desse tamãezão, né. (Risos). Passava debaixo da rede. Não, eu joguei a vida inteira. Até, até lá no Ginásio Dom Emanuel. Sobre os Professores de Educação Física ela disse: Primeiro foi um padre, não sei que padre não. Aí depois foi a Nancy Porto. E depois da Nancy ou antes da Nancy foi a Maria das Graças, é depois a Nancy.*

Perguntei se o esporte era muito estimulado pelos frades na escola ela respondeu que não, que era ela mesma que gostava, que os esportes mais praticados no Ginásio Dom Emanuel era vôlei, basquete, queimada, e que ela gostava muito de vôlei. Perguntei se ela viajava para jogar: *Problema era esse, né, que meu pai não deixava. Quando a gente disputou o Campeonato Goiano, que inclusive Goiandira ganhou, eu jogava. Mas, foi jogar em Anápolis meu pai não deixou eu ir. Jogos da Rede Franciscana. Jogou aqui, Anápolis, Pires do Rio. Até Pires do Rio eu fui. Meu pai deixou. A gente foi de trem. A gente foi de manhã no trem, passava aqui, não sei se era, não sei que hora, sei que a gente foi e jogou lá. E depois quando foi pra ir em*

*Anápolis meu pai não deixou. Foi disputado lá em Anápolis. Aí eu não fui. Quase morri! Mas, meu pai não deixava a gente sair, né. Acabou. Falou não, acabou. Quando perguntei quem jogava neste time, rimos da resposta dela, mas ela lembrou de alguns colegas: Deixa eu ver, meu Jesus, se eu lembro. Faz muito tempo, Walkíria! Tem tempo demais, minha fia! (Risos). Também ri e concordei. Realmente, faz muito tempo. Faz mais de meio século!*

Como todas as demais entrevistadas, a Professora Artesã também recorda do uniforme da Educação Física no Ginásio Dom Emanuel: *Era um short, um shortzinho por baixo, de tecido, né, naquele tempo não tinha malha, né, um short de tecido e uma saia parecendo roupinha de jogar tênis. Aquela saíinha branca pregueada, acima do joelho uns quatro dedos, assim. Branquinho. Aquilo até brilhava.*

Da rotina escolar ela lembrou também que cantavam o Hino Nacional antes de subirem as escadas e na sala de aula rezavam o Pai Nosso e a Ave-Maria todos os dias.

A Missa era obrigatória com presença registrada em uma cadernetinha. Professora Artesã relatou que *Gostava da parte religiosa. Católicos, todo mundo. Se referindo à família dela: Todo mundo tinha que ir à Missa no domingo. Carro de boi. Mas, assim, geralmente, a gente ficava aqui na semana toda, e aí ia pra fazenda, ficava no sábado e voltava no domingo. Como tinha missa só de manhã, tinha uma missa aqui que celebrava, mais ou menos, às 10:00 da manhã, a gente chegava domingo para assistir essa Missa, mas, não era toda semana não. Aí a gente já vinha e ficava para ir pra aula na segunda.*

Sobre estas vindas para a Missa ela lembra com alegria, apesar da dificuldade de transporte: *Meu pai voltava. Ele trazia a gente, às vezes a gente fazia esse trajeto mais a pé, falava duas léguas, a gente fazia mais a pé, mas quando tava de muito sol, às vezes meu pai pegava o carro de boi, a gente entrava no carro e ele trazia a gente até no trevo, porque não tinha aquele trevo ali, era tudo fazenda, né, aí a gente vinha no carro, ali a gente descia tudo a pé. E pra voltar na sexta-feira a gente ia tudo a pé. Apanhando fruta na estrada, apanhando lobeira e chutando. Muito bom, Walkíria! Hoje se for para um menino ir daqui ao Santa Maria Goretti pra estudar não vai. Tem que levar. E a gente fazia isso tudo a pé. Chuva, sol.*

Professora Artesã relatou que apesar de gostar da lida na roça, nunca dispensou a presença na cozinha ao lado da mãe e depois de um pouco maior, sozinha: *Toda vida eu cozinhava para companheiro<sup>24</sup>, a minha mãe, às vezes, precisava ficar aqui com os meninos aí eu ficava lá, tomava conta de tudo, toda vida.*

---

<sup>24</sup> O que Professora Artesã chama de companheiro é um modo usual, na região de Goiandira, de denominar funcionários que trabalham na fazenda.

Os cinco irmãos mais velhos já estudavam e faziam o percurso da fazenda dos pais até a fazenda dos avós, que era mais perto da cidade, onde deixavam os cavalos e de lá acabavam de chegar na escola a pé. Quando chegou a vez da Professora Artesã estudar, o pai preferiu construir uma casa na cidade para os filhos ficarem durante os dias de aula e passarem apenas os finais de semana na fazenda.

Nos dois primeiros anos do Ensino Primário ela estudou no Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira, como já foi dito, é a atual Escola Estadual Amélia de Castro Lima, depois foi matriculada na Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *Fiquei na fazenda até os sete anos. Aí comecei a estudar. Aí, meus pais mudaram pra cá, porque nessa época a gente já tinha cinco irmãos estudando. Antes eles vinham a cavalo, né. Aí como foi aumentando o número ele resolveu mudar pra cá. Eu comecei a estudar aqui no Grupo Amélia de Castro. Fiz a primeira, porque começava Primeiro ano B, Primeiro ano A, aí, Segundo ano, aí no Terceiro eu passei para o Santa Maria Goretti, que aí é que eu entrei no Colégio dos Padres, né, que tinha sido acabado de construir.*

Na escola franciscana Professora Artesã ficou até terminar o Ginásio. Matriculou-se na Escola Normal Dom Emanuel, também criada e administrado pelos Frades, mas não concluiu essa etapa da escolarização, parando de estudar nos primeiros meses do Terceiro Ano do curso Normal: *Até o Normal. Só que eu não concluí o Normal, porque quando eu ia terminar, no ano que eu ia terminar eu casei e aí eu fui embora, que foi em 70. Aí, ele falou, não, então vamos parar. Parei. Fui criar os meninos, Graças a Deus!*

Professora Artesã ainda cursava a segunda série do Ensino Ginásial, no Ginásio Dom Emanuel, equivalente ao atual 6º ano do Ensino Fundamental II Fase, quando foi convidada pelo venerável da Loja Maçônica Asilo da Virtude de Goiandira, para ser professora: *Na segunda série ginásial eu fui convidada para dar aula na Maçonaria, no prédio da Maçonaria, eu comecei ali, no prédio da Maçonaria. Tanto que eu fui a primeira professora da Escola da Maçonaria. Só eu Professora. Não tinha outra professora. Só eu. E era, assim, um tipo de aluno, sabe, mais deficiente, assim, mental. Era um punhado de alunos assim com um, que tinha um pouquinho de deficiência. Eu comecei alfabetizando esses meninos, essas crianças. Aí quando foi na Terceira série a Madre, Rosalima eu acho, eu não sei quem foi primeiro, a Madre Rosalima ou Tereza<sup>25</sup>, aí, me convidou para dar aula lá. Lá também na alfabetização.*

Professora Artesã reafirma, por várias vezes, que sempre foi professora de alfabetização, que adorava ver as crianças aprenderem a ler e fez uma reflexão sobre a curta experiência como

---

<sup>25</sup> Irmã Tereza Marie Sweeney, americana, graduada em Matemática, também foi diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, nos anos de 1967, 1968 e 1969.

docente: *Eu fui professora por acaso, sabe, assim. E sempre gostei de ensinar! Nunca gostei de estudar e sempre gostei de ensinar, e assim, alfabetizar. Eu achava bom demais quando as crianças começavam a ler, naquele tempo era soletrado, né. Era o Caminho Suave? Não guardo! Cartilha Sodré e depois veio Caminho Suave? Era o b da barriga. O b da barriga. Eu lembro direitinho de desenhar o b da barriga no quadro e era tudo soletrado, né. Eu gostava muito. Nossa! Hora que eles falavam a primeira palavra eu chorava! Achava bom demais! Achava bom demais da conta! Muito bom. Sempre fiquei os anos todos só em alfabetização.*

A Professora Artesã ficou na experiência de professora de alunos com necessidades especiais, na Loja Maçônica Asilo da Virtude, em Goiandira, por dois anos com as mesmas crianças.

Conjecturo que o perfil que ela assumiu tão menina ainda, na turma de alunos com necessidades especiais, na escola da Maçonaria, despertou o interesse de Madre Rosalima em convidá-la para ser professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, já ela acha que Madre Rosalima a convidou “de dó”, porque ela ficava de castigo na escola e apanhava em casa por esse motivo. Também há a questão da territorialização do poder e da influência religiosa na região, no livro de Wyse em vários momentos fica aparente que para a igreja católica era inconcebível perder terreno (literal e metaforicamente) para outro grupo, seita, ordem que não atrelado ao catolicismo.

Artesã atribui o convite para ser professora ao senso de responsabilidade que a Irmã quis oportunizar a ela. Fato é que nenhuma das entrevistadas sabe quais critérios a Ordem Franciscana utilizou para convidá-las a ingressarem na docência, algumas delas acham que foi por serem boas alunas, por estarem integradas nas atividades extraclasse ou por indicação, pedidos de amigos e familiares. Enfim, uma pergunta cuja resposta nunca se evidencia.

Ao casar parou de trabalhar como professora, mudou para Goiânia e aprendeu a bordar sozinha devido *a necessidade de fazer alguma coisa, né. Morando em Goiânia, eu acostumada a ter meu salário, ter minhas coisas, né, aí caso, perco a nomeação, não vou trabalhar, aí ficar pedindo dinheiro? Aí comecei a fazer. E aí nunca mais parei.*

Ela justifica que deixou de ser professora para evitar sair de casa numa cidade grande, com escola distante e com filhos pequenos. Quando a irmã dela fez a sugestão do bordado, mesmo sem saber bordar, ela disse: *Eu faço!* E fez! Como ela mesma relata: *E fiz! Com a cara e a coragem!*

Com talento para o artesanato desde a aprendizagem solitária, ela borda até hoje para a mesma freguesa que mora em Brasília, onde segundo, a Professora Artesã, o artesanato é mais valorizado. Chama a atenção o valor que ela vende cada pano de prato, comprovando que, de

fato, o artesanato na Capital do Brasil tem seu real valor: *Quando eu comecei a trabalhar pra ela, eu já trabalhava, né, porque desde que eu casei que eu fazia crochê, essa 'coiserada' toda, aí quando ela ( a compradora dos panos de prato) foi casar, ela era colega de colégio da minha irmã que mora em Brasília, aí ela falou que ia casar e queria que alguém fizesse uns bordados pra ela, coisas de cozinha, aí, minha irmã sem saber que eu fazia, porque eu não fazia, né, falou: Olha, eu acho que a minha irmã faz. Ela comprou um pano na Blumenau, que eu até tenho ele aqui. Acho que minha irmã faz. (...) naquele tempo nem telefone tinha. Ela foi à Goiânia e levou um pano de amostra pra mim, e falou: A noiva quer 50 panos desse daqui. Estilo: Aí ela mesma riscou um tanto de coisa lá pra mim, sabe, fez um tanto de risco.*

Contou também sobre as peraltices que fez no Ginásio Dom Emanuel e dos inúmeros castigos que recebeu na escola e em casa. Questionada se agia da mesma forma com os alunos: *Eu não! Vou cortar o direito dos meninos de ser feliz? Eu não. Eu nunca fui de deixar menino de castigo, essas coisas não. Não adianta. Mas, do que eu levava castigo e não adiantava nada.*

Sobre a sequência de reprovações na segunda série ela assim recorda: *A segunda série eu fiz 3 anos. Perguntei o porquê e ela explicou: Porque eu queria tomar bomba pra ir pra roça. Até meu pai cansar e me levar pra roça. Mas, aí o dia que meu pai falou: "Você vai morrer nessa segunda série, porque eu não vou te tirar da escola". Aí eu passei e nunca mais eu tomei bomba, né. Eu não estudava. E isso o meu filho fez também. Pra você ver como é a natureza. Ele nunca soube que eu fiz isso, antes, né? Aí quando ele estava fazendo o terceiro ano Primário no Santo Agostinho, em Goiânia, ele foi reprovado. Aí eu fui no Colégio e eles: "Olha, nós não entendemos. Ele não fez as provas, não fez e não alcançou a média. De três meses pra cá, olha aqui, a senhora deve ter visto, olha o tanto que a média dele abaixou". Aí ele queria tomar bomba porque ele achou que tomando bomba eu mandava ele pra roça pra morar com tio Zé dele, né. Vir pra cá. Meus dois meninos: um é louco com roça e outro não pode nem ver roça. Aí ele achou que tomando bomba eu ia tirar ele da escola de castigo, né, e mandar pra roça, né. Fez a mesma coisa que eu. Eu falei, meu filho do céu, você tá me puxando, mas, eu vou falar pra você a mesma coisa que meu pai falou pra mim: Você vai morrer na escola, mas, você vai estudar.*

Por causa dos inúmeros castigos que acumulou na história de estudante, Professora Artesã relata que quando a Irmã Rosalima a convidou para ser Professora ela nem acreditou, mas foi! Quando ela terminou a oitava série não foi fazer o Normal em outras cidades como algumas amigas: *Quem fez Normal fez em Catalão. Mas, meu pai não deixava a gente sair. Então eu comecei na primeira turma do Normal aqui. Só eu não fui até o fim, é igual eu te falei, eu não fui até o fim. Aí eu deixei de trabalhar, né. Nesse meio tempo eu prestei o concurso para*

*ser nomeada, porque eu já tinha terminado o ginásio e estava cursando o Normal, aí, já podia prestar o concurso. Prestei, passei e fui nomeada. Mas, antes de começar a trabalhar eu casei, aí eu fui para Goiânia, fui para Goiânia para tomar posse em Goiânia. Eles me locaram lá no Pedro Ludovico e naquela época era uma viagem para ir para o Pedro Ludovico, aí, meu marido não deixou, eu perdi a nomeação e fui ser bordadeira. E completei: Parou de ser professora? Parei, parei. Ele achou, assim, que não ia valer a pena, porque eu ia ter que tomar dois ônibus e ele também disse que não queria mulher para trabalhar, queria para criar os filhos dele. Aí é que eu fui engravidar. Eu casei e engravidei rápido, né.*

Nesse momento da entrevista, a Professora Artesã me mostrou fotografias da fazenda que ela tanto ama, e das Irmãs Franciscanas, uma recente fotografia da Irmã Celestina, que com 92 anos, mora no Convento em Anápolis e foi diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti quando todas as professoras entrevistadas eram alunas na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Professora Artesã se refere à Irmã Celestina da mesma forma que a Professora Cantora: *Meiga. Meiga. Meiga. Muito meiga. Parecia uma Santa. Você olhava nela e você imaginava Nossa Senhora. Tanto que ela era assim, meiga!*

Madre Rosalima chegou na Escola Paroquial depois de Irmã Celestina, portanto, as meninas professoras já estavam no Ensino Ginásial. Senti, durante toda a entrevista, que Madre Rosalima marcou a história de vida da Professora Artesã de modo muito especial e ninguém melhor para falar dessas marcas do que ela mesma: *Eu, eu lembro muito da Madre Rosalima, muito, muito, muito, porque ela me ajudou muito. Primeiro me dando emprego para uma coisa que eu não tinha nem, nem competência pra fazer. Eu não tinha comportamento, não tinha nada para ser uma professora e ela confiou em mim e me ajudou muito, sabe. Lembro muito dela! E, eu acho que eu também marquei muito a vida dela porque ela criou um carinho especial comigo, uma espécie de filha, uma proteção, sabe. Tanto que quando ela foi aos Estados Unidos ela trouxe um boneco pra mim, porque eu clamava pra ela que eu tinha muita mágoa, porque eu nunca tinha ganhado uma boneca na minha vida. Porque eu sou entre a mais velha e a mais nova, sabe, então, a minha mãe sempre arrumava a mais velha porque era moça e tudo os brinquedos dava para a mais nova, porque era bebê, e eu fiquei entre as duas e nunca ganhei uma boneca. Então, quando ela foi aos Estados Unidos ela trouxe uma boneca pra mim, preta, vestida de Padre Franciscano.*

Esse trabalho de rememorar, conforme Candau (2014, p.76), “(...) é, então, uma maiêutica da identidade renovada a cada vez que se narra algo (...) Através de “efeitos de iluminação” narrativas, o locutor ilumina episódios particulares de sua vida, deixando outros na sombra”.

As primeiras entrevistas foram concluídas deixando fortes impressões sobre a História da Educação e sua relação com a religião em Goiandira. Isso impacta a análise que tem em vista a proposição naquele período de um projeto moderno esculpido na disciplina escolar, no protótipo de professora híbrida mãe-freira, e importância relevante do lugar e do contexto na constituição da docência das meninas professoras. Muita intensidade na narrativa nos momentos em que as entrevistadas dizem sobre a vida na Terra Branca, o cotidiano na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel: Fomos pra Goiandira, mudamos pra Goiandira. Estudar era o objetivo principal de tais mudanças.

Com a narrativa da Professora Artesã concluo o primeiro bloco de entrevistas, que teve ênfase na infância vivida em parte na fazenda, pela maioria das entrevistadas, e em Goiandira, pequenina cidade do interior de Goiás, mas com presença de um grupo escolar e uma escola franciscana, que definiram a migração das famílias das Meninas Professoras em busca de estudos e melhor condição de vida para os filhos.

Como considerações parciais, percebi que as narrativas da escolarização das entrevistadas apontam a influência que os anos como alunas em uma escola franciscana, observada com mais clareza no segundo bloco de entrevistas, tem sobre a constituição da docência delas. Por meio de inúmeras pesquisas sobre história de vida de professores e formação docente, Tardif (2014) elenca fatores que contribuem com a constituição da docência e ao ler percebo que coadunam com a trajetória das Meninas Professoras:

De acordo com uma abundante literatura (cf. sínteses em CARTER & DOYLE, 1996; RAYMOND, 1998 E 1998a; WIDEEN, MAYER-SMITH & MOON, 1998), uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. (...) tudo leva a crer que os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional, isto é, quando da socialização primária e sobretudo quando da socialização escolar, têm um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser que serão mobilizados e utilizados em seguida quando da socialização profissional e no próprio exercício do magistério. Desta forma, pode-se dizer que uma parte importante da competência profissional dos professores tem raízes na sua história de vida, pois, em cada ator, a competência se confunde enormemente com a sedimentação temporal e progressiva, ao longo da história de vida, de crenças, de representações, mas também de hábitos práticos e de rotina de ação (TARDIF, 2014, p.68).

Ao finalizar as entrevistas e as análises realizadas neste capítulo suscito uma pergunta para ser explorada no capítulo 2: Que(ais) marca(s) impressa(s) pela Ordem Franciscana contribuiu(ram) com a constituição da docência das Meninas Professoras, tendo em vista que todas as entrevistadas estudaram nas escolas criadas pelos franciscanos em Goiandira do

Primário ao Ensino Ginásial, convivendo por quase uma década como alunas, período que podemos chamar de “trajetória pré-profissional” como menciona Tardif (2014) na citação anterior, em uma escola com peculiaridades do ensino católico?

Com o objetivo de apresentar, pelas memórias das entrevistadas e bibliografias, os elementos que caracterizam a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira – GO, no período de 1960 – 1970, seguimos a viagem pelos cenários dessa escola franciscana e as possíveis influências que tal contexto teve na constituição da docência das Meninas Professoras.

Novo embarque no trem que se desloca nos trilhos com destino ao passado!

Observe os personagens e o lugar onde as ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti viveram parte de suas vidas como paroquianas, como alunas e como professoras.

## CAPÍTULO 2 “Uai, americanas, né? Vieram com tudo! Educação de Primeiro Mundo!”

Os professores são trabalhadores que ficaram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar (Maurice Tardif, 2014).

O título deste capítulo é uma das adjetivações que a Professora Cantora utilizou para distinguir a contribuição pedagógica que as Irmãs Franciscanas de Allegany trouxeram para Goiandira no período em que elas assumiram a Escola Paroquial Santa Maria Goretti.

Considerando a possibilidade de influência pedagógica e evangelizadora que as Irmãs trouxeram dos Estados Unidos para as escolas paroquiais criadas em Goiás e que possa ter sobre a constituição da docência das professoras leigas na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, me dediquei à saber sobre a Congregação Religiosa de Allegany, especialmente na missão evangelizadora/educacional<sup>26</sup>, tendo em vista que foi delas que partiu o convite para as Meninas Professoras assumirem a docência, mesmo sem formação para tal e foi com as Irmãs que elas tiveram as primeiras orientações para a prática docente.

A pesquisa sobre as Irmãs de Allegany, possibilitou, entre muitos conhecimentos atrelados à docência, saber que em 1907 uma nova constituição passou a reger objetivos e propósitos para a conduta dessa Congregação. BOCHANSKI; DONOVAN; RODRIQUES (2008, p. 30) destaca que: “Para orientá-las no sentido de, enquanto procuram atingir a perfeição evangélica, passam também servir ao próximo: - Pela educação escolar de crianças; - Pelos cuidados aos doentes em hospitais; - Pelo cuidado de Casas para o apoio a moças trabalhadoras; - Pelo cuidado de asilos para órfãos”.

O trabalho da Ordem Franciscana e da Congregação de Allegany, notadamente em Goiandira-Goiás, e a possível influência desse trabalho na formação docente das entrevistadas são objetos de estudo deste capítulo.

---

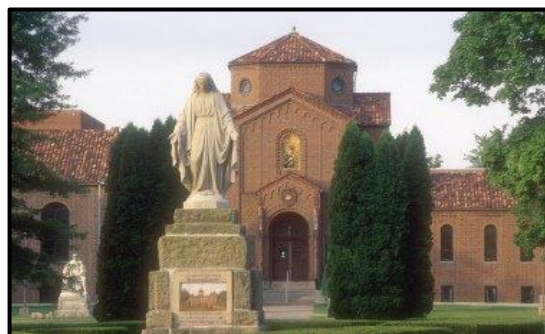
<sup>26</sup> A Congregação de Allegany também tem missão em construções ou aquisições de hospitais e serviços prestados na área de saúde, sendo o hospital em São Francisco, nos Estados Unidos e um hospital em Anápolis, aqui em Goiás, alguns exemplos.

## 2.1 As Irmãs Franciscanas de Allegany

Uma das primeiras iniciativas que tive quando estava elaborando o pré-projeto para a seleção do Mestrado, foi pesquisar na Internet o que era Allegany, depois de ter visto esse nome em leituras iniciais. Para minha surpresa, vi belas imagens de uma pequenina cidade localizada no Oeste do Estado de Nova Iorque, lugar de origem da Congregação Religiosa de Allegany e de onde partiram para Goiás as Irmãs Franciscanas, com a missão de Educação e evangelização no projeto franciscano.

Olhando atentamente todas as fotografias, em vários sites sobre a cidade, me deparei com a St. Bonaventure University. Visitei o site oficial dessa Universidade que traz a seguinte identificação enquanto instituição de ensino: “Fundada em 1858, São Boaventura é uma universidade católica dedicada à excelência educacional na tradição franciscana. Estamos comprometidos com a busca constante de distinção nos nossos programas de graduação e pós-graduação”. Localizada na cidade de Allegany, nas proximidades do Rio de mesmo nome, logo me veio a mente uma hipótese sobre a arquitetura da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, que inegavelmente chama a atenção se comparadas aos modelos de escolas públicas que temos na maioria das cidades brasileiras. Concluí que, quem tinha a Universidade São Boaventura como referência e inspiração, só poderia construir uma escola paroquial nos moldes que foi construída a Escola Paroquial em Goiandira. Comparando imagens é possível observar semelhanças na disposição das salas de aulas em prédios com mais de um andar, bem como a presença de estátuas de santos em um amplo jardim com passarelas em formato de cruz. Wyse (1989, p. 86), traz a comprovação para a observação hipotética feita sobre a similaridade do estilo arquitetônico da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, com a St. Bonaventure University e, provavelmente, com outros educandários criados pela Ordem Franciscana: “Visando fundar tais escolas, conforme o modelo daquelas tão beneméritas na sua terra natal, os frades puseram-se a estudar as possibilidades de conseguir religiosas para o empreendimento”.

**Figura 9** - St. Buonaventure University - Allegany - NY - USA



**Fonte:** Site oficial da Universidade São Boaventura – Allegany – NY. Disponível em: <http://www.sbu.edu/>

**Figura 10** Escola Paroquial Santa Maria Goretti - Goiandira – Goiás – Brasil



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Ao constatar que há em Allegany uma Universidade, que teve o início como escola de Ensino Médio, interessei-me por saber se os frades, fundadores da escola paroquial em Goiandira e as Irmãs franciscanas, que convidaram e auxiliaram as professoras leigas na constituição da docência, se formaram naquele lugar. Inúmeros contatos via e-mail com a atual secretária do Convento Mãe Admirável, em Anápolis-Goiás, permitiram acessar pistas sobre a biografia e, especialmente, a escolarização de Irmã Celestina e Madre Rosalima, tendo em vista que Irmã Celestina foi diretora enquanto as entrevistadas desta pesquisa eram alunas, na década de 50, e que Madre Rosalima enquanto diretora no início da década de 60 oficializou o convite para elas serem professoras, dando as primeiras instruções para as meninas iniciarem a docência.

Madre Rosalima foi citada com ênfase pelas cinco ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti como “muito capacitada”, mas, nenhuma delas soube informar se Madre Rosalima e Irmã Celestina tinham curso superior, uma informação que perseguí desde o início da pesquisa, ao verificar, por meio das narrativas das Meninas Professoras, a influência pedagógica que elas relatam terem recebido da Madre no início da docência.

Conforme já citado no primeiro capítulo, apenas a Professora Artesã teve uma experiência de 2 anos em uma sala de aula criada pela Loja Maçônica para alunos especiais antes de ser convidada para ser professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Primeira oportunidade profissional na qual ela agia por intuição, com apenas uma básica sugestão do então venerável da Loja Maçônica Asilo da Virtude de que era preciso ter cuidados no tratamento com as crianças que tinham necessidades especiais, “para não contrariar o jeito das famílias lidarem com elas”. No mais, ela própria criou métodos para conquistar as crianças e alfabetizar, relatando que inventou um jeito até para um deles pegar no lápis, já que esse não tinha tônus muscular na mão e tinha dedinhos a mais e dependurados.

Ao ler o livro: “Os maravilhosos trabalhos de Deus (Bochanski; Donovan; Rodriques, 2008), onde os autores narram a origem e alguns acontecimentos marcantes dos 150 anos de história das Irmãs Franciscanas de Allegany, constatei algumas semelhanças entre a história daquele lugar com o cenário desta pesquisa, dentre as quais destaco a influência que as vias de transportes podem exercer no desenvolvimento das cidades. Caminhando por aquele lugar, através desse livro comemorativo, verifiquei que a via férrea está para Goiandira como o Canal Erie está para a cidade de Allegany. Li o mencionado livro com o objetivo de saber sobre a formação pedagógica que as Irmãs de Allegany tinham, sendo elas a porta aberta para o início da constituição da docência das entrevistadas para esta pesquisa e me deparei com uma história que me causou forte impressão pelo enfrentamento de situações adversas, em países absolutamente diferentes no que diz respeito à cultura e ao clima, às quais a Congregação Religiosa de Allegany se dispôs em missão de Educação e evangelização.

A história das Irmãs de Allegany tem início quando, na cidade de Utica, Estado de Nova Iorque – USA, um empresário católico, Nicholas Devereux, filho de imigrantes irlandeses, reuniu parceiros para criar uma paróquia e assim Bochanski; Donovan; Rodriques (2008) contam:

Por mais empolgados e satisfeitos que estivessem com a fundação da nova paróquia, a família Devereux e seus paroquianos nunca teriam imaginado como a vida católica em Nova York ocidental estivesse para ser transformada. Pois no mesmo ano que testemunhou os primórdios da paróquia São João Evangelista, também viu a abertura da primeira etapa do canal Erie. Seis anos mais tarde, após ter completado a sua primeira etapa, o canal alongou-se por 580 quilômetros, de Albany sobre o rio Hudson até a nova cidade de Buffalo, sobre o lago Erie. Essa obra revolucionou a navegação e o transporte, e diminuiu os custos das viagens rumo ao oeste em até 95%. Isso resultou na criação e no crescimento rápido de vilas e cidades por todo o estado, e permitiu a expansão para os vastos territórios ocidentais. (Bochanski; Donovan; Rodriques, 2008, p. 4)

Assim como pela via férrea chegaram em Goiandira pessoas de vários lugares do mundo, como afirma Araújo (2000), trazendo uma transformação na paisagem do lugar, nos hábitos dos moradores, bem como, uma necessidade maior de instrução para seus habitantes, como aponta Inácio (2005), foi também pelo Canal do Erie que mudanças ocorreram na região de origem das Irmãs de Allegany conforme descreve Bochanski; Donovan; Rodriques (2008):

A data da conclusão das obras do canal do Erie coincide perfeitamente com a chegada de grandes levas de imigrantes europeus pelo porto de Nova York. Afastados de sua terra natal durante a primeira metade do século XIX por conflitos políticos e perseguições religiosas, dezenas de milhares de irlandeses, alemães e italianos enfrentam a árdua viagem transatlântica para iniciar uma nova vida na América. Para muitos deles, o Canal Erie propiciava um caminho barato para as terras ocidentais, onde estabeleceram suas casas e fazendas. Para outros, o Canal Erie era fonte de trabalho, e muitos trabalhadores fixaram residência ao longo do caminho que ajudaram a construir. Isso resultou numa sensível mudança na paisagem e na demografia de Nova York ocidental nas décadas de 1830 e 1840. (Bochanski; Donovan; Rodriques, 2008, p. 4-5)

Assim como pela via férrea chegaram em Goiandira pessoas de vários lugares do mundo, como afirma Araújo (2000), trazendo uma transformação na paisagem do lugar, nos hábitos dos moradores, bem como, uma necessidade maior de instrução para seus habitantes, como aponta Inácio (2005), foi também pelo Canal do Erie que mudanças ocorreram na região de origem das Irmãs de Allegany conforme descreve Bochanski; Donovan; Rodriques (2008):

A data da conclusão das obras do canal do Erie coincide perfeitamente com a chegada de grandes levas de imigrantes europeus pelo porto de Nova York. Afastados de sua terra natal durante a primeira metade do século XIX por conflitos políticos e perseguições religiosas, dezenas de milhares de irlandeses, alemães e italianos enfrentam a árdua viagem transatlântica para iniciar uma nova vida na América. Para muitos deles, o Canal Erie propiciava um caminho barato para as terras ocidentais, onde estabeleceram suas casas e fazendas. Para outros, o Canal Erie era fonte de trabalho, e muitos trabalhadores fixaram residência ao longo do caminho que ajudaram a construir. Isso resultou numa sensível mudança na paisagem e na demografia de Nova York ocidental nas décadas de 1830 e 1840 (Bochanski; Donovan; Rodriques, 2008, p. 4-5).

São semelhanças que se apresentam não só com relação à história de Goiandira, mas, com as histórias de vida das entrevistadas que se misturam às histórias do lugar, conforme a narrativa da Professora Artista, que como filha de trabalhador na construção da linha férrea migrou de Goiânia, estabelecendo com toda a família, moradia na Terra Branca, cidade contornada por linhas férreas.

Se o Canal de Erie no oeste do Estado de Nova Iorque e a estrada de ferro no sudeste goiano foram importantes vias de desenvolvimento dessas regiões, a BR-050 prevista para ter

um dos seus trechos em terras do município de Goiandira, e a estrada de Ferro passando pela cidade de Allegany, constituem duas frustrações para ambos lugares, afinal não saíram dos sonhos e do papel. Contam Bochanski; Donovan; Rodrigues, 2008, p.5) que, Nicholas Devereux pretendia estabelecer, “uma poderosa comunidade rural em torno da cidade de Allegany, a qual ele planejava construir às margens norte do Rio Allegany, ao longo da rota planejada para a estrada de ferro Erie. A rota da estrada de ferro foi afinal mudada, e a ‘cidade dos sonhos’ de Devereux nunca se materializou”.

A mesma desilusão com a perspectiva de uma explosão desenvolvimentista, existe na história de Goiandira, segundo a narrativa de Araújo (2000):

Na fase de erguimento de Brasília, esperava-se que o trajeto da rodovia ligando Uberlândia ao Distrito Federal, como itinerário mais curto, passasse por Goiandira, no local onde se construiu a torre de micro-ondas e o poço artesiano<sup>27</sup>. Mas, lamentavelmente, a corrupção administrativa cronicamente reinante neste País pesou forte para prestigiar os interesses do vizinho Município de Catalão, e, conseqüentemente, desviou-se para essa cidade a estrada, que lhe proporcionou grande desenvolvimento. É óbvio que a mudança de rota aumentou distância e mais despesas para o erário público. Enfim, estamos no Brasil, cujos governantes administram como se aqui não houvesse necessidade de poupar, contrariando o pensamento do cientista e pensador norte-americano Benjamim Franklin, segundo o qual ‘para se tornar rico não basta ganhar, mas sobretudo precisa economizar’. Catalão somente conseguiu essa indevida vantagem graças ao seu ilustre representante no Congresso Nacional, o ex-Deputado Wagner Estelita Campos, que presidia a Comissão de orçamento da Câmara Federal. (ARAÚJO, 2000, p. 107).

O desenvolvimento do município de Goiandira era uma das expectativas de Frei Paulo Seibert, quando vislumbrou o futuro da cidade e teve essa perspectiva como uma das motivações para construir a Escola Paroquial Santa Maria Goretti. O desenvolvimento na proporção ambicionada não se efetivou, mas, a escola foi erguida. E não foi apenas em

---

<sup>27</sup> Torre de micro-ondas é pertencente à Empresa Brasileira de Telecomunicações - EMBRATEL e foi instalada em Goiandira na década de 60, com a finalidade de transmitir sinais de TV e telefonia dos Estados de São Paulo e Rio Janeiro para Brasília e a Região Norte do País. Localizada na margem esquerda da GO 210 no sentido Catalão –Goiandira, cidade escolhida para esse fim pela posição na região central do Brasil, da mesma forma que passando por esse município seria mais curto o trajeto da BR 050, entre São Paulo e Brasília, facilitando a transmissão das ondas de telecomunicação, de acordo com informações fornecidas pelo ex-funcionário da EMBRATEL, Sr. Hermes Mendonça, demitido dessa empresa quando o Sistema Brasileiro de Telecomunicações foi privatizado no Governo do Presidente Fernando Henrique, em 1998. Segundo Sr. Hermes, que foi funcionário da EMBRATEL por 29 anos, na privatização essa empresa foi vendida para uma empresa americana e hoje pertence à uma empresa mexicana. A torre ainda existe, operando com a mesma finalidade, com sistema digital, não mais analógico, e também opera comunicação de empresas particulares. Já o poço artesiano, também presente na citação de ARAÚJO (2000), é o que abastece a cidade de Goiandira. Conforme informações que, enquanto professora de Biologia, no Colégio Estadual Dom Emanuel, ao pesquisar sobre a origem e o tratamento da água daquele município, obtive da SANEAGO – Sistema de Água e Esgoto de Goiás, esse poço faz parte de um “bolsão de água” isolado, mas, pertencente ao Aquífero Guarani e esse mesmo tipo e origem de abastecimento de água existe em Goiás na cidade de Davinópolis.

Goiandira que se deu a construção de escolas paroquiais em Goiás, por meio dos sonhos, objetivos e financiamento da Ordem Franciscana.

Com vasto território goiano confiado aos frades, com o número de paróquias e escolas assumidas por esta missão franciscana americana e para o intento de evangelizar começando pela Educação das crianças a necessidade da Ordem em recorrer à contribuição de Irmãs religiosas com experiência pedagógica tornou-se imprescindível, e por este motivo o presente estudo buscou saber sobre a um pouco mais sobre a origem da Congregação de Allegany e o modo de desenvolverem seus trabalhos nas missões evangelizadoras por meio da Educação, tendo em vista que foi essa a Congregação convidada para vir para Goiás com este intuito.

Sobre a vinda de Irmãs de outros países para lecionar no Brasil, explica Wyse (1989) que as informações que Frei Paulo Seibert recebeu eram de que havia uma lei que não permitia religiosos estrangeiros lecionar aqui. Uma vez desfeito o mal-entendido e com a dificuldade de encontrar Irmãs brasileiras para a missão de Educação em Goiás, Frei Paulo escreveu uma carta, em 16 de fevereiro de 1945, para a Madre Jean Marie, superiora geral das Irmãs de Allegany, convidando a Congregação de Allegany para assumir a direção das escolas paroquiais que a Ordem já havia criado e para outras que ainda criaria. Após reunir o conselho, a resposta da Congregação das Irmãs de Allegany foi positiva. E em 1946, três anos após a chegada dos 14 primeiros frades e missionários, chegam em terras goianas as duas primeiras religiosas para a missão de Educação e evangelização: Irmã Mariana, com experiência em escola na Ilha da Jamaica e Irmã Rosalima, com experiências em escolas de Nova Iorque e Nova Jersey.

Segundo Bochanski, Donovan e Rodrigues (2008), a expansão das missões em educação, aconteceu quando:

O Terceiro Conselho Plenário de Baltimore, que se reuniu em 1884, decretou que em cada paróquia católica deveria haver uma escola católica. Menos da metade das paróquias americanas contava com escolas naquele tempo, e muitos bispos e pastores procuravam congregações religiosas para formar o corpo de funcionários das novas escolas que planejavam abrir. As Franciscanas de Allegany não foram exceção, e as décadas antes e logo a virada do século XIX para o século XX testemunharam um aumento significativo no número de escolas administradas pela Congregação (BOCHANSKI; DONOVAN; RODRIGUES, 2008, p. 36).

Em Wyse (1989), há relatos de que chegando no Brasil, as duas religiosas pioneiras na missão, Madre Marianna e Madre Rosalima foram direto para a cidade de Pires do Rio. Antes de embarcarem para Goiás tiveram aulas de Língua Portuguesa em Nova Iorque. Madre Marianna tinha fluência em francês e espanhol. No final de 1946 Irmã Julieta e Irmã Estevana Maria também vieram para o Brasil. Em relatos das professoras entrevistadas observa-se que

várias Irmãs da Congregação de Allegany trabalharam em Goiandira, entre elas, americanas e brasileiras, das quais as professoras entrevistadas destacam a Irmã Celestina Fruscione, americana, que está com 92 anos e mora no Convento Mãe Admirável, em Anápolis. Ela foi diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, na década de 50, período em que as professoras, personagens desta pesquisa, eram alunas, e assim, Irmã Celestina, foi lembrada, espontaneamente, por todas elas durante as narrativas da história de vida. Professora Cantora disse: *Nossa! A Irmã Celestina eu tinha verdadeira paixão por ver. Eu penso que ela não vai me conhecer. Eu tenho impressão, a Irmã Celestina, ela já deve ter o que, ela tem uns 90 e tantos anos, quase 100, porque eu estou com 70, eu era menina, quer dizer, vamos que ela tinha 30 anos na época.* Quando perguntei qual a marca que Irmã Celestina deixou, Professora Cantora rapidamente respondeu, com tom de voz que indicou muita admiração: *A meiguice dela. Linda! Maravilhosa! Ela ficava em pé na escada, com as mãos assim, parecia Nossa Senhora!*

Estive com Irmã Celestina em Anápolis e na ocasião conheci Irmã Tereza que também foi diretora na Escola Paroquial em Goiandira, nos anos de 1967, 1968 e 1969. Irmã Anita, citada pelas entrevistadas, também se encontra no Convento, mas está com a saúde debilitada, por isso não pude vê-la. Contei a Irmã Terezinha que as ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti se referem à Irmã Celestina comparando com a meiguice de Nossa Senhora e quando Irmã Celestina apareceu no salão de visitas, Irmã Terezinha assim disse: “Olha lá quem está vindo: a sua Nossa Senhora”.

Com 92 anos, Irmã Celestina, ainda faz toda a contabilidade do convento. Contou-me sobre sua trajetória de vida partindo da infância nos Estados Unidos, trajetória escolar e da opção pela vida religiosa, até chegar em Goiandira, em 1951, depois de uma viagem de 17 dias de navio, que segundo ela quase morreu por um estado de fraqueza corporal. Segundo Irmã Celestina, a casa na qual morou em Goiandira, enquanto o convento era construído, tinha água somente de cisterna, não tinha energia elétrica e o banheiro era uma casinha no fundo do quintal. Foi professora de alfabetização num barracão improvisado para os primeiros anos da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Ela me disse que nesse local as salas de aula eram divididas por lençóis.

Irmã Celestina também compartilhou comigo, o que se encontra descrito no livro de Wyse (1989), que em Goiandira a Ordem Franciscana foi recebida com hostilidade por parte de alguns moradores, e que só com o tempo e muito amor pode conquistar a confiança das pessoas. Irmã Celestina já tinha me enviado um e-mail falando da formação escolar dela e de Madre Rosalima, mas me disse pessoalmente que não concluiu os estudos porque teve que vir

para o Brasil. Perguntei que estratégias ela utilizou para ser professora, ela disse que não tinha a quem perguntar, que utilizou o que aprendeu como aluna e dos cursos de verão oferecidos para as Irmãs da Congregação de Allegany na St. Bonaventure University e que depois que ela foi embora de Goiandira vieram outras irmãs mais graduadas, entre elas Madre Rosalima. Conforme relatou Irmã Celestina, Madre Rosalima ela era “perita” em alfabetizar crianças que estavam com defasagem de série, nos Estados Unidos. Tal programa tinha o nome de “Remedial Reading”.

Irmã Celestina também rememorou com emoção que em uma formatura um dos alunos<sup>28</sup> da Escola Paroquial Santa Maria Goretti não tinha condições de ter a blusa branca estipulada para todos vestirem na ocasião e este chegou até ela dizendo que por este motivo ele não poderia participar. Ela providenciou a camisa para ele. Neste momento da conversa ela buscou no quarto e me mostrou um livro de uma outra ex-aluna da Escola Paroquial Santa Maria Goretti com pinturas da aluna e poesias do aluno citado. Ele já é falecido, a ex-aluna foi, recentemente, no Convento presentear a Irmã com o livro. Tudo o que Irmã Celestina me mostrou ela buscou no quarto subindo pelas escadas, dispensando o elevador que o convento possui. Ao vê-la me contando todas essas histórias, Irmã Terezinha disse que “é preciso gravar com urgência tudo o que Irmã Celestina tem para contar. São um tesouro as histórias que ela viveu”. Falei com Madre Celestina sobre essa possibilidade e ela se mostrou arredia. Disse sorridente: “Não, gravar não!” Mas, não perdi essa esperança, não descartei essa possibilidade de jeito nenhum e voltarei lá com este propósito para complementar os estudos que realizei para esta pesquisa.

Interessa-me muito também as histórias de Irmã Tereza, a diretora e professora graduada em Matemática, estive sentada do meu lado enquanto eu conversava com Irmã Celestina. Quando elas falavam a receita com batatas doce, Irmã Tereza pronunciou a palavra em Inglês ketchup e eu pedi para ela repetir pelo tanto que eu achei maravilhoso ouvir o Inglês de uma americana nativa, falado compassadamente, com serenidade. Ela também é muito meiga como relataram as professoras entrevistadas.

Tocou o sino para o almoço! O rigor em cumprir horários e a obediência são notórios no Convento. Almoçamos juntas. Irmã Celestina gosta de um pedaço de pão para acompanhar essa refeição do dia. Nesse momento ela me contou do acidente doméstico que sofreu quando preparava no Convento uma torta de chocolate para comemorar o aniversário de duas Irmãs.

---

<sup>28</sup> Ela providenciou a camisa para ele e conta com alegria que esse aluno se tornou poeta, inclusive tem livros publicados, e, mesmo sem saber que ele foi aluno na Escola Paroquial, eu já tinha pesquisado sobre ele quando comecei a escrever a pesquisa. Entre outras coisas descobri naquela oportunidade que na Academia de Letras de Brasília ele ocupou a Cadeira nº I, assento literário que tem como patrono o autor do Hino goiandirense Esaú Marques Guimarães. Informação obtida no blog da Academia de Letras de Brasília.

Após o almoço continuamos a conversa. Mostrei e li para ela partes da pesquisa e os relatos das professoras sobre as lembranças da década de 50, quando as meninas professoras eram alunas e Irmã Celestina a diretora da Escola Santa Maria Goretti.

Lendo para ela partes da pesquisa e os relatos das entrevistadas sobre as lembranças da década de 50, quando as meninas professoras eram alunas e Irmã Celestina a diretora da Escola Santa Maria Goretti achei o relato da Professora Cantora sobre as saudades do “perfuminho” da Irmã Celestina e que ela não sabia se era perfume ou sabonete. Irmã Celestina sorriu dizendo que é um sabonete e que na despedida dos Estados Unidos ela ganhou vários e trouxe para o Brasil. “Hoje quem vai aos Estados Unidos ou vem de lá ainda traz para mim, disse ela”.

Na despedida, Irmã Terezinha pediu para eu brincar com Irmã Celestina sobre ela me acompanhar em uma visita à cidade de Allegany, fiz o convite em tom de brincadeira e Irmã Celestina disse “Nem, nem, nem”, acompanhados de gestos com as mãos. Eu queria perguntar: “Nem, nem, nem” por que? Não resisti e perguntei. Ela gesticulou com as mãos e a cabeça, no sentido de que não há mais o que fazer lá. É assunto encerrado, mas sei que com um pouco mais de tempo há muito o que saber de Irmã Celestina sobre a missão evangelizadora/educacional que a Congregação de Allegany desempenhou e desempenha no Brasil.

Todas as entrevistadas para esta pesquisa relataram grande desejo de rever as Irmãs que trabalharam na Escola Paroquial. Professora Cantora expressou assim a vontade de rever Irmã Celestina: *Nossa. A Irmã Celestina eu tinha verdadeira paixão por ver.*

Na parede central do ambiente denominado “Salão de Visitas”, no Convento Mãe Admirável, tem uma fotografia de Madre Rosalima, não perguntei o motivo desse destaque, mas penso que se deve ao pioneirismo. De acordo com as meninas professoras, Irmã Rosalima foi diretora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira, na década de 60, sendo ela quem formalizou o convite para as meninas assumirem a docência, mesmo sendo leigas e ainda tão jovens. Professora Cantora falou com veemência sobre Madre Rosalima: *Madre Rosalina, Nossa Senhora, brava, enérgica, mas, assim muito capacitada!*

**Figura 11** - Irmã Mary Rosalima O'Neill



**Fonte:** Arquivo do Convento Mãe Admirável

Irmã Rosalima! É a ela que as Meninas Professoras atribuem auxílio recebido para iniciarem a docência, contribuições que marcaram muito a Professora Artesã: *Pelo porte firme que ela tinha! Exigente demais! A maneira como ela tratava as pessoas, sabe, muito, muito, positiva, muito franca. Falava certo, tinha que ser assim, assim, assim, sabe, ela não aceitava meio termo, ou você faz ou você não faz, sabe. Ir à missa você tinha que chegar arrumada, como uma professora, né. Você não podia chegar como uma pessoa, assim, comum para assistir à missa, você tinha que ir bem arrumada, sabe, para entrar com as crianças. Exigia muito!*

Ir arrumada para a escola não era dificuldade para Professora Artesã, afinal, no segundo bloco de entrevista ela relatou que nos dois anos que foi professora da turma de alunos especiais na Loja Maçônica Asilo da Virtude, ela ia *impecável* para lecionar, de salto e tudo mais. Chegando lá, tirava o salto e ia brincar com as crianças. Professora Artesã resumiu o que viveu e recebeu de Madre Rosalima: *Muito, muito bom! Tinha que fazer plano de aula. Ela corrigia, não só o meu, de todos os professores. Corrigia de todo mundo. E se tinha alguma coisa, ela botava lá as observações, isso aqui você faz, ao invés de fazer isso, faz isso e isso, né. Então, muito exigente. Ensinava. Ensinava muito, muito, muito. Muito boa! Porque eu entrei pra dar*

*aula sem preparação nenhuma. Sem nenhuma. Eu, além de estudante, eu era baguncenta, né. Perguntei para Artesã se Madre Rosalima ia pra sala assistir as aulas dela: Ia! Era dura! Como você se sentia, Professora Artesã, com a Madre Rosalima lá atrás assistindo às suas aulas? Muito bem! Muito bem! Eu sempre fui muito firme com as minhas coisas, muito firme. Sentia muito bem, me sentia valorizada. Valorizada?! Não sentia vigiada? Não. Não era pra vigiar, né, era pra ver como estava sendo feito, né. Só, né. E dar orientações. Se tinha alguma fala, depois né, não perto dos alunos, sabe, depois tinha reunião com os professores, aí ela ia te explicar o que que precisava ser mudado, né. E sem te humilhar, sem te, nada, nada, nada. Muito, muito, muito bom! É outro nível! Muito bom!*

Na tese de Barros (2010), há transcrição de várias correspondências entre membros da Ordem encontradas pela a autora nos arquivos da Província. A Carta 4, de agosto de 1945, assim descreve a escolha de Madre Rosalima como Irmã pioneira na missão franciscana em Goiás:

Irmã Rosalima é natural de Providence. Ela é irmã mais nova que Marianna e ainda não teve oportunidade de tanta experiência. No entanto, acredito que ela tenha cerca de dois terços do trabalho de sua faculdade concluído. Ela é muito recomendada. Na verdade, ela me procurou durante todo o verão para me lembrar que era uma das voluntárias. Quando eu perguntei para elas que eu recebi algo como cinquenta solicitações [...] mas vamos enviar apenas as que são capazes espiritualmente (BARROS, 2010, p. 162).

Nos Anais da Província, de acordo com Barros (2010) constam as seguintes descrições sobre as duas Irmãs pioneiras, Maryanna e Rosalima:

Selecionaram para vanguarda Madre Maryanna como superiora e Irmã Rosalima. Madre Maryanna é uma veterana nesse tipo de trabalho, tendo passado os primeiros 13 anos de sua vida religiosa nas missões na Jamaica. Além dela dando muitos pontos da sabedoria missionária, a experiência dotou-a com um bom conhecimento de espanhol e francês, conhecimento que ela, entretanto, tem aumentado e aperfeiçoado por estudos avançados em línguas românticas no St. Bonaventure College e na Universidade Católica. Então, assim equipadas, Madre Maryanna (após várias semanas de estudo de Português em Nova York, para a iniciação) e Rosalima foram concedidas a distinção de abertura da primeira casa de sua congregação ao sul do Equador. E os frades do Comissariado missionário do Santo Nome no Brasil, receberam a ajuda incalculável de duas mulheres capazes, enérgicas e apostólicas, para reforçar o seu trabalho e ampliar o leque de seus empreendimentos (Anais da Província, vol. n. 6, abril de 1946, p. 385 a 390). ( p. 162-163).

As considerações positivas da Professora Cantora sobre as atitudes, apontamentos e contribuições de Madre Rosalima enquanto diretora, remetem às circunstâncias que Tardif (2014) descreve para facilitar a “estrela” na docência:

É preciso compreender que a estabilização e a consolidação não ocorrem naturalmente, apenas em função do tempo cronológico decorrido desde o início da carreira, mas em função também dos acontecimentos constitutivos que marcam a trajetória profissional, incluindo as condições de exercício da profissão. Por exemplo, as pesquisas sobre professores suíços de Genebra e do cantão de Vaud (HUBERMAN, 1989; HUBERMAN et al., 1989) indicam que certas condições são necessárias para que a “estreia” na profissão seja mais fácil e para que haja consolidação da profissão e estabilização na carreira, entre as quais: ter turmas com as quais seja mais fácil lidar, um volume de trabalho que não consuma todas as energias do professor, o apoio da direção ao invés de um controle “policia”, um vínculo definitivo com a instituição (conseguir um emprego regular, estável), colegas de trabalho “acessíveis e com os quais se pode colaborar, etc (TARDIF, 2014, p. 85-86).

Sobre as orientações recebidas nesse primeiro contato com a docência na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, Artesã conta que Madre Rosalima ensinava atividades, o que era pra fazer com os meninos, faz assim, não faz assim. Ensinava tudo. *Musiquinha. Aí, ela compunha as musiquinhas. Aquela “Quero que vá tudo para o inferno”, como que era a letra, heim? Para cuidar das plantas, ela fez uma música, na melodia (uma paródia): Faça com amor, me empresta o regador. Peraí, eu estou tentando. Não! Fugiu! Dá não.* E sobre a origem da musiquinha descubro que *Ela compôs pra ensinar os meninos a cuidar das plantinhas.*

O site oficial das Irmãs de Allegany traz uma pequena biografia de Madre Rosalima:

Primeira Irmã Franciscana de Allegany a pisar o solo brasileiro em 1º de fevereiro de 1946. Irmã Mary Rosalima O’Neill foi companheira de Irmã Marianna na aventura missionária no Brasil. Quarta filha de uma família profundamente religiosa, onde a oração, a hospitalidade, a alegria e o senso de humor faziam parte do dia-a-dia. Irmã Rosalima era assim: alegre, espontânea, cheia de vida e entusiasmo. Respondeu ao chamado de Deus com alegria, ingressando na Congregação das Irmãs Franciscanas de Allegany, onde foi possível realizar o sonho missionário, atendendo aos apelos da Igreja no Brasil. Seu aprendizado da língua portuguesa se deu com as crianças e com as lições que eram transmitidas aos alunos do primeiro ano da Escola onde trabalhou. Sobressaiu-se como catequista eficiente, preparando crianças para a 1ª Eucaristia e fazendo outros trabalhos de formação cristã das pessoas. Foi missionária zelosa, identificava-se com o povo. Mesmo sem grande habilidade para cantos, animava a celebração e, não raro, terminava cantando sozinha. Com o seu grande senso de humor levava um espírito de alegria aonde quer que fosse. Disponível em: [http://franciscanasgo.org.br/site/?page\\_id=213#postTabs\\_ul\\_213](http://franciscanasgo.org.br/site/?page_id=213#postTabs_ul_213)

*Figura 12 - Madre Mariana, pioneira a chegar em Goiás*



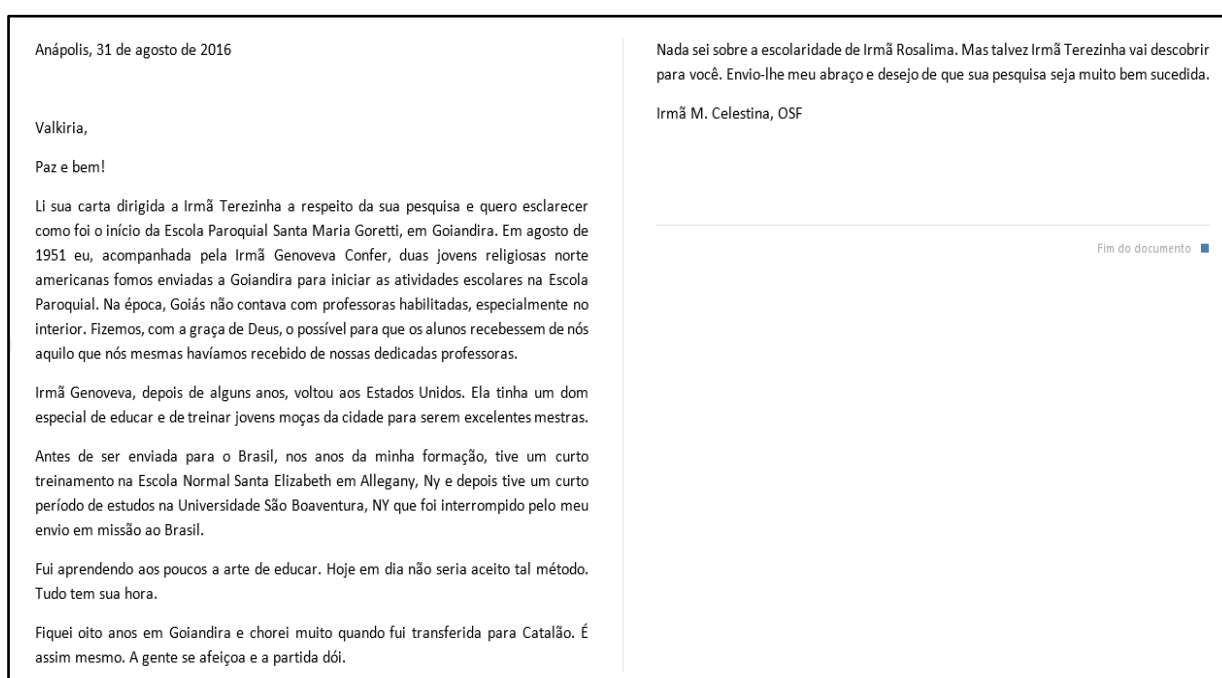
Fonte: Site [www.franciscanasgo.org](http://www.franciscanasgo.org)

Algumas indagações se projetam quando a figura das irmãs é centralizada: Será que Irmã Celestina e Madre Rosalima se formaram, igual a muitos frades, na St. Bonaventure University, na cidade de Allegany – USA? Qual seria a escolarização das Irmãs que trabalharam diretamente com as meninas professoras?

A resposta é pertinente para a análise da constituição da docência das entrevistadas. Persegui estes questionamentos por considerar a resposta pertinente para a análise da constituição da docência das entrevistadas. Irmã Terezinha, sabendo, por meio dos e-mails que enviei a ela, sobre a importância desta informação para o objetivo do presente estudo, conversou com Irmã Celestina que me enviou resposta. Até essa informação chegar a busca foi intensa. Começando pela essa troca de e-mails. Como Irmã Terezinha também não sabia sobre a formação pedagógica das Irmãs que trabalharam em Goiandira, em um desses e-mail ela me relatou a existência de um livro que foi escrito por duas Irmãs Franciscanas e um Padre, em comemoração aos 150 anos da Congregação Franciscana de Allegany. Depois de quase um ano de buscas frustradas por esse livro em Catalão, nas paróquias da região, em várias bibliotecas do Brasil, e com pouca bibliografia sobre a Ordem Franciscana em Goiás, minha amiga Roberta Almeida Elias, em viagem para aprimoramento da Língua Inglesa, realizou por mim, uma busca na Biblioteca *Vancouver Public Library*, na cidade de *Vancouver, Canadá*. Nenhum vestígio, afinal é um livro comemorativo e foram impressas poucas cópias. Mal sabia eu que o livro estava tão perto. Conversando com um amigo da turma/2016 do PPGEDUC – UFG/RC, que é morador de Pires do Rio, onde Irmãs de Allegany ainda residem, contei para ele a história e perguntei se ele podia ver com a possibilidade de elas terem o livro, que naquele momento eu já considerava uma relíquia. Ele procurou as Irmãs e elas não tinham, mas informaram a ele um casal que esteve nos Estados Unidos nas comemorações da origem da Congregação Franciscana de Allegany, na qual o livro foi lançado, com o título *Os maravilhosos trabalhos de Deus*. E foi

assim que esse livro chegou em minhas mãos. Embora ele traga a biografia de várias Irmãs de Allegany, não encontrei a formação escolar de Madre Rosalima. Porém, há nele importantes relatos que contribuíram com a análise da constituição da docência das ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Irmã Terezinha obteve a informação sobre a escolaridade de Madre Rosalima com a Congregação de Allegany, nos Estados Unidos, e me enviou por e-mail junto com um breve relato de Irmã Celestina, sobre a experiência que ela também teve como professora e diretora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, em Goiandira. O anexo sobre a formação escolar de Madre Rosalima é bastante resumido, mas foi suficiente para constatar porque as professoras entrevistadas a designaram como “Muito capacitada”, mesmo sem saber sobre a formação que ela tinha. Segue em figura conforme original:

**Figura 13** E-mail Secretária Regional das Irmãs de Allegany com mensagem de Madre Celestina Fruscione.



**Fonte:** arquivo pessoal da autora

No mesmo e-mail veio o resumo da Escolarização de Madre Rosalima, ex-diretora da Escola Santa Maria Goretti, no início da década de 60. Segue o texto, também na forma original:

**Figura 14** Formação da Madre Rosalima

<b>Sr. Rosalima O'Neill</b>		
<b>Grammar School</b>	<b>Holy Name School in Providence, R.I.</b>	<b>1916-20</b>
	<b>Cleary Grammar School in Providence, R.I.</b>	<b>1920-24</b>
<b>High School</b>	<b>Hope St. High School in Providence, R.I.</b>	<b>1925-29</b>
<b>College in 1956 available available</b>	<b>St. Bonaventure University, Allegany, NY</b>	<b>graduated</b>
	<b>Manhattan College, NYC, NY</b>	<b>dates not available</b>
	<b>Fordham University, NYC, NY</b>	<b>dates not available</b>
<b>Degree:</b>	<b>B.A. in English</b>	
<b>Graduate work:</b>	<b>Francis Hall Theology Program</b>	

**Fonte:** Arquivo Pessoal da autora.

Bochanski; Donovan; Rodrigues (2008) esclarece o motivo pelo qual irmãs assumiam funções em escolas fora de seu país:

A rápida fundação e expansão das escolas católicas pelos Estados Unidos, em resposta aos decretos do Conselho Plenário, significou que muitas vezes, irmãs algumas recém-professas ou mesmo postulantes – assumiam funções de professoras com pouca formação profissional (p. 41).

E continuam contribuindo para este entendimento:

Muitas, naturalmente, haviam frequentado alguns cursos antes de entrar para a Congregação, mas era comum que as religiosas, inclusive as Franciscanas de Allegany, estudassem meio período durante os anos acadêmicos e frequentassem cursos intensivos de verão para obter o diploma. Muitas vezes, eram necessários 12 a 20 anos para completar o curso e obter um bacharelado em Educação. Irmãs que lecionavam nas séries mais adiantadas estudavam na escola de verão na Universidade Duquesne, em Pittsburgh, e anos mais tarde na Universidade Seton Hall, e South Orange, Nova Jersey. A maioria das Irmãs também frequentava programas de férias na Faculdade de Professores Santa Elizabeth, em Allegany, que mais tarde veio a se tornar o Departamento de Educação Elementar da Escola de Educação da Universidade São Boaventura (BOCHANSKI; DONOVAN; RODRIGUES, 2008, p. 41-42).

Outras Irmãs lembradas com muito carinho pelas meninas professoras são a Irmã Maria da Paz, Irmã Marta e Irmã Diva<sup>29</sup>. De acordo com as Atas do Grêmio Literário Estudantil Stella Maris, Irmã Diva foi diretora na Escola Santa Maria Goretti nos anos 1964, 1965 e 1966.

Segundo as narrativas, cada uma das Irmãs citadas marcou de um modo a vida escolar

<sup>29</sup> Irmã Diva, caracterizada pelas meninas professoras como muito alegre e com uma voz muito linda, gostava de cantar. Na oportunidade da visita ao Convento Mãe Admirável reunidos em um grupo liderado por Frei Wilmar ela cantou para nós uma música em Português e outra em Inglês. O Frei e as Irmãs cantaram com ela. De fato, ela tem uma voz linda, conforme descreveram as entrevistadas.

das professoras entrevistadas e teve assim influência na constituição da docência delas. A ideia de ouvir as Irmãs, outros professores, funcionários e alunos da escola paroquial, impõe a pensar a continuidade dos estudos dessa pesquisa. Já basta ter perdido a oportunidade de entrevistar Madre Rosalima, Professora Maria Conceição Porto, lúcida aos 101 anos, falecida, recentemente, em Goiânia, e o Professor Fortonzed, de Matemática, também falecido a pouco tempo em Catalão, onde residia, mas era professor na Terra Branca. Ele e vários outros professores, inclusive alguns doutores, moravam em Catalão e trabalhavam na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel em Goiandira. Faziam o mesmo trajeto que eu faço hoje para ser professora no Colégio Estadual Dom Emanuel, porém, eles o fizeram em um tempo que poeira e lama eram parte da paisagem.

Sem parada! A viagem continua!

## 2.2 Educação Católica: Breve olhar sobre o Brasil

Segundo Nóvoa (1995. p.34), os anos 60 se configuram na história da Educação, como anos de “ausência de estudos sobre a ‘carreira’ dos professores, com exceção da investigação fundamental de Peterson (1964). Sobre este mesmo período, Antônio Nóvoa (1995) faz a seguinte observação:

Desde o pós-Guerra que o papel da escola no processo de reprodução social e cultural se tem vindo a alterar, como se demonstra pelo facto de as elites locais serem cada vez menos recrutadas com base em critérios escolares, com a consequente diminuição dos professores (Laborit, 1992). (...) Dois estudos recentes (Ball e Goodson, 1989; Woods, 1991) (...) referindo-se aos anos 60 como um período em que os professores foram “ignorados”, parecendo não terem existência própria enquanto fator dominante da dinâmica educativa; (...). (NÓVOA. 1995, p. 15).

No livro História da Educação no Brasil, Saviani (2008), está explicitada a presença da Ordem Franciscana no Brasil, enquanto missão evangelizadora e educadora e há vários destaques em alguns capítulos sobre a influência da religião católica na Educação brasileira, já que:

O regime monárquico instalado após a independência política adotou o catolicismo como religião oficial, sob a forma do padroado, assim definido por Bruneau: Padroado é a outorga pela Igreja de Roma, de um certo grau de controles sobre a Igreja local ou nacional, a um administrador civil, em apreço de seu zelo, dedicação e esforços para difundir a religião, e como estímulo para ‘boas obras’. De certo modo o espírito do Padroado pode ser assim resumido: aquilo que é construído pelo administrador pode ser controlado por ele”. (SAVIANI, 2008, p. 178)

Ao discorrer sobre presença da religião católica na Educação no Brasil, Saviani (Saviani, 2008, p. 179) destaca que: “A Igreja jamais aceitou o que a levou a mobilizar todas as suas forças para reverter esse estado de coisas”. Segundo este autor, faz parte dessa reação Católica a fundação da revista *A Ordem*, em 1921, “que se converteu no principal veículo de difusão das posições católicas. Saviani (2008, p. 195), diz que em 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, sendo Francisco Campos o primeiro ministro desta pasta, sete decretos foram criados, entre eles o de número 19.1941, “que restabeleceu o ensino religioso nas escolas públicas”. Naquele mesmo ano:

(...) a principal bandeira de luta dos católicos na frente educacional foi o combate a laicização do ensino. (...) Assim, conforme os católicos, a escola leiga, preconizada pelos escolanovistas em lugar de educar deseducava: estimulava o individualismo e neutralizava as normas morais, incitando atitudes negadoras da convivência social e do espírito coletivo. Somente a escola católica seria capaz de reformar espiritualmente pessoas como condição e base indispensável à reforma da sociedade. (SAVIANI, 2008, p. 257)

A manutenção de uma educação de características católicas era garantida pela multiplicação de escolas. Em 1928, havia mais de 300 colégios católicos no Brasil.

Sobre a presença da Ordem Franciscana em terras brasileiras, Saviani (2008) destaca que:

A colonização do Brasil contou com a contribuição imprescindível das Ordens religiosas. Pode-se considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os franciscanos. Com efeito, o primeiro grupo de oito missionários franciscanos chegou ao Brasil na caravela de Pedro Álvares Cabral, estando entre eles, o frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa na nova terra no dia 26 de abril de 1500. (SAVIANI, 2008, p.33)

Em resumo, Saviani (2008) diz que mais dois frades chegaram ao Brasil nos anos seguintes, fixando residência em Porto Seguro, onde foram trucidados por Índios. Em 1534 chegou ao nosso País um novo grupo de franciscanos e em 1537, chegaram mais cinco franciscanos espanhóis. Saviani(2008) demarca ainda que:

(...) esses frades já usavam a técnica de percorrer as aldeias indígenas em missões volantes, unindo a catequese à instrução. Foi essa técnica que mais tarde caracterizou a ação dos Jesuítas. Esses franciscanos constituíram recolhimentos que funcionavam em regime de internatos, como verdadeiras escolas que ensinavam além da doutrina, a lavrar a terra e outros pequenos ofícios. Outros franciscanos chegaram a diversas regiões brasileiras XVI, sendo que o estabelecimento definitivo da Ordem no Brasil data de 1585, quando foi fundada em Olinda a primeira Custódia do Brasil, com o convento que recebeu o nome de Nossa Senhora das Neves de Olinda. (SAVIANI, 2008, p. 40, apud Mota, 1984, p.50)

Saviani (2008, p. 40), cita a tese de Sangenis (2006), para dizer que ele propôs neste estudo “recuperar a importância dos franciscanos na história da educação brasileira. (...) Sua conclusão contra o ‘pensamento étnico’ imposto pelo jesuitismo, afirma a importância decisiva da presença franciscana na formação de nossa cultura”. Almeida Barros (2009, p. 58) diz em sua tese, *No Altar e na sala de aula: vestígios da catequese e da educação franciscanas no sudeste goiano (1944-1963)* que “A educação, tomada na configuração institucionalizada, também contou com a chancela da filosofia católica desde o início, situação que se prolongou durante a colonização, perpassou todo o período imperial e adquiriu novos contornos a partir da instalação do Estado Republicano”. Barros também destaca que:

A exemplo da catequese, também a educação se expandiu por meio das ordens e da estrutura material da Igreja Católica, visto que não havia da parte do colonizador nenhum projeto de nação e de civilização para a Colônia. Nestas lacunas, a atuação da Igreja no campo educacional se estruturou sem concorrência, ora cumprindo a instrução necessária para a catequese do gentio, de mestiços e colonos, ora estabelecendo colégios destinados à formação dos filhos da elite rural que aqui se instalou dentro do projeto colonizador. (ALMEIDA BARROS, 2009, p. 58)

Segundo Barros (2009, p. 65), entre Ato Adicional de 1834 até o final do Império em 1889, muitas escolas mantidas pela Igreja Católica se instalaram no nosso País. De acordo com a tese de Castanha (2008), o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, resultado de “um intenso jogo de forças entre conservadores e liberais, que lutavam pela hegemonia política”, descentralizou o ensino elementar, ficando cada província incumbida de legislar sobre a instrução dos seus habitantes. O mesmo autor partiu do ponto no qual muitos historiadores atribuem ao Ato Adicional de 1834 o “fracasso e a desorganização” da Educação pública elementar brasileira no século XIX, e em sua tese há observações como a de Saviani (2006) de que a transferência da instrução pública para as províncias apenas legalizou a omissão do Governo Imperial. Fato é que até hoje a educação pública básica está, em grande parte, sobre a responsabilidade, legislação e encargos dos Estados e Municípios e o País não tem um projeto educacional nacional sólido.

A partir de uma extensa análise documental Castanha (2008) conclui que é simplista a visão de muitos autores da historiografia da educação brasileira, “positivistas, idealistas e marxista”, que inflige ao Ato Adicional de 1834 “a pouca difusão da instrução” no período do Império brasileiro, considerando para tal conclusão que:

No Brasil do Século XIX não havia condições econômicas, políticas, sociais, materiais e humanas para difundir escolas por todo território. E digo mais, a instrução não se constituía como uma necessidade básica para a maioria da população. O interesse da população pela instituição escolar era muito pequeno, visto que o Brasil da época era basicamente rural, a população estava dispersa, com difíceis recursos de comunicação e transporte e, principalmente, pelo fato da base da organização produtiva ser a escravidão. (CASTANHA,

2008, p. 128)

Nessa tese, Castanha (2008, p. 135) aponta que “Os Jesuítas foram expulsos da França, Espanha e Portugal. Neste último, em 1759, com o Marquês de Pombal. Em todos os países, a lacuna deixada pelos Jesuítas passou lentamente a ser preenchida pelo Estado”. Embora, nenhum país do mundo tenha conseguido disseminar, plenamente, a educação pública até o final do século XIX, esse processo de estatização do ensino foi ainda mais lento no Brasil. Em 1808, D. João VI chega ao nosso País e traz estímulos à abertura de portos o que propiciou “um fluxo maior de capitais, pessoas e ideias. Várias instituições foram criadas ou fortalecidas, possibilitando, assim a constituição de uma nacionalidade brasileira”. Com a queda de Napoleão houve pressão para que D. João VI voltasse à Portugal, aumentando no Brasil “a luta pela Independência, mas as medidas relacionadas à instrução pública por parte do Estado foram mínimas”:

No entanto, em 1821 as Cortes Gerais Extraordinária e constituintes da Nação Portuguesa “considerando a necessidade de facilitar por todos os modos a instrução da mocidade no indispensável estudo das primeiras letras” e diante do fato de que “não é possível desde já estabelecer, como convém, Escolas em todos os lugares deste Reino por conta da Fazenda Pública; e Querendo assegurar a liberdade que todo cidadão tem de fazer o devido uso dos seus talentos”, decretaram a seguinte lei: Que da publicação deste em diante seja livre a qualquer cidadão o ensino, e a abertura de Escolas de primeiras letras em qualquer lugar deste Reino, quer seja gratuitamente, quer seja por ajuste dos interessados, sem dependência de exame, ou de alguma licença. A Regência do Reino o tenha assim entendido e faça executar. (CASTANHA, 2008, p. 135-136. Grifos do autor)

Castanha (2008, p. 136), diz que “Assim, por iniciativa individual, várias escolas foram abertas em diversas cidades do Brasil. Depois da formalização da Independência e de uma certa estabilidade política, a instrução pública passou a ser mais discutida, e algumas medidas foram sendo implementadas, por iniciativa do Estado”. Castanha (2008) utilizou em sua tese vários documentos, dentre eles, os relatórios das dezenas de Ministros que estiveram à frente do Ministério dos Negócios do Império, que tinha, entre outras responsabilidades, a incumbência de legislar e administrar a instrução pública na Corte. Apesar de ser considerado pelo autor uma figura ambígua, destaco o relatório do Ministro Liberato Barroso, pelas referências que ele fez em defesa do Ensino Religioso e do catolicismo, como algumas das raízes que sustentaram a base educacional imperial, tão fortemente disseminadas, podendo ter favorecido a instalação de escolas confessionais no Brasil, muitas delas com subvenções do Estado e manutenção de bolsas de estudos de alunos, como é o caso da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, mesmo

após a Proclamação da República, em 1889, e da promulgação da Lei de 07 de janeiro de 1890<sup>30</sup> que separa Estado e Igreja, deixando de ser a Igreja Católica Apostólica Romana a religião oficial do Estado, dando liberdade às outras religiões, que de acordo com o artigo 5º da Constituição de 1824<sup>31</sup>, somente eram “permitidas em culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo”. Segue excertos do relatório de Liberato Barroso com descrições realizadas por Castanha (2008):

No seu relatório apresentado à Assembléia geral em 1865, o Ministro Liberato Barroso deu importância central ao ensino religioso e à formação das futuras mães, pois segundo ele era a religião e a família que garantiriam a edificação de uma sociedade moralizada. “Em geral, não se distingue a instrução, que forma o espírito e desenvolve a inteligência da educação que forma o caráter e desenvolve as qualidades do coração”, argumentava Barroso. A formação moral era uma necessidade indeclinável de toda a sociedade bem constituída”, mas ela não tinha “ainda entre nós a satisfação desejável. Infelizmente não se “tem compreendido bem os meios de levar a efeito este melhoramento”. (CASTANHA, 2008, P. 168)

Diz Castanha (2008, p.169), “A mãe de família e o sacerdote são os obreiros deste trabalho, eminentemente civilizador: é do concurso destes dois esforços fracos e modestos em sua aparência, mas fortes e sublimes em seus resultados, que se pode esperar a regeneração nas sociedades cristãs. Devido às instabilidades políticas, Liberato Barroso permaneceu por pouco tempo à frente do Ministério, mas ele não abandonou seus ideais de articular escola e religião”, o que segundo Castanha (2008, idem) ficou claro no Livro que Liberato publicou, “menos de dois anos depois”, com o título A instrução pública no Brasil, reforçando que: “A religião foi no passado, e será no futuro, em todos os tempos o primeiro fundamento das sociedades humanas: é somente sobre a sua influência poderosa, que se baseia a preponderância dos povos civilizados. “(...). Em todas as épocas a perda do sentimento religioso foi sempre seguida pela perda das aptidões morais (...)”.

Há nas narrativas das professoras entrevistadas vestígios dessa forte presença do catolicismo apregoado no Brasil Imperial. As Meninas Professoras demonstraram descontentamento ao saber que no Colégio Estadual Dom Emanuel poucos professores, maioria que também foi aluna do Ginásio Dom Emanuel e conviveram com os Frades e as Irmãs de Allegany, são os que ainda rezam antes de começarem as aulas. O desapontamento também foi visível quando souberam que no Colégio Estadual Dom Emanuel não tem mais exposição de imagens que simbolizam o cristianismo, nem do crucifixo nas salas de aulas, que por ser uma

---

<sup>30</sup> Fonte:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm)

<sup>31</sup> Fonte:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm)

escola pública, deve ser laica. Houve neste ponto da entrevista um silêncio lido como reflexão, uma introspecção acompanhada de um olhar longínquo e perdido na atualidade, como se tivessem sido atropeladas pelo tempo e por tudo que veio junto. Transmitiram a impressão de que a Lei que determina o laicismo nas escolas brasileiras fosse uma Lei recente e não datada do ano seguinte à Proclamação da República. Elas foram alunas e professoras em uma escola católica e particular por décadas, assim sendo, dificilmente o laicismo ocuparia o lugar do catolicismo.

As narrativas das Meninas Professoras demonstram que em meados do século XX, em plena república muitas características da Educação ainda permaneciam iguais ao tempo da colonização e do Império. A maioria das entrevistadas afirmou ter rezado antes de iniciar a aula até se aposentarem na Rede Pública Estadual de Educação: *Agora na sala eu rezava até aposentar. Fui até o fim rezando. Outro dia a Maria José estava lembrando, porque mês de setembro é mês da Bíblia, né. Ela falou assim: “Eu queria tanto que os professores pusessem a Bíblia lá em exposição. A última vez quem fez isso foi a senhora quando a senhora trabalhava lá”. Eu punha, eu colocava a Bíblia em destaque, na época que eu trabalhava lá. Ela falou assim: “A senhora era a única”*. Serena explica que na Escola Paroquial existia um lugar para a Bíblia ficar o ano inteiro. E tinha também imagens: *Tinha um lugar da imagem e da Bíblia lá*.

O mesmo assunto apareceu espontaneamente na narrativa da Professora Cantora que se mostrou também incrédula ao saber que não havia mais Bíblia, nem imagem na escola. *Lá não tem mais imagem, não tem mais nada disso? Cristo, o crucifixo ainda tem? Mas, na direção tem? Mas, o Pai Nosso é universal, não?* Informada de que nada disso mais é permitido pelo fato da escola ser laica ela, assim como Serena persiste tentando encontrar algum símbolo católico: *Nem o Pai Nosso? Eu sei que é para o evangélico, o espírita, o católico, mas, para o budista que não é*. Ao falar que o Pai nosso é uma oração universal, fica claro que o cristianismo foi fortemente disseminado no Brasil como se fosse religião única no mundo, apenas com ramificações dentro dele mesmo. As escolas foram competentes aliadas nessa disseminação tanto no Império, quanto na própria escola pública da República (CASTANHA 2008).

Barros (2010) explora o fato da religiosidade caminhar de mãos dadas com o nacionalismo no período da primeira república pela manutenção de conteúdos religiosos misturados aos conteúdos específicos do currículo escolar propriamente dito. Sobre a laicidade do Ensino a autora informa que:

Na República, logo nas primeiras décadas tivemos no campo educacional a

marca de diferentes reformas de ensino, algumas pautadas por uma política de controle do Estado na centralização das decisões e do controle curricular. Em outras a descentralização ocorre no sentido de relegar às províncias a responsabilidade sobre a escolarização nos mais diferentes níveis e modalidades. (...) Com a instauração da laicidade do ensino pela República, bem como a ruptura do pacto financeiro (fim do padroado) que destinava recursos públicos para a manutenção da estrutura eclesiástica brasileira, sérias divergências de cunho político e ideológico foram travadas entre setores da Igreja Católica, especialmente os representantes de instituições educativas e representantes do campo educacional republicano (2010, p. 66)

Do mesmo modo que houve um aumento significativo do número de escolas no Brasil no período Imperial a partir do Ato Adicional, conforme Almeida Barros (2009), isso também aconteceu na República. Usufruo das assertivas de Gonçalves (2004) para descrever alguns aspectos ligados à Educação no período republicano, do qual a década de sessenta é o recorte do objetivo geral dessa pesquisa:

Com relação ao período republicano há que se ressaltar dois pontos. O primeiro se refere ao significativo aumento da rede de escolas católicas por todo Brasil, a partir da proclamação da República quando se definiu oficialmente a separação entre Estado e Igreja. O segundo se refere ao fortalecimento, no final do século XIX e início do século XX, das idéias liberais no campo educacional, que disseminaram no país uma série de representações acerca da educação escolar, entre elas: a instrução como elemento de regeneração da nação, de combate à ignorância, de disseminação das luzes e da razão, bem como instrumento propulsor do progresso, da civilização e moralização dos costumes. Desse modo, à escola era atribuído o papel de instrumento do progresso histórico, configurando assim um sistema escolar com base na modificação nos padrões de ensino e da cultura escolar nos diferentes níveis e modalidades. (GONÇALVES, 2004, p. 19)

Nessa estatística do “significativo aumento da rede de escolas católicas por todo Brasil” no período republicano, certamente consta a chegada da Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus, de Nova Iorque, em 1943, e a construção de várias escolas franciscanas em Goiás. Dentre elas a Escola Paroquial em Goiandira, em um prédio que abrigava a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, onde todas as professoras entrevistadas foram alunas e, posteriormente, professoras; o Ginásio Dom Emanuel, onde todas foram alunas e Escola Normal Dom Emanuel, onde três das cinco professoras foram normalistas. As outras duas cursaram o Normal em Catalão e em Patrocínio, também escolas católicas. A presença da Ordem Franciscana na Paróquia Sagrado Coração de Jesus e a construção da escola paroquial está contada a seguir, o que foi possível por meio das narrativas das entrevistadas e escassa bibliografia existente sobre esse assunto.

Do contexto brasileiro para o cenário mais próximo da história de vida das Meninas Professoras, segue a viagem ao passado!

### 2.3 Ordem Franciscana na Paróquia Sagrado Coração de Jesus - 1947 a 1971

Compreendendo que as missões católicas educadoras têm como objetivo a evangelização, é impossível separar o ser Paróquia do ser Escola. Essas são vertentes da Educação católica que se entrelaçam como se entrelaçam as histórias de vida das professoras com a constituição da docência das mesmas.

Wyse (1989, p. 88) compartilha que a evangelização cristã católica se cumpre com mais eficiência começando pelas crianças. Com base nesta prerrogativa, é fácil concluir que aliar Educação e evangelização é como encurtar caminho para alcançar o objetivo. Tendo essa conclusão como luz para a missão, como já foi dito, várias escolas paroquiais foram criadas pela Ordem Franciscana em Goiás. Relata, Frei Alexandre Wyse (1989, p. 8), que ao final do primeiro triênio da presença dos frades americanos em terras goianas, eles tinham assumido muito mais paróquias do que estava previsto no projeto inicial. Considerando difícil cumprir com a tarefa de evangelizar, por meio da educação, em uma área tão extensa, com apenas 14 missionários no início de 1943, em 1945 a Província do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque, decidiu enviar mais frades para contribuir com a árdua e exigente missão franciscana. Alguns frades ficaram durante um mês no Rio de Janeiro, estudando a língua portuguesa no convento Santo Antônio, outros passaram três meses em Petrópolis, no convento Sagrado Coração, também dedicando aos estudos da língua antes de seguirem viagem para cidades goianas que tinham como destino:

No entender dos frades – eles mesmos frutos de escolas católicas, desde os dias do ABC – o melhor instrumento para firmar o lugar da religião nos lares e nas famílias sob seus cuidados, haveria de ser a escola paroquial. Esse modo de pensar dos frades achou forte apoio no pensamento do Provincial, educador que era. (WYSE, 1989, p. 85)

Neste sentido, Frei Paul Seibert, em junho de 1944, escreveu uma carta para a Província do Santíssimo Nome de Jesus em Nova York, solicitando autorização para fundar as escolas paroquiais, bem como, recursos financeiros:

Nosso Arcebispo, como o Senhor bem sabe, quer que construamos e dirijamos escolas: um grande internato em Anápolis, e pelo menos escolas de externato nos outros lugares onde estamos...Mas isso se poderá fazer, como o Senhor bem entende, só com a ajuda, em grande escala, de fundos americanos”. (WYSE, 1989, p.85-86)

Segundo o Frei Alexandre Wyse (1989, p. 98) em 13 de março de 1946 se deu a benção da escola paroquial em Pires do Rio, onde as primeiras sete professoras da Escola inaugurada eram formadas “pela escola normal mantida na cidade pelo grupo protestante”. Em Anápolis, que já tinha uma escola em funcionamento desde 1946, uma segunda escola paroquial foi construída, iniciando os trabalhos em 1948. Entre construções e administração de escolas em prédios já existentes, a Ordem Franciscana assumiu paróquias em várias cidades goianas. As primeiras: Catalão, Pirenópolis, Pires do Rio e Anápolis. Depois: Ceres, onde já existiam escolas, mas, com professoras que não tinham o ensino primário completo (idem, p.114), Goiandira, Goiânia, Porangatu, Araguacema, Cristalândia, além da Ilha do Bananal<sup>32</sup> e da Nova Capital, o Distrito Federal: Brasília.

Mesmo com a convicção de que se evangeliza com mais eficiência em consonância com a Educação de crianças, em uma das correspondências sobre a possível construção de escolas paroquiais em terras goianas, trocadas entre Frei Paulo Seibert, que era o comissariado responsável pela missão franciscana no Brasil e o Provincial em Nova Iorque, fica claro que a missão de evangelização não estava, a princípio, vinculada à missão educacional:

Numa carta, dentre as primeiras escritas de Anápolis o Provincial, em Nova Iorque, Frei Paulo tocou no assunto das escolas de Anápolis, e o Padre Campbell, o provincial, em resposta datada de 15 de fevereiro de 1944, cautelosamente, falava das complexidades da situação quanto às escolas, em Anápolis. O provincial discorria sobre as prioridades que o embrionário Comissariado deveria marcar para si, colocando a educação em segundo plano, em relação à vida comunitária e ao ministério e catequese dos fiéis. Para o Arcebispo, porém, o assunto das escolas, aparentemente, gozava de uma importância igual à aceitação das quatro paróquias. (WYSE, 1989, p.76-77).

Por meio de inúmeras cartas enviadas, de Goiás para Nova Iorque e vice-versa, houve entendimento entre o Provincial e o Arcebispo no sentido de construir as escolas paroquiais, o que exigia a presença de mais missionários em Goiás e a contribuição de Religiosas, com experiência pedagógica, para assumirem, com os frades, tal desígnio, conforme foi exposto no item 2.1.

Como já foi dito, Goiandira era considerada por Frei Paulo Seibert como “Santa cobiça”, mas, a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, não constava entre as quatro primeiras paróquias que o Arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira ofereceu para a Ordem Franciscana.

---

<sup>32</sup> Atualmente, Porangatu, Araguacema, Cristalândia e Ilha do Bananal, pertencem ao Estado de Tocantins.

Ao ler o livro de Alexandre Wyse (1989), a princípio percebi que a construção de escolas paroquiais se deu muito mais pelo entusiasmo de Frei Paulo Seibert do que por uma prioridade pensada para a missão evangelizadora inicial. Porém, perseguindo a história com uma leitura mais cuidadosa e pelas narrativas das meninas professoras observei que, além do otimismo e entusiasmo de Frei Paulo Seibert, outras questões chamavam a atenção da Ordem Franciscana para a necessidade de uma presença mais efetiva da religião católica naquele município. Wyse (1989) resume as condições da cidade e da Paróquia Sagrado Coração de Jesus naquela ocasião:

Antigamente, distrito do município (e da paróquia) de Catalão, depois de emancipada, em 1931, Goiandira tornou-se (em 1939) uma paróquia independente, consagrada ao Sagrado Coração de Jesus. Desde a criação, porém, quase não residira ali um vigário. O enfraquecimento da religião, inevitável em tais circunstâncias, contribuiu para o surto e a florescência de várias seitas acatólicas. O espiritismo alastrava-se, em todas as camadas sociais. A triste situação chegou a tal ponto que a Assembléia de Deus apropriou-se de um terreno pertencente à paróquia, para nele construir um templo seu. A maçonaria gozava de enorme influência, tendo fundado várias obras assistenciais. O partido comunista, outrossim, fixara em Goiandira o seu núcleo regional, donde espalhava, pelo Estado inteiro, a propaganda anti-religiosa (WYSE, 1989, p. 116-117).

De acordo com as narrativas de Alexandre Wyse (1989), até o momento, único livro que discorre sobre os primeiros 40 anos da epopeia franciscana de frades americanos em Goiás, Frei Paulo Seibert elaborou um prognóstico muito otimista com relação à cidade de Goiandira:

Impressionado mais com as possibilidades do que com as realidades, Frei Paulo previa que Goiandira – cidade cruzada por duas linhas férreas, a Estrada de Ferro de Goiás e a Rede Mineira de Viação – haveria de ser, um dia, grande metrópole e centro de comércio e negócios. Se, na época, a cidade contava com apenas 2.000 habitantes, no município, todavia, viviam mais de 20.000. No outro lado do Rio Paraíba<sup>33</sup> achava-se a fabulosamente rica região do Triângulo Mineiro. Tudo indicava um futuro promissor, se olhada a realidade com olhos otimistas (WYSE, 1989, p. 116).

De acordo com Wyse (1989, p.117), a Ordem do Santíssimo Nome de Jesus assumiu a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em dezembro de 1947 e em 1948 Frei Domingos foi

---

<sup>33</sup> Entendendo que, certamente, por mero erro de digitalização, o Rio Paraíba, citado no excerto do livro de Wyse (1989), não é o rio que de fato faz divisa entre Goiás e Minas Gerais e sim o Rio Paranaíba, que de acordo com o site [Regiões Hidrográficas – CBH](#): “O rio Paranaíba, juntamente com o rio Grande, é um dos formadores do rio Paraná. Sua nascente está situada na Serra da Mata da Corda, no município de Rio Paranaíba/MG, e possui altitude de cerca de 1.100 m. Percorre aproximadamente 100 km até alcançar o perímetro urbano de Patos de Minas/MG e segue mais cerca de 150 km até tornar-se limítrofe entre os Estados de Goiás e Minas Gerais. Neste ponto, encontram-se os limites municipais entre Coromandel e Guarda-Mor em Minas Gerais, e Catalão em Goiás. A partir deste trecho, o rio Paranaíba continua sendo o divisor entre Goiás e Minas Gerais até o município de Paranaíba/MS, onde passa a formar a divisa entre os Estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. O Paranaíba segue até a confluência com o Rio Grande, exutório da bacia, para formar o rio Paraná.

enviado para Goiandira: “Nas mediações da igreja existente, Frei Domingos alugou uma pequena casa, notável apenas pela falta dos acessórios da vida moderna; nela não havia água encanada, nem instalações sanitárias, nem vitrais”. E sobre as pessoas do lugar Frei Domingos fez uma observação (idem, p. 117): “O povo foi classificado em atitudes em relação ao sacerdote: uns, desconfiadamente questionavam seu desprendimento em vir morar em Goiandira; outros, plenamente gratos pela presença de um vigário dedicado”.

Tal desconfiança está explícita na narrativa das ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. A professora Artista disse: (...) *a Maçonaria aqui, na época, eles bateram muito contra os padres porque eles achavam que os padres estavam vindo pra cá pra alguma coisa*. Surpreendida por esta reflexão da Professora Artista, eu disse a ela que em um dos livros que eu li para esta pesquisa eu tinha constatado que tal desconfiança foi sentida pelos frades. Então ela completou: *Quando eles fundaram aqui a legião de Maria, Nossa Senhora, aí que foi feio. Porque aí Legião de Maria começou a entrar na casa de todo mundo, né?* Ao tentar entender o que era Legião de Maria, ela me explicou que essa Legião foi criada pela Ordem Franciscana para realizar um trabalho de Evangelização na cidade de casa em casa. Sobre as desconfianças da comunidade com relação à presença da Ordem do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque em Goiandira e os desafetos, Professora Serena fez a seguinte observação: *Ah! Não. De vez em quando tinha umas rixas, de vez em quando. Como sempre a Igreja foi perseguida, né, Walkíria? A gente sabe disso. Aí como eles, às vezes, eram muito exigentes, né, e tudo, às vezes, as pessoas, às vezes num. Ah! Igual hoje mesmo. Porque hoje também é assim, né?*

Professora Flor não mencionou nada sobre as desconfianças e desafetos de algumas pessoas da comunidade com relação à presença da Ordem Franciscana em Goiandira, já a Professora Cantora disse que: *Os Padres sofreram demais, os americanos com a Igreja Brasileira. A Igreja Brasileira, foi na época que a Igreja Brasileira estava no auge, estava no auge. E os Padres proibiam os alunos de ir lá. E tinham umas pessoas que eram espiãs para ver quem estava indo lá e contar para os Padres*.

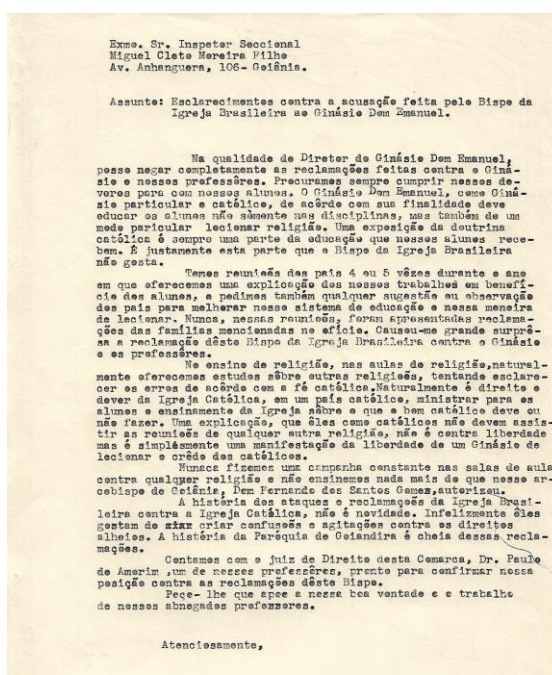
A missão da Ordem Franciscana em Goiandira teve seus percalços e Frei Alexandre Wyse (1989), assim as descreve:

Apesar das inegáveis consolações, em Goiandira havia problemas peculiares ao local. Exemplo disso foi a série de desavenças com a Igreja Católica Brasileira. Todos os anos, em outubro, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, composta, como em toda parte, principalmente por pretos, costumava realizar sua festa, em verdade mais profana do que religiosa, Frei João Antônio consentiu que, trajando, conforme seu costume, roupas de cores berrantes,

pudessem executar suas congadas na Praça da igreja; mas insistiu que, uma vez na igreja, deixassem as folias lá fora. Os capitães de fato concordaram; mas vindo incorporar-se à comissão organizadora elementos de fora, não pertencentes à paróquia, esses chamaram de Uberlândia um padre da Igreja Brasileira. Armaram então uma ‘capela’ de pau-a-pique, em outra parte da cidade, levando para lá as imagens dos santos da sua devoção. Ali fizeram a festa à sua moda, com bebidas e brigas, junto a uma orgia de profanação. O resultado foi um certo espírito quase cismático por parte dos paroquianos rebeldes, que só desapareceu depois de vários anos. Em outra ocasião, a Igreja Brasileira construiu um templo na cidade. Para administrá-lo, ordenou um rapaz de Goiandira, um jovem que mal tinha terminado o curso ginásial. Lá ele celebrava missas, fazia batizados, solenizava casamentos para aqueles que não aceitavam a autoridade ou o ensinamento do vigário do Sagrado Coração de Jesus (WYSE, 1989, p. 120).

Encontrei no arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel um documento que relata um episódio das desavenças entre a Igreja Católica Brasileira e a Igreja Católica Apostólica Romana em Goiandira:

### Figura 15 Esclarecimento



Fonte: arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel

Barros (2010), traz em sua tese inúmeras correspondências da Ordem Franciscana no período da missão em Goiás. Destaco nesse estudo algumas que estão diretamente ligadas ao lugar e contexto nos quais as meninas professoras estavam inseridas, sendo esta extraída dos Anais da Província, apud. Barros (2010), vol. XI, n. 4, Outubro de 1954, p. 252-254):

Vitória em Goiandira – Por Antônio Sales. Antônio Sales é professor em Catalão. Seu artigo, uma publicação de lá, foi traduzida pelo padre Frei John

B. Vogel. Goiandira, uma pequena cidade da região central do Brasil, estava sem assistência permanente de sacerdotes, por muitos, muitos anos. Naturalmente, então, este local pouco agradável com seu povo bom e simples ficou à mercê das forças que a Guerra contra o reino de Cristo. Comunismo floresceu de forma alarmante. Espiritismo e protestantismo, juntamente com outras seitas e heresias, deixaram marcas profundas neste cantinho de terra no interior do Brasil. Mas Deus é um bom pai e mandou aqui há alguns anos, os padres franciscanos suave e apostólica. Os filhos de São Francisco construíram uma escola primária, uma escola, e trouxeram as irmãs, consertou a Igreja e, com as mãos no arado, sem olhar para trás, eles trabalharam a sério. No começo, poucas pessoas deram ouvidos ao apelo do Cristo Eucarístico, ora residindo em seu meio. O número de pessoas na missa era pequeno e ainda menor no altar. (...). Os anos passaram (...) Há ainda os obstinados que continuam surdos a graça (...) Funda a providência em Goiandira, um modesto Praesidium da Legião de Maria (...). (BARROS, 2010, p. 208-209).

Professora Artista diz em sua narrativa que participou da Legião de Maria. Conforme Barros (2010, p. 209) “aos pares” as pessoas que participavam da Legião, foram de casa em casa em Goiandira, explicando fatos relacionados aos desafetos da Igreja Católica Apostólica Romana com a Igreja Católica Brasileira naquela cidade: “instruindo as pessoas no seu dever de evitar a heresia. Alguns trabalhavam tanto quanto nove horas”. Barros (2010, p. 210) observa que enquanto as “igrejas católicas” se desentendiam, as igrejas protestantes “tinham êxito na conquista de novos fiéis”.

A missão franciscana em Goiás tinha, na visão deles mesmos, uma satisfação no cumprimento do projeto de evangelização por meio da Educação e assim se expressam em mais uma das correspondências destacada por Barros (2010, p. 206):

Finalmente, muito poucos, se alguns dos formados das nossas escolas paroquiais deixarem a Igreja. Eles sabem a diferença entre a Igreja Católica e as seitas protestantes ou Espiritismo, a terrível maldição da América Latina. Nos Estados Unidos os pais são os que geralmente guiam e inspiram as crianças. Aqui, ao contrário, muitas vezes as crianças, provincianamente educadas são as que instruem seus pais nos seus deveres religiosos e levá-los aos sacramentos. Às vezes, é profundamente comovente presenciar os esforços de um ou de outro estudante para preservar a sua fé católica contra a insistência de um pai que é um maçom, ou de uma mãe que tenha ingressado em uma seita protestante. (ANAIS DA PROVÍNCIA apud BARROS, 2010, p. 206).

A mesma autora aponta que:

O grande medo e até mesmo o pavor da Igreja nesse período, é o Comunismo. À medida que se reforça a ideia de instituição eclesial colocada numa ordem superior e espiritual, o comunismo é apresentado como a grande revolução do ateísmo materialista, desestabilizando toda a ordem social vigente no mundo. (AZZI; KLAUS apud BARROS, 2010, p. 206).

Conforme está no resumo de Barros (2010), “A originalidade com que os franciscanos não apenas disseminavam o seu projeto missionário como também definiram acordos e mediações com a realidade local, por meio das ações educativas e catequéticas, resultaram na demarcação de espaços concorrentes e similares e na coexistência do diverso”.

Sobre as desconfianças de algumas pessoas de Goiandira com relação à presença dos Frades e Irmãs americanas na cidade, a Professora Cantora completou: *Tinha demais, uai. Tinha demais, porque, tinha as pessoas que desconfiavam. Foi na época da Guerra Fria. Aquela época de Estados Unidos e Rússia, Vietnam, aquelas guerras lá do Vietnam, aquilo lá, estavam muito manjados os americanos no mundo, muita gente achava que eles tinham vindo pra cá para espionar o Brasil.* Quando perguntei se os frades se queixavam dessas desconfianças ela disse que não se queixam, certamente se queixavam entre eles, e ela disse que sabia por ouvir comentários de pessoas da cidade, nas palavras dela ouvia-se um “ZUM ZUM”. Professora Cantora disse também que: *Eles eram muito enérgicos, né, assim, às vezes até dentro da Igreja mesmo com alguma coisa, a pessoa implicava, implicava com eles, insultava, soltava foguete na porta da casa deles, essas coisas assim.*

Nas leituras exploratórias, deparei-me, ao ler Wyse (1989), com um excerto do livro de Haydée Jayme Ferreira (2011) que adquiri para conferir o contexto em que se deram as desconfianças, com relação à Ordem Franciscana da Província do Santíssimo Nome de Jesus de Nova Iorque, também observadas em Anápolis e trazidas à luz tanto por Wyse (1989 p. 69-70), quanto por Ferreira (2011, p. 106), semelhantes às narradas pelas professoras entrevistadas. Deste modo destaco um pequeno trecho evidenciando, presente em ambas referências que as desconfianças não procediam apenas de alguns goiandirenses, mas de alguns anapolinos também: “A imaginação popular é tão fértil, que chegaram a divulgar que os franciscanos eram espiões norte-americanos disfarçados em padres e espalhados por todo o Brasil”.

No primeiro bloco de entrevistas a Professora Artesã nada mencionou sobre as desconfianças de alguns goiandirenses com a presença da Ordem Franciscana na cidade. No segundo bloco, realizado meses depois, ela disse sobre desentendimentos entre os Frades e a Congada: *Quando os americanos vieram pra cá, a festa do Rosário era lá em cima, da igreja lá em cima, aí quando os americanos chegaram aqui que viram o que a congada aprontava, que a congada chegava tudo bêbado na igreja, tudo assim, não quis mais a congada dentro da igreja, aí eles emburraram e largaram, aí foram tudo para a Igreja Brasileira. Depois quando construíram a Capela é que eles vieram pra cá.*

Recentemente alguns padres conseguiram reconquistar a presença da Congada da Irmandade Nossa Senhora do Rosário para dentro da Matriz Sagrado Coração de Jesus, na

Paróquia de mesmo nome e da Capela Nossa Senhora de Fátima, ambas pertencentes à Igreja Católica Apostólica Romana, com todos os ternos participando da Celebração Eucarística.

Apesar das citadas desconfianças e dos desafetos, a Ordem Franciscana investiu fortemente na reforma da Matriz, na construção de um convento e de uma escola na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Goiandira. Sobre os primeiros contatos dos frades com a realidade encontrada na Paróquia a ele confiada, descreve Wyse (1989):

A Igreja, com suas torres gêmeas, situada no ponto mais alto da cidade, dominava, majestosamente, a paisagem. Por dentro, contudo, não era nada atraente. Faltava piso permanente; estavam quebradas as janelas; poucos bancos arruinados, para se assentar. Já fazia dez anos que a igreja estava em fase de construção, mas, seja pela falta de interesse do povo ou seja pela ausência prolongada de vigário titular (...), nunca havia sido terminada. (WYSE, 1989, p. 118).

Dificuldades foram, uma a uma, enfrentadas pelos frades. Wyse (1989), narra que na primeira missa dominical o vigário contou 12 pessoas presentes, que os paroquianos estavam frios e distantes, e que os frades João Antônio e Miguel, aos poucos foram empunhando vitalidade à Paróquia Sagrado Coração de Jesus. Essa dedicação à missão de evangelização que a Ordem Franciscana imprimiu à Paróquia em Goiandira, foi destacado por Professora Cantora: *(...) os Padres vinham dos Estados Unidos e ficavam 2, 3 anos sem voltar lá, aqui na cidade. Rente! Celebrando missa de madrugada, 6 horas, 6:15 da manhã, à noite. E eu completei: Trabalhando na escola, e a Professora Cantora confirmou: E trabalhando!*

Antes dos frades construírem a Escola Paroquial Santa Maria Goretti, eles contavam com incentivo catequético de professoras do Grupo Escolar Dr. Pedro

A missão franciscana em Goiás tinha, na visão deles mesmos, uma satisfação no cumprimento do projeto de evangelização por meio da Educação e assim se expressam em mais uma das correspondências destacada por Almeida Barros (2010, p. 206):

Finalmente, muito poucos, se alguns dos formados das nossas escolas paroquiais deixarem a Igreja. Eles sabem a diferença entre a Igreja Católica e as seitas protestantes ou Espiritismo, a terrível maldição da América Latina. Nos Estados Unidos os pais são os que geralmente guiam e inspiram as crianças. Aqui, ao contrário, muitas vezes as crianças, provincianamente educadas são as que instruem seus pais nos seus deveres religiosos e levá-los aos sacramentos. Às vezes, é profundamente comovente presenciar os esforços de um ou de outro estudante para preservar a sua fé católica contra a insistência de um pai que é um maçom, ou de uma mãe que tenha ingressado em uma seita protestante. (ANAIS DA PROVÍNCIA apud BARROS, 2010, p. 206).

A mesma autora aponta que:

O grande medo e até mesmo o pavor da Igreja nesse período, é o Comunismo. À medida que se reforça a ideia de instituição eclesiástica colocada numa ordem superior e espiritual, o comunismo é apresentado como a grande revolução do ateísmo materialista, desestabilizando toda a ordem social vigente no mundo. (AZZI; KLAUS apud BARROS, 2010, p. 206).

A Ordem do Santíssimo Nome de Jesus assumiu a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em dezembro de 1947 e em 1948 Frei Domingos foi enviado para Goiandira: “Nas mediações da igreja existente, Frei Domingos alugou uma pequena casa, notável apenas pela falta dos acessórios da vida moderna; nela não havia água encanada, nem instalações sanitárias, nem vitrais”. A Ordem Franciscana foi recebida em Goiandira com hostilidade por uns e com muito apreço por outros. Em Wyse (1989, p. 117) há a seguinte observação sobre isso: “O povo foi classificado em atitudes em relação ao sacerdote: uns, desconfiadamente questionavam seu desprendimento em vir morar em Goiandira; outros, plenamente gratos pela presença de um vigário dedicado”.

A resolução em fundar outra casa em Goiandira, formalizada em junho de 1947, também amadurecera durante estes últimos tempos. Mal se passara um ano, após a vinda dos frades americanos a Goiás, Frei Paulo escreveu ao Provincial, referindo-se a Goiandira, em termos de santa cobiça. Por um ano escreva ele, aquela paróquia estava completamente sem vigário, e o povo vinha pedindo aos frades de Catalão uma assistência pastoral. Dom Emanuel elaborou o plano de visitas regulares: a conclusão foi que, em Goiandira, os frades fariam o que as circunstâncias permitissem, até outra disposição. “Sempre pensei (afirmava Frei Paulo na referida carta) que, com o tempo nós devíamos ter (a paróquia de) Goiandira; e creio que será nossa, só basta pedi-la, se no futuro desejarmos aceita-la” (Wyse, 1989, p. 116).

No primeiro bloco de entrevistas a Professora Artesã nada mencionou sobre as desconfianças de alguns goiandirenses com a presença da Ordem Franciscana na cidade. No segundo bloco, realizado meses depois, ela disse sobre desentendimentos entre os Frades e a Congada: *Quando os americanos vieram pra cá, a festa do Rosário era lá em cima, da igreja lá em cima, aí quando os americanos chegaram aqui que viram o que a congada aprontava, que a congada chegava tudo bêbado na igreja, tudo assim, não quis mais a congada dentro da igreja, aí eles emburraram e largaram, aí foram tudo para a Igreja Brasileira. Depois quando construíram a Capela é que eles vieram pra cá.*

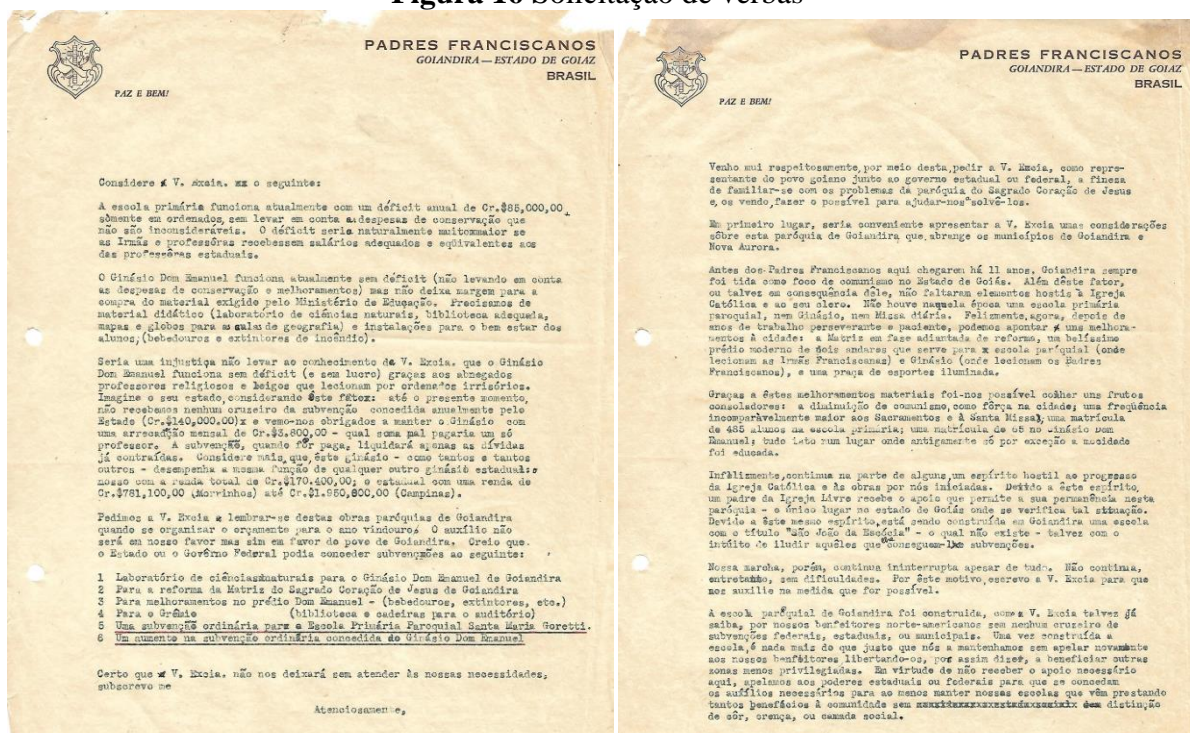
As desconfianças de algumas pessoas de Goiandira com relação à presença dos Frades e Irmãs americanas na cidade, também foram mencionadas pela Professora Cantora: *Tinha demais, uai. Tinha demais, porque, tinha as pessoas que desconfiavam. Foi na época da Guerra Fria. Aquela época de Estados Unidos e Rússia, Vietnam, aquelas guerras lá do Vietnam, aquilo lá, estavam muito manjados os americanos no mundo, muita gente achava que eles*

*tenham vindo pra cá para espionar o Brasil.* Quando perguntei se os frades se queixavam dessas desconfianças ela disse que não se queixam, e que se queixavam era apenas entre eles. Cantora disse que sabia por ouvir comentários de pessoas da cidade, nas palavras dela ouvia-se um “ZUM ZUM”. Professora Cantora disse também que: *Eles eram muito enérgicos, né, assim, às vezes até dentro da Igreja mesmo com alguma coisa, a pessoa implicava, implicava com eles, insultava, soltava foguete na porta da casa deles, essas coisas assim.*

Apesar das citadas desconfianças e dos desafetos, a Ordem Franciscana investiu fortemente na reforma da Matriz, na construção de um convento e de uma escola na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Goiandira:

A igreja com suas torres gêmeas, situada no ponto mais alto da cidade, dominava, majestosamente, a paisagem. Por dentro, contudo, não era nada atraente. Faltava piso permanente; estavam quebradas as janelas; poucos bancos e arruinados, para se assentar. Já fazia dez anos que a igreja estava em fase de construção mas, seja pela falta de interesse do povo ou seja pela ausência prolongada do vigário titular (...), nunca havia sido terminada. Apesar dos esforços dos frades em “introduzir vitalidade na paróquia quase paralisada, a população em geral permanecia muito distante e muito fria. Na primeira missa dominical, o vigário pôde contar apenas doze pessoas presente. Com o tempo, as coisas foram melhorando, mas a paróquia tardou em distinguir-se pelo fervor religioso ou pelo calor humano. Graças ao zelo de algumas professoras do grupo escolar, as crianças começaram a frequentar, em bom número, a missa própria para elas, aos domingos. Mas, enquanto a missa das crianças superlotava a igreja, a missa dos adultos continuava a atrair pouquíssima gente (WYSE, 1989, p. 118).

Figura 16 Solicitação de verbas



Fonte: Arquivo permanente do Ginásio Dom Emanuel

Aliando evangelização e Educação, a Ordem Franciscana desenvolveu um programa de catequese, no qual além de incentivar as crianças a irem às missas, os frades iam à Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico, contando com a colaboração das professoras e diretora, conta Wyse (1989, p. 119) que “os padres de Goiandira adotaram o costume de apresentar-se à escola estadual, cada semana, ocupando, às vezes, dois dias em visita às diversas classes, dando catecismo e tomando lições”.

A Ordem Franciscana persistiu na missão investindo na construção de aposentos e escolas, espaços e respectivos contextos que podem ter influências sobre as estratégias da constituição da docência das meninas professoras. Assim, Wyse (1989, p. 119) descreve que:

Uma casa paroquial foi logo idealizada por Frei Paulo. No início do ano escolar de 1949, fundou-se um pequeno educandário abrigado num armazém, orientado por professoras vindas de Catalão. Um prédio escolar foi construído nos anos de 1950-1951, com recursos fornecidos pela União Franciscana Missionária. Uma parte fora reservada para residência das irmãs franciscanas, que logo mandaram duas religiosas sob a direção da Irmã Celestina. A escola paroquial foi dedicada a Santa Maria Goretti, talvez não tanto pela devoção particular de Frei Domingos, que tinha voltado como vigário em substituição a Frei João Antônio, quando pelo desejo de dar à juventude um exemplo de fortaleza cristã, resplandecente nessa Santa, canonizada em 1950. A escola, que dois anos depois de fundada tinha quatro religiosas e duas professoras

leigas para instruir um corpo discente de 260 alunos, nunca teve o êxito total das outras escolas paroquiais do comissariado. Suspeitava-se de uma latente oposição de um povo, longamente alienado da religião. (WYSE, 1989, p. 119-120)

A respeito dessas construções, Professora Serena contou, em sua narrativa da história de vida, que foi aluna da Escola Paroquial, em Goiandira, antes de o prédio ficar pronto, no mesmo barracão que Irmã Celestina contou ter sido professora e no qual as salas de aula eram divididas por lençóis. Serena relembrou: *A primeira escolinha foi lá naquele barracão lá do João Cassimiro, sabe? Lá que eu comecei o primeiro ano. Mas, as salas de baixo foram ficando prontas e a gente usando e as de cima terminando depois.*

Professora Artesã lembra desse período de construção da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, enquanto ela era aluna no Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico: *Aí no Terceiro eu passei para o Santa Maria Goretti, que aí é que eu entrei no Colégio dos Padres, né, que tinha sido acabado de construir. Uma coisa que eu lembro que o Colégio não tava pronto ainda. Já a Professora Artista disse que: Nós chegamos aqui em 52, em Goiandira, e lembramos que este era o ano de inauguração da escola paroquial. Professora Cantora, também traz na memória a construção do prédio da Escola que ela foi aluna e iniciou a docência: Foi inaugurado em 52, né? Pois é, então estavam dando os arremates. Eu lembro direitinho. Lá, aí quando, eu lembro direitinho, quando a gente chegava, assim, em frente a escadaria, do lado direito, onde tem uma portinha que entra para o salão, aquilo ali tava, eu lembro deles rebocarem aquilo ali. Eles, acho que eles terminaram a parte de cima.* Professora Cantora lembra de alguns detalhes da construção, entre eles, sobre a construção de um amplo auditório que a escola paroquial possui: *Só que depois eles tiraram o vitrô e colocaram aqueles tijolinhos.* Tijolinhos furados que permanecem lá, avalizando a memória de quem tem muito carinho por uma história de vida vinculada aquele lugar.

**Figura 17** Escola Paroquial Santa Maria Goretti



**Fonte:** *Acervo pessoal da autora*

Ainda sobre investimentos em construções que a Ordem Franciscana fez na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Goiandira, Wyse (1989, p. 120), informa que “Entre 1949 e 1950, foi construído um lindo convento para os frades, no outro lado da rua, frente à Igreja. Os lotes foram adquiridos com a ajuda de pessoas de boa vontade, apesar das intrigas e da oposição oculta de um dos seus donos anteriores”.

Com relação a tantos embates, chama muito a atenção um fato relatado por Wyse (1989):

Embora tivesse aceito, de bom grado, a presença dos frades em Goiandira e lhes tivesse entregue a administração da paróquia com mostras de gratidão, Dom Emanuel mostrava uma inexplicável relutância em ceder o *beneficium apostolicum*. Supunha-se que começara a ter segundas intenções quanto à prudência em confiar tantas paróquias a estrangeiros. Nos meados de 1950, por fim, acedeu, e a paróquia de Goiandira, já bastante melhorada, foi cedida à Ordem de pleno purê. (...). Nesse interim, com o acréscimo do curso ginasial à escola paroquial de Goiandira, o prestígio do apostolado educacional dos frades ia crescendo. O ginásio, em homenagem ao “Arcebispo da Instrução”, foi batizado com o nome de Dom Emanuel, começando a funcionar em 1952. Nos primórdios do ano seguinte, o Presidente da República conferiu a Dom Emanuel a Ordem Nacional do Mérito; por sua longa vida de relevantes serviços prestados ao país. Comentando essa honra, um autor goiano lembrou que entre os maiores feitos do Arcebispo, em Goiás, estava o de ter trazido os franciscanos para cá, comprovado pelas crescentes e vigorosas obras de Igreja e de Educação (WYSE, 1989, p. 121. Grifos do autor)

Sobre a presença da Ordem Franciscana na paróquia de Goiandira finaliza Wyse (1989):

A paróquia de Goiandira continuou sob a responsabilidade dos frades por quase vinte e cinco anos, sendo devolvida à direta administração diocesana, (...), em 1971. (...) uma pesquisa feita entre os frades sobre as várias paróquias por eles, então, administradas, procurou saber qual delas menos correspondia aos planos e possibilidades da Custódia, naquela conjuntura. A de Goiandira teve a duvidosamente honrosa distinção de figurar como a primeira da lista. A paróquia, através de entendimentos com o Bispo, no fim daquele ano, foi entregue aos cuidados dos padres diocesanos. A linda casa paroquial – jóia arquitetônica da alma criadora de Frei Paulo – com o tempo, transformou-se numa casa de retiro para as Irmãs franciscanas. (WYSE, 1989, p. 121-122)

O imenso prédio, que se assemelha a um palacete para os padrões arquitetônicos da Terra Branca, tornou-se escola conveniada por algum tempo e a partir de 1998 passou a ser a Escola Municipal Santa Maria Goretti. Agora o prédio está fechado, servindo apenas para algumas reuniões da paróquia. A estrutura física tem comprometimentos no telhado. Uma das salas está ocupada por pertences da Irmandade do Rosário de Goiandira. A casa paroquial, que fica do outro lado da rua da escola, está ocupada pelo atual pároco diocesano. Os aposentos, ligados ao prédio da escola, que eram destinados às Irmãs de Allegany, vazios e com a laje abaixo do teto comprometida em alguns cômodos por infiltração de água, que já foi sanada. A reforma e um destino ao palacete franciscano é um anseio de muitos goiandirenses.

Professora Cantora expressou o que sente com relação à presença da Ordem Franciscana em Goiandira-Goiás: *Um sentimento de gratidão muito pelos padres, pelas freiras aqui em Goiandira, pela Educação que eles deram aqui em Goiandira. Basta que, há uns anos atrás, eu fiz uma relação de pessoas que estudaram aqui em Goiandira, não tô falando só do Colégio aqui não, que estudaram em Goiandira, deu mais de 40 médicos, nascidos aqui, mais de 40 médicos. Não contando os filhos não. O que que é isso? É a Educação. A base. Não tô, não tô falando só daqui, do grupo também, tudo, têm alunos também de escola pública, da consequência da raiz que eles plantaram aqui, da Educação. Aí, eu fico arrepiadinha! A gente deve tudo a eles! Ali tá o começo de tudo da cidade. Eles cresceram, eles fizeram a cidade crescer, tanto do ponto de vista, assim, físico, assim, como no ponto cultural. Nós somos privilegiados aqui quanto à Educação, né. Tem Catalão próximo que tem inúmeros cursos. Somos privilegiados. Duas Universidades. Logo veio o CESUC, veio a Federal, né.*

A despedida da Ordem Franciscana em Goiandira, deixou as seguintes impressões nas Meninas Professoras:

Professora Artista conclui que *Goiandira perdeu. Catalão seguiu. Goiandira perdeu. A ida, a ida, os Padres franciscanos quando foram embora.*

Professora Serena disse que estava morando na fazenda quando os frades foram embora, e que a irmã dela é que trabalhou com eles até o último dia.

Professora Flor indagada se sabia o motivo pelo qual os frades foram embora de Goiandira disse: *Eu não sei não. Porque logo, logo vieram os outros. Veio Padre Lino que você já viu, né? Veio Padre Lino que é o sonho do povo da Goiandira. Era bom quando os Padres Franciscanos estavam aqui. Eles tinham time de basquete com os rapazes, aí era bom, a gente ia assistir, sabe?*

Professora Cantora: *Nossa, foi uma paixão! Eu lembro, mas, eu lembro do dia da posse do Padre Lino, que o Padre, Frei João parece que veio dar a posse para o Padre Lino. É. Ele era. Então ele, assim, deu um suporte muito grande na parte espiritual para o povo de Goiandira. Eu falo, ôh Walkíria, o pessoal de Goiandira tá sofrido, tá sofrido! Não pára Padre. Quando parece que acha que tá dando certo, eles tiram. Muito diferente. Eu não sei o que está acontecendo. Porque os Padres vinham, uai, eles vinham e ficavam, né, aqui enraizavam, né. Criavam raízes. Agora parece que não pára. Aqui em Goiandira tá assim, uai. Quando vem ficam dois anos. O Padre Paim foi o último, né, que ficou mais tempo, né. Vem um fica dois anos, vem outro fica três, vem um fica um ano, vem outro fica meses.*

E, por fim, Professora Artesã pensa que com a partida da Ordem Franciscana: *Acabou, né? Você viu a decadência, né?*

#### **2.4 O “estágio” para serem professoras: tempos de aluna e aprendiz na escola franciscana.**

A rotina escolar do Primário ao Ensino Ginásial na escola criada pelos frades em Goiandira foi de certa forma modelando a docência das meninas professoras. Entendo-a como uma “cultura escolar” (JULIA, 2001) noto que elas assimilaram os vários costumes empunhados por hábitos, as normas e disciplina dos Irmãos e dos Frades americanos, personalizando modos de ser e de agir em comemorações e eventos, que foram lembrados por todas as entrevistadas, numa demonstração das profundas marcas impressas na história de vida pessoal e profissional.

Nas narrativas, destacaram-se das lembranças e imersões em um ambiente escolar de muitas peculiaridades a exigência da caderneta de frequência às Missas; a exigência do uniforme completo e das “benditas” boinas, sendo reforçado por todas as entrevistadas que se esquecesse tinha que ir em casa buscar, o que, no entender da Professora Artista não era o simples buscar em si para cumprir uma norma, entra na sala de aula tirar da cabeça e guardar debaixo da carteira, mas era pelo senso de responsabilidade; o estilo das aulas de Educação

Física com presença marcante do Basquete, esporte muito apreciado por americanos; o rigor no Exame de Admissão, embora não fosse critério de seleção exclusivo das escolas franciscanas e sim o cumprimento do artigo nº 34 da Lei 4.244 de 09 de abril de 1942; o Grêmio Literário Stella Maris; as celebrações das Missas com coroação de Nossa Senhora; as celebrações da Primeira Eucaristia; os bailinhos também chamados de hora dançante ou hora da brincadeira; os castigos; os trabalhos de ajuda humanitária na comunidade, realizados pela Ordem Franciscana em Goiandira; a exigência com a disciplina, os modos para falar e a postura para receber uma visita na sala de aula; as orações antes de iniciar todas as aulas; as filas para entrar na sala de aula.

O ser aluna na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e no Ginásio Dom Emanuel, impregnou nas meninas professoras não apenas um estilo de docência, mas um estilo de vida que elas demonstram seguir até hoje enquanto cristãs e na carreira profissional onde a maioria relatou que seguiu alguns hábitos até se aposentarem, mesmo trabalhando em escolas públicas, mesmo depois de terem cursado o Normal e a Graduação.

Tardif (2014), pontua sobre o “legado da socialização escolar” pelo qual estão imersos os alunos, futuros professores:

Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. Ora, o que se sabe hoje é que esse legado da socialização escolar permanece forte e estável através do tempo. Na América do Norte, percebe-se que a maioria dos dispositivos introduzidos na formação inicial dos professores não consegue mudá-los nem abalá-los. Os alunos passam através da formação inicial para o magistério sem modificar substancialmente suas crenças anteriores a respeito do ensino. E tão logo começam a trabalhar como professores, sobretudo no contexto de urgência e de adaptação intensa que vivem quando começam a ensinar, são essas mesmas crenças e maneiras de fazer que reativam para solucionar seus problemas profissionais, tendências que são muitas vezes reforçadas pelos professores de profissão. (TARDIF, 2014, p. 68-69)

Ao relembrar a “bagagem” acumulada, tantos nos anos em que foram alunas quanto nos anos que foram professoras na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no Ginásio Dom Emanuel, e na Escola Normal Dom Emanuel<sup>34</sup> as malas foram abertas como se fossem Caixa de Pandora, porém, o que vi não foi a esperança como tesouro protegido e sim a saudade. *Muita saudade*, como diz Professora Cantora ao final da primeira entrevista.

O Grêmio Literário evidenciava como espaço de aprendizagem e era para Serena *uma instrução fora da sala de aula. Era uma coisa diferente, era apresentar, era um tipo de coisa*

---

<sup>34</sup> Algumas entrevistadas, quando concluíram o curso Normal, foram professoras na Escola Normal Dom Emanuel.

*diferente que os alunos tinham que aprender, falar em público, avaliou a Professora Serena na segunda entrevista.*

Relembra a Professora Artista que: *O Grêmio era fogo! O Grêmio você tinha que preparar poesia. Por exemplo hoje, sábado, reunião do Grêmio, sábado. Fulano de tal discurso, fulano poesia, fulano não sei o que mais. Cada um tinha uma responsabilidade. Aí no dia você tinha que. Era o Momento! Era o Grêmio Estudantil! Nessa hora era, tinham os padres, as freiras, os professores que faziam uma mesa e você vinha e você ganhava ponto. O discurso eles davam um tema. Aí você tinha que redigir e falar o discurso. Então, era nota em Português. Discurso, poesia. Tudo. Todos tinham que passar por todas as categorias. Todo sábado tinha o Grêmio.*

Professora Flor ia aos eventos do Grêmio como ouvinte porque segundo ela: *Eu era, assim, uma pessoa muito reservada. Eu não tinha, assim, muito liberdade para expandir não.*

Encontrei duas Atas sobre o Grêmio, a Ata de fundação do Grêmio Literário com o Estatuto e que informa Grêmio Literário era “Filiado ao Grêmio Estudantil do Ginásio Dom Emanuel”. As sessões do Grêmio iniciavam com a oração da Ave-Maria e a leitura da Ata anterior, depois era lido o relatório das apresentações realizadas, o nome completo da aluna ou aluno e da apresentação que respectivamente participaram, sendo elas: Discurso; Crônica; Anedotas; Poesia; Canto; Jornalzinho da semana, a criação do Jornalzinho foi sugestão de um aluno e está registrada na Ata de 19.09.1964 e aparece a partir de 13 de março de 1965 como Página de Jornal, Jornal e Improvado, e finalmente, Jornalzinho da semana. Outras atividades eram Diálogo; Palestra sobre Língua Portuguesa; Monólogo; Biografia; Número de acordeon; Curiosidades; Bôlo da Semana; falar sobre vocações; Debate; Esquete; Improvisado; Entrevista; Número Musical; Dueto; Página de Jornal.

É comum ver na literatura sobre a Ordem Franciscana que as Irmãs trabalhavam com o Ensino Primário e os Frades com o Ensino Ginásial, por este motivo, a presença constante das assinaturas de Irmã Diva e Irmã Tereza nas Atas do Grêmio me chamaram a atenção, tendo em vista que o Grêmio Literário pertencia ao Ensino Ginásial. Assim, observei que Irmãs na direção do Ensino Primário e Frades no Ensino Ginásial, pode ter sido usual, mas não era uma regra. Já a presença e a assinatura de Madre Rosalima estão registradas apenas na Ata de 31 de agosto de 1963.

A presença de Irmã Celestina não está registrada em nenhuma Ata, tendo em vista que ela trabalhou na Escola Paroquial, na década de 50, como diretora do Ensino Primário. A Professora de Português Maria Conceição Pôrto era Presidente de Honra do Grêmio, sua assinatura aparece em quase todas as Atas até o dia 02.04.1969, e Português é a única disciplina

que fazia parte da avaliação das apresentações, como está declarado no Artigo VI do Estatuto: “Os alunos que não se desincumbirem de suas obrigações deverão se apresentarem ao Diretor com uma justificativa a fim de que não lhes sejam impostas as penalidades do Regulamento, e a nota 0 (zero) em Português. Todo aluno que apresentar um trabalho nas sessões, receberá uma nota 10 (dez) em Português”. A palavra “escalado” para a apresentação está em todas as Atas, porém, percebe-se alguma repetição dos mesmos alunos. Professora Artesã, disse, em meio aos risos que achava errado ser escalado, como se fosse obrigado a ir.

Observei nas Atas a presença de vários conhecidos e parentes meus, mas, não encontrei o nome das meninas professoras em nenhuma sessão. Talvez, nem toda apresentação fosse registrada, já que muitas das entrevistadas participavam efetivamente do Grêmio e, como a própria Presidente de Honra disse em uma das sessões, mesmo quem não estivesse escalado poderia se preparar para apresentar.

Ao final das Atas sempre a palavra era declarada vaga para quem dela quisesse fazer uso. Na maioria das vezes era a diretora do Ginásio Dom Emanuel quem encerrava a sessão, com avisos diversos, como reunião dos alunos do futebol; sobre “nosso clubinho”, uma atividade que coincide com a chegada da Irmã Tereza na direção do Ginásio; presença de visitantes, como da “Reverendíssima Madre Gregória, vice-provincial das Irmãs Franciscanas em Goiás, por ora visitando a nossa cidade”, em 12.11.1965, e de algum Frei que usava a palavra para falar sobre as vocações sacerdotais.

Datas comemorativas também aparecem como assuntos no final das Atas, bem como os cuidados com a manutenção da limpeza do Pátio. Além disso, havia um reforço constante, especialmente feito por Irmã Diva: “devemos assistir à missa aos domingos”.

Nas duas últimas sessões do Grêmio registradas nas Atas (11.04.1970 e 20.04.1970) já não consta mais o nome Ginásio Dom Emanuel e sim Colégio Estadual Dom Emanuel. Após essa mudança as demais páginas estão em branco. Mesmo sendo Colégio Estadual ainda há registro da presença de um Frade nas sessões do Grêmio, não mais das Irmãs, nem da Professora Maria Conceição. Professora Cantora havia dito na primeira entrevista que Irmã Tereza tinha sido a última diretora do Ginásio Dom Emanuel.

A última Ata com o nome Ginásio Dom Emanuel está com a data de 22 de junho de 1969. Portanto, foram 9 meses sem registros de sessões do Grêmio, até as duas últimas sessões registradas em 1970, já com o Ensino Ginásial sob a responsabilidade do Governo Estadual. No ano seguinte a Ordem Franciscana foi embora de Goiandira, ficando as Irmãs de Allegany por mais um período. Outro prédio foi construído pelo Governo do Estado de Goiás para abrigar

o único Ensino Ginásial da cidade, que não mais pertenceu à Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Ao contrário da Professora Cantora, que não perdia uma oportunidade para cantar, já a Professora Artesã, achava difícil essa tarefa. Mas, com risos assim se referiu às participações dela no Grêmio Literário: *Participava, mas, na hora de cantar, ôh meu Deus*. Diz Artesã que as Irmãs indicavam a música que era pra cantar, né.

Professora Serena também se recordou das atividades do Grêmio Literário Estudantil Stella Maris e narra: *Era bom viu! A Dona Maria Conceição ajudava a gente demais no Grêmio, né. Era bom (...). Era o tipo apresentar teatro, né? Era ou poesia ou cantar ou número musical, qualquer coisa. Tinham uns que tocavam acordeon, né? Aí era apresentar. Aí já era no sábado. Todo sábado. Era. Todo sábado! Mas, e o medo que a gente tinha, porque a gente era escalado pra fazer. É. A gente era escalado pra preparar e ir. Era arrumadinho aquele auditório, tinha cadeira pra todo mundo? Tinha. Tinha tudo. Tinha tudo. Ahã. O palco era lá em cima mesmo, daquele jeito. Era arrumadinho. Nossa Senhora! Como é que é gente (Risos) que teve uma vez o colega falou, como é que é? E que ela ficava assim: “Ai meus ouvidos, Nossa Senhora” Ah! Mas, ela punha as mãos nos ouvidos assim: “Nossa, mas meus ouvidos estão doendo”. Ela era melindrosa, né, tadinha. Era muito bom! Instruía muito. A gente era muito tímido, né? Todo mundo era muito tímido, né? Não era hoje que é muito. A gente era muito podado em casa, né?*

Outra forte marca rememorada com satisfação pelas meninas professoras, e que se mistura ao serem alunas no Ginásio Dom Emanuel e serem paroquianas, é a celebração da Primeira Eucaristia, comumente incentivada nas escolas católicas. Todas elas disseram com muita veemência que a Celebração da Primeira Eucaristia era um momento muito esperado.

Na entrevista com Professora Serena, eu senti no tom de voz, nos gestos, no sorriso e no olhar, que esse foi um momento muito especial para ela: *Aí depois nós fizemos Primeira Eucaristia, a Casa Paroquial, nós fizemos a festinha da Primeira Eucaristia foi na Casa Paroquial. É uma festa que eu nunca vou esquecer! Gente, eu nunca vi uma coisa tão interessante, que eu nunca esqueci da festa da Primeira Eucaristia! Marcou demais da conta! Eles fizeram uns docinho bonito, fizeram coisa, os os as estampinhas de santinho tudo de pé assim, sabe, junto com as xícaras, com o coisa, com as coisas tudo. Não, mas é muuuuito! O sacramento era realizado na casa paroquial com capricho “uma gracinha! Uma, uma beleza que eu nunca esqueci!*

Sobre Celebração da Primeira Eucaristia Professora Serena disse: *Não é que foi uma superfesta, pra mim foi, sabe? Eu nunca esqueci! Eu falo que a minha Primeira Eucaristia,*

*essa festa da Primeira Eucaristia, eu nunca esqueci. Não sei. É. Não sei. É. Porque eles eram muito, muito detalhistas. Muito, assim, sei lá! Faziam tudo muito bem feito, né?*

Professora Flor expressou: *A Primeira Eucaristia era um acontecimento muito importante na vida da criança, sabe? A gente sonhava com aquele dia.*

Perguntei se era por conta da comemoração, ela respondeu que: *Não. Era por tudo! Inclusive eu falei para o Padre Paim. Ele estava dando a hóstia para os meninos, sem consagrar. Eu falei pra ele: Padre, o Senhor tá tirando a curiosidade dos meninos, tá tirando o entusiasmo dos meninos. Porque, geralmente, a hóstia é hóstia. Aquilo ali é tudo do mesmo jeito. O que vale é o sentimento que você tem, a fé que você tem que transformou e o senhor tá tirando isso dos meninos. Falei pra ele. Ele largou. Pegou a dar pirulito para os meninos na missa.*

E continua destacando a presença das mães neste dia significativo para ela: *As mães arrumavam com o maior cuidado. Fazia vestido muito bonito. É. Era a missa, a missa e tinha um café, mas, daqueles que você, você nunca tinha visto na vida. E aí tinha, eles davam um lírio, né, um lírio branco. Artificial. Não, não eram eles que davam não, a gente tinha que levar. Um lírio, dava a vela e um certificado. Quando eu fiz era muita criança. Era muito, era uma coisa muito esperada.*

Diz Artesã que: *A gente ficava doido pra fazer Primeira Comunhão pra tomar café da manhã, porque era uma beleza. Nossa! Com toda pompa do mundo, sabe. Terminava a Missa, tinha a mesa, salão arrumado, com mesa, tudo arrumadinho, aí, gente ia tomar o café da manhã. Então, fazer Primeira Comunhão era tomar café da manhã. Pra gente era! (Risos). Para Artesã o destaque não era a ornamentação, mas o entrosamento familiar, “as famílias todas ali, né, abraçando porque os filhos tinham feito a Primeira Comunhão, né. Todo mundo. As roupas impecáveis. Meu vestido foi maravilhoso! Aquele veuzinho, assim, na cabeça. Aquela guirlandinha aqui, sabe (...) Era esperado. A loucura era fazer Primeira Comunhão para tomar café da manhã.*

A Professora Cantora narra a primeira eucaristia: *Era, assim, para te falar a verdade, era muito disputado, assim, negócio de roupa, essas coisas assim. Era muito festejado. Era um dia muito especial. Então as mães esmeravam em fazer as roupas bonitas. Agora, com isso vem o problema, né, e quem não podia? Porque a escola não tinha só gente rica não, tinha gente pobre também<sup>35</sup>. Eu só sei que era o trem bom demais. É. Tudo. Tudo. Tudo. É foi um período bom!*

---

<sup>35</sup> No arquivo do Ginásio Dom Emanuel encontrei correspondências com listagens de Bolsistas subsidiados pelo Governo do Estado de Goiás, inúmeros ofícios do governo pedindo relatório de bolsas e por parte da direção da

O fato de serem americanos a encantava, era visto numa mistura de curiosidade e expectativa. Rigidez e disciplina eram qualidades esperadas pois: *A gente sabia que eles eram dos Estados Unidos, porque tudo era United States of America. Tudo assim, com esses símbolos, com essas coisas. As vezes tinha carimbo que era escrito em Inglês. Sabe, tinha muito papel, assim, muita coisa que era escrita em Inglês. Timbrado. É. Vinha de lá mesmo. Ôh Walkíria, eles eram muito exigentes, né? Uma disciplina muito rígida, né? Aquilo ali você tinha que ir de uniforme todos os dias, não podia ir sem uniforme. Os meninos tinham gravata. Meia. Que é a meia  $\frac{3}{4}$  até aqui, sabe? Então: “Não tem boina? Cadê a boina? ” Tá em casa. “Então vai buscar! ” Aí você ia e buscava. Você podia voltar pra sala, mas, você tinha que ir em casa buscar boina. O duro, aquilo a gente, uma coisa que intrigava a gente era o seguinte: você punha a boina, entrava, você sentava você tinha que tirar a boina e pôr dentro da carteira. Na hora de ir embora você tinha que pôr a boina pra sair.*

Com a tradição de haver costureira na família, Professora Flor descreve com detalhes o uniforme da Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *Sainha azul de prega e blusinha branca, com bolsinho escrito assim ôh: SMG, Santa Maria Goretti. Era bordado. A boina tinha no Ginásio. Eu já não peguei a boina mais não. A boina era uma tristeza. Se esquecesse a boina em casa tinha que buscar, nada podia faltar no uniforme. Na quinta série era saia marrom, da cor da roupa dos Padres, de prega e tinha um peitinho, assim ôh, até atrás, decotado aqui, com a blusa branca por baixo e a boina na cabeça, a meia daquelas que vinha até no joelho e o sapato preto. Im-pe-cá-vel! Do uniforme da Educação Física Flor relembra que era saia! Saia de prega. Branca. Branquinha, a saia e a blusa e o tênis branco também com a minha já”.*

Professora Artista, também descreveu o uniforme da Educação Física usando a palavra horror para adjetiva-lo. Era composto por *saia de preguinha branca, uma blusinha, não era camiseta não, era de saia e por baixo tinha uma bombacha, aqui ôh, que você amarrava aqui, ôh, quando a saia subisse (Risos).*

Professora Flor disse que era preguiçosa para Educação Física, já a Professora Serena se referiu à Educação Física com entusiasmo e também se referiu ao uniforme com detalhes, salientando que a Educação física “marcava”: *Nossa, mas, como a gente gostava. A Nancy, irmã da Valni, foi professora. É. Dava as aulas de ginástica e tudo. Depois também tinha vôlei. A gente jogava vôlei. Às vezes a gente participava até em Catalão de vez em quando (...) Basquete não. Os rapazes. Mulher era só vôlei. Nossa! Era bom demais. A gente torcia pra ter Educação Física. Era naquela quadra lá, que hoje acabou tudo, né. Tá lá, tudo acabada. Jogada. E a gente tinha uniforme da Educação Física, era saia de, saia de fustão branca, branquinha, pregueada, branquinha. É. Tinha um calção, uma bermuda por baixo e a saia por*

*cima, né. E era comprida. Era bem pra baixo do joelho. Era. E muito bem arrumadinho. A professora também ia arrumadinha também, sabe?*

Professora Artesã amava Educação Física e era jogadora de vôlei no time do Ginásio Dom Emanuel que representava Goiandira nos Jogos da Rede Franciscana, também chamados de Jogos da REF e que acontecem até hoje em Goiás entre as escolas franciscanas. Artesã queixou-se de que o pai era muito severo e não deixava ela viajar com a turma para jogar, mas amava jogar vôlei.

Na exigência da presença na missa contou Artesã que Madre Rosalima utilizava um perfurador em forma de coração para registrar a presença do aluno. A caderneta era devolvida na segunda-feira e neste momento os faltosos na Celebração Eucarística eram questionados. Professora Artista, em frases ritmadas, quase cantadas, contou sobre essas cobranças: *Missa, comunhão e terço. Missa, comunhão e terço. Missa, comunhão e terço. Tinha um quadro. Tinha um quadro lá do mês inteirinho. Fulano, missa, comunhão e terço. Missa, comunhão e terço. Terço. Comunhão. Aí eles queriam saber porque você não foi à Missa.*

Perguntei para Professora Cantora se havia aula de catequese e a resposta foi “*eu não lembro de ter aula de catequese separada. Eu não lembro. Eu lembro de ter dentro da sala de aula e a frequência na Igreja, que tinha que frequentar, né. As cadernetinhas eram pra isso. Eu não lembro da catequese, assim, aula de catequese separada igual tem hoje.*

Sobre a exigência de comparecimento à Missa dominical, Professora Flor foi enfática: *Trazia no chorado!!! Tinha que ir à Missa domingo e apresentar uma carteirinha! Aquela carteirinha era entregue lá na Missa e depois eles devolviam para o aluno, na segunda-feira, na sala de aula. Aí ele ia ver quem veio, quem foi à Missa e quem não foi.*

Além da cadernetinha de anotar a frequência na Missa, Professora Artista lembrou que também tinha uma para a frequência na escola: *Nós tínhamos a cadernetinha. Você todo dia quando você entrava entregava a caderneta na porta. Subia a escada e entregava. Aí a secretária pegava e carimbava: PRESENTE. No fim da aula te entregava a carteirinha. Era uma caderneta desse tamanho. Todo mundo tinha uma carteirinha de estudante.*

Na primeira entrevista Professora Serena não mencionou a carteirinha e exigência da presença nas Missas, mas, na segunda entrevista, ela não só relatou esse modo de catequisar como o quanto é importante para ela frequentar as Missas de domingo, hábito presente na vida dela até hoje e como ela mesma reforçou: *Até sempre!*

Ao perguntar para Professora Serena se ela percebe a influência, herança da Ordem para Goiandira, assim ela respondeu: *Não sei se o povo pega essas, pode até pegar, né, influência. Porque igual, por exemplo, pelo menos se na escola não teve, pelo menos na Igreja sim. É, eu*

*sinto assim que a gente, nós não fomos de família de igreja, eu e a minha irmã, porque nós é que estudamos com eles e trabalhamos com eles, a gente até de vez em quando a gente comenta isso, que valeu demais pra gente nesse sentido, de religiosidade, né, de seguir uma religião que nunca abandonou. A gente nunca abandonou, a gente valoriza a missa no domingo e dias santos, infalivelmente, a gente, até hoje, até sempre, se Deus quiser. Isso é uma coisa que a gente não abandonou de jeito nenhum. Meus filhos não seguem a mesma coisa igual eu sigo. Agora, eu e a minha irmã nós nunca abandonamos, a gente não deixa de ir à missa num dia de domingo e dia santo.*

A força da religiosidade está expressa na narrativa de Serena principalmente ao dizer que à missa *a gente não vai por obrigação, porque a gente tem muito a louvar e agradecer. Muito! Nessa parte aí, isso aí ficou marcado pra gente e é com eles.* Professora Serena observa que não há mais evangelização como antes na cidade, na escola. Considera difícil levar os meninos para a Igreja porque antes eles *levavam através da escola, né, começava desde pequenininho. Desde a escola. Pois é, agora os pais, parece, que não estão dando conta mais.* Com pesar relata que alguns dos netos não fizeram a Primeira Eucaristia lembrando que vão a missa nos domingos que ela os visita. *Vamos pra missa! (Risos).* Serena completou dizendo que ia pouco visitar os netos em Goiânia e assim eles não habituaram a comparecer à igreja.

Professora Artesã até hoje colabora com as atividades da Igreja com sua habilidade para decorações. Na Festa de Nossa Senhora do Rosário, no mês de setembro, e na Festa de São Sebastião, no mês de janeiro, ela contribui com a decoração do Salão. A exigência para o comparecimento nas Celebrações Eucarísticas ajudou a cumprir a missão de evangelização da Ordem Franciscana, afinal, todas as professoras entrevistadas frequentam a Missa até hoje, por convicção.

Conforme está demonstrado na primeira fotografia dessa pesquisa, antes da entrada para a sala de aula os alunos se posicionavam no pátio, na frente da escadaria. O relato das meninas professoras esclarece que este era um momento de recados, observações sobre o uniforme e em datas específicas cantava-se o Hino Nacional. Embora rezassem na sala de aula, rezava-se antes de entrar também, tudo seguido de muito silêncio.

Professora Artista descreve essa parte inicial da rotina escolar, tanto para o Ensino Primário, quanto para o Ensino Ginásial: *Cantava o Hino. Só na voz. Silêncio. Ponto! Meninos numa fila, meninas em outra. E tocava o sino, você ia pra fila. O segundo sinal, silêncio. O terceiro sinal, era o início do Hino. Acabou de cantar o Hino, aí começava a, entrava a quarta série, a terceira, a segunda, a primeira.* Alguns ex-alunos da escola tinham me contado que nesse momento da organização da fila para entrar para as salas de aula, primeiro entravam os

meninos, subindo pelas escadarias e depois as meninas por causa das sainhas. Ao perguntar para Artista se ela confirmava tal informação: *Não. Não. Isso já foi depois de mim, quando já começou mais a maldade, porque no nosso tempo ainda não tinha essas coisas não.*

As regras de postura e convivência dentro da escola eram bem claras e impostas. Segundo as professoras para as exigências e normas havia obediência, havia respeito e para quem não cumprisse, havia punições. Perguntei para Professora Serena se essa condução peculiar da rotina escolar influenciou sua carreira de professora ela respondeu: *Ah! Influencia. Mesmo depois de fazer o curso Normal? Influencia. Ah hã. Influencia sim. É. A gente. É. E depois eu não sei se até foi bom ou se foi ruim. Porque depois eu, eu, eu tinha uma mania de ser exigente na escola com os alunos, eu não queria que eles conversassem na hora de, de explicação. Na hora, né? Eu rezava, eu não sei se você lembra que eu rezava no começo das aulas, né? Eu acho que isso veio da influência de quando eu comecei. Deve ser!*

Nóvoa (1995, p. 138) afirma que “A identidade pessoal e a identidade profissional constroem-se em interação”. Portanto, na profissão docente, de acordo com o mesmo autor:

O “papel” dos outros espaços de vida em relação à profissão pode ser muito diversificado. (...). Numa perspectiva diacrônica pode notar-se uma influência muito forte de um tempo “passado” na vida profissional – o tempo da infância. (...). É significativo ouvir educadoras explicitar as marcas das suas experiências de crianças nas suas relações educativas. Estas explicitações tornam menos opacas zonas obscuras dos percursos e das práticas. Constatase também a presença activa na vida profissional, dos valores que tiveram raízes quer na cultura familiar, quer na educação religiosa. A reflexão sobre como se processa o diálogo ou o conflito entre as várias ordens de valores que atravessam a vida de uma pessoa pode ser clarificadora. (NÓVOA, 1995, p. 138. Grifos do Autor)

Professora Flor diz do medo que os alunos tinham da diretora da escola, medo que para alguns pode ser sinônimo de respeito: *A gente tinha medo. Tinha medo. Os meninos tinham medo daquilo. Quando os meninos escutavam o barulho do terço da Madre Rosalima era o mesmo que jogar água no fogo (Risos).*

As narrativas demonstram que havia regra para tudo, até para receber uma visita na sala de aula: *Era uma regra! Quando chegava um padre ou uma freira a gente ficava de pé. Aí eles falavam assim, não, a gente é que falava: Louvado seja Nosso Senhor, como que é? A gente é que falava, como que é? Por ser uma escola franciscana, Paz e Bem? Não. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Não, eles é que falavam quando chegavam: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. A gente falava: Para sempre seja louvado. Tinha que ter modos para falar, para sentar, para tudo, né.*

Havia punições para os descumpridores de regras e, conforme contou Professora Cantora, havia um quadro de honra para os que as cumpriam. Como que era esse Quadro de Honra, Professora Cantora? *Olha, menina, eu sei que eles faziam assim tipo de uma linha, aí ia subindo o nome assim, alguma coisa assim, até chegar lá no que queria, né, no objetivo. Fazia um trem, ia subindo, né. Era assim nesse estilo assim. Era um quadro mesmo? Cartolina, né. Cartolina? Os papéis vinham tudo dos Estados Unidos. Tudo naqueles papéis mais bonitos. Era na cartolina. Ficava lá na frente. Hoje não pode fazer isso mais, né, diz que não pode, não sei.*

Não senti na fala das professoras o peso do trabalho docente, não houve reclamações da profissão, especialmente na fase inicial. A vida enquanto alunas foi lembrada com muita satisfação, até os castigos foram contados em meio a muitas risadas, a maioria das professoras não foi penalizada com eles. Declararam ter bom comportamento. Professora Flor é uma delas: *Eu gostava muito lá da Escola, apesar de ser rígido. Mas, a gente nunca foi de ser moleque, assim, de precisar de um castigo não. É tinha. Tinha castigo!* Parte do relato da Professora Flor sobre castigo é referente ao tempo de aluna e outra como professora: *A gente deixava depois da aula. Assim, corporal assim não. De joelho, esses trem, nun, nunca teve. A senhora nunca viu? Não teve isso não. Mas, ela deixava depois da aula, deixava sem recreio. O “ela” refere-se à diretora Madre Rosalima.*

Sobre punições na escola, Saviani (2008, p. 224) destaca que na História da Educação da brasileira há a orientação que “o aluno falante deveria ser punido com severidade”. Professora Cantora disse que enquanto docente tinha que seguir as orientações das Irmãs e castigar: *As Irmãs eram bravas. A gente tinha que castigar. Ficar de trás da porta. É. Ficava de trás da porta. Não falava que era para pensar igual é hoje, né? Mas, era ficar de trás da porta. Ficava sem recreio (Risos).*

Já Professora Artesã, se auto definiu como aluna “baguecenta”, e ficava de castigo até por rir da pronuncia das palavras em Francês. Foi impossível não rir do tom de voz utilizado por ela nas imitações da postura dos frades ou das Irmãs na hora de imporem-lhe as punições. Quando perguntei para Artesã o que ela aprontava na escola para receber os castigos ela respondeu sorrindo: *Tudo o que você imaginar, tudo que você imaginar! (Risos) A Madalena era professora de Francês. Eu e minha colega de aula. Aí a Madalena ia falar francês, né, e ficava repuxando a boca, repuxando, aí a colega virava de lá e remedava, agora não vou falar porque é palavrão. Ela falava assim, é, ela falava: “Merci bocu, madabaqua”, (A colega traduzia ao seu modo em Português rimando), aí eu morria de rir, né (Risos) Aí a Madalena punha a gente de castigo, lá na frente do quadro! As duas! Só falava besteira. Só besteira. (Risos) E aí ela falava assim: “Enquanto vocês não pararem de rir vocês vão ficar aí”. Aí*

*quanto mais ela falava, mais a gente ria. Aí chamava diretor, né, aquela coiserada toda, aí, a gente sempre levava os castigos, né.*

A copiar linha também era castigo comum. Mesmo sendo professora no turno vespertino, era aluna no turno matutino e copiava linha de vez em quando como ela conta: *Uma vez eu descí a escada, aquela escada que desce. Sei! Minha sala de aula era embaixo, eu estudava embaixo. Eu estava fazendo a terceira série. Eu já era professora. E eu fui descer a escada, ao invés de eu descer a escada, eu montei no corrimão, naquele corrimão e chiiiiiiiiiiiiiiiii escorreguei, cheguei lá embaixo. (Risos) E quando eu entrei na sala de aula o Frei Estêvão estava na sala e tem um vitrozinho assim que vê a escada lá da sala de aula, aquela sala virando ali a direita daquele portão. Quando eu cheguei ele falou assim: “Pega seu caderno e lápis”. Ah! Pra que meu Deus do céu, eu não fiz nada. Ele falou: “Escreve mil linhas: Uma moça de moral, bem formada não deve comportar como um moleque de rua”. Eu falei: Não cabe numa linha não! Ele falou: “Duas mil”. Eu falei: Nossa Senhora. Como que eu vou fazer? (Risos). Porque eu já tava tão treinada, (Risos) que eu punha três lápis aqui óh, aí eu copiava com três dedos, assim, óh, essa frase não cabia numa linha, como que eu vou escrever com dois, três lápis, né? (Risos) Aí ele falou: “Duas mil”. Eu falei: Pra que dia? Quantos meses eu levar? É. Eu desafiava. “Três dias”. Ichi! Tô lascada, tô lascada, né. Mas, aí os meninos me ajudavam, o Heráclitos, o Zé Maria, que era colega de aula cada um copiava um pouco. Essa frase eu não esqueço, de jeito nenhum. Aí quando eu entreguei o castigo pra ele, deu tanta folha de caderno. Duas mil linhas! “Uma moça de moral, bem formada, não deve comportar como moleque de rua”. Isso aí eu não esqueço. Essa frase eu não esqueço. Aí ele olhou assim pra mim, falou assim: “João, pobre João (meu pai), trabalha tanto, comprar caderno, Artesã copia castigo”. Eu falei: Pois é, né, Padre, olha que judiação, tem que pagar escola, tem que comprar caderno, ainda tem que gastar folha pra copiar castigo. (Risos) Aí ele falou: “Nunca mais vou mandar copiar linha, tenho dó de João”. Meu pai trabalhava na enxada. E nunca mais mandou copiar linha, mas, aí foi a potência (Risos) ficou pior. Rs. Porque a potência não tem jeito de ninguém ajudar, né. (Risos)*

Nas lembranças dos castigos a imagem de uma professora criança peralta. Em um dia que toda a turma ficou de castigo e já se aproximava o horário do almoço, Artesã pulou o muro da escola para buscar laranjas e farofa de carne na casa da avó do outro lado da rua. Saltou umas grades e portões com a saia de uniforme cheia de guloseimas para distribuir com a turma, nesse dia o Frade disse a ela: “Você vai expulsa!” Artesã respondeu em tom alegre: *Meu pai vai me matar. Se eu for expulsa meu pai vai me matar!* “Mas, como você faz isso?”. O Frade a chamou carinhosamente pelo nome no diminutivo: “Óh! Artesã, Artesã, como faz isso?” *Ele falava que*

*eu era feliz! Apanhava, apanhava, apanhava da minha mãe, porque não fazia tarefa, porque ficava na rua brincando de beto, mas, assim, sempre alegre. Fazia, fazia bagunça de manhã e de tarde ia dar aula com a maior responsabilidade.*

Entre tantas traquinagens Artesã conta que jogou pedra em uma caixa de abelhas para vê-las grudar no cabelo de Frei Thiago e na tentativa de tirar abelhas do cabelo, a aula ia embora e Artesã se divertia. E diz ao relatar essa história que nunca deixou ninguém pagar pelo que ela fazia, segundo ela, sempre assumia as peraltices e o castigo vinha com toda certeza. Depois de copiar as duas mil linhas, o Frade mudou a estratégia dos castigos e colocou Artesã para elevar números de 1 a 10 à nona potência, assim ela ficava na secretaria fazendo o castigo, ou tentando, até a turma e a diretora, Madre Rosalima, do turno vespertino chegarem: *Elevando número 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, à nona potência, esse era o castigo dos Padres. Era o castigo! Uai, quem que faz isso? (Risos). Aí eu ficava lá, né! Eu ia botando os algarismos lá, tan tan tan, eu não fazia conta não. Ele pegava lá, olhava: “Errado! Faz de novo!” Uai, vou fazer. Às vezes eu ficava na diretoria dela lá, porque eu não terminava castigo. Ôh, eleva isso pra você ver, faz isso à nona potência pra você ver no tempo que fazia tudo no lápis. À nona? (Risos) Era 9,8,7,6,5,4,3,2,1, à nona potência! Faz uma hora pra você ver o tanto de conta que dá, multiplicando tudo na mão, na cabeça. Ah! Eu falava: Não, não vou fazer isso não! Aí, eu ia botando, botava o tanto de coisa assim, começava tan tan tan, passava o traço e punha aqui em baixo, sem somar nada. Aí, ela só chegava, batia o olho: “Errado”. Então faz de novo, uai. E assim eu ficava lá. Eu não sei se foi de dó, porque aí eu apanhava muito porque fazia arte na escola e minha mãe judiava muito, e ela foi e me botou no Colégio com ela.*

O convite é interpretado como uma ajuda para dar a ela o senso de responsabilidade, como ela mesma destaca: *Eu acho, eu acho que ela me convidou pra ver se eu melhorava né, se eu tomava gosto para estudar, né, pra fazer as coisas, porque aí eu tinha o compromisso de fazer plano de aula, você tinha que fazer toda semana, né, você fazia semanal, né, na sexta-feira você levava o plano de aula pra fazer no sábado e domingo você tinha que fazer pra segunda, terça, quarta, quinta, sexta, né, aí você levava o plano, aí eu não tinha nem muita noção, aí elas corrigiam, ajudavam, me ajudaram muito, não tinha preparação pra isso, né, comecei, assim, por, aí eu fiquei até casar. Toda vida na alfabetização. Nunca dei aula para outra. Dava aula à tarde. E a Irmã te orientando? Orientando. Ajudando.*

Professora Artesã disse que as Irmãs a convidaram para ir para o convento e ela disse que falava para elas que não tinha nascido para isso.

Barros (2010) destaca a educação das meninas em escolas católicas afirmando que:

Os colégios católicos dirigidos por religiosas desempenharam nessa época papel relevante na educação de meninas e moças dentro de padrões puritanos de conduta, correspondendo assim aos propósitos do episcopado de frear o quanto possível as novas formas de expressão feminina. Em grande parte, as religiosas transmitiam as alunas a formação que elas próprias haviam recebido. A educação ministrada pelas freiras tinha como finalidade específica preparar a mulher para os cuidados do lar, e, ao mesmo tempo, atraíam as jovens para a vida conventual. (AZZI; KLAUS apud BARROS, 2010, p. 220).

Das entrevistadas, somente Artesã mencionou esse convite realizado pela Irmã para ir para o Convento.

Sobre as orientações recebidas da Imã Rosalima, Professora Artista citou a existência de um caderno de plano. *Naquela época não tinha plano nada não. A gente chegava e, olha que, como diz, ensinava!* Madre Rosalima orientava o seu trabalho, te ensinava? *Ensinava. Ela ia lá e ensinava. Orientou. Naquela Cartilha Sodré. Na Cartilha Sodré. Cartilha Sodré (...). Virou a página: Vamos aprender o a! Aí vamos embora. Aprender o a! Vai faz o contorno, caderninho de caligrafia.*

As outras professoras disseram que desde o início faziam plano de aula e que o plano era analisado e complementado pelas Irmãs, caso fosse necessário. Por exemplo, Professora Flor diz: *A gente fazia o plano e levava pra elas. Pra elas olharem e dar o visto". Era assim, elas olhavam o plano e assim o que elas precisavam corrigir ela colocava ali. E aí a gente que se virava. E ela ia na sala de aula ver o que estava acontecendo. De vez em quando a gente olhava lá ela estava entrando, sacudindo o Rosário (Risos).*

Professora Cantora contou que estudou a vida inteira em escola católica, aliás, apenas duas iniciaram estudos em escola pública, portanto, teoricamente, laica, mas todas fizeram do Primário até o Curso Normal em escola católica. Rememorando suas primeiras aulas como professora, Cantora disse assim: *Aí, depois que ela saia da sala, aí ela chamava a gente particular na Secretaria. Aí vamos, fazia um plano pra gente. Fazia um plano. E tinha hora que ela levantava, ia lá na frente e dava aula. Entrava no meio da aula e dava aula. Uai, americana, né? Veio com tudo! Educação de primeiro mundo! Ela era especialista em Educação mesmo, né? Isso aí eu não sei, mas, conhecimento de muito conhecimento pedagógico, tinha. Tinha. Madre Rosalima, Nossa Senhora, brava, enérgica, mas, assim muito capacitada.*

Sobre os planos Professora Cantora diz assim: *Elas punham nos planos de aula que a gente fazia, era semanal, era semanal, fazia o plano de aula semanal, quando via que o plano de aula, não tinha esse negócio de objetivo igual de hoje não, era um plano, era um plano de aula, assim, o que que ia dar, que jeito que ia dar, era um plano, mas, não tinha objetivo, não*

*tinha essas etapas que põe hoje não. Quando eu fui professora, eu segui, quando eu trabalhava com elas lá assim, e depois que eu fui trabalhar também em outras escolas, eu segui muito o ritmo delas, assim, no sentido assim de cuidados, a criança, o jeito de pegar caderno, até de apagar o livro, o caderno.*

Cantora, as Irmãs ensinavam até como apagar o caderno? *Ensinavam! Você acha que elas deixavam a gente deixar aluno (mostrou com a mão o jeito de não apagar o caderno) não, era assim ôh (mostrou como apagar). Ensinava como Professora e eu passava para os alunos. É. É. Até o jeito de apagar. Até o jeito de passar a folha do caderno. Elas ensinavam! Pediam para gente olhar os alunos também. Cobrava da gente como aluna e depois a gente cobrava dos alunos. Elas tinham muita presença na sala de aula. Tomava leitura. Ia olhar o asseio dos meninos. Cortar a unha. Dia de cortar as unhas.*

Sobre a influência dessa convivência ela diz: *Então eu conservei isso um pouco na minha profissão. Porque eu era exigente. A Maria Alves um dia falou para mim assim: “Cantora, eu sei direitinho o aluno que você alfabetizou, que foi seu aluno na primeira série”. Lá no Ginásio. “Eu sei direitinho”. Diz ela que sabia direitinho, porque o jeito, os tamanhos dos parágrafos, eu exigia os tamanhos certinho. Era medido no dedo. Menininho punha o dedinho assim. As Irmãs ensinaram isso tudo. Passou tudo! (...) Pois é. Veio delas. Tudo influência! Aqui, óh, bem centralizado o título das coisas. Letra maiúscula do tamanho da linha. Letra maiúscula tem que ser grande, diferenciada. Tudo elas!*

Perguntei para Cantora se elas tinham que voltar na escola no contra turno: *Tinha dia que ia, né. Porque quando pedia, né? Pediam para a gente comparecer na Escola, né. A noite não. Dentro do próprio, hora que terminava a aula, passava um pouquinho lá, né, na secretaria, né, porque era de tarde, né, que eu dava aula. Era no sentido das exigências, era para todos. É. Era para todos! Agora tinha pessoas que parece que elas tinham, assim, como que é, eu não posso falar que é afeição, liberdade. Por exemplo, eu ajudava em tudo, mas, também, como se diz, elas faziam tudo para mim também. As Irmãs traziam muita coisa pra gente dos Estados Unidos. Tinha muito assim, apoio pedagógico. Aquelas estrelinhas mais lindas, carimbos, naquela época já existia, porque era escola, né, vinha de lá. Aqueles santinhos, aquelas coisas mais lindas para premiar, quadro de honra que ainda existia, né, que agora não tem mais.*

Quando Professora Cantora enumera ações desenvolvidas no interior da sala de aula, adquiridas antes de realizar um curso de formação para o magistério, lembro-me do que Maurice Tardif (2014, p.48-49), denomina de “saberes experienciais”:

Pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem sobre ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação. (...) os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis. Ora, lidar com condicionantes e situações é formador: somente isso permite ao docente desenvolver os *habitus* (isto é, certas disposições adquiridas na e pela prática real), que lhe permitirão justamente enfrentar os condicionantes imponderáveis da profissão e até mesmo em traços da “personalidade profissional”: eles se manifestam, então, através de um saber-se e dum saber-fazer pessoais e profissionais, validados pelo trabalho cotidiano (TARDIF, 2014, p. 48-49).

Narrativas de vida são como pegar um trem no sentido contrário! Acompanhando as narrativas das professoras e viajando para trás na linha do tempo da história de vida permeadas pela escolarização e a docência. Com as primeiras informações que elas contaram sobre o modo com o qual exerceram a docência no contexto da escola franciscana em Goiandira, é possível aproximar tal experiência, adquirida nesse ambiente enquanto alunas, observando professores que elas consideravam referências de posturas na profissão docente, além das orientações recebidas das Irmãs de Allegany na fase inicial, à outra observação de Tardif (2014, p.13-14) a partir de inúmeras pesquisas que ele realizou sobre o saber docente:

[...] o saber dos professores (tanto os saberes a serem ensinados quanto o saber ensinar) está assentado naquilo que Bourdieu chama de arbitrário cultural: ele não se baseia em nenhuma ciência, em nenhuma lógica, em nenhuma evidência natural. Noutras palavras, a Pedagogia, a Didática, a Aprendizagem e o Ensino são construções sociais cujos conteúdos, formas e modalidades dependem intimamente da história de uma sociedade, de sua cultura legítima e de suas culturas (técnicas, humanistas, científicas, populares, etc.), de seus poderes e contrapoderes, das hierarquias que predominam na educação formal e informal, etc. (TARDIF, 2014, p. 13-14 ).

Professora Serena disse que no tempo em que ela foi aluna no Ginásio Dom Emanuel não havia um evento chamado de “Bailinho”, mas outras professoras o tinham mencionado e nas Atas do Grêmio, li um agradecimento que Irmã Tereza fez aos alunos por comparecerem nesse evento. Professora Artista participou e lembra: *O Bailinho já era depois do terço. Depois que a gente rezava o terço tinha o bailinho. Os padres colocavam lá aqueles teletrola, né? Vitrola naquela época. Punha os discos. Punha as mesas de ping -pong. Geralmente duas mesas de ping-pong. Você ia jogando ping-pong, namorando, dançando e as freiras andando*

*no meio da gente, os padres, aquilo tudo ali. Dez horas pra casa. Dez horas todo mundo pra sua casa. Começava sete horas. Geralmente todo sábado.*

Professora Cantora também relembrou o bailinho: *Era bom demais! (Risos) Era brincadeira que falava. Hoje tem brincadeira! Só que era assim, era tanta pureza, né, ninguém tinha maldade, ia lá para dançar mesmo, né, ia para dançar, ambiente bom. Agora hoje. Naquele salão. Tinha vitrola. Outra hora chamava alguém para tocar, para cantar. Enchia, né, porque não tinha nada para ir, né. (Risos). Quando muito, até 10, 11 horas no máximo ia todo mundo embora, né, tchau, né, porque não ia mais. Começava cedo também, né. É. Era assim, né, os pais não deixavam. (...) Ai, tempo bom! Nossa Senhora! Muito bom, mas, a gente soube aproveitar, porque, assim, né, a gente conduziu a vida da gente dentro de uma ética, de uma moral, né.*

Outra atividade da Ordem Franciscana que marcou a Professora Cantora e também a professora Artista foram os trabalhos de ajuda humanitária na comunidade realizados pela Ordem Franciscana em Goiandira. Professora Cantora relatou: *Vinha! Sacadas, assim, de farinha de trigo. Eu ajudava a repartir! Ajudava a repartir aqueles mundo de farinha de trigo, de fubá, de óleo, vinham os tonéis de óleo, assim, cheinho de óleo de cozinha. É. Levava muita coisa para o Asilo. Eles incentivavam a Cozinha da Sopa. Todo dia tinha sopa. Alimentos era na época dos americanos. Tinha essa, como que é gente? Aliança para o Progresso<sup>36</sup>, parece que chamava esse Movimento, igual tem a Cáritas, essas coisas assim, parece que era Aliança para o Progresso que chama.*

Professora Artista também participava dessas experiências e conta que tudo chegava pelo trem de ferro: *Era roupa, era doce, era chocolate, tudo. Vinha muito material escolar. Tecido. A quantidade de tecido. Eles doavam. Tudo coisa pra doação.*

Além da participação nos trabalhos de ajuda humanitária promovidos pela Ordem Franciscana na cidade de Goiandira, Professora Artista relembrou alunos que tinham bolsas de estudo. Relembrou também dos que atrasavam o pagamento das mensalidades: *Eles cobravam. No dia da mensalidade, eles chegavam Fulano, óh, seu pai não pagou mensalidade. Fulano seu pai não pagou mensalidade. Mensalidade atrasada. Manda vir falar comigo. Ele falava: Manda vir falar comigo!*

As meninas professoras seguiram sua trajetória de estudantes na escola católica e lá foram professoras. Porém, no percurso da docência levaram consigo tudo o que aprenderam na

---

<sup>36</sup> Aliança para o Progresso

escola paroquial para as escolas públicas onde deram sequência à carreira, inclusive a catequese por meio da oração antes de iniciar a aula e outras atividades desenvolvidas no mês da Bíblia.

Nesse conjunto de vice-versa entre educar e evangelizar, e na “luta dos católicos” no “combate à laicização do ensino” Saviani (2008) traz inferências proclamadas pela própria Igreja Católica:

No início dos anos de 1930, a principal bandeira de luta dos católicos na frente educacional foi o combate à laicização do ensino. Conforme o entendimento do Padre Leonel Franca, religião e pedagogia caracterizam-se por uma relação indissolúvel: “ Se a educação não pode deixar de ser religiosa, a escola leiga que, por princípio ignora a religião, é essencialmente incapaz de educar. Tal é o veredito irrecusável de toda a pedagogia”. (Franca, 1931, p.25) Assim conforme os católicos, a escola leiga preconizada pelos escolanovistas em lugar de educar deseducava: estimulava o individualismo e neutralizava as normas morais, incitando atitudes negadoras da convivência social e do espírito coletivo. Somente a escola católica seria capaz de reformar espiritualmente as pessoas como condição de base indispensável à reforma da sociedade (SAVIANI, 2008, p. 257).

Na viagem em direção à constituição da docência, compreender as nuances que compõem o saber docente se faz necessário.

Segundo Tardif (2014):

[...] de acordo com uma literatura bastante abundante, esse saber é social por ser adquirido no contexto de uma socialização profissional, onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira, ao longo de uma história profissional onde o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho. Noutras palavras, o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua “consciência prática”. (TARDIF, 2014, p.14. Grifos do Autor)

No segundo capítulo as Meninas Professoras trazem à tona o quanto a escola criada pela Ordem Franciscana em Goiandira influenciou no modo das entrevistadas serem professoras mesmo em escolas públicas laicas, especialmente quando elas narram que continuaram rezando antes de iniciarem as aulas até se aposentarem e que exigiam dos alunos a mesma disciplina que aprenderam com Frades e Irmãs enquanto eram alunas e professoras na escola franciscana.

No terceiro e último capítulo as narrativas das professoras aparecem na maior parte em forma de diálogo porque foi o modo encontrado de dar o sentido no qual a entrevista foi estabelecida.

Com o objetivo de obter informações sobre a constituição da docência as perguntas tiveram que ser realizadas com mais frequência por mim, enquanto entrevistadora, do que no primeiro bloco de entrevistas onde a história de vida foi narrada sem muita interferência.

O terceiro capítulo se orienta para a síntese e análise da história da carreira docente, que teve início na Escola Paroquial Santa Maria Goretti.

Atenção!

Próximo destino e parada: a última Estação!

Contemple o percurso!

### CAPÍTULO 3 FUI! COM MEDO, MAS FUI!

*“[...] equacionar a profissão à luz da pessoa (e vice-versa), de aceitar que por de trás de uma logia (uma razão) há sempre uma filia (um sentimento), que a auto e o hetero são dificilmente separáveis, que (repita-se a formulação sartriana) o homem define-se pelo que consegue fazer com que os outros fizeram dele”. Nóvoa (1995, p. 25)*

Este capítulo tem como objetivo apontar, por meio das narrativas da história de vida, permeadas pela trajetória profissional, possíveis variáveis, categorias, ou “ingredientes formativos”, designação utilizada por Goodson (2003, p. 748), que possam ter influenciado direta ou indiretamente na constituição da docência das meninas professoras. Neste sentido, alguns autores, além de Goodson (2003) foram imprescindíveis para contribuir com as ponderações na análise: Antônio Nóvoa (1995) e Maurice Tardif (2014).

Ao finalizar as transcrições e produzir os capítulos anteriores alguns “ingredientes formativos” surgiram como hipóteses de contribuições na constituição da docência das meninas professoras, apontados pelas próprias entrevistadas, sendo algumas identificadas em bibliografias do campo da Educação e verificadas nas narrativas das ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti.

As leituras de Nóvoa e Tardif, auxiliaram para confirmar, refutar hipóteses e suscitar tantas outras, uma vez que ambos consideram que a constituição da docência se dá por um complexo processo interativo entre a história de vida e os saberes profissionais. Saberes estes que perpassam:

Pela influência, do período que foram alunas da escola católica, para a constituição da docência das professoras entrevistadas, Professora Serena analisa: *Ah! Mas é claro, claro, porquê toda vida eu fui muito boa aluna na sala de aula, né, então nesse caso parece que ajuda também a gente a passar pra frente o que a gente aprendeu. E, agora, é claro que o jeito, coisa pra dar essas aulas a gente não tinha de jeito nenhum.*

Pelos modelos de professores, quesito que Professora Flor salienta: *Elas influenciaram muito. Tanto as do Primário, como as do Ginásio. No Ginásio a gente tinha ali o espírito da Maria Conceição, da Dona Ruth, que foram professoras da gente 7 anos, né? É. Eu acho que foi isso aí também, viu, Walkíria, que ajudou. Chega nessa sala de aula vou ter que lembrar como que era, né? Porque não teve assim um tipo assim, um treinamento pra você entrar.* Professora Flor também lembrou da irmã dela que já era professora e contribuiu muito nesses momentos iniciais da docência. Assim como, em uma situação de indisciplina de um aluno, Professora Artista relata que agiu da forma que via o pai dela agir.

Como todas as professoras entrevistadas realizaram o curso Normal e apenas uma não o concluiu, no segundo bloco de entrevistas elas ressaltaram a importância da disciplina Didática para a constituição da docência delas, o que veremos logo adiante.

A partir da biografia das meninas professoras foi possível apontar mais três variáveis na contribuição da constituição da docência delas: - A primeira variável: As orientações que elas receberam, sob o crivo da experiência educacional de uma missionária franciscana, como vimos no capítulo 2, graduada na área da Educação: Madre Maria Rosalima O'Neil, diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, no período inicial da profissão docente das meninas professoras, quando ainda não possuíam formação por meio de curso oficial para a docência, portanto, a presença de Madre Rosalima foi marcante. Professora Cantora lembrou dessas orientações iniciais: *Até pouco tempo eu tinha caderno de plano de aula ali ainda, mas, não tenho mais não. Era plano, deixa eu ver, não sei se era semanal, acho que era semanal. Era ela que dava o visto! E punha os bilhetinhos dentro do caderno, quando tinha alguma coisa. Assim, vamos ensinar uma adição, por exemplo, adição, ela punha já o jeitinho de ensinar lá, e se tivesse dúvida passar na secretaria, na diretoria. Porque não tinha esse negócio de coordenadora separado assim não. Secretária tinha, mas, coordenação não. Elas mesmo coordenavam, elas coordenavam. Aí falava pra gente passar na secretaria, queria conversar.* - A segunda variável: O esforço pessoal, também foi destacado nas narrativas das meninas professoras, como por exemplo nas palavras de Professora Serena. O que a senhora acha, Professora Serena, que contribuiu para a senhora ser essa professora? *Eu acho que é esforço. Esforço, porque toda vida, toda vida eu fui de muita responsabilidade, sabe. Eu trabalhei 26 anos aqui, eu nunca cheguei um dia atrasada. Nunca cheguei atrasada um dia na escola. Nenhum! Quer dizer, eu moro perto, tá certo. Mas, teve uma época que eu morava mais longe e trabalhei três períodos e nesses 3 períodos eu nunca cheguei atrasada.* - A terceira variável foi o convite ser para dar aula na mesma escola em que eram alunas e as próprias circunstâncias com as quais aconteceu o surpreendente convite. Certamente a primeira opção de convite era para pessoas com habilitação, como na cidade não havia nem Ensino Ginásial antes da chegada da Ordem Franciscana, é óbvio que habilitados e habilitadas para a docência eram raridades.

No primeiro e no segundo capítulo observamos o contexto no qual se passou a história de vida das meninas professoras e a partir das narrativas e das pesquisas bibliográficas pudemos evidenciar possíveis influências na constituição da docência delas. As narrativas nos remeteram ao cenário, à infância, à escolarização, a um pouco da vida em família e às primeiras experiências em sala de aula como professoras. E é do sim para a profissão docente que partimos.

Maurice Tardif (2014) ao descrever estudos sobre “As fases iniciais da carreira e a experiência de trabalho”, diz que:

Muita coisa da profissão docente se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo, em suma, no próprio trabalho. Ao estrear em sua profissão, muitos professores se lembram de que estavam mal preparados, sobretudo para enfrentar condições de trabalho difíceis, notadamente no que se refere a elementos como o interesse pelas funções, a turma de alunos, a carga de trabalho, etc. Foi, então, através da prática e da experiência que eles se desenvolveram em termos profissionais. (TARDIF, 2014, p. 86)

Após a qualificação realizei o segundo encontro com as professoras para que elas pudessem dar continuidade na narrativa da história de vida, a partir do momento do convite para serem professoras para frente, com objetivo de contarem sobre a carreira docente e a constituição da docência. Desse modo, eu e minha orientadora Juliana Pereira de Araújo, pensamos como faríamos esta segunda entrevista, e optamos pelos mesmos critérios que nortearam a pesquisa até aqui: narrativa da história de vida, em uma entrevista semi-estruturada, como foi a primeira.

Alguns assuntos obviamente se repetiram, impregnados, tatuados na memória como estão, contados com a mesma veracidade, às vezes apenas com outras palavras, mas com a emoção de quem experimentou a docência enquanto a vida seguia com tudo que a compõe além de uma possível profissão. Uma relação simbiótica, e de acordo com o que percebi durante as falas, uma simbiose harmônica entre docência e vida pessoal.

Vida pessoal e vida profissional! Nóvoa (1995), na apresentação de seu livro *Vidas de Professores*, faz a seguinte observação entre esses dois vértices: “Hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideias e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana”.

Novos relatos, argumentos, descrições de fatos que consideramos muito pertinentes para a análise da constituição da docência das meninas professoras vieram à tona e, é a eles que dedicaremos o próximo item deste capítulo, partindo de uma estação da linha do tempo onde fizemos breve parada: o convite para a docência. Olhando pelas janelas que se abrem para a vida e contemplando a docência como paisagem, prosseguimos com as passageiras, personagens principais no passeio de idas e vindas pelas páginas de suas histórias.

Nóvoa, (apud Pierre Dominicé, 1990, p. 167) diz que: “A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação (...) o saber sobre a formação provém

da própria reflexão daqueles que se formam”. A seguir temos a continuação das narrativas da história de vida das meninas professoras, norteadas pela constituição da docência.

### 3.1 História de vida e vida profissional das Meninas Professoras

O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. Jennifer Nias

Pontua Nóvoa (1995, p. 135) em seu livro *Vida de Professores*, que “No fim dos anos 50 e neste meio social, uma certa transição começa a revelar-se no que diz respeito ao papel que as mulheres poderiam vir a ter quando adultas. Num primeiro tempo, os pais queriam assegurar às raparigas os estudos suficientes para um eventual recurso”. E esse foi um dos dados que observei durante a narrativa da maioria das professoras: o empenho de seus pais para que elas estudassem.

#### 3.1.1 Professora Flor

Antes de Flor<sup>37</sup> iniciar a narrativa, eu disse para ela que Irmã Celestina tinha me enviado um e-mail, me contando que veio de Nova Iorque pra Goiandira, com a Irmã Genoveva. Também disse para Flor sobre a tese que li de Sangenis (2004) falando do quanto os franciscanos são desmerecidos na história da Educação, porque os jesuítas têm mais presença na História escrita, mas, os franciscanos estão aqui no Brasil desde 1549, assumindo escolas em várias localidades. Ao fazer essa observação Professora Flor fez a seguinte reflexão: *É. Quem teve, como diz, a honra de estudar na escola deles. Foi uma honra, porque a gente teve, né, eu fiz desde a série inicial até o Ginásio. É. Foi muito bom, a gente teve um privilégio.*

Professora Flor inicia a narrativa a partir da entrada na sala de aula: *Ela me deu um caderno de plano. Eu entrei lá na Escola Paroquial para substituir a Jaziva, irmã do Jaci da Paixão, a Jaziva era uma professora que tinha um conceito maravilhoso, era ótima professora, então eu entrei para substituir a Jaziva. Aí o que que ela fez, ela me entregou um caderno de plano, eu lembro até hoje, elas usavam um caderno preto, de capa preta, assim em espiral, me deu aquele caderno: você segue esse plano. (...) Aí, você segue o plano, até nem era plano para*

---

<sup>37</sup> Esta entrevista contém 38'04". E transcrição na íntegra com 13 páginas. E foi realizada no dia 24 de outubro de 2016.

*a semana, era plano que já havia passado, ela já havia dado a matéria, aí o que que eu fui fazer, eu fui revisar aquilo. Até eu pegar o pé da coisa!!!*

Sobre a primeira turma, diz Flor: *Quando eu comecei era 1º ano A. Que era a Cartilha, o 1º ano B e o 1º ano A. Já era menino que estava estudando na escola há 3 anos. Chamava primeiro A. Mas, era bom porque os meninos já sabiam ler direitinho, já entendia. Quando eu estudei foi isso, primeiro a Cartilha. Cartilha, Cartilha Sodré, entrava no 1º ano B, agora você pensa, o A depois do B. No B o menino já sabia ler, já estava bemmmm, aí no A você já apertava ele mais. Aí passava o 2º, o 3º, o 4º e aí tinha uma tal de Admissão.*

A irmã dela que já era professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti a ajudou muito nesse início. Segundo ela a irmã saiu e ela ficou: *Fiquei dois anos lá lecionando. Depois eu fui lá para o Kennedy, fui nomeada no Estado e fui para o Kennedy. O Kennedy foi construído, eu comecei a lecionar em 1965, lá na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, um ano pela escola particular e o outro ano, no ano que eu já estava nomeada. O Governo que me pagava.*

Ela adentra na explicação sobre a situação da escola, se era pública, privada, conveniada: *Não, não estava conveniada, ela foi conveniar mais tarde, eu fiquei lá porque o Kennedy ainda não estava em funcionamento, já estava construído, mas faltavam móveis, faltava inaugurar. Aí quem foi lá para o Kennedy nessa época que ele começou foi eu, a Miralice, isso aí deve ter sido ali pra 66, 67, aí fomos, eu, Miralice, a Vilca, que é uma que mora em Brasília, a Vera Jardim, aí a Dirce também foi para o Kennedy, mas, já tinha uns 3 anos que eu estava lá. Eu fiquei lá no Kennedy uns 4 anos. Aí, nesse dia que a Madre Rosalima me convidou, até eu estava dormindo, o Tota chegou de noite da rua, não sei aonde ele viu a freira, não sei se ele foi à Missa, não sei, à noite (risos), ele falou assim: “Óh, a Madre falou que é pra você ir lá na escola amanhã, amanhã meio dia (...) Na hora de começar a aula. E ela me deu uns 30 alunos ou mais. Tinha um que conversava na sala de aula, eu falei, ôh meu Deus, o que eu vou fazer com isso aqui agora? (Risos) e foi indo, tinham uns meninos levados, até não eram muitos, deu certo. Era pra seguir aquilo, aquela linha da Jaziva. Depois ela fazia reuniões com a gente, sabe. Eu abri a Maçonaria também (risos). Parece que foi em 70.*

Ela explica que quando a Ordem veio para Goiandira só tinha o Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico, que não era Amélia ainda. E detalha como chegou a maçonaria relacionando o fato a questões políticas: *Só o Pedro Ludovico. Era Pedro Ludovico. É a primeira. Lá a minha mãe estudou. Eu nunca lecionei no Pedro Ludovico. Foi a única escola. Nessa época que a gente trabalhava tinha muita política em escola, sabe. Ganhava o fulano te jogava pra cá, ganhava o ciclano te jogava pra lá (risos). Então, numa dessas eu vim parar aqui na escola da*

*Maçonaria, no ano que ela foi inaugurada, lecionei na 4ª série. Nessa ida para a Maçonaria eu fiquei, eu fiquei lá só um ano, na 4ª série. Eu fiquei um ano e voltei para o Kennedy, fiquei no Kennedy mais uns tempos. Era bom demais lá. Nossa, mas, era uma maravilha. Aquelas salas tudo arejada, sabe, aqueles vitraux enormes tudo aberto. Vista bonita para tudo quanto era lado. Mas, lá era bom, viu. Limpinho, enceradinho.*

Professora Flor relembra que a letra era modelada no quadro com linhas traçadas imitando o caderno de caligrafia no quadro: *Você já ia modelando a letra. Depois era só pegar a mão livre.*

Quanto ao tempo das aulas, a duração já era programada até no plano de aula. *Aí eu passei a fazer o plano de aula e passar pra elas na secretaria, mas, pra ela olhar e dar o visto, mas, não era por dia, era por semana. Fazia as observações. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Matemática, português e religião eram dadas diariamente: A gente começava a aula com Religião, todo dia. Tinha o livrinho. Ensinava os dogmas, os mandamentos, os sacramentos, início do mundo, da criação.*

A cópia era predominante pois esse *negócio de mimeógrafo que foi primeiro, não existia (...). Copiava muito e a gente tinha que estudar muito com o menino na sala de aula pra ele aprender.*

Percebe-se que a aprendizagem era compreendida como memorização. Tudo deveria ser memorizado. A tabuada era a expressão máxima da capacidade mnemônica: *Era tomada, tinha de ser. Ela conta que, Matemática na 5ª série, até na 5ª série você tinha que exigir a tabuada dos meninos senão eles não aprendiam. Decorada!*

Perguntei para Professora Flor se tinha livros: *Tinha. Tinha. Tinham os livros. Tinha um livro comprido assim, óh, esse era bom demais. De toda matéria tinha um. Tinha, tinha. Tinha os livros. Era tipo um caderno. Ele era comprido assim, óh. Nem sei que editora que era aquela. O da 4ª série era dessa grossura. Facilitava!*

Professora Flor contou que depois que iniciou na carreira docente como leiga, logo os frades criaram a Escola Normal Dom Emanuel e ela se matriculou. Trabalhava de manhã e estudava à noite. Flor ressaltou que a contribuição da Didática foi fundamental para ela entender o que era ser professora: *Ajudou demais. Quando eu fiz o Normal a gente tinha a Didática, né, que ensinava a gente a dar aula e a trabalhar com os alunos. Isso aí ajudou demais.*

Diz Tardif (2014) que “uma boa parte do que os professores sabem sobre como ensinar provém de sua socialização enquanto alunos”. Isso foi evidenciado na fala de Flor quando se referiu ao início da docência, enquanto ainda não tinha ingressado no curso Normal: *A gente já*

*estava acostumada com o jeito delas, né, porque eu estudei o tempo todo foi lá. A gente já sabia como que era o ritmo, o sistema delas. Já era uma formação!*

Conforme Goodson (2003):

Vários estudiosos de los años sessenta de la fecha se han centrado en las experiencias de los docentes como alumnos: sí, la propia experiencia del docente como alumno. En su estudio titulado *Schoolteacher* (El maestro) (1995) Dan Lortie se referió a este período en el que el futuro profesor estudiaba como un “aprendizaje por medio de la observación” en el que internaliza muchos papeles posibles para el futuro. La socialización del docente, según esta tradición, se da por medio de la observación y internalización de modelos que enseñanza, Lortie los llama de “modelos latentes” y sostiene que no se implantan sino que se activan durante el período de formación puesto, que, a menudo, “fueron conservados de manera latente durante el período intermedio” (GOODSON, 2003, p. 744)

Professora Flor esclarece que cursou o normal à noite na Escola Normal Dom Emanuel. Diz Flor que *não devo escolaridade para Governo nenhum. Primário foi pago. Ginásio foi pago. Normal pago. Faculdade de Direito pago. Tudo pago. (Risos) Direito no CESUC pago.*

O Direito aparece já quase no tempo da aposentadoria: *Eu já estava quase aposentando, eu pensei: Uai, eu preciso arranjar uma outra coisa pra eu fazer. Preciso arrumar outra coisa pra fazer. Aí não dava mais tempo de fazer um curso na área da Educação, até pra melhorar o salário, não dava, não dava tempo. Aí eu fui fazer isso. Mas, eu pensava em fazer assim, fazer por fazer. Aí, eu tinha um professor, Dr. Antenor, lá de Catalão, ele era professor de Direito do Trabalho, e ele era Juiz aqui em Goiandira, aí eu formei e tudo, fiz OAB e estava quieta aí, falei, ah! Não vou mexer com isso não, um dia ele me chamou, mandou a, não sei se era a sua mãe que era a secretária, ligar pra mim, falando para eu ir lá, aí ela me ligou e eu fui. A história se repetiu. O juiz colocou um processo nas mãos de Professora Flor do mesmo jeito que a diretora Madre Rosalima colocou um plano de aula.*

O curso de Pedagogia não se mostrou opção no momento final da carreira docente: *Ah! Não sei. Eu não gostava, não estava querendo fazer isso. Pensei que eu ia ganhar mais dinheiro (Risos), acabou que eu não estou ganhando é naaaaaada (Risos). Paguei o curso no CESUC, pago a OAB todo ano. De vez em quando eu ainda mexo com isso. Eu ainda tenho uns processos lá no Fórum. O dia que os meninos me ligam eu vou lá. Tem vinte anos, né. Foi em 92.*

Depois dos anos como aluna na escola franciscana de Goiandira e das orientações recebidas de Madre Rosalima, de Dona Maria Conceição Porto como professora modelo, destaque da narrativa da Professora Flor outros “ingredientes formativos” para a constituição da sua docência: a escolarização na escola Santa Maria Goretti, as orientações de Madre Rosalima no início da docência, a disciplina Didática como uma forma de profissionalização-legitimação

do fazer docente e o esforço pessoal, além da colaboração da irmã dela que já era professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti.

A ideia de Professora Flor em ingressar no curso de Direito já “na reta final da chegada” para a aposentadoria me remete a Nóvoa (1995, p. 46) quando ressalta que é comum observar nas narrativas de docentes “um desinvestimento na fase final da carreira”. A opção que Professora Flor fez por outra profissão também nos aponta este “recuo”. Mesmo com tempo para fazer o curso de Pedagogia e, inclusive, melhorar o salário para aposentar-se, ela preferiu fazer o curso de Direito dizendo que já estava enjoada da Educação.

No livro *Vida e Formação de Professores*, Nóvoa (1995, p. 35) apresenta algumas indagações, que ele chama de “questões apaixonantes”. Uma dessas questões foi realizada ao final da narrativa do segundo bloco de entrevistas: “Se fosse preciso fazer uma nova opção profissional, continuaria a escolher o ensino?” A maioria das meninas professoras respondeu como Professora Flor: preferiria ser dona de casa. Flor respondeu sorrindo: *Ah! Acho que o que é mais fácil, né (Risos), ser dona de casa (Risos). Não dá trabalho (Risos). Não dá trabalho.*

Aceitar o convite para ser professora é descrito por Flor como uma emergência: *A gente formou e não tinha nada para fazer, aí veio a oportunidade, fui e pronto. Se não fosse o convite não ia não. Há não ser que eu fizesse o concurso do Estado, né. Quando apareceu o concurso eu já estava dando aula na Escola Paroquial Santa Maria Goretti.*

Todas as entrevistadas apontaram a dificuldade em ter que trabalhar fora e ainda cuidar da casa: *Estudava, não tinha empregada, fazer almoço, arrumar casa e tudo. E dar conta da sala de aula ainda.*

O cansaço que a maioria declarou ter sentido ao final da carreira talvez seja a expressão maior dessa resposta. Uma carreira docente narrada sem grandes “queixas” e “lamentações”, o que me pareceu um desinvestimento mais “sereno” do que “amargo”, designações encontradas no livro de Nóvoa (1995), ao tratar da carreira docente e especialmente da fase final dela.

Mas, a maioria das meninas professoras declara que trabalhar fora de casa era mais do que uma escolha, era uma necessidade.

### 3.1.2. Professora Serena

A segunda entrevista com Professora Serena<sup>38</sup> foi realizada na casa dela. Serena iniciou a narrativa tentando recordar o momento em que foi convidada para ser professora na Escola

---

<sup>38</sup> Esta entrevista foi realizada no dia 25 de outubro de 2016, possui 78'31" e foi transcrita na íntegra com 25 páginas.

Paroquial Santa Maria Goretti, e assim ela disse: *Pois é, isso aí já é uma coisa que eu nem me lembro, não me lembro como que foi esse convite. Não me lembro. Não. De jeito nenhum. Não sei se foram as irmãs que convidaram. Não me lembro mesmo de como foi, quando foi, não me lembro. Quando eu vi já estava na sala de aula, e lá, fazendo o que sabia, né, só, porque, uai, a gente sair de um curso ginásial e entra na sala de aula com 40 e tantos alunos, já tive até de 60 e tantos, né, então a gente entra com a cara e a coragem só.*

A dimensão da aprendizagem da docência aparece para Professora Serena quando ela relembra a relação com a qual foi educada, tempos de aluna: *Porquê toda vida eu fui muito boa aluna na sala de aula, né, então nesse caso parece que ajuda também a gente a passar pra frente o que a gente aprendeu. E, agora, é claro que o jeito, coisa pra dar essas aulas a gente não tinha de jeito nenhum. Mas como a gente aprendeu é que a gente foi passando. Eu, até pra falar a verdade, eu quase não tive aula com as freiras não. Foi mais, já tive professor de Catalão, tinha um tal de Antônio Sales que dava Português, era muito bom. Isso foi no primeiro ano do curso ginásial, porque eu não fiz o 5º ano como falava. E nem era sexto, chamava primeira série do Ginásio. Aí era na época dos padres, né. Nessa época parece até que as Irmãs quase não atuavam muito não, mais eram os padres mesmos. Eu acho que eu não tive aula com as freiras nessa época. A freira foi sua diretora. É, quando eu já comecei, quando eu entrei dar o primeiro ano de professora foi que ela foi minha diretora. É a Madre Rosalima. A Irmã Diva lecionava também, mas ela dava aula no 4º ano e eu dava no 2º. O meu era o 2º ano, e o dela era, tanto é que falava 1º ano, 2º ano, e quando passava para o Ginásio era 1ª série, 2ª série, até a 4ª série. Eu fiz até a 4ª série que hoje é o fundamental, né. Eu acho que não fui aluna de freira não. Elas atuavam lá, mas, parece que na época foi professora mesmo leiga que deu aula pra mim. Eu entrei já no 1º ano quando eu vim da fazenda, era uma professora parece que veio de Catalão, no segundo também era, uma tal de Dona Zilda, Dona Hilda, parece, sei lá, minha irmã lembra mais do que eu. Aí então no 4º ano foi a Terezinha irmã do Lázaro Flávio. E aí depois é que foi na 1ª série até a 4ª série é que foi o Professor Fortonzed de Matemática, não sei se você já ouviu falar, o Antônio Sales, que era de Catalão, que dava português. Eu acho que Religião, porque chamava Religião, o padre que eu acho que dava, porque aí nessa época já tinha mais professores por série, né, e de Inglês era padre, aí já foi, no Ginásio foi. Latim era padre, braaaaavooooo! (Risos). Francês era a Madalena do Geraldinho.*

Sobre o curso Normal ao qual ingressou 15 anos após concluir o ginásio percebo também um apelo vindo da certificação, da carreira que começava a depender da certificação. Ela comenta que só ingressou no Curso Normal: *Depois de 15 anos. É porque não tinha aqui. Eu lecionei foi só dois anos aqui na Escola. Parei, porque aí eu casei, fui pra roça, criei os*

*filhos tudo. Quando o mais novo estava com um ano é que eu voltei pra fazer o Magistério que chamava Normal. Terminei e fiquei um ano sem fazer nada, né, cuidando de casa, aí depois, que me convidaram para substituir a Lúcia Moreira, ela que dava português. Aí eu entrei no lugar dela até aposentar. Fiquei no Português até aposentar.*

Já no meio da carreira Professora Serena foi Professora no curso de Magistério: *Eu tive umas aulas no Magistério ali também, só que não tinha nada a ver comigo, só pra completar carga horária mesmo. Não, já tive redação. No magistério também, tive umas aulas de redação. Ensino Religioso parece. Não sei, teve mais algumas matérias também, mas, nunca foi matéria assim além do Português que era a que eu dava conta mesmo, as outras eram mesmo só pra completar carga horária.*

Perguntei para Professora Serena se Ensino Religioso era obrigatório naquele período e ela disse: *Eu acho que era. A gente tinha que dar. Eu tenho impressão que era, ainda mais que era escola de padre, né? A oração eu já fazia em todo começo de aula, eu sempre dava. Toda vida, desde quando eu comecei, né. Mas, aí eu não sei como que era, não sei se tinha alguma coisa que a gente passava para os alunos. Não tô lembrada de como que eram as aulas de Religião não. Não sei. Ahhhh! Você sabe que pra falar a verdade eu não me lembro. Não sei. Era mais um tipo catequese mesmo. Até no fundamental eu dei aula de Ensino Religioso. E no Ensino Fundamental dava a importância dos dez mandamentos os da Igreja, os de Deus, os dons do Espírito Santo, era uma catequese mesmo. Pois é, era isso aí. Agora as outras matérias que a gente dava, já tinha um planejamento, a gente fazia um planejamento do dia, né, no caderno, para a aula do dia, né. Elas olhavam esse planejamento e tudo, a Rosalima, sempre, sempre firme, rigorosa (Risos). Mas, ela era muito boa, eu gostava muito dela, ela era muito, assim, ajudava a gente também, porque, gente, não tinha prática nenhuma, não tinha didática, não tinha nada, né. Então nesse caso, a gente, era a cara e a coragem mesmo que a gente fazia.*

Em uma situação de dificuldade em ensinar Matemática, Professora Serena conta que Madre Rosalima a orientou de modo que ela nunca esqueceu: *Eu lembro direitinho, eu até já te contei, das continhas de Matemática que eu passava para os meninos e que não podia ser do jeito que eu passava. Ela fazia direitinho de jeito que no decorrer do menino fazer a soma, ou qualquer outra operação, eles já estavam estudando a tabuada, porque batia mais no número e tudo, né, sabe, então isso eu não esqueci não, de jeito nenhum, engraçado. Armou um punhado e falou: “Faz assim”! Armou um punhado e falou: “Não, porque do jeito que a senhora tá fazendo...”! Ela ainda falava “a senhora” pra gente. É. Senhora! “Do jeito que a senhora tá fazendo”. Senhora? Eu tinha 18 anos (Risos). Ela era muito, nossa, ela era muito fina! Brava demais, mas, ela era fina. Exigente passado, mas ela era muito fina, muito boa. E*

*a Irmã Diva também ajudava muito. Ela era muito boa também. Ela era professora. Ela dava aula no quarto ano e eu dava no segundo. Não, acho que ela era professora no terceiro ano, quem dava aula no quarto ano era a Nancy, irmã da Valni.*

A figura de Rosalima se destaca mais uma vez: *Era brava com os alunos, até que com a gente não. Conversava com muito respeito. Era no sentido de orientar, porque a gente, não tinha nada. Sai de um Ginásio e vai para a sala de aula. Eu já tinha terminado. Aliás, eu até tinha era 19 anos, porque quando eu terminei o Ginásio é que eu estava com 18, aí no outro ano é que eu já comecei. Não sei quem me chamou.*

Professora Serena conta que influência na docência ou orientação que recebeu das Irmãs de Allegany ocorreram enquanto elas eram diretoras ou colegas de profissão e não como suas professoras, e que no seu tempo de aluna vinham muitos professores de Catalão para dar aula na escola paroquial porque em Goiandira não tinha.

A atribuição que as meninas professoras deram à Disciplina Didática como fundamental na constituição da docência delas, foi algo que surgiu nas narrativas sem ser perguntado por mim e me surpreendeu. Todas elas disseram que aprenderam muito com as Irmãs, que levaram na profissão docente muito do que aprenderam enquanto eram alunas na escola franciscana, mas, que ao terem contato com a disciplina Didática puderam de fato entender o que era ser professora. Como se comportar numa sala de aula. Portanto, quando eu indago sobre as contribuições do curso Normal na trajetória delas como docentes a resposta das cinco entrevistadas foi muito semelhante. Serena descreve assim: *Ah! Mas contribuiu. No curso Normal a gente aprendeu didática, aprendeu a maneira de dar aula, né. E lá a gente era casca grossa, né, não sabia nada, não sabia como lidar, né. Agora aqui, no Colégio Estadual Dom Emanuel, a gente já tinha aquela maneira de agir com o aluno e tudo, né.*

Antes do Normal o que ela tinha era a formação como aluna na Escola Paroquial: *O que eu tinha no meu tempo de aluna de um curso ginásial. E desse tempo quis saber se havia um professor no qual ela se espelhava e as memórias sobre a professora modelo são narradas: A Dona Maria Conceição Porto, no Português, uai. Foi muiiiiiito boa professora! Tanto é que quando eu comecei a dar aula no Colégio Estadual Dom Emanuel, eu tinha uma dúvida eu ligava pra ela. Ela ainda morava aqui ainda. Eu ligava pra ela e ela falava assim: “Ah! Serena, o Português mudou muito, mas, um tempo atrás era assim, assim”. Ah! Bom, então, vamos procurar. Aí, eu sempre tinha muito livro, sabe, eu adquiria livro demais para tirar as dúvidas. Mais uma vez Dona Maria Conceição Porto é destacada como professora modelo e nas palavras de Goodson (2003, 748), professor modelo é o “modelo a imitar”.*

Português é a disciplina com a qual Professora Serena iniciou e encerrou a docência, pensando nisso, por observar tamanha admiração que ela demonstra por Dona Conceição repito parte de uma citação de Goodson (2003), presente no segundo capítulo, não mais para reforçar um dos “ingredientes” da formação docente, o professor favorito, professor modelo, mas, para dizer sobre a possível influência que Dona Maria Conceição também pode ter representado na opção de Serena pela língua materna para lecionar. De acordo com os estudos de Goodson (2003, p. 748 Grifos do Autor) “um ‘modelo a imitar’, y los más seguro es que tambien influyan em la vision subsiguiente de lo que és bueno pedagogicamente y, posiblemente, en la ellección de la matéria de especialización”.

As dificuldades no preparo das aulas são narradas por Serena com ênfase em um ingrediente de formação, o esforço pessoal: *O dia que eu preparava uma aula, a mesa ficava cheinha de livro assim, eu ficava louquinha. Eu tinha uma mesa era ali na sala, eu não tinha sofá não, essa mesa sabia contar o que que eu passava, gente do céu, que tristeza. (Risos)*

Foi com esse relembrar do esforço pessoal que falamos sobre orações subordinadas e coordenadas, que aprendi com ela: *Uchiiiiiiii! Aprendi sozinha! Tive que me virar para aprender. Pois é. Ih! Por resto também era o que eu mais gostava, né, porque eu adorava aquilo, aquela matéria. Eu gostava. Aprendi sozinha.*

Ela diz que no curso Normal nada disso foi ensinado, que tinha, mas *era muito superficial. Muito por cima mesmo. Igual era no Ginásio não era não, sabe. E igual a gente ensinava, não era também não.*

Peço uma síntese, uma comparação entre a aprendizagem da docência na escola paroquial e no curso normal. Ela responde: *Parece que foi uma diferença muito grande por causa do tempo que eu larguei de um e peguei o outro, né. Porque, você vê, eu larguei a quarta série que era do ginásio, dei aula dois anos, saí, fiquei quinze afastada, voltei para estudar, fazer o curso Normal. Gente, que, eu lembro que a Natividade dava aula de Didática, o livro dessa grossura assim, eu ficava louquinha, porque eu não sabia o que que eu fazia, eu não sabia estudar aquilo. Ela explicava na sala de aula e eu não sabia como depois resolver, comoooo. Porque era diferente a maneira de ensinar daquela época, com a maneira de ensinar da época que eu comecei. Mas, eu passava tanto aperto, gente. Ainda mais essa matéria que era novinha pra mim, eu nunca tinha visto. Aí eu falava: Natividade, eu não dou conta dessa matéria, aí ela me ensinou, ela falou: “Serena, hora que eu estiver dando as aulas, explicando, faz um resumo”. Aí eu comecei a fazer resumo, pronto, acabou, aí eu fui pra frente, aí acabou, aí eu achei uma beleza a matéria, achei boa demais.*

Sobre o curso normal ela complementa: *Gostei, gostei. Eu gostei muito mesmo. O Dr. Lélío dava umas aulas boas demais de Biologia. Gente, mas como eram boas as aulas dele. Ele custava ir na Escola, mas, o dia que ela ia também, nóhhhh, valia a pena. Agora matemática eu nunca gostei de Matemática, nunca aprendi Matemática, Maurício Marques foi nosso professor, eu não aprendia, não sei quem mais foi, eu nunca aprendi. Matemática toda vida eu fui terrível. Sei lá! Matemática pra mim era fora do sério.*

As disciplinas lembradas do período do curso normal foram *Português, Matemática, Geografia, História, Didática, tinha Redação que era separado*. E tinha também uma disciplina voltada para as tarefas domésticas.

Sobre as orientações recebidas de Madre Rosalima, Professora Serena faz a seguinte reflexão: *Ah! Eu aprendi com ela muito foi assim a maneira de lidar com os alunos, é ser rígida, isso eu aprendi. Porque o povo não gostava de mim de jeito nenhum. Eu não consegui explicar matéria com barulho. Meu neto foi meu aluno e dizia: “Mãe, eu gosto da minha vó, mas não gosto da minha vó como professora”*. Professora Serena deixa claro que adquiriu para a profissão docente o mesmo rigor e disciplina *que experimentou enquanto aluna e iniciante na carreira docente na Escola Paroquial Santa Maria Goretti*.

A rigidez como postura é herança valorizada, aprendida, legitimada pelos anos de sala de aula. Saber que hoje na visão dela faz falta. Ela explica a aprendizagem da “rigidez”: *É porque na disciplina, eu era rígida na disciplina. Engraçado, porque eu até sou pamonha demais, mas, eu não gostava, outro dia mesmo a Rosana estava falando: “Mãe do céu, a senhora não ia dar conta de dar aula hoje, né. A senhora não gostava de explicar a matéria enquanto tinha um aluno conversando”*. *Eu não dava conta. E hoje eles não calam, né. Dizem que eles não calam de jeito nenhum. Professor tá falando e eles estão falando junto.*

Detalhando sua trajetória mostra as condições de trabalho que enfrentou e a questão da remuneração: *Fiquei 26 no Colégio Estadual Dom Emanuel e mais 2 anos e meio no Primário, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. E aposentei proporcional. Não tive oportunidade de aposentar integral. Porque eu tive um tempo na coordenação. Perdi o direito de 25 anos que o professor tinha, né, porque hoje não tem mais também, mas, na época tinha e eu perdi. Mas, também eu aposentei com 63 anos, como é que dava conta de dar 40 horas na sala de aula? Eu já não tolerava os alunos do jeito que eles são, que eles eram, né, porque hoje eles estão piores. E eu já com uma idade também que não dava conta mais não. 63 eu aposentei e proporcional ainda eu aposentei e PI (Risos). Agora uma coisa que me aconteceu e que hoje graças a Deus não acontece mais, o primeiro ano que eu dei aula aqui (no Colégio Estadual Dom Emanuel) eu dei aula 44 horas por semana, eu completava minhas aulas no sábado. Eu*

*re-ce-bi só o mês de dezembro, no final do ano. O ano inteiro de graça, sofrendo igual eu tô te contando como é que eu ficava com os livros. Meu marido saía com os meninos no domingo e eu ficava abarrotada de livros, pelejando, aprendendo, planejando aulas para ensinar. É, sozinha. Gente, eu perdi 8 quilos assim, óh, de uma vez, de tanto que eu sofria e sem receber. Quando eu entrei para fazer o Normal, o Netinho estava com 1 ano, ele nasceu em 72, eu entrei em 73, terminei em 75. 76 eu fiquei sem trabalho, em 77 foi que eu comecei no Colégio Estadual Dom Emanuel, e aí foi até 2003. Eu estava com 63 anos quando eu aposentei, em 30 de junho de 2003*

Mais uma vez Madre Rosalima aparece na narrativa de Serena: *Engraçado que ela às vezes aparecia (risos). Ela tinha um pauzinho assim, uma varetinha assim, ela andava com essa varetinha lá. Ai se esses meninos fizessem, de vez em quando elas pegavam aquele cordão, aquele cordão delas também e tufffff (risos). Sacudia ele assim (risos). Eles morriam de medo. Quando ela chegava amansava tudo. Mas os meninos daquela época não eram uns meninos custosos igual hoje não. Eu lembro direitinho que com 63 alunos na sala de aula eu dava aula de explicar matéria, uai, direitinho, direitinho mesmo, direitinho, no silêncio, porque eu não aceitava eles falarem nada enquanto eu estava explicando. E eles ficavam caladinhos. Tudo, né.*

Professora Serena contou que a família tinha muita dificuldade financeira e se não fosse pelo incentivo e patrocínio dos tios ela não teria estudado mais do que até a quarta série do Ensino Fundamental, que era o único ensino público que tinha na cidade, já que Ensino Ginásial só existia em Goiandira na escola paroquial: *Tanto é que quando eu passei do 4º ano pra fazer a 1ª série, meus tios aqui, meus primos, meus tios disseram que não era para continuar não. Uai, continuar, não tem condição nem de comprar os livros nem nada, aí o tio Gurdim, pai dessa Aricilda, que eu falo pra você, ele é que falou: “Não, não, não vai parar não. ãh, ãh! Pode deixar que eu arrumo os livros da Aricilda pra ela”. A Aricilda era um ano mais velha, estava um ano na frente. Aí foi que ele arrumou os livros dela pra mim e eu continuei, senão eu tinha parado no 4º ano. A gente foi aos trancos e barrancos, mas, foi. Pagando. Comprando os livros com dificuldade.*

Sobre lazer, passeios, que os Frades organizavam para os alunos do Ginásio Dom Emanuel Serena relembra com alegria: *A gente ia muito para a Chácara dos franciscanos lá perto de Catalão. A gente ia muito. De vez em quando a gente ia pra lá. E era bom! Nossa! Isso era bom demais da conta, genteeeee! Tipo um pic nic. Eles tinham uma caminhonete, parece que a gente ia nessa caminhonete. Uma vez que nós fomos em Pires do Rio nessa caminhonete. Fomos passear mesmo porque lá tinha a sede dos franciscanos. Lá ia também*

*numa chácara, tipo um pic nic também. Passava o dia. Dessa vez lá nós fomos para dormir, porque nós fomos de caminhonete, né. Enchia de menino e ia. Frei Geraldo dirigindo.*

Professora Serena diz que havia um coleguismo entre os pares na docência e que os alunos não se aproximavam muito de professor: *Tinha muita harmonia. Isso era bom. Era assim uma interação muito boa. Agora os alunos eram meio arredios. Eles não beiravam muito os professores não, nessa época.*

Serena também destaca a sobrecarga de ser professora, mãe, dona de casa: *É uma carreira assim bem puxada, né, porque a gente estava cuidando de casa e sem receber.* Perguntei para Professora Serena se em algum momento da profissão ela pensou em desistir e ela disse que não pensou em desistir da profissão, mas pensou em desistir do Curso Normal: *Quando eu estava fazendo o Normal teve uma época que eu pensei em largar o curso Normal, porque filho pequeno e o Lélcio passava, não, não era o Lélcio não, era a Natividade que fazia uns cadernos de caderno das aulas mesmo, ilustrado com a matéria. Aí eu ia lá para a Mariinha pra gente fazer isso. Ai, um dia, gente, eu não estava dando conta das minhas coisas em casa, o caçula era pequeno, com um ano só, eu pensei, gente, eu tenho que largar, eu não posso não. Inclusive perdi até uma prova do Dr. Lélcio. Mas, aí depois, o Lélcio, era, coitado, ele: “Não, se você contentar com a nota seis, eu te dou a nota você não precisa fazer a prova não”. Porque depois eu voltei, resolvi voltar. Eu mesma pensei. Falei: Gente, eu não posso largar não, pois eu acho que eu até estava, parece que até era no 2º ano já, eram 3. Aí eu voltei. Aí eu falei: Agora voltar, como é que eu vou fazer. Fazer uma prova. Eu até propus pra ele se eu fizesse outra prova. Tadinho, que Deus o tenha. Bom demais da conta. Nossa, é um professor que eu nunca vou esquecer! Bom demais! Aí ele me deu essa nota 6, ele sabia que eu participava também, né. E aí ele me deu essa nota 6, deu pra passar, pronto, acabou. E minhas notas eram boas, não eram ruins não, eu estudava. Eu era dedicada. Aí eu continuei.*

Das dificuldades da profissão Serena destaca que: *Tinha dia que eu chegava aqui em casa era chorando! Ah! Quantas vezes eu chorei. Gente, umas salas de aula custosas, uns meninos custosos. Teve uma época que tinha uns alunos terríveis. Gente, aquele (Nome do aluno), meu pai! Quando eu pensava que eu tinha que entrar numa sala de aula com aquele menino! Nossa! Ele era terrível! Engraçado, eu gostava dele, não é que eu não gostava dele não. Mas, ele me fazia sofrer. Mas, não era só eu não, era todo mundo. Depois veio uma turma mais perto de agora, êh essa que era brava. Tinha uma turma de sexta série, porque eu andei dando umas aulas na sexta série, essa turma me tirava do sério. Gente, eu não dava conta. Walkíria, eu não dava conta, porque os rapazes desbocados, falava cada coisa.*

Em Nóvoa (1995, p.45) também há relato de que entre professores entrevistados com idade entre 50 e 60 anos, “Um número considerável queixa-se da evolução dos alunos (menos disciplinados, menos motivados) ”.

Serena sinaliza que assistiu a mudança no perfil do alunado ao longo dos anos: *De ano em ano mudava! Tanto mudava o comportamento como mudava a maneira deles aprender que era mais difícil. As notas deles eram muito mais baixas do que no tempo atrás. Não estudava, não queria aprender, não queria nada. E essa turma eu vou te contar, meu Deus, como eu sofri com essa turma, viu. Aguentei! Ah, aguentei! Ainda bem que eu tinha umas diretoras que me ajudavam muito. Até hoje uma delas fala: “A senhora foi uma professora que não tinha curso superior e fazia igual às que tem”. Toda vida ela me elevou, sabe.*

Serena avalia as condições, rememora as dificuldades e aponta o esforço que empreendeu para dar conta da docência: *Eu acho que é esforço. Esforço, porque toda vida, toda vida eu fui de muita responsabilidade, sabe. Eu trabalhei 26 anos aqui, eu nunca cheguei um dia atrasada. Nunca cheguei atrasada um dia na escola. Nenhum! Quer dizer, eu moro perto, tá certo. Mas, teve uma época que eu morava mais longe e trabalhei três períodos e nesses 3 períodos eu nunca cheguei atrasada. A Maria José trabalhou pra mim um tempinho numa época que uma das minhas filhas andou estudando, porque as meninas me ajudavam já, né. A minha filha estava fazendo 5ª série eu chegava aqui ela já tinha feito almoço, tadinha. Você precisa de ver, eu ficava morrendo de dó, porque ela entrou na 5ª série com 11 anos. Fazia almoço pra nós, pra nós 4, eu e os outros três, sabe. Aí eu falo pra ela que eu chegava aqui a comida estava pronta, aquele arrozinho meio ensopado, eu falava, eu comia mas ficava com o estômago até enjoado de pensar naquele arrozinho ensopado, mas, quando que eu podia falar. Ela tinha 11 anos. Eu falo, Walkíria, olha eu trabalhei o primeiro ano 44 horas. Eu não tinha quem fizesse nada pra mim, a não ser as meninas que faziam, mas elas também estudavam, elas também eram meninas ainda, gostava de brincar, não tinham tanta responsabilidade com casa.*

Para encerrar a entrevista perguntei: Professora Serena, se pudesse escolher, escolheria ser professora outra vez? Não. Nemmmmm! *Era ser professora Ou era nada. Era ser dona de casa. Porque na verdade toda vida minha habilidade é casa mesmo. Eu falava que se eu não precisasse eu não ia trabalhar fora. Só que eu gostava das aulas. O dia que eu explicava matéria, aquela matéria que eu gostava e tudo, que estava assim no meu controle aí eu achava bom. Tanto é que depois meu neto também estudou em Catalão de vez em quando ele vinha cá para eu ajudar ele a estudar, fazer alguma coisa eu sentia saudade. O meu outro neto também de vez em quando vinha cá para tirar dúvida, sabe, aí me dava saudade, aí eu sentia saudade,*

sabe. Meu neto mesmo: “Vó, as aulas da senhora valeram tanto”. Eu falava: Uai, que bom (risos). Mas, aí a gente sente saudade quando a gente fala daquelas matérias, aquelas coisas. Eu tenho uns livros que eu guardei, de vez em quando eu dou uma olhada neles, eu acho bom, me dá saudades. Os textos que eu olho assim, porque às vezes eu lembro, às vezes acontece de alguém comentar de algum texto daqueles que tem no livro aí eu lembro, sabe.

Com ampla pesquisa na área de história de vida de professores, Nóvoa (1995, p. 50) destaca sobre as pesquisas dele que: “Em grande parte, tal serenidade provém certamente do domínio da situação pedagógica”, tal observação de Antônio Nóvoa se aplica ao que Professora Serena descreve quando dava uma aula sobre um assunto que ela dominava.

Professora Serena compara os professores de seu tempo, sua docência com a de hoje e fala sobre as tecnologias: *Ah! Mas mudou demais, Walkíria, fico olhando assim hoje. Eu não sei mexer em um computador, se você quer saber, eu não tenho em casa, não tenho celular que, meu celular é só de ligar e receber, sabe. Eu até no final do meu tempo lá, até tiveram uns instrutores de computação, mas não cheguei a aprender assim não.*

Serena defende a Ordem Franciscana quando enfatiza: *O ensino de primeiro era mais exigido. Não tinha o tanto de aula igual tem hoje e as pessoas aprendiam, porque era muito exigido, muito cobrado na tarefa, na prova, no dia a dia, na maneira de passar, de dar as aulas. Não tinha aula vaga não. O negócio era manter os alunos ocupados, não era essa coisa que hoje os alunos ficam, esse negócio de não ter aula e vai embora, não tinha isso não. Tinha não. Os professores eram mais, não faltavam também, né, a gente sabe que era diferente. É. Era muito exigido, muito cobrado.*

E diz que ser professor em Goiandira era uma distinção: *Era diferente, era. A gente andava mais alinhada e tudo, né. Porque professor tinha que ser alinhado, né. A gente era valorizada. Hoje o Professor é um zero à esquerda. Não tem valor assim não.*

Ao relatar percurso enquanto professora, Serena diz que: *Um semestre foi na escola da Maçonaria. Da Escola Paroquial eu saí para casar. Quando eu voltei, eu fiquei mais seis meses na escola da Maçonaria. Depois eu prestei um concurso, eu até passei no concurso, sabe, teve um concurso para professora, eu tirei uma média de 83, mas não fui contratada, essa parte aí que eu pulei, eu não fui contratada, contrataram outras e eu fiquei de fora. Isso foi em 70, eu não tinha o Normal ainda. Eu cheguei da fazenda, aí eu falei vou ver se eu consigo. A Madalena do Geraldo Mariano meu primo é que era diretora na escola da Escola da Maçonaria, ela que me chamou pra dar essas aulas lá, no segundo ano também, aí eu fiquei lá, mas acontece que eu fiquei grávida do meu filho caçula e eu fiquei numa ruindade danada, e eu estava lá sem*

*contrato, sem nada, e sem receber. Ai a minha irmã é que falou: “Eu se fosse você largava isso tudo e ia estudar. Faz o curso Normal”. Foi aí que entrei para fazer o Normal no outro ano.*

Nesses dois anos que a senhora foi professora na Escola Paroquial o que mais marcou? *Ah, eu não sei, a experiência que a gente teve de ser professora. Porque até então a gente era aluna, depois entra numa sala de aula.*

A senhora não tinha essa expectativa de ser professora? *Nunca, né, nunca. A senhora nunca sonhou em ser professora? Até nem sei se eu nunca sonhei não. Mas eu acho que eu tinha intenção de trabalhar, de ser professora sim. Uai, primeiro porque a gente precisava, né e depois porque parece que o que tinha em mente que eu ia dar conta era isso, porque eu não pensava em fazer outra coisa, primeiro porque aqui nem tinha nada para mulher também. O que que tinha aqui para mulher trabalhar fora? Nada.*

Professora Serena demonstra, assim como as demais entrevistadas ter resistido às tempestades da profissão docente, quando diz: *Mas, aguentei!* Ao final da carreira Serena aposentou com salário proporcional, porque ficou um tempo na parte administrativa da escola e por este motivo teria que completar 30 anos de trabalho, mas, pela idade ela declara que não dava conta mais e pediu aposentadoria. Nesse cenário, a serenidade, ao menos na narrativa, emergiu mais do que alguma amargura ou dissabores com a profissão. Ela demonstrou acatar a história que viveu, até aqui, como algo que era pra ser assim e ponto.

Em Nóvoa (1995) há uma análise, a partir de narrativas de professores para o sentimento de serenidade experimentado ao final da carreira docente:

[...] a impressão de ter dado cumprimento a qualquer coisa, a impressão de que a pessoa que somos é também a que viremos a ser. Aceitamos o facto, pretende Gould, sem resignação (“Teria sido possível ir mais além; fracassámos”), mas num clima de aceitação positiva (“As coisas correram assim. Pois seja. Cá estou, exatamente onde estou e tal como sou”). E este eu transforma-se, de certo modo, no centro em redor do qual organizamos o resto da nossa vida (NÓVOA, 1995, p. 51).

Perguntei se o fato dela trabalhar fora no início da carreira, significou para o marido algum incômodo e Serena respondeu que: *Não, porque na época que eu trabalhei fora que eu já era casada foi aqui, né, no Colégio Estadual Dom Emanuel, porque lá Escola Paroquial Santa Maria Goretti eu era solteira. Não, ele não importava não. Não ligava não, não importava não, ele até me dava muito apoio porque ele até que custeava a casa, porque eu não ganhava, porque no primeiro ano eu trabalhei de graça, né. Eu achava bom os alunos na escola, os adultos, porque eu trabalhava à noite com os adultos, né, porque às vezes a gente comentava que não estava recebendo, eu não sei se era só eu, eu e o César, ele também não*

*recebia não, nós entramos juntos, ele entrou no lugar do Dr. Lélío e eu no lugar da Lúcia, e a gente não recebia, então comentava às vezes na escola e eu lembro dos alunos falarem assim: “É de admirar que a senhora não recebe e dá uma aula sem pensar nisso, que não estava recebendo”.*

Tendo a narrativa de “quatro profissionais” e a pergunta “Como se forma uma pessoa? ”, como um dos problemas para investigação, Nóvoa (1993) diz nas conclusões do livro que:

As mulheres, enquanto humanos biossocialmente diferenciados, tiveram posicionamentos específicos ao longo da história e nas diversas culturas. (...) Três entre elas frequentaram colégios religiosos durante a adolescência. Esses colégios deveriam garantir a protecção e a educação das suas alunas dentro de determinados modelos e assim responder as expectativas das famílias. (...) Quanto à família que fundaram, as narrativas encerram uma forte presença do marido e dos filhos. É uma presença com diferentes tonalidades e que varia também com os ciclos de vida dos casais e a idade dos filhos. No que diz respeito à relação marido com a mulher/profissional ela é função das suas representações sobre o papel “da mulher” e como “esposa e mãe”. Assim, o marido reage mais ou menos explicitamente face ao investimento profissional da mulher” (NÓVOA, 1995, p. 134-135).

O jeito dos frades e as irmãs organizarem as festas, os eventos, o Grêmio, marcou a senhora? *É. O Grêmio era importante muito importante, era uma instrução fora da sala de aula. Era uma coisa diferente, era apresentar, era um tipo de coisa diferente que os alunos tinham que aprender, falar em público. Não tinha festa nenhuma assim não? Teve uma vez que a gente foi visitar o Colégio Mãe de Deus, na carroceria da caminhonete, (risos), parece que umas duas vezes a gente foi jogar bola.*

Professora Serena, se fosse para escolher essa profissão de novo, a senhora escolheria? *Nemmmmm!* Entre ser dona de casa e professora? *Dona de casa.* Naquela época mesmo, se a senhora pudesse escolher? *Ah! Eu teria ficado com a dona de casa.* Se não precisasse a senhora não tinha sido professora? *Não tinha. Primeiro porque na época eu não tinha jeito nem de ter outra pessoa pra me ajudar. Eu ficar naquele, a gente trabalhava 40 horas na escola e trabalhava em casa, porque eu fazia de tudo. Walkíria, teve uma época que eu não tinha nem lavadeira. Eu tinha um tanquinho, só o tanquinho.*

Mas, esse tanquinho veio muito tempo depois, a senhora lavou muita roupa na mão? *Lavei muita roupa na mão. Teve uma época que eu até tinha lavadeira, mas, teve uma época que não tive condição.*

O volume 5 de História das Mulheres do Ocidente está dedicado aos estudos sobre História das mulheres no século XX, nele há textos de vários autores, “Sob a direção de Georges

Duby e Michelle Perrot” (1993). Um desses textos, escrito por Nadine Lefaucheur, traz a seguinte observação, “Libertação da dona de casa”:

Em trinta anos, as famílias ocidentais viram os eus do universo doméstico e as condições de execução do trabalho doméstico mudar consideravelmente. (...) O lar e sua manutenção foram profundamente modificados por esta ampliação dos espaços disponíveis e pela sua especialização (a habitação padrão <<moderna>> inclui, e distingue, cozinha, quarto de banho, WC, quartos de dormir e sala), assim como pela generalização da água canalizada no interior, do saneamento, da utilização do gás e da eletricidade (...) Cozinha, limpeza e tratamento da roupa transformaram-se (...). As tarefas domésticas foram igualmente transformadas pelo aperfeiçoamento e utilização cada vez mais frequente de produtos e matérias <<modernas>> (...) O novo regime do trabalho doméstico, não necessitando já de uma presença permanente no lar, permitiu a disponibilização quotidiana de uma força de trabalho feminina para a produção extradoméstica de bens e serviços. Este novo regime apelou também para essa força de trabalho, porque um segundo salário se tornou, muitas vezes, necessário para que as famílias – e as donas de casa – pudessem ter acesso a produtos equipamentos e serviços que substituíram, total ou parcialmente, o trabalho doméstico tradicional (DUBY; PERROT, 1993, p. 491-492).

Mesmo com a chegada de eletrodomésticos e com alguma modificação nas tarefas do lar, de acordo com a maioria das entrevistadas o que houve foi um acréscimo na jornada de trabalho, um segundo e até um terceiro turno. Fora a disciplina dos alunos, que elas sentiram mudando ano a ano, a dupla jornada de trabalho foi uma das únicas queixas das entrevistadas.

Diante deste panorama e de todo desdobramento, necessário para conciliar cuidados domésticos e vida profissional, lembro que, igualmente à Professora Serena, Professora Cantora fez a seguinte reflexão no primeiro bloco de entrevistas: *Tá difícil para as mulheres, não tá?*

Depois de 1 hora e meia de entrevista e um roteiro de indagações cumprido, despedimos. Esse era o mesmo dia possível para Professora Cantora me receber para entrevista às 18:30. Lá fui eu! Vamos?

### 3.1.3 Professora Cantora

Já no início da entrevista professora Cantora<sup>39</sup> destaca o sentido da docência em Goiandira na década de 60 como “status”: *Nossa, era uma honra ser professora. Ôh, Walkíria, assim a princípio, é como eu te falei, eu era, não é por orgulho não, não é por vaidade que eu tô dizendo isso, eu era boa aluna, então fui convidada, apontada com o dedo, é essa aqui que vai para a sala de aula, pela Irmã Rosalima, aí, desde esse momento aí eu fui, porque sempre*

<sup>39</sup> Esta entrevista 146'80" e está transcrita na íntegra com 26 páginas.

*que eu brincava eu queria ser professora, eu brigava, tinha que ser eu a professora. Então foi aí nesse caminhar aí que eu fui mesmo desenvolvendo meu dom até aposentar.*

Sem esquecer do sonho de ser Cantora a menina professora ressaltou que: *Era meu sonho ser professora. Eu tinha vontade demais também de ser cantora. Virei professora. Cantora meu pai não quis deixar eu ir fazer o teste. Porque naquela época era assim um pouco malvista mulher ser cantora, né. Mulher era mais para o lar mesmo ou para ser professora. Aí eu fui para ser professora. Aí é como eu te falei, na quarta série ginásial eu fui convidada para ser professora, lecionei um ano.*

As razões que levaram Irmã Rosalima a convidá-la para exercer a docência, ainda tão jovem e sem formação profissional, na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, são conjecturadas por Cantora: *Ah! Era nota, comportamento, né. Meu pai era uma pessoa, minha mãe era superinteligente, meu pai também era uma pessoa superinteligente e preparado. Meu pai era uma pessoa que tinha o curso Primário, naquela época era muita coisa. Meu pai era muito preparado. Aí voltando, não, a única influencia que eu tive, assim, foi ali, morar perto do Colégio, ver aquilo ali, ver as freiras, eu adorava ver as freiras.*

Pergunto se a vida religiosa era opção. Se havia pensado em ser freira? *Pensei. Teve uma época que eu queria ser freira. Mas, depois foi passando. Coisa de adolescente, né. Era coisa de exemplo, de espelho. Te dava um encantamento aquilo, a escola, o movimento das irmãs? É. É. É, dava. É, eu fui criada ali, né, vizinha da escola, participava de tudo na escola, aquilo foi assim concretizando minha profissão, foi me encaixando ali mesmo naquele ambiente, até que eu, aí meu pai teve condição de me por estudar, né, lá em Catalão, no Colégio Mãe de Deus, para fazer o curso Normal.*

Cantora disse que no Curso Normal, da escola das Irmãs Agostinianas em Catalão, *Aprendia de tudo, pregar botão, fazer casa, fazer crochê, fazer tricô, fazer tudo. Tinha as disciplinas específicas: Didática, Português, Matemática, Geografia, História, Psicologia.*

Perguntei se tinha aula de Ensino Religioso no Curso Normal e o que era ensinado nessas aulas, ela respondeu que: *Tinha ensino religioso, tinha, uai, colégio de freiras, né. Ah! Walkíria, eu não me lembro. Era dentro dos dogmas da Igreja mesmo. Tinha Irmã, tinham as freiras e tinha, o Professor Chiquinho também, você lembra dele, ele dava Ensino Religioso também lá no Colégio. Aí eu fui fazer o curso Normal, aí muito habilidosa, dedicada, aí eu fiz Contabilidade junto com o Normal. Só que Contabilidade eu não gostava e não sei nada.*

Lembrei de ver as alunas do curso Magistério confeccionarem um trabalho chamado Álbum do Bebê e perguntei para Professora Cantora se no Curso Normal também era praxe realizar essa atividade, ela disse que sim e lamentou por ter emprestado muito material que

nunca foi devolvido: *Tinha tudo. Walkíria, eu tenho uma pena, minhas coisas sumiram. Com certeza eu emprestei e não devolveram mais. Você já viu quando empresta e não devolve. Eu fiz um cursinho de letras pedagógicas, de figurinhas, de fazer peixinhos, fazer passarinho, fazer patinho, a coisinha mais linda e sumiu. Eu não sei onde foi parar.*

Ao prosseguir com a narrativa, detalhando sua trajetória, Madre Rosalima volta à cena: *Ah! Ela foi tudo! Eu fiz um ano na 4ª série ginásial com ela. Depois eu parei 3 anos, fui para Catalão estudar. Quando eu voltei parece que já eram Irmã Anita e Irmã Tereza, as diretoras. Parece que a Rosalima já tinha ido embora nessa época. É. Eram elas, a Anita e a Irmã Tereza. Ah! Ensinararam muita coisa. Elas cobravam, sabe, Walkíria, mas, elas davam suporte. É isso aí mesmo. Aí quando eu voltei de Catalão, que eu terminei, aí elas tornaram a me chamar, né, para lecionar. Aí eu lecionei 6 meses, particular, com elas. Quando foi em julho eu fui nomeada para o Estado. Concurso? Não, de início não. Fui apontada. É, nomeava, nomeava, sim, realmente, só que não era efetiva, era interina. Depois nós prestamos um concurso. Deve ter sido mais ou menos uns dois, três anos depois eu fui concursada, aí passei no concurso para efetivar e aí continuei na profissão.*

No contraste entre trabalhar em uma escola particular e ser concursada para uma escola pública, Cantora destaca que na escola estadual ela: *Tinha mais segurança, mais segurança. No tempo que eu lecionei com as Irmãs, no início, eu era muito criança, eu tinha 16 anos. O que que uma menina de 16 anos hoje pensa? A gente era mais madura emocionalmente, acho que a gente era mais madura. Assumi classe com 16 anos! Tinha responsabilidade. Aquilo ali eu ficava, eu lecionava, eu estudava, eu levantava de madrugada para estudar, ficava até tarde fazendo plano de aula, pesquisando e pegando as orientações das Irmãs para aplicar.*

Mais uma vez o esforço pessoal aparece como um “ingrediente formativo” fortemente presente nas narrativas das meninas professoras. Esforço direcionada ao controle da disciplina e da indisciplina confundida com desocupação, pouco valor a educação. Ela fala sobre essa questão: *Menino desocupado é indisciplina na certa. O tempo todo ocupados. E aí hora que ela falou: Vem ser professora, a senhora não pensou duas vezes? Não. Eu já estava lá mesmo, continuei, né. Aí fui até, fui até, eu fui nomeada em 66, fui até 70 lá com elas. Depois quando casava elas não aceitavam professora casada. Não podia! Acho que não tinha dedicação total, né. Podia ter filho, aí complicava. Não aceitava. Pergunta a Hilda Silva pra você ver. Elas não aceitavam professora casada! Aí eu fui lecionar lá no Amélia de Castro. Aí foi assim, óh, uma série de mudanças. Fui para o Colégio Estadual Dom Emanuel, depois tornei a voltar para a Escola Paroquial, que já não era mais por conta das freiras, já era conveniada, era a Dirce que era diretora.*

Sobre o tempo que trabalhou para a Ordem Franciscana, Professora Cantora diz: *Walkíria, era tão interessante que a gente não reclamava, a gente não questionava o pagamento. Elas punham num envelope, assim, branquinho, arrumadinho, o dinheiro certinho, não era cheque não, era dinheiro mesmo, ali a gente não questionava o que estava recebendo, o que que não estava, o que ficou pra trás, o que que a gente tinha direito e o que não tinha. Não questionava. Não tinha os esclarecimentos que tem hoje. Eu não digo que a gente foi tapeada não, de jeito nenhum, mas, era falta de esclarecimento mesmo. Havia um contrato? Não tinha contrato, não. A gente nunca pensou se estava sendo bem pago, mal pago, se era aquilo mesmo. A gente pegava o dinheirinho dentro do envelope, óh e pronto. Elas eram muito direitas!*

Perguntei para Professora Cantora o que uma professora tão jovem investia o “dinheirinho” do trabalho docente: *Ah! Fui comprando meu enxoval (Risos). Fui comprando meu enxoval. Comprando as roupas minhas. Aí meu pai me descartou, né (Risos). Pulseirinha de ouro, anelzinho de formatura, já era! (Risos). Meu enxoval foi com meu dinheiro. Meu pai não comprou. Só uma manta que ele me deu, não me deu mais nada, tudo com meu dinheiro e, ainda, escondido. Meu pai não gostava que eu comprasse enxoval não (risos). Eu ia pra casa de vizinhos para comprar (Risos). Por que passava o pessoal vendendo os enxovais? Era de fora? Era de Araguari. Sr. Walter, Walter Bretones. Ele passava vendendo enxoval, aí a comadre Julinha comprava, a Lourdes do Elmar. A senhora ia para casa delas para comprar? Comprar e guardar? Mamãe sabia? Já estava namorando a pessoa com a qual se casou? Não. Mas, logo eu estava namorando com ele. Não estava nem namorando ainda, mas, fazer enxoval era uma coisa quase obrigatória para as meninas, era uma coisa que a gente ficava mocinha e já pensava em fazer: enxoval.*

Indagada sobre o modelo de professora, alguma imagem de inspiração ela recordou a primeira professora: *Eu espelhava nessas professoras, eu gostava era das professoras. A minha primeira professora eu não esqueço, né, não esqueço, Dona Aparecida Martins, Aparecidinha. Eu não esqueço dela. Era linda. Parecia com a Irmã Tereza. Bonita demais da conta. Aquela pele mais bonita, linda. Aquilo tudo foi empolgando, né, Walkíria. Nossa, mandar a gente apagar o quadro era um privilégio. E tocar o sino para entrar? A Irmã premiava, assim, quem tinha bom comportamento, boas notas, ela deixava tocar o sino lá na escada.*

Professora Cantora disse que ao longo da carreira foi repassando tudo o que viveu na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, os hábitos impostos pelas Irmãs e a rotina escolar própria de uma escola católica: *Eu fui passando. Você que vai, vocês que vão limpar, tirar os papéis*

*do chão e tal, arrumar as carteiras hora que sair, apagar o quadro, buscar giz, (Risos) que trem bom que era mandar a gente na secretaria (Risos). Tenho saudade!*

A comprovação de que esse fazer pedagógico é interiorizado, consolidado: *É. Ficou! Ficou! E eu segui mais ou menos, eu segui mais ou menos a linha delas. Hoje eu fico, eu fico, eu fico pensando assim: Ôh, meu Deus, que diferença é hoje. Parece que não, não é mais, é bem diferente. Hoje é tudo informatizado, né. Os planos de aula da minha filha por exemplo, que eu sei, que está dentro da minha vida, da minha realidade, é feito tudo no computador. Hoje ela ainda falou, estava falando que tinha que tinha que fazer os planos de aula, tem que mandar, enviar. Tudo no computador. E nós não! Era na caneta. No caderno. Caderninho! Até pouco tempo eu tinha caderno de plano de aula ali ainda, mas, não tenho mais não.*

Voltando a seu tempo pela memória, ao invés da tecnologia, o caderninho de plano que Irmã Rosalima via: *Era plano, deixa eu ver, não sei se era semanal, acho que era semanal. E punha os bilhetinhos dentro do caderno, quando tinha alguma coisa. Assim, vamos ensinar uma adição, por exemplo, adição, ela punha já o jeitinho de ensinar lá, e se tivesse dúvida passar na secretaria, na diretoria. Porque não tinha esse negócio de coordenadora separado assim não. Secretária tinha, mas, coordenação não. Elas mesmo coordenavam, elas coordenavam. Aí falava pra gente passar na secretaria, queria conversar. Tinha um tal de flanelógrafo, que eu nem sei se existe isso hoje, acho que não tem isso mais não. Uai, é feito de flanela. Aquele quadro de pregas. Sei, de colocar coisas dentro? Unidades, dezenas, centenas? É. A gente usava aquilo ali para ensinar as casas decimais. As figurinhas, as figuras pra usar, ajuntar, separar, dividir. Era tudo assim, nesse tipo.*

Novamente ela compara aquele tempo e o de hoje, pensa no jeito que ensinavam, no que utilizava. Sinaliza a concepção de que a Didática está ligada a uma época: *Agora hoje, eu nem sei como dá aula hoje mais. Eu não sei. Eu vejo a minha filha com a peleja, né, primeira série, acho que o Jardim II. É construtivismo, né. Hoje é mais, a criança mesmo vai trabalhando, vai elaborando o pensamento, a professora é mais uma orientadora.*

Sobre o material utilizado em sala de aula perguntei para Professora Cantora se tinham livros disponíveis para Professora e alunos: *Tinha. Tinha livro. Tinha cartilha. Livro de Matemática só foi ter depois de um certo tempo para a professora. Passava no quadro. Aí a criança escrevia. Treinava a escrita. Agora tudo pronto! A meninada morre de preguiça porque vem tudo pronto. Quase não escreve mais. (Silêncio). É, eu sei que eu labutei nessa profissão. Foi uma labuta! (Risos). No tempo das Irmãs já tinha esses materiais didáticos. Ah! Tinha cartão de encaixe, fichas de encaixe, tinha gravuras pra gente ensinar a criança, assim, incentivar ela a escrever, fazer redação. Olhava uma gravura e falava para a criança escrever,*

*fazer uma redação, uma dissertação. Tinha! No tempo das Irmãs já tinha material. Carimbos de todo jeito. Eu tinha vontade de saber onde foi parar essas coisas tudo. Acabou tudo, né. Esse sino eu tinha vontade de ficar com ele. Mas, sumiu tudo, né. Pincéis! Tinha muita fatura de material. Vinha tudo dos Estados Unidos. Tudo! Aquelas figurinhas que a gente pregava no caderno dos meninos. Os meninos valorizavam. Uma estrelinha que a gente dava a criança valorizava. Pregava. Aquelas estrelinhas vermelhas, brancas, azuis, estrelinhas pequenininhas assim, brilhantes, pregava no caderninho. A gente já escrevia mensagem pra eles: Parabéns! Continue assim! Elas faziam a gente fazer isso. Incentivar. Incentivo. Orientação delas. Orientação delas!*

*A cartilha é lembrada por Cantora com distinção: Tinha a cartilha. Seguia a cartilha. Um manual, a orientação era a cartilha. Vinham as sílabas mais fáceis, as vogais, as sílabas mais fáceis, as vogais, as sílabas mais fáceis, depois as mais difíceis, as dificuldades. Às vezes na 1ª série tinha que, às vezes não, a 1ª série era uma recapitulação. Recapitulava tudo assim mais rápido.*

*Professora Cantora explicitou a lógica da divisão das turmas baseada entre “fortes e fracos”: Falava primeiro fraco e primeiro ano forte. O fraco é como se fosse a alfabetização. É. Pau de sebo, aquela coordenação motora tudo, ia no quadro, era no quadro. Elas já passavam na máquina. Já tinha muita máquina também. Já tinha algumas coisas já. Mas no final já tinham os mimeógrafos. É. É. 60, 65. Então já facilitava. Já dava pra gente mimeografado. A gente passava muita coisa no caderno também para a criança. Eu passei demais. Por exemplo, pa pe pi po pu. Depois embaixo, PULA, PATO, PAPAI, assim, sabe, dentro da família. Eu passava! Quantas vezes eu levei caderno pra casa, para passar em casa porque não dava tempo. Caderno por caderno. De caligrafia. Não assim no caderno de caligrafia, no caderno normal, mas a letra tinha que ser impecável!!! Porque exigia. As Irmãs exigiam letra perfeita. Exigia! As meninas ali no Ginásio falavam que sabiam o aluno que passou por mim. Era diferente a escrita. E não podia separar, tinha que escrever tuuuuuudo primeiro para depois vir acentuando PAPAI, pra depois pingar o i, essa é fácil, porque o i está no final, ou por exemplo, (Professora Cantora soletrou e desenhou a palavra com o dedo na mesa imitando o contorno das letras e acentuando no final) P E S S E G O, por exemplo depois é que acentuava. Quando era t, hora que escrevesse tudo é que vinha cortar o t.*

*A senhora lembra delas te ensinarem isso como aluna? Mais como professora que eu lembro. Ensinava também os alunos, mas, pra mim eu lembro mais como professora. A Rosalima que me ensinou. Ela foi a minha professora de Magistério. Muito brava! Muito brava,*

*muito enérgica! A gente morria de medo dela. Os alunos morriam de medo dela. Que ela chegava na escola, ela era muito vermelha, o olho verde ou azul, assim, sei lá. Quando ela chegava na porta da sala de aula e fazia assim, os meninos murchavam e a gente desmoronava também, né. (Risos). Eles murchavam e a gente desmoronava. (Risos). Chamava a gente de Senhora, Dona. Quando ia o envelope, o envelope de pagamento era Dona Cantora, e eu era menina nova.*

Cantora lembra com saudade e gratidão da figura de Irmã Rosalima, onipresente, vistoriando as aulas da Professora, assistindo, guiando: *Engraçado, né. Quando a gente estava lá na frente às vezes tomando uma lição ou passando alguma coisa no quadro, quando olhava pra trás ela estava sentada lá, as pernas amoleciam. (Risos). Mas, não chamava a atenção não. Quietinha. Olhando! Nossa Senhora! Ela dava aula demonstrativa também. Ela ia lá pra frente. Ia e ensinava a repartir o quadro em 3 partes. Começar do meio. Cabeçalho. Começava do meio! Usava o meio e o último. Depois é que ia lá na primeira parte.*

Quis entender o motivo de se começar a escrever no meio do quadro e Cantora tentou uma explicação plausível: *Eu não sei, eu acho que era para o aluno, assim, eu acho que ter mais sequência. Não sei se é porque, elas explicavam porque, eu não me lembro mais. Não sei se é porque para o aluno se às vezes estivesse atrasado aí ele não ficava desanimado porque tinha só duas. Sabe, não desanimar o aluno, parece que era isso. Aí passava duas, mas, aí enquanto ele estava fazendo as duas já ia passando a terceira. Aí eu acho que ele não cansava. Tudo isso ela ensinou!*

Ela resume Irmã Rosalima: *Muuuuuito custosa. Brava que Nossa Senhora. Mas, ela era uma didata. Uma didata!*

Assim como outras entrevistadas Cantora traz a questão do lazer oferecido pelos religiosos, os passeios. A lembrança da chácara: *Isto eu já estava no Ginásio. Nós fomos em Cumari uma vez, fomos em Catalão, lá na chácara dos franciscanos, lá para o lado da Polícia Federal. Tinha, mas a piscina era uma piscina assim feia Era, parece que era cimento, não tinha nem azulejo. Não sei. Não me lembro. Uma beleza! A gente levava de casa, pão. Iamos de caminhão, de qualquer coisa (Risos). Visitar. Uma vez nós fomos visitar os estudantes em Cumari, depois eles vieram retribuir. Não. Escola pública. Ah! Tinha teatro, tinha cântico, dançava, essas coisas assim.*

Professora Cantora a senhora repetiu esses passeios, essas atividades extraclasse com seus alunos? *Não. Em cidade fora não. Mas, eu passeava muito com os meninos. Eu fazia pic nic com eles, lá na saída de Ipameri, de Ipameri não, de Veríssimo, lá pra baixo, descendo a a*

*casa da Libertina, lá pra baixo eu levava muito os meninos lá. Só árvores. A gente levava lanche, né. Fazia um pic nic. As Irmãs não iam não.*

Sobre as aulas de religião que lecionava, Cantora relata: *Ah! Eu não me lembro mais o que que a gente dava. Eram mais coisas da Igreja mesmo, catecismo da Igreja mesmo, mais teoria mesmo. Depois do Concílio do Vaticano II, de sessenta e tanto, não sei quando foi o Concílio, se foi 62, 63, foi por aí, aí foi mudando um pouco as estratégias das aulas de Religião, foi partindo mais para a realidade, assuntos da sociedade, já foi ficando mais aberto, a Igreja foi dando mais abertura de diálogo.*

Esta definição do Concílio II da Professora Cantora é muito semelhante à extraída da dissertação de Rosa (2014), especialmente no que diz respeito à intenção do mencionado Concílio em ampliar o diálogo entre os pares e a comunidade católica.

Cantora lembrou das aulas de Ensino Religioso, que na época chamava-se Religião, enquanto ela era aluna, antes do Concílio Vaticano II: *Era mais dogmas, catecismo, catecismo mesmo. Eu lembro quando eu era pequena, isso quando eu estava na escola. Era assim, perguntava assim, lá no catecismo, perguntava assim: Onde está Deus? A gente falava assim: Deus está no céu (tinha que fazer o gesto) Deus está no céu, na terra e em toda parte. Tinha que ficar de pé. Eram os dogmas, os ensinamentos mesmo, mais teoria. Cantava. Durante o mês de maio tinha oferta de flores, levava flor, todos os dias no mês de maio tinha uma turma que ia lá na igreja e depois passou a fazer no hall, hora que sobe a escada, passou a fazer ali, com a imagem de Nossa Senhora ali, cantava mãezinha do céu e aquele: Neste mês de alegria (não sei mais). Rogo no mês das flores. Não sei mais de cor. A Religião era mais assim, aí depois do Concílio, aí já passou a ter mais, relacionar com a vida, levar para a vida prática.*

A análise da aprendizagem docente no tempo da escola paroquial na contraposição ao curso normal é colocada assim por Professora Cantora: *Me deu mais segurança e deu suporte e logo passou uns tempos já exigiu ter o curso Normal para dirigir, para estar na sala de aula, já era mais exigência. Aí todo mundo começou a estudar. É onde essas mais antigas não tem o curso Normal né, mas aquelas que foram mais, os pais foram mais espertos ou tinham condição de manter, porque era tudo pago, porque aqui não tinha. Aí quando eu fiz o Normal, passou uns tempos criou o curso Normal aqui em Goiandira. Aí quando abriu aqui me convidaram para dar umas aulas, porque não tinha professor aqui. Era eu, a Miralice, a Maria Antônia, deixa eu ver quem mais, a Geni Araújo, Dr. Lélcio, aí elas começaram a selecionar, a exigir mais, aí todo mundo começou a estudar. Aí depois que teve o Normal aqui, formou muita gente aqui em Goiandira, né.*

Ela explicita que na sua constituição como docente utilizou primeiro aquilo que aprendeu como aluna, e depois foi se dedicar a estudar, planejar essas aulas. Em seguida o Ensino Normal e ela repetiu: *me deu mais segurança e deu suporte. Com o Ensino Normal eu fiquei mais segura para dar aula.*

Como nas demais entrevistas, perguntei para Professora Cantora sobre a escolha entre ser professora e ser dona de casa, ela afirmou que escolheria ser professora, mas fez algumas ressalvas: *Escolheria. Escolheria. Agora, nesta época de hoje é muito contraste, né, a gente não dá conta, né, eu não posso nem pensar a dificuldade dos professores, com família, com o próprio aluno, porque naquele tempo, Walkíria, o professor era valorizado, era respeitado, não estou falando do ponto de vista financeiro, porque isso nunca teve mesmo, mas, estou falando assim, emocionalmente o professor está estressado, porque o professor ele escuta, vê os problemas e tá de mão atada porque não tem jeito resolver, e quando às vezes vai resolver entra em contradição com a estrutura da família. Hoje falar em família é muito esquisito na escola para alguns alunos. A família está desestruturada, né, muitos, né. E não é só escola pública não, escola particular também. Tinha mais valor. Era respeitado. Tinha status. Tinha status. Infelizmente ou não sei lá como que é, era status, porque elas escolhiam a dedo. Não dava certo elas não aceitavam mesmo.*

Cantora indica que a preocupação com a reputação era contínua, em relação a professores, a alunos, todos. Uma preocupação que gerava *muita cobrança também*. E que impactava a escolha de métodos, práticas para resultados “*uma vez que elas inventaram um método de leitura, foi de alfabetização, um ano só, não teve muito sucesso. Foi diferente. Eu tinha alfabetizado de um jeito e depois elas criaram esse método, da maneira que elas queriam não teve muito sucesso. Walkíria, eu não me lembro mais, mas, parece que é como hoje mais ou menos, ensina só letra bastão, sabe, parece que foi isso, eu sei que não teve muito sucesso e teve menino que não aprendeu a ler. Aí no ano seguinte voltou? Voltou para o outro. Ensinava junto (bastão e cursiva). Ah! Eu lembro que era de bastão mesmo, como o de hoje. Que não deu certo! Eu acho que a gente também não estava preparada. Sabe?*

Há uma leitura no sentido da inovação. Professora tenta relacionar essa inovação que não deu certo ao construtivismo dizendo “*é um tipo de um construtivismo. Com certeza elas viram nos Estados Unidos ou há uns anos, eu não sei quando surgiu esse construtivismo, eu sei que foi na Argentina, mas, não sei em que ano que foi. Mas, eu sei que não deu certo. E foi ensinar a criança a ler com bastão e depois ensinar cursiva, perdeu tempo! Ficou atrasado, não deu, não deu conta. Eu era professora na época.*

O método então foi descartado. Largado: *Largou. Largou. Largou! Talvez seja uma falta de preparo. Nós não fomos preparadas, né.*

No artigo, Movimentos de aprender a docência, Bolzan e Rabaiolli (2010), assinala que:

[...] a escolha por um outro caminho, para a reprodução ou para a criação, depende das possibilidades oferecidas pelo contexto de trabalho do professor, bem como de sua disposição e envolvimento com a profissão. Então, fica evidente que o trabalho docente possibilita a construção de saberes os quais podemos considerar como instrumentais do trabalho do professor. Essas considerações são relevantes, pois mostram o professor como alguém que pensa acerca de seu trabalho, o ensino, deixando de ser considerado apenas executor de tarefas, lembrando que este pensar reflete o professor enquanto ser histórico, ou seja, o pensar do professor é condicionado pelas possibilidades e limitações pessoais, profissionais e do contexto em que atua (AZZI apud BOLZA E RABAIOLLI, 2010, p. 55).

Cantora disse que ao refletirem sobre o novo método e perceberem que ele não foi eficiente voltaram ao método fônico, a silabação. Então perguntei: Que modo de alfabetizar a senhora considera eficiente? *As vogais primeiro, maiúsculas, minúsculas, tudo. Não, as consoantes não. Sozinhas não. Família: Ma Me Mi Mo Mu. Família do ma da macaca. Com o som. Meu método era esse. E elas faziam muita importância da gente observar a maneira da boca, o som: PA. A criança tinha que olhar o som e o jeito da língua na boca, pra não fazer confusão com o BA DA. Quando a Thaís estava alfabetizando ali no Amélia de Castro, até hoje eu falo muito isso pra ela, porque muita criança tem problema de distinguir sílaba, talvez seja a fonética, né, a fonética, talvez não funcionou bem, não mostrou para o aluno o jeito que fala, a língua, a boca, a pronuncia. É. A gente falava pra eles assim: Vamos falar: PA. Olha na minha boca: PA. Eles então tinham que PA. E aí vinham as outras vogais. PA PE PI PO PU. Tinha que repetir. E eles adoravam isso. Aí eles aprendiam o som. Eu acho que funcionou bem. Foi bem! Tinha criança que tinha dificuldade também, né. E tinham as imagens. Ensinava o ma do macaco, tinha a imagem do macaco! Tinha. Ficavam pregadas na sala de aula, os cartazes da Caminho Suave. Eu alfabetizei só pela Caminho Suave. Nunca usei outro livro. No tempo das freiras, no tempo do Estado, foi Caminho Suave. Mais de 10 anos. Eu alfabetizei, depois elas não queriam professora casada, eu fui para o Grupo continuei a alfabetizar, depois fui para o Colégio Estadual Dom Emanuel.*

Na narrativa da trajetória docente aproxima-se o momento da aposentadoria: *Aposentei em 1993. Eu aposentei com 47 anos. Muito nova, né? Bastava os 25 anos de sala de aula, não precisava ter idade.*

Analisando mais uma vez o Curso Normal, Cantora diz com entusiasmo: *Uai, pra mim era tudo novidade. Era novidade porque sair de um Ginásio que era totalmente aulas mais*

*teóricas mesmo, muito decorava, ir para o curso Normal e ver muita coisa prática, né. Tudo muito diferente. Dava aula, estágio, dava aula para as colegas. As Irmãs Agostinianas fiscalizando esses estágios. Tinha a Sorelena. A Sorelena era muito exigente também.*

*Cantora conclui: A maneira da gente dar aula, as estratégias, o incentivo, a motivação. Elas faziam muita questão da motivação, elas faziam muita questão da gente motivar o aluno primeiro, pra depois ir para o conteúdo. Assim, por exemplo: Hoje nós vamos aprender uma coisa tão bonita, tão boa, vocês vão adorar, uma coisa diferente, e tal. Tinha que fazer tipo um comentário antes de começar o conteúdo. Os meninos já ficavam querendo saber o que era! Já trazia o aluno! Uai, já ficava alerta. Já ficava todo mundo alerta. Às vezes nem era uma coisa tão assim. Isso a Irmã Rosalima já tinha te ensinado? Ensinou. Ensinava também. Tinha. Eu fui para o Normal eu já sabia, não é que era tudo novidade não, eu já tinha muita base. Aprendi muito com as Irmãs. Mas, teve muita novidade também, assim trabalhos manuais, né, aquela exigência de colégio de freiras. Um período bom! É, só que lá, assim, era só mulher, né, era um colégio só de mulheres o Colégio Mãe de Deus.*

*Nesse tempo do curso Normal Cantora deu uma pausa na docência: Parei, porque eu fazia o curso Normal de manhã e Contabilidade à noite. Morava em casa de família. Meu pai pagava um pensionato, no fundo da Rádio Cultura. Não tem a Casa da Família? Encostado. Aquela casa acima. Ihhhh, ali era um mataréu, porque Catalão, né, era puro mato. Era uma rua só de terra mesmo. Tinha a ponte. A gente passava cedo lá, mas, trincava de frio. Que frio que era e o medo que passava. Bandido, né. Tinha uma turminha. Tinha uns colegas meus, homens, que moravam perto, aí eu ia muito com eles, estudavam Contabilidade comigo: seu Camilo, o Jairo Netto, David Nahas e o Manuel Januário também, moravam ali para aquele lado.*

*Professora Cantora fez o curso de Pedagogia quando estava quase aposentando. E fez Pós à distância em Catalão, mas com algumas aulas presenciais, com professores que vinham da Universidade Salgado de Oliviera, Rio de Janeiro. Sobre o curso de pedagogia: Ah! Não. Muita teoria. Muita teoria! Porque a nossa Pedagogia foi no Cesuc, era mais para a área administrativa, era apertado, não era fácil não, mas era mais para área administrativa, sabe, mais para área administrativa. Agora, ensinar a dar aula, faculdade não ensina não. Não ensina não! E nem lá na Federal também não ensina. Agora não sei. Mas, eu tinha colega, assim, que eu não posso nem citar nome, que fez curso de Pedagogia na Federal e não sabia dar aula não. Não dá não. Muita teoria, tanta apostila, ah, tanta coisa, tanto texto, ao invés de pegar professor e fazer dar aula mesmo, prática. Eu não aprendi muita coisa no curso de Pedagogia não. O negócio é a prática. Faculdade não ensina não. Esses cursos que o Estado*

*oferecia eram muito melhores. Era prática. Prática mesmo. Confeccionar material. Dar aula. Tinha mais eram esses cursos de aula para alfabetização.*

Mizukami (2002) estabelece inúmeras reflexões com relação à formação de professores, uma delas destaca:

Partimos também do princípio de que prática pedagógica e a formação oferecem aos professores um bom suporte para atuarem nas salas de aula. No entanto, não se pode negar que a rotina do trabalho docente, o distanciamento do conhecimento produzido sobre ensino, que muitas vezes ocorre na vida profissional do professor, e por fim o isolamento do trabalho em sala de aula podem produzir práticas cristalizadas, calçadas em estereótipos. (MELLO apud MIZUKAMI, 2002, p. 44).

Tardif (2014) situa em seu texto sobre “A pedagogia do ponto de vista do trabalho dos professores” que:

Na maioria dos países ocidentais, os sistemas escolares veem-se hoje diante de exigências, expectativas e desafios precedentes. É no pessoal escolar, e mais especificamente nos professores, que essa situação crítica repercute com mais força. As pessoas se interrogam cada vez mais sobre o valor do ensino e seus resultados. (...). Exige-se, cada vez mais, que os professores se tornem profissionais da pedagogia, capazes de lidar com os inúmeros desafios suscitados pela escolarização de massa em todos os níveis do sistema de ensino. (TARDIF, 2014, p. 114-115)

Nesse sentido, o mesmo autor pondera que:

[...] é evidente que a “pedagogia não é uma categoria inocente, uma noção neutra, uma prática estritamente utilitária: pelo contrário, ela é portadora de questões sociais importantes e ilustra, ao mesmo tempo, as tensões e os problemas de nossa época que se encontram vinculados à escolarização de massa e à profissionalização do magistério. Nesse sentido, não se trata de uma noção que pode ser definida científica ou logicamente. Trata-se, ao contrário, de uma noção social e culturalmente construída, noção essa na qual entram sempre ideologias, crenças, valores e interesses. É necessário, portanto, situar o lugar a partir do qual se fala da pedagogia e tentar defini-la pelo menos de maneira sucinta. A definição que propomos provém de uma reflexão sobre o nosso próprio material de pesquisa referente ao trabalho dos professores. Ela pode ser enunciada nos seguintes termos: A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho (os alunos), no passado de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução) (TARDIF, 2014, p. 116-117. Grifos do Autor).

Se, de acordo com Tardif (2014, p. 117), a pedagogia “é a tecnologia utilizada pelos professores”, é uma “atividade instrumental”, que do ponto de vista de qualquer trabalho, isto “corresponde a uma atividade que se exerce sobre um objeto ou situação no intuito de transformá-la tendo em vista um resultado qualquer. (...) não existe trabalho sem técnica (...)”.

Portanto, se a pedagogia “é tecnologia”, há que se considerar a necessidade de graduação para essa profissão. É possível considerar, que como em todo curso, sempre são necessários ajustes, mas, há que se considerar, preponderantemente, que os cursos de formação são indispensáveis e isso é indiscutível. Há que se considerar que teoria e prática são necessárias na profissão docente.

Mizukami (2002, p. 54) argumenta a partir das reflexões de Clandinin & Connely (1996) que: “Ao estudarem conhecimento profissional em termos de narrativas e seu potencial, Clandinin & Connely (1996, p. 25) consideram que esse conhecimento se posiciona na interface da teoria e da prática nas vidas dos professores”.

A experiência de muitos anos na trajetória docente da Cantora faz com que convites continuem a chegar. Ela lecionou Geografia no Colégio Objetivo e relata esse tempo: *Eu fui convidada. Eu já tinha dado aula de Geografia, agora que eu lembrei, no Colégio Estadual Dom Emanuel, mas só de 5ª série e 6ª, porque eu não era especializada nessas áreas. Quando eu aposentei eu fiquei 1 ano em casa, peguei uma substituição um semestre, em alfabetização também, peguei uma substituição de alfabetização de uma professora que entrou de licença-prêmio, e nisso o Marco André era um dos donos do Objetivo, e aí a Fátima minha cunhada é prima dele, falou pra ele que eu era muito boa professora, muito responsável, ele me convidou, o Colégio Objetivo estava sendo fundado, lá na Praça da Velha Matriz.*

O encerramento definitivo da carreira docente ocorre em 1999: *Quando foi no ano de 2000 eu já estava saturada. Nossa, quase 40 anos de escola. Aí no ano de 2000 eu chamei a Arminda e falei pra ela: Arminda, eu não vou continuar esse ano, eu não dou conta. Aí a Arminda falou: O que que é isso Cantora, pelo amor de Deus, não larga não, fica pelo menos mais um ano. Eu falei pra ela: E não vou dar conta, eu vou adoecer e eu vou largar no meio do ano. Eu tomei enjojo. (...). Foi! Cansaço. Ia, de coletivo. Às vezes eu ia com o Alceney. Nós éramos uma turma de professores de Goiandira que dava aula lá. Eu dava aula de Geografia de 5ª e 6ª série. Aí eu falei: Não, eu não quero mais não. Aí ela: Então tá! Aí a professora de Geografia da 7ª e da 8ª série, pegou minhas aulas e eu pedi conta. Foi um alívio pra mim. Eu estava cansada. Eu estava cansada! Foi. Eu já tinha trabalhado 2 anos a mais no Estado, depois é que eu fui para o Objetivo.*

A graduação é justificada por Cantora como expectativa de melhoria no salário: *Pra esperar terminar a minha graduação e ter o acesso de cargo. Foi para melhorar o salário. Eu realmente não vou esconder: foi monetariamente. E nem que tivesse acrescentado, eu não ia fazer muito proveito dele, porque 5ª e 6ª série já é mais diferente o esquema, né, já são adolescentes, lá no Objetivo, que eu falo, e aqui no Colégio Estadual Dom Emanuel. Eu*

*aposentei no Colégio Estadual Dom Emanuel, dando aula para o Magistério. Didáticas. Foi, didáticas. Ôh meu Deus, que tempo difícil. Que dificuldade. As turmas cheias demais. É. Muito difícil. Mas venci!*

Do tempo que foi professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti Cantora faz uma análise: *Muita saudade do entrosamento, assim, nas festas. A gente organizava aquelas festas, organizava teatro. Assim, os meninos, parece que eram mais inocentes, não, assim, no ponto de vista, eu quero falar assim, não é a palavra inocente, eram mais simples, a meninada era mais simples. O que propunha eles achavam uma beleza, porque não tinham a televisão que é colorida, não tinham o telefone que informa, não tinham nada, então tudo ali era engraçadinho. Hoje eu pergunto assim a minha filha: Você canta com seus alunos na escola? “Ih, mãe, eles não gostam de cantar de jeito nenhum”. E assim, a gente batia os carimbos os meninos já vinham colorindo, importante para a coordenação motora. Então, na época nossa, de professora, assim, as crianças eram mais fáceis da gente lidar, qualquer coisinha elas achavam bom. Hoje pra eles tudo é chato, a professora é chata.*

Quando a Ordem Franciscana foi embora e o Ensino Ginásial passou a funcionar no prédio construído pelo governo estadual, Professora Cantora considera que: *Os professores que foram lá para o Dom Emanuel, quando separou daqui, porque construíram lá, os padres foram embora primeiro, né, as freiras ficaram, ficou o Primário, aí o Ginásio foi lá pra cima, as professoras que eram do Ginásio foram todas pra lá, levou mais ou menos os mesmos costumes. Eu, a Miralice, a Maria Alves, Maria Antônia, a Enilda, levamos mais ou menos os mesmos costumes.*

Professora Cantora, porque elas entregaram para a senhora a turma de alfabetização? A senhora pediu, elas viram na senhora um perfil de alfabetizadora? *Eu acho que elas viram, porque eu gostava muito de teatro, de cantar. E elas falavam assim que a professora de alfabetização tem que ser igual passarinho, tem que ser espontânea, tem que ser livre, tem que ser aberta!*

E das dificuldades da docência: *Ah! Dificuldade a gente teve demais no início da profissão. Uma menina de 16 anos pegar uma turma de alfabetização? Aquilo era em cima da gente o dia inteiro exigindo. Ah! Walkíria, eu passei tanta coisa na minha profissão, na minha vida profissional. Tinha dia que a gente ficava chateada. Às vezes com pais. Falta de educação com professor tinha também. Tinham alguns, tinham muito respeito pelo professor, mas, de vez em quando tinha alguma conversa que a gente não gostava. Uma vez eu escrevi no caderninho do menino assim, porque ele não tinha feito tarefa, um aluno, e a mãe tinha que assinar, isso não foi no iniciozinho da minha profissão não, eu já tinha uns anos de prática já, aí eu escrevi*

*no caderninho dele que ele não tinha feito tarefa, que a mãe tinha que assinar, aí a mãe mandou um recado pra mim, que não era para eu escrever mais nada no caderno dele, que hora que eu tivesse de falar alguma coisa falasse com ela, porque ele apanhou muito em casa por conta disso. Aí eu fiquei, eu não esqueço disso, será que eu deveria mesmo ter agido daquele jeito, meu Deus. Eu agi como fazia com todo aluno. As irmãs mesmo ensinaram a fazer isso, não fez tarefa, por recadinho. E eu fiz isso e essa mãe, nossa, falou até, foi lá na direção reclamar. No dele eu não coloquei mais nada. Só falei assim, lavo minhas mãos, quer fazer tarefa faça, não quer o que eu posso fazer. É. Eu vejo hoje tem a auxiliar de sala pra escrever os recadinhos, lá na escola que minha filha trabalha.*

Ao final da entrevista, Professora Cantora, ainda se recordou, espontaneamente, de atividades que eram comuns na sala de aula da Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *Óh, Walkíria, quando a gente trabalhava tinha o dia da higiene, a gente tinha que cortar a unha dos alunos, olhar o cabelo. Dia do asseio. As Irmãs mesmas iam cortar unha dos meninos. Tinha. Tinha.*

Sobre asseio e letra perfeita, Barros (2010, p. 65) aponta que esses procedimentos metodológicos e disciplinares eram rigorosamente cobrados “nas antigas escolas brasileiras” desde os tempos da escrita com “penas de ganso”.

Cantora também se recordou que a escola tinha a Semana da Alimentação e que mesmo em outras ocasiões os alunos contribuía levamdo gêneros alimentícios para a merenda escolar coletiva: *Os alunos enriqueciam a merenda. Porque no início da merenda escolar, ela surgiu assim, foi depois de uns anos, não foi no começo não. No tempo que eu estudava cada um levava o seu, no tempo que eu lecionava era conveniada, já tinha o lanche. Na semana da alimentação, cada dia era um alimento diferente, por exemplo, dia da salada de frutas os meninos levavam as frutas. No dia da sopa a gente pedia para os meninos levarem batatinha, couve, cenoura, ovo, tinham uns que quebravam o ovo no caminho. (Risos).*

A mãe da Professora Cantora mora na mesma casa que ela viveu a infância, assim sendo, são diários olhares de Cantora para o prédio da extinta Escola Paroquial Santa Maria Goretti, já que a mãe mora do lado. Professora Cantora disse que olha para o prédio e reflete com saudosismo: *Eu fico olhando aquela escola, que dó! Aquilo ali tinha que ser aproveitado para um Centro Cultural, uma fábrica. Um curso técnico ou uma universidade, igual teve um tempo uma parcelada, uma Pós. A prefeitura podia manter um projeto permanente, um Centro Cultural. Ah! Eu morro de dó. Um prédio que aqui na nossa região não tem igual. Ainda mais de escola. Não tem. Arejado. Óh, meu Deus, aquelas salas enormes. Tá lá, caindo aos pedaços. Tem uma parte do telhado do lado da minha mãe que está caindo.*

Professora Cantora lembra do Cinema que existia na Terra Branca, fundado por Wanderley Teles e relembra a rádio de Goiandira fundada, segundo ela, por Ledo Cecílio onde *participava lá com os diálogos. Eu era menina, em 50 e pouco. Acabou. Não tem mais nada. A juventude o que que vai fazer?*

Depois de ouvir a narrativa das três primeiras entrevistadas sobre a constituição da docência, iniciada na Escola Santa Maria Goretti, e encerrada com a aposentadoria em escolas públicas, as reflexões sobre como agiram enquanto professora, o afastamento da profissão pela aposentadoria diante do cansaço, mas, ainda considerando que isso se deu com relativa serenidade, recorro à Antônio Nóvoa outra vez para contribuir por meio de análises realizadas em outras pesquisas dele, mas que, em alguns aspectos, são pertinentes a esta. Diz Nóvoa (1995):

Para Erikson (1950), por exemplo, a serenidade corresponde à “integridade do eu”, que é a consequência de uma série de etapas bem sucedidas, no plano pedagógico. É o momento de as pessoas encararem a sua própria vida como “inevitável”, como uma vida única, que “teria de” acontecer assim e que é preciso aceitar como tal. Para Jung (1966), é a integração bem sucedida das componentes independentes do eu que conduz à calma interior. Ter sucesso nesta etapa corresponderia ao que designamos, atrás, “desinvestimento sereno”; não o conseguir ao que Erikson chama “sensação de desespero”, que surge, na sequência da “estagnação”, designadamente no plano profissional. É o cenário, evocado anteriormente, que conduz o professor à variante do “desinvestimento amargo”. Esse tema da serenidade psicológica é retomado igualmente por Gould (1978), que fala, como Jung, de uma espécie de “invasão” das emoções suprimidas, que destrói a nossa visão simplista de um universo compreensível e maleável. Mas, para Gould, esta evolução é relativamente “natural”; pode produzir-se sem um trabalho psicológico prolongado. Além disso, acompanha a par e passo a evolução no sentido de uma interiorização mais forte. Nas palavras de Gould, por volta dos 45 anos afastamo-nos do “calor intenso” da vida profissional e pessoal. (NÓVOA, 1993, p. 50-51)

### 3.1.4 Professora Artesã

Professora Artesã<sup>40</sup> também foi aluna e professora na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e atuou como professora da escola da Maçonaria na turma de alunos especiais e sobre isso ela inicia a narrativa:

*É. Foi seu José Eustáquio que me convidou e eu fui a primeira professora da Maçonaria, em uma turma de aluno especial. Fui brincar de roda, fui cantar, fui ensinar eles a recitar, fui ensinar a ser amigo, fui ensinar a ter aceitação porque o menino que não tinha*

---

<sup>40</sup> Esta entrevista contém 30'27" de áudio e foi transcrita na íntegra com 9 páginas.

*nem dedo, o dedinho de um deles era dependuradinho, assim, sabe, então primeiro eu fui pesquisar um jeito de fazer eles.*

Professora Artesã fala sobre como ela percebia a discriminação em relação à deficiência naquela época: *A discriminação, naquela época nem discriminação não falava, né, não usava esse termo, mas, as pessoas ficavam assim, né.*

Sempre que Artesã se referiu a este assunto ela demonstrou que com estratégias inventadas por ela mesma, ela se preocupava primeiro em conquistar as crianças: *E depois era procurar um jeito de fazer com que eles escrevessem. O que não tinha o dedo, era tudo molinho assim, aí eu ensinei ele a pegar na caneta com a palma da mão, assim, óh. É, conversador. E foi bem demais, porque apaixonaram por mim, todos eles.*

No livro *Vida de Professores*, Nóvoa (1995, p.72) aponta que “...afinidade com os alunos constitui-se num aspecto sensacional do seu sucesso como professor”. E pelo que diz Professora Artesã, a afinidade é fundamental no sucesso do aluno também: *E todos eles aprenderam a ler e a escrever. Seu Zé Eustáquio, falou assim: “É, Artesã, você tem que ensinar”. Não, mas primeiro eu tenho que conquistar os meninos, fui brincar de roda, de passar anel. Passava a tarde! De vez em quando eu falava alguma coisa, fazia um desenho no quadro, né, toda vida eu tive muita facilidade para desenhar, sabe.*

Mizukami (2002, p. 21, apud. GOMES,1992, p. 110) diz que o professor deve “ (...) aprender a construir e a comparar novas estratégias de ação (...) novos modos de enfrentar e definir problemas”.

Artesã salienta sobre a constituição da docência: *Eu não tinha nem noção do que era ser professora, não. Eu acho, eu acho que o seu Zé Eustáquio me convidou de dó, porque eu era muito presa, meu pai não deixava eu sair, né, minha mãe não deixava eu sair, eu já namorava, já apanhava todo dia, cedo, de tarde e de noite, meio dia (Risos), eu tinha uns 16 anos. Eu tomava bomba todo ano. Eu tomava bomba todo ano, porque já que eles (os pais) não deixavam eu fazer o que eu queria, eu também não fazia o que eles queriam. (Risos). Fiz a 6ª série 3 anos. Tomei bomba 2 vezes. 16 anos. Aí eu dei aula 2 anos na Maçonaria e a Madre Rosalima me convidou para dar aula na Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Ali foi dois anos. A primeira escola da Maçonaria foi ali. Eu ensinei a ler e escrever e no outro ano eu já comecei com Matemática, Geografia, com a mesma turminha, uns dez ou 12 alunos só. Deve ter sido 1961, 1962. A Maçonaria comprou, eu lembro que tinha a tabuada e a Cartilha Sodrê.*

Das lembranças da escola paroquial enquanto funcionária, Cantora, diz que: *Não assinava folha de pagamento, dava aula e recebia todo mês, mas não tinha contrato nem nada, aí uns dois anos depois começaram a assinar.*

E fala sobre a primeira turma que assumiu na Escola Paroquial Santa Maria Goretti: *1º ano B. Tinha o B e depois o A. Porque não era A e depois B. Não sei porque, né. Era B e depois A. Tinha plano de aula. Todo dia tinha que fazer plano de aula, tinha que terminar de fazer o plano de aula no sábado e no domingo à tarde tinha que levar no Colégio pra elas, pra segunda-feira. No domingo. No domingo você tinha que entregar o plano de aula, na segunda-feira ela já tinha olhado tuuuuuuudo, tudo pra ver se estava certo, para na segunda-feira você começar a dar aula. Depois que elas olhavam o plano. O plano era tudo americano, vinha tudo dos Estados Unidos, uns cadernão preto assim, era escrito em inglês, aí elas traduziam, porque a gente sabia inglês muito pouco. Era muito bom. Não é igual essas escolas de hoje não. Eu lembro de uma luneta. Eles montavam a luneta perto da gruta, os pais deixavam a gente ir pra lá, no mês de maio, oferecer flores para Nossa Senhora e ver o céu através da luneta, com o frei Aleixo. Bom demais! Tudo era novidade! Pra fazer o solidéu, um mini chapeuzinho, igual dama de honra usava antigamente, tudo com renda guipir. Naqueles baús tinha muita renda francesa, vinha dos Estados Unidos, aí como toda vida eu era voltada para esses lados, eu ficava o dia inteiro lá ajudando elas a montar, para a primeira comunhão. Eu era aluna, recortando as rendas, tinha umas vestes de anjinho. Aí eu ficava lá. Ninnnnnnnguém conhecia a capela do convento, só euuuuuuu. Ninguém entrava da cozinha pra dentro, eu entrava, saía na Capela. A Igreja tinha um estilo meio Rococó, meio Barroco, uns altares, anjinhos barrocos, altar-mor, que falava e os altares laterais. Menina, que altar maravilhoso. Sabe a igreja antiga de Trindade, era aquilo, a igreja daqui era aquela igreja, só que era menor.*

Professora Artesã tem saudade da decoração da igreja do tempo da Ordem Franciscana: *Não, mas, era bonito demais, Nossa Senhora! Outro dia vieram aqui pedir dinheiro para reformar a igreja, eu falei eu dou, se for para voltar ela como era. Primeira Comunhão você não podia comer nada antes de receber Jesus, 3 horas de jejum. Depois que fazia a Primeira Comunhão, a gente ia para aquele salão, tinha um caféeeee da manhã, meu Deus. Os meninos falavam poesia enquanto o povo tomava café. Sempre confraternização. A Madre Rosalima tinha um perfurador de papel que o formato dele era um coraçãozinho, aí nós tínhamos o cartão e aí a gente saía da missa ela estava lá com o bichinho pra furar se você tinha ido. Você não via menino desocupado na rua. A professora tinha que ir à missa, os alunos tinham que fazer fila lá de fora para entrar para assistir à missa, professor e alunos uniformizados. Nosso uniforme era lindo! Cada professor responsável pela sua turma.*

Professora Artesã lembra-se perfeitamente do momento que Madre dirigiu a ela o convite para ser professora. O convite a deixou sem entender os motivos, tendo em vista que ela considera que era uma aluna muito levada: *Quer ver o que ela falou pra mim: “Agora você*

*vai ter que enfrentar uma coisa diferente, vai ter que assumir uma responsabilidade”. Porque eu era só tentação, né. “Você é capaz disso”? Uai, vou tentar, né. Aí ela falou: “Eu confio em você”. Então vamos embora!!! Ela me perguntou se eu queria o 1º ano B ou o 1º ano A. Eu falei: Prefiro o B, porque eu gosto de criança pequena. Aí, ela me deu aula umas duas semanas, né. Porque eu não sabia nada assim de magistério, assim, né. Ela me deu aula de tudo, de como era, o jeito que ela queria que fizesse.*

*Irmã Rosalima a treinou para a primeira aula conforme ela explica: Deu aula pra mim, pra mim, pra mim mesma, para eu não mostrar para os alunos que eu não tinha experiência. Não, ela me ensinou como que era para eu dar aula. Fora do horário. Eu ia lá de manhã. Minha aula era a tarde, eu ia lá de manhã. Ela me passava a aula e eu passava para os meninos. num papel. Ela me ensinava, como que mantinha a sala, né, a disciplina essa coisa toda. O programa, o horário, primeira aula Religião, a segunda Português, depois você ia pra Geografia. Tinha noção de tudo, né. Nunca por Matemática junto com Português. Não, você dava as mesmas matérias todos os dias, eram 20 minutos de cada. Nunca botar Português e Matemática junto porque força a muito memória, então tinha que dar e depois fazia uma brincadeira, ensinava uma música, alguma coisa, sempre foi assim. Ela me ensinando. Aí depois ela assistiu aula também, estava dando aula quando via ela chegava e sentava. Você ficava até bamba? Nãoooooo, eu toda vida fui muiiiito, aí eu ainda falava: Tá bom!? Ela falava: “Tá ótimo, tá ótimo”. E ela gostava porque eu nunca chamava muito a atenção dos meninos, eu brincava com eles e conseguia manter a disciplina tudo direitinho, nunca foi preciso eu chamar ela na minha sala, porque era assim, qualquer coisa que tinha com aluno ela vinha, punha no colo e descia o tapa. Levava lá para a diretoria dela. Aquele menino (Nome do aluno), ele era custoso demais, ela pôs ele no colo e desceu o tapa na bunda dele, a Madre Rosalima. Se era pra ficar de castigo, ia pra lá. A minha primeira turma tudo menino que não aprendia, tudo era menino já velho, fazendo o primeiro B, mas tudo de idade para estar fazendo o 2º, 3º, que não aprendia a ler e nada, minha turma era uma turma assim.*

*Professora Artesã trabalhou na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, Uns 5, 6 anos, até casar. Se você ver o tanto de aluno que tinha na escola, era 28 por sala. Foi muito bom!*

*Professora Artesã, relata trocas de experiências entre os professores: Toda semana tinha reunião de professores. E cada uma falava uma pra outra. Se tinha algum problema, falava de aluno que não tinha interesse de estudar. Era muito bom. Trabalhar com eles foi uma beleza. Uma beleza. É uma pena que foram embora. Nunca chamavam a atenção da gente, assim, te menosprezando, você precisa fazer uma coisa assim, não, sempre ensinando, sempre ensinando, às vezes a gente deixava alguma coisa, qualquer coisa no plano de aula que ela não*

*estava de acordo, chamava, escrevia tudo lá o que era pra fazer. Eu brigava tanto com a Rosalima quando eu era aluna (Risos). Um dia ela me cercou na porta da igreja, porque eu ia pra igreja, e hora que o padre entrava pra igreja, cantava o canto da comunhão, eu tchuuuup, vazava, ia lá pra rua brincar e ela me cercou com o braço assim, fez assim lá na porta da igreja, assim, eu olhei pra ela, fui no braço dela e ela, vup! (Risos). Me jogou pra trás. Depois ainda me chama pra dar aula, isso pouco antes de eu ir dar aula. Por isso que ela me falou né, que era sério, né, tinha que ter responsabilidade.*

*Professora Artesã, define o que significava ser professora na escola paroquial: Nossa, era chiquérrimo! Era muito bom, era chique! Nossa Senhora! Muito chique, muito bom, é porque lá elas selecionavam muuuuuuito chique. Eu não sei porque eles me convidaram, não sei, eu acho que era dó, acho que era dó mesmo, pra me tirar daquela prisão. Porque era muito selecionada. Era profissão: Professora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Era Status. Eu era protegida, porque eu nem podia nem dar aula lá, porque eu não tinha Magistério, embora naquela época com oitava série podia prestar concurso.*

*Pergunto o que mais ela aprendeu com as irmãs e como elas ensinavam a ser professora: Tudo, tudo. Começava da oração que ia iniciar a aula, qual criança que ia rezar a Ave-maria, um dia era um, no outro dia era outro, o jeito de ficar de pé. Elas iam de vez em quando verificar se o plano de aula estava sendo aplicado. Sem saber, sem nada, nem bater na porta, na última carteirinha, ela sentava lá e depois ou dava parabéns ou criticava alguma coisa, ou falava que você precisava explicar mais. Hummmmm! Foi bom demais, Walkíria. A gente sentia valorizada, apesar de tudo que eu era, tão custosa, tão danada, ela teve em mim tanta confiança, me deu esse cargo lá, tinha tanta pessoa que podia né e ela apegou comigo, né. Sabe, eu lembro dos meus alunos, daquele carinho, sabe, a aula começava ao meio dia, 11 horas eles já estavam lá na porta de casa para carregarem os cadernos, pra fazer isso, chorava: Nãooooo! E brigavam, porque cada dia um queria levar, sabe. Ahhhh, a senhora protege fulano, ahhhh a senhora não deixa eu carregar, aí, você dividia, ahhhh, nãooooo o meu tá pouquinho, aí, você dividia de novo. (Risos). E o tanto de lanche que eles levavam pra mim, tudo que eles levavam eles dividiam comigo, tinha dia que eu levava pra casa aquele tanto de lanche, levavam lanche pra eles e pra mim. Foi muito bom!*

*Sobre o fim da carreira ela cita o casamento e a ida para Goiânia. Explica: Casei e fui embora pra Goiânia. Meus meninos, graças a Deus eu nunca precisei ajudar a fazer tarefa, todos dois muito independentes, muito danados. Totalmente independentes, todos dois, sabe. Foi bom, valeu! Eu podia ter continuado, tinha que ter estudado, né, em Goiânia e tudo. Porque*

*quando eu casei eu tinha nomeação, eu tinha passado no concurso do Estado, e estava nomeada, era pra tomar posse em Goiânia.*

Como nas outras narrativas é nesse momento que a obrigatoriedade de uma formação formal aparece: *Mas, aí eu tinha que continuar a estudar, porque aí já veio que era preciso o Magistério, quando eu fiz o concurso era só o Ginásio, e a escola que eles me lotaram era lá no Pedro Ludovico, longe do Setor Aeroporto, longe, longe, longe, eu tinha que tomar dois ônibus para trabalhar e eu tinha que trabalhar à tarde e estudar à noite, porque eu tinha que fazer o Magistério, eu casei em abril e engravidei em maio, aí meu marido não quis deixar, aí eu perdi a nomeação.*

A questão do gênero é colocada: *Ele (marido) falou assim pra mim: “Nega, eu não casei para ter mulher pra trabalhar fora, eu quero uma mãe para meus filhos. Então, você já está grávida, eu não quero que você trabalhe”. Como nunca trabalhei. Aceitei, aceitei numa boa, mas depois eu arrependi, né. Na época que começou a faltar o dinheiro, né, porque na época que eu casei ferroviário ganhava bem demais, demais. Meu marido ganhava 22 salários mínimos, o salário dele dava. É. Então ele ganhava bem, a gente tinha condição de viver, aí quando foi parando, parando, como hoje está aí dois e pouquinho, aí, nós pensamos: Podia estar aí aposentada, né. Mas, foi onde eu comecei com o trabalho manual, né, e acho que ganho mais que um professor hoje.*

### **3.1.5 Professora Artista**

Sabendo que o foco principal da história de vida para esta narrativa é a constituição da docência a Professora Artista<sup>41</sup> assim iniciou a narrativa: *Uai! Eu terminei o Ginásio aqui e não pude ir fazer o Normal. As meninas, cada uma ia para um lado, Catalão, Ipameri, Araguari, aí meu pai falou: “Esse ano você não pode ir”. Estava com um problema no casamento do meu irmão, “Então, nesse ano, infelizmente você não vai”. Aí eu fiquei um ano parada. Aí quando foi no ano seguinte eu já tinha feito a inscrição para fazer o vestibular em Goiânia para Psicologia, só que eu ia ter que ir pra Brasília, porque Goiânia não tinha. Mas quando foi em janeiro, comecinho de janeiro, nós fomos fazer um passeio na casa dos parentes lá em Arcos, e minha mãe conversando com uma prima dela lá, falou que eu ia estudar fora e tal, aí ela falou: “Mas por que que a ‘Artista’ não vai para Patrocínio”. Eu ia fazer o Científico, porque*

---

<sup>41</sup> Esta entrevista foi realizada no dia 15 de dezembro de 2016. Contém áudio de 111'37" e foi transcrita na íntegra com 23 páginas

*naquela época era o Científico ou o Normal. Mas o Normal não dava muita base para o vestibular.*

Em todas as entrevistas aparece esse relato de que as meninas ficavam observando quem era convidada para dar aula e observei que havia um sutil anseio por serem convidadas também. Artista tinha outros planos, prestar vestibular para Psicologia: *Era fazer o vestibular. Aí eu cheguei minha mãe falou assim: "Maria, eu acho que você não vai para Goiânia não. Eu acho que você vai ficar aqui em Patrocínio, porque vai ser muito mais fácil. Você vai pra lá fazer o curso Normal, Magistério e de Formação. Eu falei: Uai, qualquer coisa, né (e bateu uma mão contra a outra no sentido de que estava pronta pra qualquer coisa) Falei com meu pai, meu pai: Não. Tranquilo. Você pode ir. Nós já conversamos tudo. Já arrumamos. Quando eu cheguei aqui eles já tinham telegrafado, naquela época era telegrama, né? Minha vaga já estava arrumada no Colégio, estava tudo direitinho e aí eu vim e foi só enquanto eu ajeitei a papelada aqui, e me mandei para Patrocínio. E lá eu comecei a fazer o curso. Eu fazia o curso Normal e a Contabilidade, porque antigamente tinha um curso de Contabilidade, no primeiro ano eu fiz o curso Normal e o curso de Contabilidade, no segundo ano eu não quis saber de Contabilidade não, não dei conta de mexer com dinheiro não, (risos) não gostei daquilo não, aí fiquei só com o Normal. Aí fui fazer um Normal bem feito, lá em Patrocínio, porque lá o curso Normal era Curso Normal de Formação ao Magistério. Morei dois anos com prima da minha mãe, sei lá. Mas, eu toda vida fui uma moça assim que gostava das coisas e meu pai me dava liberdade, então, e lá a rédea era curta, aí tinha uma vizinha que falou: "Maria não aguento ver você dentro dessa casa desse jeito não, vem morar comigo".*

Na casa da prima era: *Só pra escola e mais nada. E ajudando no serviço de casa. Tinha uma prima da mesma idade minha, nós duas passeava, brincava, e ela foi começando assim a ficar, como diz, você sabe morar na casa dos outros não é brincadeira. Como diz, não estava de favor, porque eu pagava, eu não estava lá de favor não, mas, meu pai e minha mãe sempre ensinou você sempre ser solícita e ajudar as pessoas, não é porque eu pagava que eu ia ficar lá à toa, não, eu ajudava. Fim de semana nós arrumávamos casa, tudo, eu cuidava da minha roupa, cuidava de tudo. Mas eu não podia levar ninguém pra fazer trabalho de equipe na casa, sempre na casa dos outros, não podia levar namorado, não podia nada. Aí, uma vizinha, o marido dela era caminhoneiro, ela tinha seis filhas, ficava muito sozinha, tinha uma bigduma casa, uma casa muito grande, e ela falava: "Maria, você não é menina desse tipo". Ela olhava em mim e falava: "Maria, você não é pessoa de tá desse jeito, vai lá pra casa". Eu voltei pra casa e falei pra minha mãe, e ela "é que porque não sei o que tem", meu pai: "Maria, você vai pra onde você quiser, se você sentir bem", e aí eu fui. Aí lá eu não paguei nada, tinha quem*

*fizesse as coisas pra mim, podia receber quem eu quisesse, as meninas brigavam por minha causa, ela viajava eu tomava conta das meninas, aí a vida foi maravilhosa. Aí eu formei, tudo direitinho e vim embora. Eu ia fazer o Científico em Goiânia, não deu fui fazer o Normal, aí eu vim, cheguei e falei com meu pai: Pai, agora eu quero ir pra Goiânia, vou preparar para poder fazer o vestibular. Meu pai falou: “Óh, então você pode ir, lá tem a casa dos seus irmãos, tem a casa dos seus tios, pode ir”. Eu falei: Não, o senhor muda comigo. Ele: “Não, eu daqui de Goiandira eu não saio. Você quer ir, você pode ir pra onde você quiser”. Aí eu pensei bem, não, não vou mexer com essa experiência mais não, e já estava enrabichada com o namorado, etc e tal.*

*Seu marido é o seu primeiro namorado? Que primeiro o quê (Risos). Lá em Patrocínio você namorou? (Risos). Não foi só lá não, pra todo lado. Namorei muito (Risos). Mas aí, peguei e falei: Quer saber de uma coisa, eu vou casar e pronto. Ele também estudava fora, quando eu voltei ele voltou também. Você conheceu ele aqui? Éééé. Nós éramos colegas lá no Ginásio. Nós éramos colegas, eu ajudava ele com as namoradas (risos). Aí, quando eu voltei de Patrocínio ele estava em Ouro Preto, não sei se ele estava fazendo cursinho para fazer Engenharia, não sei, uma coisa assim, com os tios dele, aí quando eu vim embora ele foi pra Goiânia e terminou a Contabilidade em Goiânia. Não quis fazer o curso superior. E trabalhou a vida inteira, como diz, criou os filhos, tudo com a Contabilidade. Aqui, ele mais o Oscar, aquele escritório do Oscar eles começaram juntos, sociedade. Aí apareceu a chance de ir embora, os pais dele mudaram, ele não quis ficar aqui, largou tudo e foi. Quando eu cheguei aqui eu fui lecionar, meu pai já arrumou a nomeação, depois eu fui diretora lá no Kennedy, aí quando eu mudei para Goiânia eu abandonei tudo porque ele não quis. Mas, aí quando meu pai chegou em Goiânia ele perguntou: “Já arrumou lugar pra você trabalhar, já arrumou sua transferência”? Não, pai, eu abandonei. Ele olhou pra mim: “Eu não te dei formação pra você abandonar, você não sabe o dia de amanhã”. E saiu, ficou um dia inteirinho fora lá no centro de Goiânia. Quando ele chegou a noite ele chegou com a minha nomeação, com a vaga na escola em frente.*

Do começo ao fim dessa pesquisa, me chamou a atenção o fato da figura paterna incentivar a maioria das meninas professoras a estudar e trabalhar. Michelle Perrot (1993), aponta no o século XX, novos paradigmas na História das mulheres, não por ser um novo século, mas, porque as mudanças são processadas no dia a dia, às vezes por longos períodos, sem nunca parar. Trabalhar fora de casa e, como exigência do sistema, contribuir com o também processo de industrialização, é uma dessas mudanças na História das Mulheres. Ainda que para o pai da Professora Artista fosse apenas um cuidado de pai, uma prevenção para um futuro mais

digno, fato é que tudo está em interação, o que pensamos e fazemos, ou o que fazem, de nossa vida interage com os rumos que a sociedade toma.

Nóvoa (1995, p. 135), pontua que: “No fim dos anos 50 e neste meio social, uma certa transição começa a revelar-se no que diz respeito ao papel que as mulheres poderiam vir a ter quando adultas. Num primeiro tempo, os pais queriam assegurar às raparigas os estudos suficientes para um eventual recurso”.

*Você tinha feito concurso aqui? Não. Naquela época era nomeado. Ele falou: “Não, você não vai perder o que eu consegui”, ele foi, naquela época era João Asmar, o Secretário da Educação e Otávio Lage o governador. Ele falou pra mim assim: “Eu sinto muito, mas tá aqui sua nomeação, sua vaga é naquele grupo lá no fim da rua. E você vai se apresentar lá segunda-feira”. Aí eu fui trabalhar. Trabalhei lá uns 4 anos. Aí quando eu engravidei do terceiro filho, meu pai faleceu em agosto e em outubro nasceu meu terceiro. Aí eu entrei de licença maternidade, quando foi para eu voltar ele falou: “Agora seu pai morreu, quem manda sou eu”. Aí eu falei bom, então agora é o seguinte, eu não vou abandonar, agora vou pedir exoneração, porque vou deixar meu nome limpo. E assim eu fiz, fui lá e fiz o pedido de exoneração, mas ele não deixou eu ficar na escola até sair a exoneração, a diretora era muito compreensiva falou: “Maria, pode ir embora, eu coloco outra pessoa no seu lugar, pode deixar que eu me viro”. Então aí eu afastei e nunca voltei pra saber nada. Com 10 anos de afastamento eu falei pra ele: Eu quero voltar a trabalhar. Ele falou: “Só aceito lecionar e se for aqui perto da casa”. Aí tinha o Sesi perto de casa, eu fui lá a menina falou: “Tenho uma vaga pra você, só que não é aqui, é no Jardim Planalto”.*

O diploma de Curso Normal possibilita e, segundo a Artista, facilita a continuidade no trabalho: *Nessa época, ainda na primeira fase era Normalista Magistério que lecionava. E assim eu fui. Fiquei dois anos no Jardim Planalto e depois transferei para o Sesi perto de casa e trabalhei 23 anos. E eu não peguei outro contrato nem nada. Tenho impressão que a mão do meu pai lá de cima vigiou, porque depois de 10 anos eu voltei na Secretaria da Educação e estava lá. Incrível, né? (Silêncio). Incrível! E hoje eu tenho aposentadoria, nosso seguro de saúde, tudo. Se eu não tivesse lá eu não teria. Porque INSS não tem. Meu pai sabia das coisas.*

A figura paterna sustentou e incentivou a opção pelos estudos: *Então, ele não fazia distinção se era homem ou mulher, é pra estudar, tinha que estudar! Principalmente mulher. Nossa Senhora, se você ver a satisfação do meu pai quando eu cheguei aqui com meu diploma de professora, Nossa Senhora. Foi na minha formatura em Patrocínio, fez questão que eu participasse de tudo, do baile, da colação, de missa, ele foi daqui e levou uma turma de Maçons*

*pra assistir. Ele valorizava! Ele valorizava. Tanto é que quando ele chegou aqui, ele mexia com política também, debaixo do quieto ele tinha as influências dele.*

Artista também foi professora na sala de aula de alunos com necessidades especiais da turma da Maçonaria, depois de ter passado pela primeira experiência na Escola Paroquial Santa Maria Goretti e conta: *Meu pai era o venerável. Fui professora lá, eu, a Maria Márcia do Delfin e a Cacilda Pimentel. Era uma turma de manhã e outra à tarde. Meus dois anos de pedágio no Estado foi o tempo que eu trabalhei lá. Porque o tempo que eu trabalhei no Dom Emanuel, a diretora não encontrou. No meu tempo não tinha carteira de trabalho, livro de ponto, era tudo na palavra. Quando eu terminei o curso Normal em Patrocínio e voltei, fui professora na Escola Normal Dom Emanuel e fui professora da Professora Flor. Eu dava Didática, Psicologia Infantil e, não lembro a outra.*

Sobre Rosalima diz Artista: *Foi minha diretora. Na sala especial. Comecei no Ensino Especial, numa sala com uns 9 meninos só. Eu não sei onde está esta pasta, mas eu tenho a relação do nome desses meninos.* Artista iniciou a docência na Escola Paroquial Santa Maria Goretti na alfabetização da turma de alunos com necessidades especiais: *No Santa Maria Goretti também tinha uma turma de aluno especial, mas, não sei o que aconteceu que depois esses meninos foram para a sala criada pela Maçonaria e foram parar na minha mão de novo.*

Para Professora Artista Dona Maria Conceição também foi referenciada como modelo: *Era o espelho. “Era meu espelho”. Mas, considera que: Depois que eu cheguei na Escola Normal, no Magistério é que realmente eu fui ver o que que era ser professora. Porque aí a Didática, aí entra, porque como diz, não basta ter conhecimento, você tem que saber ensinar. Porque saber qualquer um sabe, mas ensinar não é fácil não. Não! Você tem que aprender a entrar no aluno e fazer com que ele abra para que você possa colocar as coisas. Esse negócio chegar lá, passar no quadro ou cópia ou faz (Fez gesto com as mãos, tipo: tanto faz). Com a didática, com a Psicologia Infantil, não sei se ainda tem hoje. Na Pedagogia, hoje, sei lá. Afinal de contas, hoje a Pedagogia é só para lecionar na alfabetização, né?*

Ainda assim ela sustenta que quando entrou em sala pela primeira vez usou o que aprendeu como aluna e contou com as orientações de Irma Rosalima *que frequentava a sala da gente, ela cobrava da gente. Eu quero que faz isso, isso e isso. O menino fulano de tal é assim, assado. “Nessa semana é sobre isso, vocês vão trabalhar com isso”. Porque era aquela Cartilha Sodré, então. Alfabetização. Era alfabetização.*

Para cada página da Cartilha era uma aula, era um exercício. E tinha atividade física, Professora Artista? *Tinha, tinha. Tinha a hora do recreio, tinha hora recreação. A gente podia sair com eles, fazer o que quisesse com eles. Era bom demais! Agora conversa com o (Nome*

do aluno), o (Nome do aluno) fala assim, ele fala assim, outro dia ele estava trabalhando aqui, ele falou assim: "Ma ocê era brava, nó, ocê era brava, mais nois pintava".

Uma rotina corrida, puxada: *Agora que estou lembrando: Na quarta série eu estudava de manhã. De tarde eu dava aula nessa turma de alfabetização e Educação Física no finzinho da tarde. Então foi o seguinte, quando foi em 62, eu lecionava de manhã no Admissão, à tarde nessa sala especial e à tarde, depois que eu saía da turma especial, 5 horas, eu ia dar aula de Educação Física para os meninos do Ginásio.*

Posteriormente Professora Artista deixou a Escola Paroquial Santa Maria Goretti para ir trabalhar na Maçonaria com seu pai. Em 1966 passa a lecionar no curso normal:

*Quando eu cheguei aqui em 66, eu formei dia 7 de dezembro de 1965, foi o dia da Colação de Grau, em 66 eu já cheguei aqui de novo no Admissão, na Educação Física, eu fui chegando o padre foi me chamando. Formada! E já me chamou pra lecionar no Curso Normal. Não sei quem era o padre naquela época, acho que Frei Rogério. Porque o Admissão, o Ginásio e o Curso Normal eram tudo comandado pelos padres e as Irmãs era só o Ensino Primário. Então eu lecionava, e não sobrava tempo pra mim dentro de casa. Cedinho, era, eu não sei se eu fui professora do Dr. José Stalin em 66 ou 62. Acho que foi em 62 mesmo. Porque a Geni Araújo era Professora, e eu lembro que eu peguei a turma de Admissão e ela falou assim: "Ixa, você vai ganhar um prêmio esse ano". Eu falei: Uai, por que? "Tem um menino aí que você vai ver, não combina com ninguém". Ele era mau, mau pra burro. Ele entrou, andou fazendo umas gracinhas, e eu enfrentei o bicho, enfrentei, enfrentei ele mesmo pra valer, no final, não gastou dois meses, eu já estava com ele aqui, óh.*

Professora Artista tem o pai como inspiração, um integrante da família como modelo para a profissão também se configura entre "os ingredientes formativos" dos quais nos aponta Goodson (2003). Essa é uma hipótese que se sustenta nas entrevistas: a forte influência da figura paterna na escolha e na condução da profissão da Artista.

A aposentadoria acontece quando estava trabalhando como professora no Sesi: *Aposentei lá. Recebendo do Governo do Estado. Era o convênio né, o Estado pagava e o SESI dava o espaço, formação, cursos. 13. 13 anos que aposentei.*

A memória volta a escola paroquial, e lembra das revistas, da leitura: *Nossa, eu não saía daquela Biblioteca. Os Padres tinham muita revista. Eles assinavam aquela National Geographic. Gente, eram livros e mais livros. Gente, que coisa que era! Tinha o trabalho de Biblioteca. Tinha o trabalho. Professor dava o trabalho para fazer na Biblioteca. Geografia Geral, por exemplo, a gente abria esses livros. Não era muito de expor cartaz assim não. Era mais individual, o professor pegava e corrigia. Eu acho que esse negócio de muito cartaz, muita*

*coisa, dispersa muito o assunto. Quando você dá a aula, o aluno pesquisa, faz o trabalho e o aluno apresenta o trabalho, fixa mais, do que ele fazer um cartaz, por exemplo, olha lá, cartaz tá bonito, enfeita o cartaz, e põe figura, se você fizer uma pergunta pra ele, talvez ele não saiba o que ele pôs no cartaz. Vai na Internet, tira foto daqui, imprimir e tal, faz um trabalho lindo e maravilhoso, mas ele não sabe falar sobre aquilo.*

A questão da avaliação, o registro de como eram as provas: *Nossa Senhora! As nossas provas, nós tínhamos provas escrita e oral em todas as matérias. Todas as matérias. Fazia a filha e o Padre ia chamando um por um. Chamava lá na frente. Dia de prova oral a gente ficava sentado no corredor ali do Colégio e entrava um por um pra responder. Em Latim você tinha que entrar, falar em Latim, formar as frases, o por que daquilo, a gramática do Latim igualzinho tinha a gramática do Português, oral, você tinha que fazer a tradução, depois ele te dava uma frase você fazia a versão! Inglês era a mesma coisa: Você falava, ele conversava com você, te dava a escrita, te dava um texto pra traduzir, depois te dava um texto em Português pra você escrever em Inglês. Geografia a mesma coisa. Geografia nas provas, porque nós não fazíamos prova só da matéria do mês, né? Era desde o começo do ano, em dezembro, vamos que um livro tivesse 20 capítulos, em julho nós teríamos que ter trabalhado 10 capítulos, então em julho tinha prova dos 10 e em dezembro dos 20. Eu lembro de História, por exemplo, tinha lá Descobrimento do Brasil, Tratado de Tordesilhas, Viagem de Colombo, Caminho das Índias, e todos eles, então eram 20 pontos (capítulos), para cada ponto (capítulo) tinha 3 questões, A, B e C. A era dissertação, e B e C, eram 3 perguntas de cada um, são 6 perguntas sobre aquele conteúdo, então, por exemplo, que caísse lá o Descobrimento do Brasil, Tratado de Tordesilhas e as Invenções das Navegações, então por exemplo Descobrimento do Brasil, não tinha pergunta, você contava, tal, tal, tal, fez. Agora os outros dois, ele fazia 3 perguntas sobre cada um, você tinha que responder. A redação valia 4 pontos e as perguntas os outros 6. Esses 20 pontos (capítulos) dentro de uma caixinha, você tirava lá, caiu pra você isso e isso e isso.*

Dois blocos de entrevistas encerrados em busca de atingir o objetivo geral desta pesquisa: analisar a constituição da docência das meninas professoras. Entre tantas possíveis reflexões que podem contribuir com a consolidação dessa análise, evoco as conclusões de Mizukami (2002, p. 22, apud Zeichner, 1993, 55): “Aprender a ensinar é um processo que continua ao longo da carreira docente e que não obstante a qualidade do que fizemos nos nossos programas de formação de professores, na melhor das hipóteses só poderemos preparar os professores para começar a ensinar”.

Encerro este terceiro e último capítulo com uma mensagem final da Professora Artesã em sua primeira narrativa da história de vida para essa pesquisa: *Eu acho que vale a pena tentar,*

*né, fazer alguma coisa, porque eu, por exemplo que não tinha nennnnnnhum pensamento de que um dia eu ia ser professora, mas, com esse incentivo, essa confiança, isso tudo, eu aprendi que na vida a gente pode fazer tudo, basta querer, né. Porque eu nunca imaginei, né, então com o incentivo deles, né, a confiança, né, eu comecei, eu não levei pra frente não, mas. Não levei porque eu não gostava mesmo de estudar, né. E aí chegou a época que pra ser professor tinha estudar. Então, eu optei por não estudar e ficar quieta.*

Para Nóvoa (1995, p. 138) “A identidade pessoal e a identidade profissional constroem-se em interação”, isso também é possível de se concluir a partir das narrativas das meninas professoras, das lembranças delas que me soaram sem grandes dissabores, afinal, durante a entrevista, além da passarinhada, comum em Goiandira e do apito do trem que ainda cumpre seu trabalho, não mais com passageiros, mas, com transportes de minerais da região, foi mais comum ouvir risos e a palavra saudade. Saudade dos tempos de escola, saudades da escola franciscana, saudades, “Muita saudade!” E no meio de tanta saudade também emerge a palavra “gratidão”. Cabe à palavra gratidão, no contexto da narrativa das meninas professoras, inúmeras reflexões, uma delas a de que sempre foi dado a mulher menor condição de acessar o saber. Segundo Perrot (2007), não fosse pela necessidade de se ler a Bíblia, por meio do Protestantismo, isso teria sido mais devagar ainda.

Michelle Perrot (2007) por meio de muitos estudos e a partir de inúmeras pesquisas e referências, transitando por séculos e séculos pelas histórias das mulheres, em um texto intitulado de “O acesso ao saber”, a autora traz o seguinte relato:

Em 1801, Sylvain Marechal, um homem de “extrema esquerda publica um Projet d’une loi portant défense d’appendre a lire aux femmes (Projeto de lei contendo proibição de ensinar a ler às mulheres), que talvez seja apenas uma provocação, mas cujos 113 considerandos e 80 artigos, recolhem, numa espécie de bestialógico, todas as objeções à instrução das meninas. Lê-se ali: “Considerando que a intenção da boa e sábia natureza, foi de que as mulheres, exclusivamente ocupadas com as tarefas domésticas, se sentissem honradas de segurar em suas mãos, não um livro ou uma pena, mas uma roca ou um fuso. [...] Que as mulheres que se gabam de saber ler e escrever não são aquelas que melhor sabem amar. [...] Que há escândalo e discórdia num lar quando a mulher sabe tanto ou mais do que seu marido, etc. Seguem os artigos da lei: “Quer a razão que as mulheres não metam jamais o nariz em um livro, jamais a mão numa pena [...]. Para a mulher a agulha e o fuso. Para o homem, a maça de Hércules. Para a mulher a roca de Ônfale. Para o homem, as produções do gênio. Para a mulher os sentimentos do coração. [...] A razão quer que doravante seja permitido às cortesãs serem mulheres de letras, pensadoras e virtuosas. [...] Uma mulher poeta é uma monstruosidade moral e literária, da mesma forma que um soberano mulher é uma monstruosidade política”, e outros do mesmo tipo (PERROT, 2007, p. 92-93).

Joel Candau (2014, p. 126) nos traz um ALERTA de Plutarco: “...os que não guardam em suas memórias a lembrança do passado e nem a evocam, mas a deixam desaparecer pouco a pouco, na realidade se tornam desprovidos e vazios, suspendendo o amanhã uma vez que o ano anterior, a antevéspera e a véspera não lhes concernem e não lhes hão em absoluto pertencido”.

Chegamos na última estação!

Com muitas indagações para prosseguir na viagem!

Com muitas respostas sobre como as Meninas Professoras se tornaram docentes e constituíram a docência. Respostas estas que destacamos nas considerações finais!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda tão jovens, com apenas o Ensino Ginásial concluído ou em formação, ao receber o convite da Irmã Rosalima para serem professoras, nenhuma delas pediu tempo para pensar ou quis recuar. Eis as respostas no momento que foram convidadas para a docência: Professora Artista: *Ela me chamou, eu falei: Vou! É assim! Fui*; Professora Flor: Foi no dia! Na hora; Professora Cantora: Fiquei feliz! Professora Artesã, pelos inúmeros castigos que passou na escola, perguntou: Mas, eu? Perguntou, mas não recuou. Foi! Professora Serena: Fui! Com medo, mas fui!

E a partir da narrativa desse sim, a pesquisa se propôs a responder a seguinte pergunta-problema: Como essas meninas constituíram a docência em uma condição e contexto tão singulares? Eram alunas ou recém-formadas no curso Ginásial de uma escola católica, muito jovens, sem experiência docente e nem formação oficial para tal profissão. Como se tornaram professoras nessas circunstâncias?

Não é demais repetir o que prenunciou Freire (1991), “...Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”. Ninguém está pronto e acabado a partir do momento que diz sim. Vamos sendo moldados! Bons oleiros contribuem para um bom molde!

Diante dessas prerrogativas a presente pesquisa considera que a constituição da docência se dá por um lastro complexo e interativo entre vários “ingredientes formativos” permeados pela história de vida de cada indivíduo. Entre os “ingredientes formativos” sugeridos por Goodson (2003) por meio de inúmeras pesquisas sobre história de vida de professores analisadas por ele em estudos diversos, estão: os anos de vida estudantil; um professor modelo, favorito; as experiências; os estudos em cursos oficiais para formação docente.

Como alunas de uma escola católica e sem formação para a docência, de acordo com as narrativas das professoras entrevistadas, outros ingredientes surgiram: Orientações da Madre Rosalima, diretora da Escola Paroquial Santa Maria Goretti, com vasta experiência missionária em evangelização e educação, e com formação acadêmica na área da Educação e o esforço pessoal e a importância da disciplina Didática, a qual todas cursaram durante o Normal e alegaram contribuir muito para aproximarem da compreensão do que é ser professor, de como agir em uma sala de aula.

Ao concluir este estudo, me vejo inundada por reflexões e desejos para melhorar a minha própria docência. Dois anos de aprendizagem dos quais extraio inspirações para que os anos que, nós professores, fitávamos nossos olhos em um quadro negro como discentes, que os

modelos de professores, nas palavras de Goodson (2003) “professor favorito, um modelo a imitar”, que a formação acadêmica ou para quem ainda não teve essa oportunidade, que a formação experiencial pela qual passamos, que as orientações que recebemos dos colegas de trabalho, estejam em que lugar da hierarquia estiverem, tudo o que possa ter constituído e esteja constituindo a nossa docência, sobretudo o nosso esforço sejam luz e esperança, para nós e para o alcance de quem está sob a nossa tutela no ambiente escolar: nossos alunos.

Ainda olhando pela janela aberta para a constituição da docência, usufruindo das aprendizagens que adquiri por meio de tantas leituras, de orientações dos professores do Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, da Linha História da Educação, especialmente, da minha orientadora Dra. Juliana Pereira Araújo e da história de vida das entrevistadas, com perspectivas de continuar pesquisando, miro no horizonte a próxima estação e ela está no presente! Portanto, depois de dois anos caminhando para o passado, é hora de fazer o caminho de volta. Estou na estação do presente, mas no percurso ao passado, vi muitas paisagens para serem contempladas, muitas possibilidades de colaborar com os estudos da História da Educação, especialmente do sudeste goiano. A passagem está reservada!

Se até aqui extraí, deste percurso de pesquisadora, conhecimentos respaldados pela ciência, anseio, a partir da defesa, por meio de outros referenciais teóricos, das reflexões que essa pesquisa possa suscitar, da consistência, do cuidado e do rigor científicos, continuar a explorar essa temática, bem como, a Educação em Goiandira, porque aliando à uma das inferências de Maffioletti, (2016, p. 55, apud Bachelard, 1986) no livro *Perspectiva epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica*, digo: “o espírito científico é essencialmente a retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento”.

Aproprio-me das reflexões de Josso (2004), para dizer que se o sim das meninas professoras para a docência na Escola Paroquial Santa Maria Goretti, possa ter representado um “momento-charneira”, entre tantos outros, na história de vida delas, esse Mestrado, sem dúvida, é o meu “momento-charneira” pessoal e profissional, por meio de uma pesquisa para a qual me dediquei com muito prazer e empenho para que relevância social que ela sugere se consolide. Persistindo no caminho em busca das respostas para as quais essa pesquisa se propôs, é possível considerar que o primeiro dia na profissão docente pode acontecer a qualquer hora oportuna, mas a constituição da docência se dá ao longo da trajetória pessoal e profissional, ao longo da história de vida, em um processo interativo e complexo entre vários fatores, vários “ingredientes de formação”, como diria Goodson (2003).

Essa pesquisa e essas conclusões só foram possíveis a partir da memória das ex-professoras da Escola Paroquial Santa Maria Goretti. Memória que para Candau (2014, p. 9) “é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado”. De acordo com Candau (2014, p.15), o tempo é “voraz” (...) e o presente, agonizante por essência, (Borges, inspirado em Aristóteles e Santo Agostinho), prestes a desaparecer no passado no momento mesmo que anuncia o futuro (...) A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”.

Por meio das palavras de Forquin (1993, p.173), concluo me dirigindo aos colegas de profissão, aos iniciantes ou em etapa final de carreira: “Mesmo desencantados, mesmo desenganados, não podemos nos subtrair à continuidade das gerações que estamos determinados a ensinar, estamos determinados a transmitir alguma coisa que valha para os que nos seguem, não porque achemos que o mundo se tornará especialmente, por isso, mais feliz, mais justo ou mais sábio, mas muito simplesmente porque o mundo continua...”

## BIBLIOGRAFIA

A poesia nossa de cada dia. Disponível em: <http://poesiameiofio.blogspot.com.br/2011/08/flor-do-maracuja-catulo-da-paixao.html> acesso em: 2 de abril de 2016.

ABREU, Alzira Alves de. **Ação libertadora nacional (ALN)**. In: FGV CPDOC. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln>. Acesso janeiro/2017

Academia de Letras de Brasília: <http://acleb.blogspot.com.br/>

**Acervo O Globo**. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/catulo-da-paixao-cearense-musico-poeta-encanta-multidoes-5-presidentes-19265950#ixzz4HwD5G0cO> acesso em: 2 de abril de 2016

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. São Paulo. Papirus, 2002.

ALVES, Rubem. **Se eu pudesse viver minha vida novamente**. São Paulo: Planeta, 2016.

ARAUJO, Jaqueline Veloso Portela. **Memória e História da Educação em Goiás**. REVISTA HISTEDBR On-line. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>. Acesso em 18 de junho de 2015.

ARAUJO, Juliana Pereira de. GONÇALVES, Laryssa Soares. **Narrativas de egressos sobre o curso de educação física da universidade do estado do Pará: olhares a partir da entrada a docência**. Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI. LES Linguagem, Educação e Sociedade. ISSN 1518-0743. Ano 21, n. 35, jul. /dez. 2016.

ARAUJO, Sônia Maria da Silva. História das mulheres, histórias de vida de professoras: elementos para pensar a docência. **Educ. rev.**, 2014, n. 53, pp. 295-310.

ARAUJO, Vivaldo José. **História da Terra Branca e outras coisas mais**. Goiânia, Kelps, 2000.

**Arquivo Pessoa**. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2128> Acesso em 6 de abril de 2016.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida – SP: Santuário, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2011.

BARROS, Aparecida Maria Almeida. **No altar e na sala de aula: vestígios da catequese e educação franciscana no Sudeste de goiano (1944-1963)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Educação. São Carlos-SP, 2010.

BARROS, Aparecida Maria Almeida. A educação franciscana e a formação de educadoras para as escolas paroquiais em Goiás. **Revista Poiesis Pedagógica**, v. 9, n. 1 jan. /jun. 2011, p.86-108.

BARROS, Aparecida Maria Almeida; PEIXOTO, Patrícia Rodrigues Luiz; ISSA, Sílvia Aparecida Caixeta. **Indícios da Cultura Escolar no Sudeste Goiano: Práticas, Normas e Métodos**. Portal Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE. Disponível em: <http://sbhe.org.br/>. Acesso em 12 de março 2015.

BERTAUX, Daniel. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Proposiciones 29, marzo, 1999**.

BONCHANSKI, Padre Philip G.; DONOVAN, Irmã Geraldini E.; RODRIGUES, Irmã Verônica Inez. **Os maravilhosos trabalhos de Deus**. Estraburgo, França: Éditions du Signe, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942 – Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em janeiro/2017

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 7-16.

BURKE. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Zahar, 2008, p. 48-60.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**, São Paulo: UNESP, 1999.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira; ZAGO, Nadir. (orgs) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CATANI, D. et al. História, Memória e Autobiografia da Pesquisa Educacional e na Formação. In: CATANI, D. et al. (org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997

CASTANHA, André Paulo. **O Ato Adicional de 1834 e a instituição elementar no império: descentralização ou centralização?** Tese. São Carlos. UFscar, 2018.

CHASSOT, Attico. **Memórias de um professor: hologramas desde um trem misto**. Ijuí: UNIJUÍ, 2012.

CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia: UFG, 2010.

**Cidade-Brasil.** Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/vista-satelite-goiania.html>  
Acesso em janeiro/2017

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, Michael F. **Pesquisa Narrativa:** experiência e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – Uberlândia. EDUFU, 2011.

DELORY- MOMBORGUER, C. **Formação e socialização:** os ateliês biográficos de projetos. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, vol. 32, nº 2, p. 359-371. May/Aug. 2006.

DOMINICÉ, Pierre. La formation enjeu de l'évaluation. 3. ed. rev. Berne; Frankfurt: Peter Lang, 1985

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** 10. ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1975.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Federação Goiana dos Municípios. Disponível em: <http://fgm-go.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Goiania-2.jpg> Acesso em maio de 2014

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo.** 2. ed. Goiânia: Kelps, 2011.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Liber Livro, 2007.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GONÇALVES, Ana Maria. **Educação Secundária Feminina em Goiás: intramuros de uma escola católica. (Colégio Sant'anna – 1915/1937).** Tese Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara, 2004.

GONZÁLES REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação.** Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GOODSON, Ivor F. **Hacia um desarrollo de la historisa personales y profissionais de los docentes. Revista Mexicana de Investigación Educativa.** Septiembre – diciembre, vol. 8, num 19, p. 733-758, 2003.

Google – Wikimedia - Upload.wikimedia.org Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/Goias\\_Municip\\_Goiandira.svg/1066px-Goias\\_Municip\\_Goiandira.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/da/Goias_Municip_Goiandira.svg/1066px-Goias_Municip_Goiandira.svg.png) Acesso em novembro/2016

GUARDÍAN-FERNÁNDEZ, Alicia. **El Paradigma Cualitativo em la Investigación Socio-Educativa.** 2007. San José, Costa Rica: Collección: Investigación y Desarrollo. Educativo Regional (IDER).

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Tempos de escola: fontes para a presença feminina na educação**, São Paulo: Plêiade, 1999.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Memória e formação docente: o uso de (auto) biografias na formação do professor. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto) biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 233-256.

HONÓRIO FILHO. Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 189-197, maio/ago. 2011.

IBGE\_\_– **Cidades**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520850&search=goias|goiandira> Acesso em 21 de janeiro de 2017

IBGE\_– **Cidades**. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/19B1/> acesso em 2 de abril 2015

INÁCIO, Fátima Pacheco de Santana. **O mestre-escola e o processo de publicização da escola em Goiás (1930 – 1964)**. Dissertação de mestrado. Campinas – SP. 2005.

**Irmãs Franciscanas de Allegany**. Disponível em <[www.franciscanasgo.org.br/](http://www.franciscanasgo.org.br/)> acesso em set. 2014. Último acesso janeiro/2017

**Jornal de Poesia**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/om.html#kremme> Acesso em 02 de abril de 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Chsritine. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**LINGUAGENS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**. Ano 21, n. 35, jul. /dez. 2016.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

MARCELO, Carlos Garcia. Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 9, p. 51-75, 1998.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Escola e Aprendizagem da Docência**. São Carlos. Edufscar, 2002.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1995.

**O Popular**, disponível em <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/escola-cat%C3%B3lica-de-67-anos-encerrar%C3%A1-suas-atividades-1.929185>> Acesso em Janeiro/2016.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 192p.

PALACIN, Luís e MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. 5. ed. Goiânia: UFG, 1989.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres: O século XX**. São Paulo: Porto, 1993.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres do Ocidente**. São Paulo: Porto, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

**Província Franciscana do Santíssimo Nome de Jesus**. Disponível em: [www.franciscanos.org.br/?page\\_id=1321](http://www.franciscanos.org.br/?page_id=1321). Acesso em novembro/2016.

QUINTANA, Mario. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

**Regiões Hidrográficas - CBH - Paranaíba**. Disponível em <[cbhparanaiba.org.br/abacia/regioes-hidrograficas](http://cbhparanaiba.org.br/abacia/regioes-hidrograficas)> acesso em 02 de julho de 2016.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROSA, Renato Torres Anacleto. O concílio Vaticano II: o conclave que mudou os rumos da Igreja Católica. **Revista Jesus Histórico**. RJHR, VII:12, 2014.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **GÊNESE DO PENSAMENTO ÚNICO EM EDUCAÇÃO: Franciscanismo e Jesuitismo na Educação Brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2004

SAVIANI, Dermerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2008.

SCHIFFMAN, L. & KANUK, L. **Comportamento do consumidor**. LTC Editora. 6a ed. 2000.

SILVA, Ana Lúcia da. **A revolução de 30 em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Cãnone, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

WYSE, Fr. Alexandre O.F.M. **No coração do Brasil: Ensaio da História dos Quarenta Anos (1943-1984) da Custódia do Santíssimo Nome de Jesus em Goiás**. Petrópolis: Vozes, 1989.